



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS – MG:
um estudo na perspectiva dos letramentos múltiplos e da sociolinguística

Luiz Henrique Gomes Silva

BRASÍLIA - DF
2020

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS – MG:
um estudo na perspectiva dos letramentos múltiplos e da sociolinguística**

Luiz Henrique Gomes Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística na área de concentração Linguagem e Sociedade, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa.

Orientadora: Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa

BRASÍLIA - DF
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586c Silva, Luiz Henrique Gomes
COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS - MG: um estudo na
perspectiva dos letramentos múltiplos e da sociolinguística
/ Luiz Henrique Gomes Silva; orientador Rosineide Magalhães
de Sousa. -- Brasília, 2020.
213 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Comunidade Quilombola São Domingos. 2. Identidade e
cultura. 3. Letramentos múltiplos. 4. Sociolinguística. I.
Sousa, Rosineide Magalhães de , orient. II. Título.

**COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS – MG:
um estudo na perspectiva dos letramentos múltiplos e da sociolinguística**

LUIZ HENRIQUE GOMES SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística na área de concentração Linguagem e Sociedade, defendida e aprovada em novembro de 2020.

Banca examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (FUP/PPGL/UnB)

Membro 1 (interno): Prof. Dr. Renato Cabral Rezende (IL/UnB)

**Membro 2 (externo): Profa. Dra. Luanda Rejane Soares Sito
(FE/Universidad de Antioquia (Medellín – Colombia))**

Membro 3 (externo): Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT – Campus Arraias)

Membro 4 (suplente): Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro PPGL/UnB

Dedico esta tese a todos os quilombolas do Brasil, especialmente aos meus colaboradores de pesquisa da comunidade São Domingos, pela acolhida e pela partilha de suas histórias, de suas vivências e expectativas de se tornarem cada vez mais respeitados.

Agradecimentos

Sempre, em primeiro lugar, o agradecimento vai ao Criador que nos possibilita tantos dons e possibilidades de conquistarmos aquilo a que propomos.

Aos meus pais, pelo exemplo de trabalho, otimismo e perseverança para que os sonhos e objetivos sejam conquistados e também a toda minha família, que sempre torce e intercede para que tudo dê certo às pessoas que lutam por seus objetivos.

À minha linda e amada esposa, que sempre me apoiou e incentivou na continuidade do aperfeiçoamento profissional e pessoal. Tenha convicção de que essa vitória só foi possível devido a sua compreensão e a seus conselhos – principalmente nos momentos de dificuldades e empecilhos que acontecem em alguns momentos da vida – os quais foram fundamentais para que o desânimo não nos vencesse. Obrigado por tudo!

Aos meus amados filhos Júlia Maria e Luiz Guilherme, razão pela qual me motiva em continuar trilhando os caminhos da educação e buscando sempre o aperfeiçoamento. Sempre lutarei pelo bem de vocês!

Agradeço também a todos os professores e colegas que me auxiliaram e compartilharam conhecimentos no decorrer das disciplinas e eventos do doutorado, mas principalmente aos professores da banca examinadora Prof. Dr. Renato Rezende, Profa. Dra. Luanda Sito, Prof. Dr. Gilberto Paulino e Profa. Dra. Omerzinda (Aya), que contribuíram significativamente com o desenvolvimento da pesquisa. Gratidão ao grupo de pesquisa (Sócio)linguística, Letramentos Múltiplos e Educação - SOLEDUC, que agregou muito conhecimento nos encontros e discussões; mas em especial agradeço à minha orientadora, Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa, que além de me conduzir e desvelar sabiamente pelos caminhos da Sociolinguística e dos Letramentos, mostrou-se uma pessoa amiga, que sabia a hora de aconselhar e também o momento de cobrar. Aprendi muito com você!

Agradeço aos amigos Neto e Anísia, pela acolhida calorosa e apoio constante. Finalmente, externo minha gratidão a todos os integrantes da comunidade quilombola São Domingos, mas em especial aos colaboradores, que sempre foram atenciosos com este pesquisador e sempre demonstraram o desejo de melhoria na comunidade e das pessoas que ali residem. Todo sucesso e felicidade para vocês e contem sempre comigo!

Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.

Augusto Cury

Lista de Figuras e Quadro

Figura 01:	Arquitetura Teórico- Metodológica	p. 29
Figura 02:	Sequência responsiva da metodologia	p. 30
Figura 03:	Ilustração de engenho colonial brasileiro, operado por escravizados.....	p. 72
Figura 04:	Áreas de mineração no século XVIII	p. 73
Figura 05:	Garimpo tipo aluvião em Paracatu	p. 73
Figura 06:	Negros escravizados trabalhando na mineração	p. 74
Figura 07:	Caminho percorrido pelo Ouro	p. 76
Figuras 08:	Córrego rico no início do século XX com mineradores artesanais e córrego rico ainda assoreado em 2020	p. 78
Figura 09:	Documento de registro antigo	p. 79
Figura 10:	Na seta alaranjada identificamos a comunidade quilombola São Domingos, nas setas amarelas identificamos os bairros Alto da Colina, Bela Vista II, Amoreiras II e Esplanada. Na seta vermelha identificamos local onde um dia foi a comunidade quilombola conhecida por Machadinho.....	p. 81
Figura 11:	Na seta alaranjada identificamos a comunidade quilombola São Domingos e em branco bairros vizinhos	p. 83
Figura 12:	Mapa de Comunidades Quilombolas em Minas Gerais com destaque para a região noroeste	p. 84
Figura 13:	Certidão de autorreconhecimento da Comunidade Quilombola São Domingos	p. 85
Figura 14:	Casas construídas em uma única Área	p. 87
Figuras 15	Fábrica de biscoitos, convite de inauguração, quitandas e oficina gastronômica	p.135
Quadro 01	Sequência responsiva da metodologia	p. 30

Lista de Fotos

Foto 01:	Inauguração da Fábrica de Biscoitos São Domingos	p. 36
Foto 02:	Conhecendo o engenho da comunidade	p. 36
Fotos 03	Plantação de cana. Madeira para queimada nos fornos	p. 68
Foto 04:	Plantação de mandioca nos quintais	p. 69
Fotos 05:	Hortas com diversos produtos plantados.....	p. 70
Foto 06:	Última Casa de adobe no São Domingos	p. 86
Fotos 07	Apresentação da caretada e público ao fundo	p. 88
Foto 08	Final da primeira ata da Comunidade Quilombola São Domingos	p. 89
Fotos 09	Entrada da comunidade e ponte sobre o córrego São Domingos	p. 91
Fotos 10	Construções de novas casas na comunidade	p. 92
Fotos 11	Associação, Igreja, Escola, Cemitério e Praça	p. 93
Fotos 12	Fabricação de rapadura e visitação de escola de Brasília	p. 94
Fotos 13	Lugares comuns de encontro	p. 109
Fotos 14	Recepção, assinatura do livro de ponto e oração em assembleia	p. 123
Fotos 15	Registro em ata e participação de moradores em reunião	p. 127
Fotos 16	última folha das atas de 1984 e 2020	p. 128
Fotos 17	Registro do projeto nas comunidades São Domingos e Porto Pontal	p. 131
Fotos 18	Engenho da comunidade	p. 141
Fotos 19	Processos de produção da rapadura	p. 142
Foto 20	Memórias de um filho	p. 146
Fotos 21	Roupas em destaque e recebendo a comida e a bebida	p. 148

Lista de Excertos

Excerto 01:	p. 67
Excerto 02:	p. 89
Excerto 03:	p. 95
Excerto 04:	p. 100
Excerto 05:	p. 104
Excerto 06:	p. 105
Excerto 07:	p. 106
Excerto 08:	p. 108
Excerto 09:	p.110
Excerto 10:	p. 117
Excerto 11:	p. 117
Excerto 12:	p. 125
Excerto 13:	p. 138
Excerto 14:	p. 139
Excerto 15:	p. 143
Excerto 16:	p. 150
Excerto 17:	p. 150
Excerto 18:	p. 152

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEDEFES - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

CEP/IH – Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília

FCP – Fundação Cultural Palmares

RPM – Rio Paracatu Mineração

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNB – Universidade de Brasília

ACONTUP - Associação de Condutores de Turismo de Paracatu

NEL – Novos Estudos do Letramento

Convenção de Transcrição

As convenções de transcrição são, em sua maioria, as mesmas da escrita convencional, acrescidas das seguintes convenções¹:

“aspas”	(texto lido)	Leitura de texto
-	(hífen)	Marca de corte abrupto
↓ ↑	(flechas para cima e para baixo)	Alteração de timbre (mais agudo e mais grave)
::	(dois pontos)	Prolongamento do som
<u>nunca</u>	(sublinhado)	Sílaba ou palavra enfatizada
[...]	(colchetes)	Omissão de trecho
(explicação)	(escrito)	Esclarecimento do pesquisador
(.)	(ponto entre parênteses)	Micropausa
((olhando para baixo))	(parênteses duplos)	Descrição de atividade não-vocal, comentário do analista
Para marcar a entoação, são utilizados sinais de convenção ortográfica:		
,	Vírgula	Pequena pausa
.	Ponto final	Entoação descendente
?	Ponto de interrogação	Entoação ascende, como uma pergunta

Observação: Os nomes utilizados nas transcrições são todos fictícios, exceto o do pesquisador.

¹ As convenções de transcrições foram adaptadas a partir de Garcez (2002) e Marcuschi (2003).

RESUMO

O trabalho de pesquisa desenvolvido nesta tese busca desvelar qual a influência que os letramentos múltiplos possuem na perpetuação cultural e preservação identitária da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG. Neste contexto, o objetivo geral desta pesquisa é “Analisar Práticas Culturais, Desenvolvimento e Conservação da Comunidade Quilombola São Domingos, por meio de Práticas de Letramentos de Líderes e moradores da Comunidade”, uma vez que constatamos uma grande fragmentação das comunidades quilombolas da região e despertou-nos o interesse em saber o motivo pelo qual a comunidade São Domingos consegue ter destaque em relação às outras comunidades do município. O trabalho está norteado pelos estudos Qualitativos e adota pressupostos metodológicos da etnografia para a constituição do *corpus*, que foi composto por entrevistas semiestruturadas, conversas informais com integrantes da comunidade, além de diários de campo. O referencial teórico utilizado para respaldar as análises na área dos letramentos são Street (2014, 2003), Scribner e Cole (1981), Kress, (2003), Kleiman (1995), Rojo (2009), Moita-Lopes (2006) dentre outros; na Sociolinguística Interacional os autores foram Allan Bell (2014), Bortoni-Ricardo (2005, 2008, 2014), Gumperz (1982), Dell Hymes (1974), Calvet (2002), Sousa (2006) e demais autores; já em Território, utilizamos autores como Souza e Teixeira (2009), Haesbaert (2007), Almeida (2008), dentre outros; para finalizar, os autores trabalhados em Identidades foram Hall (2003[1992]), Bauman (1999), Giddens (1991) e outros. A pesquisa apresentou como resultado que os letramentos possuem grande importância e contribuição na preservação cultural e perpetuação de comunidades, haja vista que é um fator relevante na comunidade quilombola São Domingos e, infelizmente, em outras comunidades visitadas não encontramos a mesma organização e conscientização por parte dos moradores. Como contribuição deste trabalho, esperamos fortalecer os estudos sobre letramentos e sociolinguística em comunidades quilombolas, de forma a aguçar em seus moradores a possibilidade de protagonismo emancipatório em relação a seus direitos e permitir que outros pesquisadores deem continuidade aos estudos em comunidades marginais.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola São Domingos. Identidade e cultura. Letramentos múltiplos. Sociolinguística.

ABSTRACT

The research developed in this thesis seeks to unsee the influence that multiple literacies have on the cultural perpetuation and identity preservation of the Quilombola São Domingos community, in Paracatu-MG. In this context, the general objective of this research is to analyze cultural practices, development and conservation of the Quilombola São Domingos Community, through literacy practices of leaders and residents of the community, since we found a great fragmentation of the quilombola communities of the region and it aroused our interest in knowing why the São Domingos community can stand out in relation to the other communities of the municipality. The work is based on qualitative studies and adopts methodological assumptions of ethnography for the constitution of *the corpus*, which was composed of semi-structured interviews, informal conversations with community members, as well as field diaries. The theoretical framework used to support the analyses in the area of literacies is Street (2014, 2003), Scribner and Cole (1981), Kress, (2003), Kleiman (1995), Rojo (2009), Moita-Lopes (2006) among others; in Interactional Sociolinguistics the authors were Allan Bell (2014), Bortoni-Ricardo (2005, 2008, 2014), Gumperz (1982), Dell Hymes (1974), Calvet (2002), Sousa (2006) and other authors; already in Territory, we use authors such as Souza and Teixeira (2009), Haesbaert (2007), Almeida (2008), among others; finally, the authors working on Identities were Hall (2003[1992]), Bauman (1999), Giddens (1991) and others. The research presented as a result that literacies have great importance and contribution in the cultural preservation and perpetuation of communities, since it is a relevant factor in the quilombola community of São Domingos and, unfortunately, in other visited communities we do not find the same organization and awareness on the part of residents. As a contribution of this work, we hope to strengthen studies on literacy and sociolinguistics in quilombola communities, in order to sharpen in their inhabitants the possibility of emancipatory protagonism in relation to their rights and allow other researchers to continue studies in marginal communities.

Keywords: Quilombola Community São Domingos. Identity and culture. Multiple literacies. Sociolinguistics.

RESUMEN

El trabajo de investigación desarrollado en esta tesis busca desencontrar la influencia que múltiples literacidades tienen en la perpetuación cultural y la preservación de la identidad de la comunidad Quilombola San Domingos, en Paracatu-MG. En este contexto, el objetivo general de esta investigación es "analizar las Prácticas Culturales, el Desarrollo y la Conservación de la Comunidad Quilombola San Domingos, a través de las Prácticas de literacidad de Líderes y Residentes de la Comunidad", ya que hemos observado una gran fragmentación de las comunidades quilombolas de la región y despertamos nuestro interés en saber por qué la comunidad de San Domingos puede destacar en relación con las otras comunidades del municipio. El trabajo se basa en estudios cualitativos y adopta supuestos metodológicos de la etnografía para la constitución *del corpus*, que se compone de entrevistas semiestructuradas, conversaciones informales con miembros de la comunidad, así como diarios de campo. El marco teórico utilizado para apoyar los análisis en el área de las literacidades son Street (2014, 2003), Scribner y Cole (1981), Kress, (2003), Kleiman (1995), Rojo (2009), Moita-Lopes (2006) entre otros; en Sociolingüística Interaccional los autores fueron Allan Bell (2014), Bortoni-Ricardo (2005, 2008, 2014), Gumperz (1982), Dell Hymes (1974), Calvet (2002), Sousa (2006) y otros autores; en El Territorio, utilizamos autores como Souza y Teixeira (2009), Haesbaert (2007), Almeida (2008), entre otros; finalmente, los autores que trabajaron en Identities fueron Hall (2003[1992]), Bauman (1999), Giddens (1991) y otros. La investigación presentada como resultado de que las literacidades tienen gran importancia y contribución en la preservación cultural y perpetuación de las comunidades, ya que es un factor relevante en la comunidad quilombola de San Domingos y, por desgracia, en otras comunidades visitadas no encontramos la misma organización y conciencia por parte de los residentes. Como contribución de este trabajo, esperamos fortalecer los estudios sobre literacidad y sociolingüística en las comunidades quilombola, con el fin de agudizar en sus residentes la posibilidad de protagonismo emancipatorio en relación con sus derechos y permitir que otros investigadores continúen sus estudios en comunidades marginales.

Palabras clave: Quilombola Community S.O Domingos. Identidad y cultura. Múltiples literacidades. Sociolingüística.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 – CONSTRUINDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO	26
1.1 Pesquisa Qualitativa	26
1.2 Pesquisa Etnográfica.....	31
1.2.1 Etnografia Crítica	33
1.3 Estratégias e Procedimentos da pesquisa	35
1.3.1 <i>As atividades em campo: o contato com a comunidade</i>	35
1.3.2 <i>A coleta e a constituição do corpus</i>	37
1.4 Triangulação.....	39
1.5 Colaboradores da pesquisa	40
CAPÍTULO 2 – ABORDAGEM TEÓRICA: LETRAMENTOS, SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E TERRITÓRIO.....	42
2.1 Novos Estudos do Letramento (NEL)	43
2.2 Letramento Autônomo	45
2.3 Letramento Ideológico	47
2.3.1 <i>Práticas e eventos de letramento</i>	51
2.4 Letramentos Múltiplos	52
2.5 Sociolinguística Interacional	54
2.6 Território	58
2.7 Identidades	61
2.7.1 <i>Identidade territorial</i>	63
2.7.2 <i>O dia a dia e a cultura da terra</i>	64
2.7.3 <i>As roças: lugar de ensinamento</i>	65
CAPÍTULO 3 – COMO TUDO COMEÇOU: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA QUILOMBOLA	71
3.1 Implementação da Mineração no Brasil	71
3.2 Mineração em Minas Gerais	75
3.3 A Mineração em Paracatu.....	77
3.4 Comunidade Quilombola: O que é?	81
3.5 Comunidade Quilombola São Domingos	84
3.5.1 <i>Formação da comunidade na voz de moradores</i>	89

3.5.2 Estruturas e espaços da Comunidade São Domingos	91
3.5.3 Convívio com a mineradora Kinross	94
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS I – TERRITORIALIDADE E IDENTIDADES ..	97
4.1 Territorialidade	98
4.1.1 Lembranças de um passado não muito distante	99
4.1.2 Espaços, não. Lugares de ensinamento	103
4.2 Reconhecimentos Identitários na comunidade	111
4.2.1 Autoidentidade de pertencimento à comunidade quilombola	111
4.2.2 Preocupação com a perpetuação da comunidade	113
4.3 Território: Comunidade x Mineradora.....	114
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO CORPUS II – LETRAMENTOS NA COMUNIDADE SÃO DOMINGOS.....	119
5.1 Assembleia dos Moradores na Comunidade	120
5.2 Projeto A ESCOLA VAI AO QUILOMBO	130
5.3 Letramentos Múltiplos e Lugares de Conhecimento	133
5.3.1 Quitutes de Letramento: A Fábrica de Biscoito.....	134
5.3.2 Adoçando o Letramento: Engenho e Rapadura	140
5.3.3 Dançando e cantando o Letramento: A Caretagem	147
5.4 Performance de Letramentos na Comunidade: um caso particular	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICE I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	167
APÊNDICE II - DEGRAVAÇÕES	170

APRESENTAÇÃO

Minha² trajetória com a questão dos estudos quilombola começou a partir do mestrado na UnB, em 2012, quando tomei conhecimento de outras comunidades quilombolas na região³ além da comunidade São Domingos. Todavia, não sabia onde se situavam as outras comunidades, de maneira que, em uma delas, passávamos em parte do seu território, toda semana, e não tinha consciência de que aquela região era pertencente à comunidade quilombola Porto Pontal, pois a única construção que avistava era uma pequena mercearia que também funciona como restaurante.

Ao perguntar sobre as comunidades quilombolas para moradores do município de Paracatu, pouquíssimos sabiam onde ficavam algumas delas e a maioria das pessoas não conheciam nem os nomes das comunidades da região. Dessa maneira, fiquei intrigado em conhecer qual era a realidade das outras comunidades e a primeira proposta no projeto do doutoramento era realizar uma pesquisa que envolvesse mais de uma comunidade quilombola.

Após ingresso no doutorado e começar a fazer parte do grupo de pesquisa (Sócio)linguística, Letramentos Múltiplos e Educação - SOLEDUC, houve muitas oportunidades de discussão e trocas de ideias que, ao final, em consonância com a orientadora, professora Rosineide Magalhães, optamos por realizar a pesquisa apenas na comunidade quilombola São Domingos, baseado nos fatos que apresentaremos a seguir.

Depois de conhecer algumas comunidades, notei que o nível de fragmentação delas estava exacerbado e, na tentativa de desenvolver pesquisas voltadas aos letramentos, detectei uma grande dificuldade, uma vez que essas comunidades, apesar de possuírem uma associação, não estavam atuantes e também não sabiam onde se encontravam muitos materiais como atas e registros que dessem subsídios para poder desenvolver uma pesquisa voltada aos letramentos e poder averiguar qual a importância que essa habilidade possuía na questão da preservação cultural e perpetuação de suas culturas e de seus territórios.

Além disso, o São Domingos era mais acessível e possuía materiais e práticas que poderiam suprir as perguntas de pesquisa. Outro fator que foi um complicador na realização da pesquisa foi a questão da pandemia⁴, que não propiciou que o trabalho pudesse acontecer

² Para a apresentação, onde conto minha experiência com as comunidades quilombolas, utilizo a primeira pessoa do singular, todavia, no restante do trabalho, utilizarei a primeira pessoa do plural.

³ As outras comunidades quilombolas da região de Paracatu são Machadinho, Amaros, Cercado e Porto Pontal.

⁴ A pandemia foi ocasionada pelo coronavírus, um vírus que causa infecções respiratórias. Seu novo agente (nCoV-2019) surgiu em 2019 na China e a partir de março de 2020, no Brasil, iniciou-se as medidas preventivas.

no período acordado, conforme cronograma disponibilizado ao comitê de ética. Outra questão era que as outras comunidades ficavam bem mais distantes do município, algumas cerca de cinquenta quilômetros, entre asfalto e terra.

A pesquisa de campo havia começado em março de 2020, mas devido à pandemia ela teve que ser interrompida, sendo retomada apenas em setembro, quando em conversa por telefone com a presidente da comunidade, ela permitiu que eu fizesse as outras entrevistas, seguindo as orientações de segurança por causa do COVID-19. É interessante ressaltar que em um determinado momento, procurei moradores para poder conversar a respeito da realização da pesquisa e os moradores das casas relataram à presidente que “havia um moço fazendo perguntas na comunidade e querendo saber também como era o convívio com a mineradora”. A presidente entrou em contato comigo e falou que ela conseguiria alguém para poder entrevistar, pois muitos moradores estavam com receio de responder às perguntas, acreditando que poderia ser alguém enviado pela mineradora para obter informações da comunidade.

Essa preocupação ocorreu, por parte dos moradores, devido ao fato de estarem vivenciando problemas relacionados à venda de lotes que estão em território quilombola, mas eu só tomei consciência desse fato, após o contato com as famílias da comunidade e de ter conversado com a presidente sobre o assunto. Desculpei-me com a presidente pelo transtorno e aguardei que ela conversasse com algum morador que pudesse responder aos questionamentos, de maneira que não mais causasse algum transtorno aos moradores.

Tirando essas situações que foram inesperadas, os demais contatos ocorreram com tranquilidade e, além das entrevistas, pude participar de alguns eventos como caretagem, assembleia anual, visitas ao engenho e participar também do momento de produção da rapadura. Vale destacar que em um determinado dia da visita ao engenho, alunos do Colégio Marista, de Brasília, estavam com guias do município conhecendo a comunidade quilombola São Domingos e puderam ver e participar de parte do processo de se fazer a rapadura.

Dessa maneira, este estudo dá destaque ao cenário cultural material e imaterial, predominando trocas simbólicas e ideológicas ocorridas por meio, principalmente, da linguagem oral, mas também escritas, envolvendo teorias dos letramentos, sociolinguística, território e identidades.

Importante destacar que esta tese faz parte do projeto do grupo de pesquisa SOLEDUC, que é certificado pelo CNPq.

INTRODUÇÃO

Apesar de o município de Paracatu ter se formado devido à exploração ouro, e a cidade ainda viver essa realidade de exploração do metal, a história da formação da cidade passa, necessariamente, pelos povos escravizados e a luta que outrora era em busca de liberdade, hoje ainda continua, todavia, em busca de reconhecimentos e oportunidades para que obtenham melhores condições de vida, mas, muitas vezes, conseguem apenas sobreviver.

Diante dessa realidade pelas quais vivem muitas comunidades, mas não todas, despertou-nos o interesse em pesquisar como a utilização dos letramentos, principalmente fora do ambiente escolar, assim como os valores culturais – materiais e imateriais –, além das redes de relacionamento podem possibilitar uma melhoria nas condições de vida da comunidade e das pessoas que a integram.

Após nos depararmos com essa situação e após estudos e reflexões com a professora Rosineide, pensamos em realizar esta pesquisa a partir de um novo olhar, de maneira que pudesse revelar no contexto quilombola os reais significados das Práticas de Letramentos e entender quais suas influências no desenvolvimento e preservação cultural da comunidade quilombola São Domingos, uma vez que ela é a comunidade na região que se encontra mais preservada e que procura perpetuar suas manifestações culturais.

Além das Práticas de Letramento, outras teorias e metodologias aplicadas nesta pesquisa são a Sociolinguística Interacional, a Pesquisa Qualitativa e a Etnografia, que permitiram analisar os usos e os significados sociais e culturais dessas práticas, pertinentes aos territórios e às questões identitárias da comunidade pesquisada.

Outra razão que motiva o desenvolvimento desta pesquisa na comunidade quilombola São Domingos é a falta de pesquisas voltadas ao letramento nessa comunidade. Dessa maneira, ao direcionar o olhar para a realidade historicamente silenciada desses povos, esta pesquisa constitui uma possibilidade de dialogar com outros estudos, principalmente relacionados aos Novos Estudos do Letramento – NEL, além de possibilitar a abertura de novos caminhos para outros estudos que tenham foco nas práticas de letramento em comunidades quilombolas.

Diante do exposto, reiteramos a relevância desta pesquisa com o intuito de verificar se realmente as práticas de letramentos desenvolvidos na comunidade quilombola São Domingos proporcionam uma melhor condição de vida aos moradores, em relação a outras comunidades,

uma vez que elas não desenvolvem as mesmas práticas – como uma associação quilombola atuante – promovendo organização e consciência nas pessoas, naquilo que lhes é de direito.

Dos participantes da pesquisa, dois exercem influências e têm voz ativa na comunidade e os outros dois foram indicados pela presidente da comunidade, sendo elas pessoas mais novas, de maneira que as perguntas pudessem dar uma visão do que pensam moradores mais experientes e moradores mais jovens⁵.

As perguntas de pesquisa levam em consideração aspectos históricos, culturais e sociais da comunidade quilombola São Domingos e foram colocadas em prática a partir de uma trajetória etnográfica em seu território, com o intuito de responder as seguintes questões:

- 1 – Como ocorreu o processo de formação da comunidade São Domingos?
- 2 – Quais práticas a comunidade possui para perpetuar e identificá-los como quilombolas?
- 3 – Quais influências externas (institucionais) favoreceram ou restringiram o desenvolvimento da Comunidade?
- 4 – Como é a relação entre a comunidade e as suas vizinhanças (mineradora/produtores do agronegócio)?
- 5 – Como as Práticas de Letramentos Sociais permitiram o desenvolvimento e perpetuação da comunidade?
- 6 – Quais contribuições os estudos sobre Letramentos Múltiplos podem agregar às Comunidades Quilombolas?

Estabelecidas as perguntas como ponto de partida, apresentamos os objetivos que pretendemos alcançar com a pesquisa, seguida de suas respectivas asserções⁶. Temos como objetivo geral: “Analisar Práticas Culturais, Desenvolvimento e Conservação da Comunidade Quilombola São Domingos, por meio de Práticas de Letramentos de Líderes e moradores da Comunidade” e como asserção geral que as múltiplas práticas de Letramentos e também comunicativas presentes no território da Comunidade Quilombola São Domingos, analisadas a partir do enfoque da Sociolinguística e do Letramento, indicarão uma gama de valores sociais letrados, revelando diferentes atividades e modos particulares de agir, de pensar e de

⁵ Esses colaboradores mais jovens possuem formação universitária, um na área de tecnologia e outro em administração.

⁶ As asserções se referem, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 53) a “um enunciado afirmativo, no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa poderá trazer”.

se identificar em torno dos letramentos, assim como de variadas formas de acesso à cultura escrita.

Já os objetivos específicos, seguidos de suas respectivas asserções referem-se à:

1. Explicitar informações sobre o que caracteriza a comunidade como quilombola, no que se refere à identidade e à cultura; tendo como asserção que as práticas sociais, culturais e o discurso proferido pelas pessoas que compõem as comunidades, trarão marcas que permitirão identificá-los como quilombolas.
2. Registrar por meio de seus discursos e representações culturais a perpetuação de suas culturas; já sua asserção tem que os eventos culturais e os discursos proferidos nas comunidades representam o que um povo vive. Dessa maneira, pretendemos entender se essas práticas ocorrem com frequência e se seus moradores enxergam essas práticas como forma de perpetuação da identidade quilombola.
3. Relacionar o Letramento praticado pelos líderes e moradores no desenvolvimento cultural da comunidade, por intermédio da Sociolinguística Interacional e da Etnografia; buscando compreender, como as Práticas de Letramentos Sociais, abordadas por Street (2014), podem corroborar para o desenvolvimento comunitário e conservação das comunidades quilombolas.
4. Examinar criticamente as práticas discursivas e não discursivas marcantes nas construções identitárias e representacionais relacionadas ao protagonismo comunitário; considerando na asserção que as lideranças da comunidade possuem uma forte influência tanto na conservação quanto na emancipação da comunidade a que pertencem. Assim, poderíamos saber como se dá esse protagonismo dos líderes, procurando verificar também questões identitárias.
5. Contribuir com os estudos Sociolinguísticos quilombolas e aguçar a possibilidade do protagonismo emancipatório em relação a seus direitos, enquanto quilombolas; tendo como asserção a tentativa de proporcionar às comunidades uma visão emancipatória em relação ao protagonismo que elas podem exercer, principalmente em relação aos seus líderes, mediante a consciência dos Letramentos Sociais.

Diante dos objetivos e asserções apresentados, esta pesquisa tem como eixo norteador os Letramentos como um conjunto de práticas historicamente situadas e também sociais. Por conseguinte, ela se apoia nas concepções teórico-metodológicas dos estudos do Letramento, dos estudos da Sociolinguística e também da Etnografia.

Ao fazer uso dessas abordagens, partimos da seguinte tese: como as Práticas Sociais de Letramentos não são universais, há a necessidade de entender qual a influência e importância que os letramentos demonstram no desenvolvimento das comunidades quilombolas, assim como sua perpetuação cultural, uma vez que já sabemos que há uma grande diferença entre a comunidade pesquisada e as demais comunidades da região.

A organização da tese se dá a partir de um aporte teórico-metodológico interdisciplinar denominado Etnossociolinguística, pensado por Almeida e Sousa (2018), envolvendo teorias como a Sociolinguística, a Antropologia e a Etnografia, todavia esse aporte teórico foi ampliado, trabalhando teorias voltadas à Identidade, Território e Letramentos, para atender às demandas desta pesquisa. De acordo com Street (2014), a língua e a escrita configuram estreitos laços com os contextos sociais em uso, partindo da hipótese de que diferentes culturas enfatizam a aprendizagem de diversas maneiras, inclusive fazendo uso da escrita, mas também da linguagem oral, variando conforme os objetivos, o espaço e o tempo.

Além da apresentação e introdução, o presente estudo apresenta cinco capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado CONSTRUINDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO, apresentamos o percurso metodológico e suas abordagens, descrevendo os procedimentos e instrumentos utilizados na pesquisa de campo, tendo em vista os pressupostos da etnografia. Além disso, apresentamos também o objetivo geral, os objetivos específicos e as perguntas exploratórias, que nortearam as entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas, para análise. O capítulo possui as seguintes seções: 1.1 Pesquisa Qualitativa, 1.2 Pesquisa Etnográfica, *1.2.1 Etnografia Crítica*, 1.3 Estratégias e Procedimentos da Pesquisa, *1.3.1 As atividades em campo: a Comunidade Quilombola*, *1.3.2 A coleta e a constituição do corpus*, 1.4 Triangulação e 1.5 Colaboradores da pesquisa.

Este capítulo é fundamental para a compreensão da estrutura da tese e temos como principais referências, pensadores como Bauer & Gaskell (2011), Thomas (1993), Denzin e Lincoln (2006), Chizzotti (2006), Bortoni-Ricardo (2008), Flick (2009) Moreira e Caleffe (2006), Mattos & Castro (2011), dentre outros.

No capítulo 2, sob o título ABORDAGEM TEÓRICA: LETRAMENTOS, SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E TERRITÓRIO, desenvolvemos o capítulo tendo três seções principais, sendo a primeira sob o foco dos letramentos, que são conceitos já bastante discutidos e estudados nas academias internacionais, incluindo também os NEL (Novos Estudos dos Letramentos), sugerindo que a partir das experiências ocorridas em momentos diversos, o processo de letramento ocorre de maneira distinta, uma vez que as

ocorrências sociais, históricas e cognitivas que ocorrem nas comunidades não se dão de maneira universal.

Os principais teóricos trabalhados nesta seção são Street (2014, 2003,); Scribner e Cole (1981); Kress, (2003); e nas academias nacionais com autores como Kleiman (1995); Rojo (2009); Moita-Lopes (2006) dentre outros. O capítulo está dividido da seguinte maneira: 2.1 Novos Estudos do Letramento (NEL), 2.2 Letramento Autônomo, 2.3 Letramento Ideológico, 2.3.1 *Práticas e eventos de letramento* e 2.4 Letramentos múltiplos.

Dando continuidade ao desenvolvimento do capítulo dois, trabalhamos a seção 2.5 Sociolinguística Interacional, que nos permite visualizar uma diferença entre aspectos analíticos macro e micro, também denominados de macrossociolinguística e de microssociolinguística. Nele também trabalhamos conceitos de interação destacando o contexto, os turnos de fala, o enquadre e o *footing*.

Os principais teóricos trabalhados nesta seção são Gumperz (1982), Bateson (2002) e Goffman (2002), que apontam a sociolinguística como interdisciplinar, e outros autores contemporâneos como Allan Bell (2014), Bortoni-Ricardo (2005, 2008, 2014) Calvet (2002) e Sousa (2006) que também têm desenvolvido grandes estudos relacionando a língua como fator social.

E para finalizar o capítulo, trabalhamos com a seção 2.6 Território, considerando-o, como defende Almeida (2008) um espaço composto de aspectos materiais sejam eles naturais como solo, água, etc., ou sociais como construções, trabalhos, pessoas; e imateriais como concepções de mundo, ideologias, culturas, conhecimento, significados simbólicos e afetivos como, por exemplo, a ideia de pertencimento a um determinado território.

A partir da temática território, também iniciamos os trabalhos com as questões identitárias na seção 2.7 Identidades, 2.7.1 *Identidade Territorial*, 2.7.2 *O dia a dia e a cultura da terra* e 2.7.3 *As roças: lugar de ensinamento*, em que apresentamos algumas práticas comuns desenvolvidas na comunidade quilombola São Domingos, como plantação de hortaliças, mandioca, plantação de cana e o uso sustentável da natureza como forma de auxiliar na garantia de sua sobrevivência.

Vários autores são utilizados nesta seção, uma vez que ela é bastante diversificada de teorias. Na seção de Território, utilizamos autores como Souza e Teixeira (2009), Haesbaert (2007), Almeida (2008), dentre outros. Já na seção Identidades, trabalhamos com Hall (2003[1992]), Bauman (1999), Giddens (1991) e outros. E para finalizar, em Identidade

territorial, os autores utilizados para o embasamento teórico foram Little (2002), Rosendahl (2005), Arruti (1997), Moura (2005) dentre outros.

Após o capítulo teórico, apresentamos o capítulo 3, intitulado COMO TUDO COMEÇOU: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA QUILOMBOLA. Como o próprio nome sugere, o capítulo faz uma retrospectiva da mineração tanto no Brasil quanto no estado de Minas Gerais, desde o chamado período colonial até os dias atuais, com o intuito de compreender como se deu o processo de formação da comunidade quilombola São Domingos no município de Paracatu, já que sua formação está ligada à exploração do ouro.

Este capítulo está dividido da seguinte forma: Primeiramente apresentamos a Implementação da Mineração no Brasil (3.1); posteriormente trabalhamos a seção (3.2) Mineração em Minas Gerais, mostrando o caminho do ouro e como se deu a chegada dos exploradores na região de Paracatu. Na seção (3.3) A mineração em Paracatu, descrevemos um pouco da formação do arraial, vinculada à exploração do ouro e a partir da seção 3.4, desenvolvemos as questões relacionadas aos quilombolas, sendo esta seção denominada “Comunidade Quilombola: o que é?” e finalmente chegamos à seção 3.5 “Comunidade Quilombola São Domingos”, na qual apresentamos questões legais de sua formação, mostrando também algumas características como uma casa de adobe, que é utilizada como museu, casas construídas em uma mesma área familiar, questões culturais como a caretagem, além de organização da comunidade.

Ainda nesta seção, desenvolvemos mais três subseções denominadas 3.5.1 “*Formação da comunidade na voz dos moradores*”, 3.5.2 “*Estruturas e espaços da Comunidade São Domingos*”, 3.5.3 “*Convívio com a mineradora Kinross*”. Na parte analítica, várias situações e questões como essas duas últimas apresentadas serão retomadas a fim de análises.

Os capítulos analíticos foram divididos por assuntos para facilitar a organização e entendimento das análises. O primeiro capítulo analítico foi denominado CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS I – TERRITORIALIDADE E IDENTIDADES. Neste capítulo apresentamos as análises realizadas envolvendo aspectos relacionados a território e à territorialidade, sob o aporte teórico de Soares (2017), Bento (2011), Tuan (2013) dentre outros; relacionados a questões identitárias, sob a teoria de Hall (2003), Hajagopalan (2002) e Laclau (1990). As análises foram feitas a partir do corpus gerado em trabalho de campo na comunidade, compreendendo, sobretudo, os trechos das conversas em forma de narrativa que foram degravadas de entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes da pesquisa. Este capítulo é constituído das seguintes seções: 4.1.1 “*Lembranças de um passado não muito*

distante”, 4.1.2 “*Espaços não. Lugares de Ensino*”, 4.2 Reconhecimentos Identitários na comunidade, 4.2.1 “*Autoidentidade de e pertencimento à comunidade quilombola*”, 4.2.2 “*Preocupação com a perpetuação da comunidade*” e 4.3 Território: Comunidade x Mineradora.

Já o capítulo 5, denominado ANÁLISE DO CORPUS II – LETRAMENTOS NA COMUNIDADE SÃO DOMINGOS, apresentamos as análises realizadas, no âmbito da pesquisa, sobre Letramentos desenvolvidos na comunidade quilombola São Domingos, a partir do aparato teórico, orientado especialmente por Bauer & Gaskell (2011), Street (2014), Barton e Hamilton (2000), Bortoni-Ricardo (2008), Bazerman (2007), dentre outros. A seção traz análises de situações específicas e foi dividida da seguinte forma: subseções 5.1 Assembleia dos Moradores na Comunidade, 5.2 Projeto A ESCOLA VAI AO QUILOMBO, 5.3 Letramentos Múltiplos e Lugares de Conhecimento, 5.3.1 *Quitutes de Letramento: A fábrica de biscoito*, 5.3.2 *Adoçando o Letramento: Engenho e Rapadura*, 5.3.3 *Dançando e cantando o Letramento: a Caretagem* e 5.4 Performance de Letramentos na Comunidade: um caso particular.

Notamos no decorrer das análises que apesar de tentarmos separar as análises para uma melhor organização, as questões identitárias, as questões envolvendo a territorialidade, envolvendo os letramentos e também as questões linguísticas são indissociáveis, pois em diversos momentos ao fazer uma determinada análise sob o foco de um campo específico de estudo, outras situações permitiam fazer análises voltadas a outros campos, por exemplo, na sociolinguística interacional⁷.

Nas considerações finais da tese, notamos que a pesquisa deu conta de responder a todos os questionamentos realizados no início do trabalho e que, mediante o trabalho etnográfico realizado, além de todos os estudos e de todas as análises realizadas, podemos afirmar que os Letramentos possuem grande importância e influência na preservação e perpetuação do que hoje compõe a comunidade quilombola São Domingos, pois ao termos acesso a outras comunidades da região, é notório a fragmentação e deslocamento que ocorre nessas comunidades, quando comparadas ao que acontece no São Domingos, sendo que esta – apesar das dificuldades que também enfrentam – apresenta uma maior representatividade quando se trata de comunidade quilombola.

⁷ As análises voltadas à sociolinguística interacional ocorrem em várias seções no desenvolvimento da tese, uma vez que a sociolinguística é uma disciplina transversal e as questões linguísticas também constituem os fragmentos de fala e contexto de discurso.

CAPÍTULO 1 – CONSTRUINDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, além de apresentarmos o percurso metodológico e suas abordagens, descrevemos os procedimentos e instrumentos utilizados na pesquisa de campo, tendo em vista os pressupostos da etnografia. Apresentamos também o objetivo geral, os objetivos específicos e as perguntas exploratórias.

Posteriormente, discorreremos sobre a Coleta de dados e Constituição do Corpus, além da seleção dos colaboradores da pesquisa, indicando o contexto em que a pesquisa ocorreu.

Consideramos este capítulo fundamental para a compreensão da estrutura da tese, temos como principais referências Bauer & Gaskell (2011), Thomas (1993), Denzin e Lincoln (2006), Chizzotti (2006), Bortoni-Ricardo (2008), Flick (2009) Moreira e Caleffe (2006), Mattos & Castro (2011), dentre outros.

1.1 Pesquisa Qualitativa

Um dos paradigmas escolhidos para o desenvolvimento deste trabalho de doutoramento foi a pesquisa qualitativa, pois, de acordo Chizzotti (2006), ela é ideal pelo fato de não possuir um único padrão. Sendo assim, tal característica admite aspectos fluídos e contraditórios relacionados aos atores sociais e ao palco, permitindo compreender como ocorrem a produção e a construção de sentidos durante as interações sociais.

Nas palavras de Chizzotti (2006, p. 28), a pesquisa qualitativa é considerada “as ciências que pressupõem a ação humana e que devem levar em conta a liberdade e a vontade dos indivíduos, sendo que estas sempre interferem no curso dos fatos e dão significados muito diversos à ação [...]” e, por isso, nós a “elegemos” para esta tese.

Nos eventos sociais, a pesquisa qualitativa permite uma maior liberdade de expressão, tendo em vista que o termo “qualitativo” refere-se aos sujeitos de forma a inferir seus sentidos, partindo dos pressupostos significativos que os sujeitos atribuem às suas ações e às suas falas. Destarte, as questões investigativas relativas à subjetividade das pessoas tornam-se mais “acessíveis” por meio dessa modalidade de investigação.

De acordo Flick (2009, p. 24), a pesquisa qualitativa tem por objetivo “não testar aquilo que já é bem conhecido [...] e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas”. Moita Lopes (2006) também reitera que a pesquisa qualitativa proporciona, por meio da observação, estudos interpretativistas que têm como

meta reconhecer a realidade social pesquisada em um determinado contexto. Desta maneira, este tipo de pesquisa é um trabalho que pode levar à emancipação do indivíduo e pode “dar voz” às pessoas.

Prosseguindo, Denzin e Lincoln (2006) consideram que a pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador desvelar práticas inferenciais que dão visibilidade ao mundo, transformando-as em uma gama de representações e significações, que são realizadas pelos próprios sujeitos da ação. Nessa circunstância, a pesquisa qualitativa apresenta uma abordagem interpretativa do mundo e possibilita um melhor entendimento das questões estudadas em seus ambientes naturais, tornando-as significativas. Nesse propósito, o pesquisador busca não somente compreender os discursos, mas também interpretá-los, assim como verificar seus respectivos fenômenos significativos. Ainda, segundo os autores:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Faz-se oportuno dizer que nesta pesquisa trabalhamos com as narrativas dos integrantes das comunidades quilombolas São Domingos, suas práticas e manifestações socioculturais – como a festa da caretagem – mediante a influência e discurso de sua vizinha, a mineradora Kinross.

Para Bauer, Gaskell & Allum (2008), é fundamental que o pesquisador leve em consideração os objetivos das afirmações teóricas como participantes ativos, pois para referendar uma teoria crítica será apenas através da aceitação de sua importância pelos que constituem seus objetos.

Alinhados a essa ideia, a partir de dados coletados e interpretados, entendemos que a realidade social pode ser desvelada e interpretada. A pesquisa qualitativa, fazendo uso da etnografia, sugere ser um método de pesquisa muito adequado, permitindo a possibilidade de compreender as representações sociais, as identidades e as ideologias. Nessa inferência, Denzin e Lincoln (2006, p. 17) assinalam que “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo, todavia esse mundo é constituído de processos comunicativos que representam o indivíduo nele.” Por outro lado, Bauer, Gaskell & Allum

(2008) entendem que este tipo de pesquisa não detem o monopólio da interpretação, uma vez que cada situação traz consigo suas particularidades e intertextualidades.

Nas palavras de Denzin e Lincoln (2006):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 3)

A escolha da metodologia aplicada nesta tese diz respeito à possibilidade de identificar, em um ambiente sócio-histórico, o *corpus* gerado para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma das perguntas da pesquisa é: Quais influências externas (Mineradora e Produtores do Agronegócio) favoreceram ou restringiram o desenvolvimento da Comunidade?

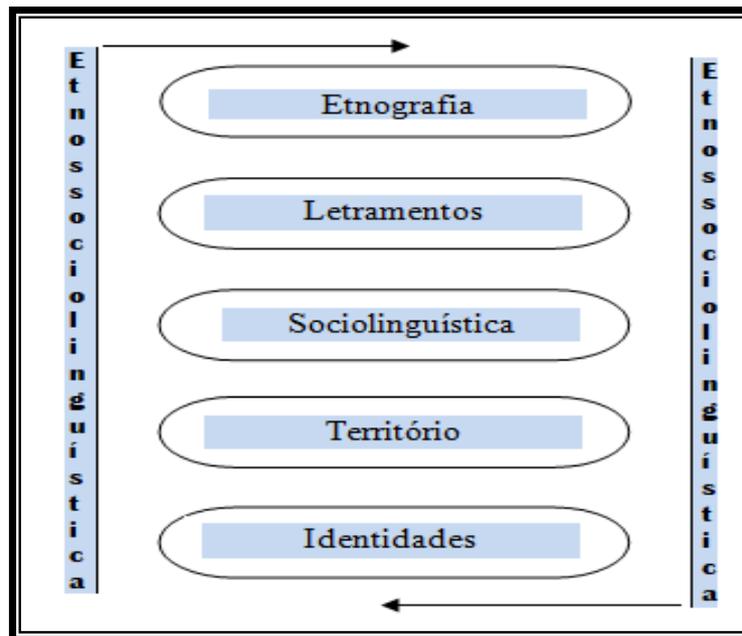
Ao eleger numa pesquisa a abordagem qualitativa, uma das preocupações do pesquisador é justamente o processo social e, dessa maneira, busca valorizar o contexto em que o objeto de estudo se realiza, permitindo uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Para Godoy (1996), há pelo menos três possibilidades oferecidas pela abordagem qualitativa: a pesquisa documental, a etnografia e o estudo de caso. Neste trabalho são utilizadas as duas primeiras possibilidades, ou seja, a pesquisa documental e a etnografia para coletar, gerar e analisar os dados obtidos.

Um cuidado que o pesquisador deve demonstrar ao adentrar em um determinado local para desenvolver uma pesquisa é o respeito ao grupo, buscando sempre a empatia das pessoas e ser cuidadoso e gentil nas interações, de maneira que consiga obter a confiança por parte da comunidade pesquisada.

Devido à amplitude contextual da pesquisa e também da temática, comportando variados eixos teóricos, faz-se necessário esclarecer que usamos teorias diversificadas para atender a nossa proposta de trabalho. Assim sendo, nos apropriamos da Etnografia e das teorias dos Letramentos, além da Sociolinguística Qualitativa; ademais, questões relacionadas ao Território e aos Estudos Identitários também foram retomadas.

Diante disso, apresentamos, a seguir, a arquitetura da tese, baseado no constructo teórico-metodológico da pesquisa de Almeida (2015), no qual ilustramos as bases teóricas e metodológicas do estudo, conforme ilustra a figura 1 abaixo:

Figura 01⁸: Arquitetura Teórico-Metodológica



Fonte: Pesquisador (2020)

A etnossociolinguística é uma teoria recente que perpassa diversas teorias distintas que são abordadas neste trabalho. Para Almeida e Sousa (2015), a etnossociolinguística está ligada à Educação Linguística e pode assumir diversos contornos, uma vez que o radical – *etno*, pode se ligar a diversas palavras do português, possibilitando a criação de novos sentidos. Em suas palavras:

O arcabouço teórico da Etnografia, da (Socio)linguística, da Etnografia da Comunicação e do Letramento constitui a Etnossociolinguística, teoria emergente a partir das orientações de cada uma dessas áreas do conhecimento, mas situada no âmbito da Etnografia da educação e da Sociolinguística educacional. (ALMEIDA e SOUSA, 2015, p. 279)

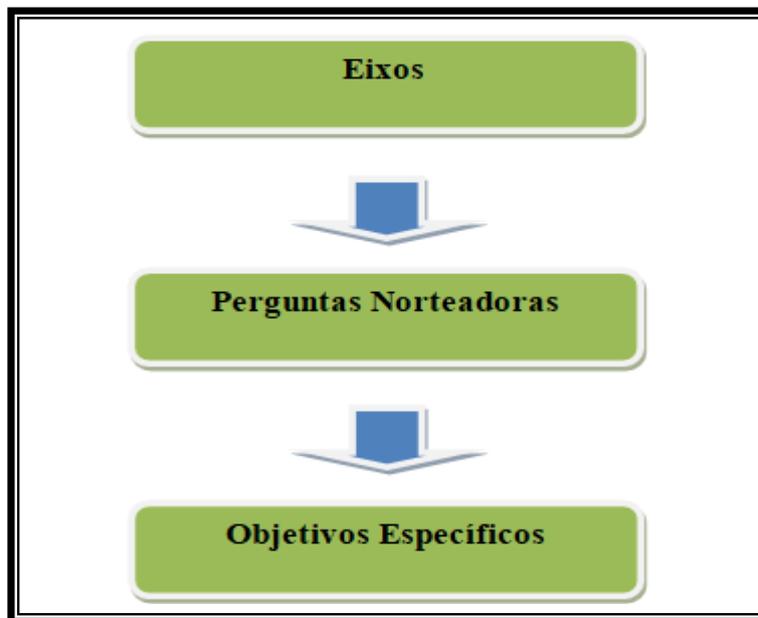
Em seu trabalho intitulado “Etnossociolinguística e Letramentos: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena Apinajé”, Almeida (2015), orientada por Sousa, utiliza em sua pesquisa a sequência Etnografia, Sociolinguística, Multiculturalismo,

⁸ Tanto em Figuras quanto em fotos utilizaremos, em alguns momentos desta tese, a palavra no plural e o número no singular para a numeração dessas referências não ficarem muito extensas, como ocorre em Fotos 05 (pág. 70). Apesar de haver mais de uma foto, faremos referência a apenas um número.

Identidades, Letramentos, Variedades Linguísticas e Currículo. Semelhante à pesquisadora, na elaboração do seu construto, propomos para atender a finalidade desta pesquisa, outro construto, como mostrado na Figura 1 (acima), pelo fato de tratar-se de um trabalho com uma minoria étnica, que se refere a uma comunidade quilombola remanescente de pessoas escravizadas, e que atende às especificidades e aos objetivos desta pesquisa.

A organização deste trabalho, para uma melhor orientação na leitura, segue os procedimentos “eixos teóricos, perguntas norteadoras e objetivos específicos”. Essa sequência metodológica inicia-se com o estabelecimento do eixo teórico, abordando um aspecto da pesquisa, seguidas pelas perguntas norteadoras e dos objetivos específicos.

Figura 02: Sequência responsiva da metodologia



Fonte: Pesquisador (2020)

Quadro 1 - Sequência responsiva da metodologia

OBJETIVO GERAL		
Analisar Práticas Culturais, Desenvolvimento e Conservação da Comunidade Quilombola São Domingos, por meio de Práticas de Letramentos.		
EIXOS	PERGUNTAS NORTEADORAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
PESQUISA QUALITATIVA E ETNOGRÁFICA	Quais as bases teóricas e metodológicas e os eixos de análise que permitem a	Identificar as bases teórico-metodológicas, os eixos de análise e a geração de dados

	realização da pesquisa sobre a comunidade quilombola São Domingos?	que subsidiam a pesquisa de cunho etnográfico e sociolinguístico na comunidade pesquisada.
ARCABOUÇO TEÓRICO: LETRAMENTOS, SOCIOLINGUÍSTICA, TERRITÓRIO E IDENTIDADES	Qual a contribuição das teorias dos Letramentos, da Sociolinguística, das reflexões sobre território e dos estudos identitários para subsidiar o olhar crítico acerca de situações desfavoráveis à comunidade?	Apresentar as contribuições dos arcabouços teóricos da Sociolinguística, dos estudos identitários, dos Letramentos e de território para o delineamento de um posicionamento crítico da comunidade em relação às mazelas que sofrem.
CONTEXTO HISTÓRICO	Como ocorreu o surgimento da comunidade quilombola São Domingos e em qual contexto histórico?	Apresentar um breve histórico acerca de o porquê houve a escravização de diversos negros, o percurso no Brasil e como surgiu o que hoje conhecemos como comunidade quilombola.
ANÁLISE DE CENÁRIOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS EM PARACATU	Qual a situação da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu, quanto a aspectos Territoriais, dos Letramentos, Sociolinguístico, Culturais e Identitários?	Descrever e analisar dados sobre a comunidade quilombola São Domingos por meio de uma descrição etnográfica que revele sua atual situação quanto a aspectos de convivência, dos Letramentos, Territoriais, Sociolinguístico, Culturais e Identitários.

Fonte: Pesquisador (2020)

1.2 Pesquisa Etnográfica

Outra metodologia que será desenvolvida nesta pesquisa será a etnografia, uma vez que proporciona uma compreensão dos processos sociais de produção dos eventos, considerando um olhar interno ao processo de pesquisa, no decorrer do seu desenvolvimento, e também na utilização de variados métodos reflexivos.

A etnografia é utilizada como uma estratégia que procura realizar a descrição dos significados referentes ao grupo pesquisado, tendo em vista que as significações relativas às experiências de vida são atribuídas a todo e qualquer grupo social. Dessa maneira, a etnografia contribui dando foco à exploração de um fenômeno social particular, sendo realizada por intermédio de entrevistas, analisando os discursos dos colaboradores, além de observar e analisar práticas sociais e seus significados.

A etnografia compreende, ainda, por objetivos, a descrição e o estudo de grupos de pessoas, ou comunidades, levando em consideração aspectos como manifestações culturais peculiares a seu grupo, sua língua, raça, religião etc., constituindo a maneira de descrever as culturas tanto materiais quanto imateriais de um determinado povo.

Conforme Bortoni-Ricardo (2008), o início da pesquisa etnográfica surgiu no século XX, com o pesquisador Bronislaw Malinowski (1884 – 1942), quando a pesquisa qualitativa aplicada em trabalhos humanos e sociais foi questionada por vários pesquisadores. Com essa nova forma, Malinowski desenvolveu seus estudos na Papua Nova Guiné, descrevendo as crenças e a forma de vida daquele povo, através da observação participante e de entrevistas. A pesquisadora analisa que,

Malinowski foi capaz de desenvolver uma teoria sobre o conhecimento cultural dos trobriadenses, do qual eles próprios não tinham muita consciência porque estavam completamente imersos na própria cultura. Em suma, o jovem antropólogo conseguiu construir uma interpretação da percepção que os habitantes da ilha tinham de seus valores culturais, seus costumes, suas crenças, seus ritos, enfim, conseguiu ter acesso às perspectivas interpretativas daquele povo em relação à sua vida em sociedade [...]. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 37)

Diante disso, o trabalho etnográfico, possibilita ao pesquisador a compreensão de um determinado povo, mediante o registro de relatos e interpretação do discurso. De acordo com Mattos (2011),

O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis (OGBU, 1981) de interpretação. (MATTOS, 2011, p. 54)

Apesar de alguns autores defenderem que para se fazer estudos etnográficos, longos períodos de observação são necessários, André (2012) defende que um trabalho para ser considerado etnográfico pode fazer uso de técnicas relacionadas à etnografia, particularmente à observação e à análise documental. Bortoni-Ricardo (2008) possui a seguinte visão relacionada ao tema:

Hoje em dia, as pesquisas qualitativas, especialmente as pesquisas conduzidas em instituições, como presídios e escolas, não são necessariamente desenvolvidas por extensos períodos de tempo. Quando ouvimos menção a - pesquisas etnográficas em sala de aula -, por exemplo, devemos entender que se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que fez uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração e análise dos dados. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 38)

No que diz respeito à pesquisa etnográfica, André (2012) considera que não apenas o produto do que ocorre em determinado grupo ou local é importante: a nosso ver, o processo é muito relevante, tendo em vista que o contato do pesquisador com sua área de interesse pode se prolongar em semanas ou meses, possibilitando, por conseguinte, a aproximação dos envolvidos na pesquisa.

1.2.1 Etnografia Crítica

Uma característica fundamental da etnografia crítica é agir sobre a cultura de forma que não apenas a descreva. Embora a etnografia crítica e a etnografia convencional comunguem de determinadas características como adoção de regras etnográficas de análise e interpretação qualitativa dos dados, Thomas (1993) analisa que na etnografia crítica há um compromisso maior com as pessoas pesquisadas, uma vez que ocorre uma preocupação com a mudança social que, por sua vez, é notada a partir das perguntas levantadas em campo, sob o olhar dos próprios sujeitos participantes da pesquisa.

Nas palavras de Thomas (1993, p. 6), a etnografia “oferece ferramentas para cavar abaixo da superfície das aparências [...] para mostrar uma multiplicidade de sentidos alternativos” e, por isso mesmo, ela consegue atingir profundamente as questões que envolvem identidades sociais. Nesse sentido, a etnografia crítica permite não apenas desvendar o desconhecido, mas busca também encontrar sentido para significar os fatos. Sendo assim, ela surge do problema de que nos falta uma consciência plena dos processos e recursos simbólicos que moldam nossas vidas diárias, além dos diversificados aspectos que englobam a vida social.

Prosseguindo, Thomas (1993) ainda defende que partindo do esclarecimento de mecanismos envolvendo o controle e o poder, que geralmente implementa um senso comum hegemônico e ideológico, revela nos indivíduos uma conscientização do processo de domesticação. Para ele, o grande problema dessa domesticação advém do fato de que muitos grupos ainda acreditam que estão isentos de qualquer conflito com a ordem estabelecida, ou seja, com polícias, fiscais, governo etc.

A domesticação de um povo é considerada ideológica, uma vez que envolve um conjunto de atitudes e crenças que compartilham seus problemas sociais sobre o mundo. Assim, a consciência crítica da domesticação está inserida na gama de interesses da etnografia crítica, uma vez que analisam os processos que “modelam” a vida social e também as relações humanas. Dessa maneira, podemos considerar que a etnografia é “uma cultura estudando

cultura” (THOMAS, 1993, p. 10), pois consideramos que a pesquisa desenvolvida engloba a compreensão da cultura dos pesquisados sob a perspectiva cultural do pesquisador.

A pesquisa envolvendo o comportamento social, num referido ambiente, em que as interpretações ocorrem envolvendo o contexto das interações humanas, são particularidades da etnografia, como propõem Moreira e Caleffe (2006). Na visão dos autores mencionados, a interpretação do resultado da pesquisa se estabelece, com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações contextuais – sejam culturais ou sociais – a partir da observação dos sujeitos participantes da pesquisa. Nesta acepção, a etnografia volta-se para a descrição e interpretação das crenças, dos valores, dos eventos e das ações que envolvem a vida dos indivíduos pesquisados, que, em nosso caso, são alguns integrantes da Comunidade Quilombola São Domingos, na região de Paracatu-MG.

Segundo Gieve & Magalhães (1998), na perspectiva da etnografia crítica tanto os questionamentos levantados pelo pesquisador quanto as necessidades e interesses dos colaboradores devem ser disponibilizados mediante os resultados da pesquisa para o grupo pesquisado, uma vez que os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações culturais e sociais que os participantes da pesquisa desenvolvem.

Desse modo, esse tipo de pesquisa faz uso de técnicas relacionadas à descrição do contexto estudado, como reiteram Hammersley e Atkinson (1994), ao afirmarem que para que a etnografia sobressaia como método da pesquisa social, ela deverá ser composta de uma diversidade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Nesta perspectiva, a pesquisa etnográfica busca entender os possíveis significados indicados pelo discurso dos participantes, mantendo relação com o contexto no qual a informação foi gerada, mas também com a sua cultura.

Salientamos ainda que tanto a etnografia crítica quanto outras perspectivas de pesquisas qualitativas buscam envolver-se da maneira mais natural possível, com o objetivo de ter acesso às experiências, aos comportamentos e às interações, buscando compreender a dinâmica relacionada ao objeto de estudo. Devido a todos esses motivos, fizemos a opção em utilizar os métodos de pesquisa acima citados, já que existe um dinamismo no trabalho e cultura dos quilombolas, assim como uma enorme diferença na visão dos sujeitos que ali residem.

1.3 Estratégias e Procedimentos da pesquisa

Recorremos ao trabalho de cunho etnográfico por possibilitar observar, analisar, interpretar e descrever como determinados letramentos podem organizar tanto práticas sociais dos sujeitos quanto práticas de linguagem.

De acordo com Mattos (2011), os procedimentos com estratégias de base etnográfica não seguem rígidos padrões, sendo assim, a geração de dados e os instrumentos de coleta podem ser reformulados com a finalidade de englobar as particularidades do trabalho de campo. Nessa direção, com base na descrição etnográfica, procuramos analisar e registrar nuances do processo verbal e não verbal, além de permitir uma contextualização cultural do grupo social pesquisado.

1.3.1 As atividades em campo: o contato com a comunidade

A pesquisa de campo desenvolvida neste trabalho ocorreu em vários momentos distintos, uma vez que já conhecíamos a Comunidade Quilombola, não só por causa da pesquisa realizada durante o mestrado, mas também por frequentá-la em momentos de entretenimento (durante os períodos de jogos e campeonatos) e lazer, com passeio pela cachoeira que pertencia, na ocasião, ao território quilombola, mas hoje está no território da mineradora Kinross.

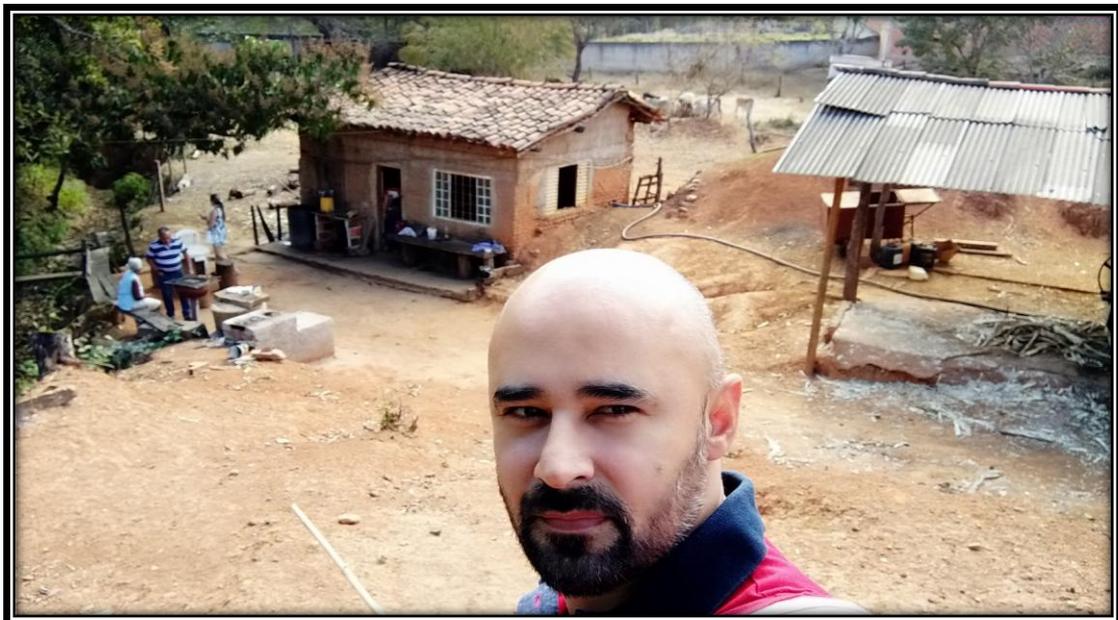
Outros momentos muito oportunos e importantes da comunidade, como o lançamento da Fábrica de Biscoito – sendo esse um acontecimento muito importante para a comunidade Quilombola – pode ser presenciada e registrada, obtendo grande participação dos cidadãos paracatuenses, além dos integrantes da comunidade. Além disso, conhecemos o engenho, local de grande relevância para a pesquisa que, além de trazer à memória lembranças especiais para este pesquisador, é local de visitação, por intermédio da ACONTUP (Associa o de Condutores de Turismo de Paracatu).

Foto 01: Inauguração da Fábrica de Biscoitos São Domingos



Fonte: Arquivo do pesquisador (2018)

Foto 02: Conhecendo o engenho da comunidade



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Como Professor Universitário da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, fomos convidados no ano de 2004 a assumir a coordenação do Campus da UNIMONTES no município de Paracatu-MG e fixamos moradia desde 2006 até os dias

atuais. No decorrer desse período, vivenciamos o período de renovação da concessão da mineradora Kinross, antiga RPM (Rio Paracatu Mineração), para exploração de ouro na região e também presenciamos, via reportagens e conversas, na região, os embates que a empresa extratora de ouro travou com alguns moradores de bairros vizinhos à mineradora, agricultores familiares, mas também com comunidades quilombolas que faziam divisas com “suas terras”, tais como a Comunidade São Domingos e a Comunidade Machadinho, que hoje já não ocupa seu território de constituição.

Devido a essa aproximação e oportunidade de conhecer um pouco mais a realidade, as mazelas, mas também algumas vitórias alcançadas pela comunidade São Domingos, suscitou-nos o desejo de realizar pesquisas voltadas a questões quilombolas e procurar ajudar, de alguma forma, as pessoas que ali residem.

1.3.2 A coleta e a constituição do corpus

Com o intuito de fazer o levantamento das informações sobre a comunidade quilombola São Domingos, frequentamos a comunidade em vários momentos como festas religiosas – em homenagem a São João –, expressões culturais típicas dos quilombolas de Paracatu – como a caretagem – e também tivemos a oportunidade de frequentar o restaurante da comunidade, onde tivemos a satisfação de conversar com o dono do estabelecimento, que é quilombola, e colher algumas informações prévias de como ter acesso a alguns moradores, tais como líderes, e também saber quando ocorreria a produção de rapadura.

Esses movimentos de expressões culturais e interações foram registrados através de vários instrumentos, tais como:

- Notas de Campo, no período de 06 meses, em que pudemos acompanhar a movimentação das pessoas indo à escola e ao trabalho, além de presenciar o desenvolvimento das festividades e a produção da rapadura;
- Entrevistas, em forma de narrativas, semiestruturadas e gravadas em áudio, com integrantes da comunidade (líderes e moradores diversos). Todas as entrevistas ocorreram dentro da comunidade, porém em diversos locais e momentos distintos como a sede a associação, praça e residência de uma das líderes. Destacamos que todas as entrevistas realizadas e várias conversas informais, em que tomamos nota, fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

- Participação de reunião e eventos, como espectador, e registro das expressões culturais como a caretagem em forma de vídeos e fotos;
- Consulta a livros e reportagens veiculadas em jornais locais como (O Lábaro e Jornal Dinâmico,) que constam no acervo do Arquivo público municipal José Michael Gonzaga, e que tratam de diversos assuntos tais como poluição das águas pela mineradora por causa da exploração do ouro, além de conflitos entre comunidade e empresa. Todavia, é válido enfatizar que reportagens enaltecendo o trabalho da mineradora, assim como trabalhos sociais apoiados por ela são destaques em muitas chamadas de jornais.

Os dados gerados, na presente pesquisa, também foram obtidos pelo processo de observação. De acordo com Erickson e Shultz (1998), o pesquisador observador faz uso de dois meios fundamentais de coleta de dados: o olhar e o perguntar. Por olhar entende-se observar as ações das pessoas em diversas situações, de maneira a tentar entender o significado que as ações praticadas demonstram. Já o perguntar refere-se aos questionamentos feitos aos colaboradores, relacionadas às ações notadas nas observações, com o intuito de tanto confirmar a compreensão de determinadas ações quanto de sanar dúvidas. A parte que se refere às perguntas foi realizada através de entrevistas semiestruturadas.

Conforme Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada dá ênfase a um assunto determinado sobre o qual montamos um roteiro com perguntas norteadoras que normalmente são complementadas por outros assuntos pertinentes às questões da pesquisa. Esse tipo de abordagem, para o autor, possibilita suscitar novas informações, de maneira natural, que podem não estar, necessariamente, vinculadas a um padrão de opções.

Não obstante, Manzini (2003) ainda se refere à necessidade de conter perguntas básicas direcionadas aos assuntos de interesse para atingir o objetivo da pesquisa. Neste caso, o roteiro serviria, tanto para extrair as informações básicas como uma maneira de o pesquisador se organizar para conseguir uma interação, mais natural possível, com o colaborador da pesquisa.

Gaskell (2011) assinala que uma entrevista qualitativa possui como fundamento uma compreensão detalhada das atitudes, crenças, motivações e valores relacionados aos comportamentos de determinado grupo em contextos sociais específicos. Nessa perspectiva, as entrevistas desta pesquisa tiveram questões semiestruturadas, conhecidas também como tópico-guia que, como defende o referido autor, embora procure transmitir a ideia de uma aparente conversa casual, uma preparação por parte do pesquisador é exigida. A seu ver:

O tópicoguia se fundamentará na combinação de uma leitura crítica da literatura apropriada, um reconhecimento do campo (que poderá incluir algumas observações e/ou conversações preliminares com pessoas relevantes), discussões com colegas experientes e algum pensamento criativo. (GASKELL, 2011, p. 66)

Destarte, de acordo como ocorre o desenvolvimento do tópicoguia pelo pesquisador, outras informações relevantes à pesquisa podem surgir e novos questionamentos podem ser feitos. Assim, uma das relevantes funções da pesquisa semiestruturada é proporcionar um referencial para um diálogo de tom mais natural, isto é, menos formal, porém não menos substancial.

1.4 Triangulação

Com o intuito de complementar resultados obtidos por meio de dinâmicas técnicas quantitativas fundamentadas na área da psicologia, Campbell e Fiske (1959), citado por Tashakkori e Teddlie (1998), iniciam a elaboração de uma forma para alcançar resultados de pesquisa, que foi denominada de triangulação. A triangulação, conforme Berg (2004), faz uso de diversas visões, através de diferentes métodos, para conseguir extrair interpretações mais imparciais de uma determinada realidade simbólica. No caso desta pesquisa, a percepção dos quilombolas entrevistados em relação à importância dos letramentos para conservação de valores a perpetuação da comunidade.

Na década de 1970, Denzin utilizou a concepção de melhoria dos resultados de pesquisa, fazendo uso de diversas metodologias para coleta de dados, além de sua análise, recorrendo a diversas estratégias. Dessa forma, o pesquisador trabalhou com a proposta de que uma hipótese testada com diferentes métodos poderia ser mais sólida do que apenas uma hipótese testada, a partir de um único método, conforme o autor atesta:

Nenhum método único jamais atenderá aos requerimentos da teoria da interação. Enquanto a observação participante permite o registro cuidadoso de situações e pessoas, ela não oferece dados diretos sobre as esferas mais amplas de influência que agem sobre os sujeitos observados. Porque cada método revela diferentes aspectos da realidade empírica, múltiplos métodos de observação devem ser empregados. Isso é denominado triangulação. (DENZIN, 1970 [1989], p. 28)

Denzin (1970 [1989]) propõe quatro diferentes formas de triangulação, que são: (I) triangulação de dados, que faz uso de diferentes usos de dados; (II) triangulação do investigador, que utiliza diversos observadores ou entrevistadores; (III) triangulação metodológica, que integra duas ou mais formas de coleta de dados, e (IV) triangulação da

teoria, que recorre a abordagem de dados tendo em mente perspectivas teóricas diferentes. Nesta pesquisa, utilizaremos as três últimas abordagens, uma vez que envolve pesquisa social com diversos participantes e possibilita, através de diversificadas teorias e diferentes métodos, determinar combinadas formas de estudo relacionadas ao comportamento humano.

Ainda segundo o autor, o pesquisador deve considerar o desenvolvimento da pesquisa social, três níveis de análise: o individual, o interativo (entre os grupos) e o das coletividades (cultural e organizacional).

Em consonância com o pensamento de Denzin, Bortoni-Ricardo (2008) afirma a importância do uso da triangulação para dar maior credibilidade à pesquisa. Segundo a autora, “A triangulação é um recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção. Pode-se construir também uma triangulação combinando as perspectivas de diversos atores em uma ação.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 61)

Assim sendo, elegemos não somente a triangulação teórica (tendo como base a Sociolinguística e os diversos Letramentos) para fundamentar a presente pesquisa, nos apropriamos também da triangulação metodológica, fazendo uso dos procedimentos da etnografia, da pesquisa qualitativa e da triangulação de dados; além disso utilizamos as notas de campo, as gravações das entrevistas realizadas com diferentes moradores da comunidade quilombola São Domingos.

Diante disso, utilizaremos um método de ordem transmetodológica, priorizando a combinação de diferentes formas, para mensurar a mesma unidade pesquisada, de forma que as correntes teóricas de um método se combinem com as de outro, com o intuito de obter melhores resultados.

1.5 Colaboradores da pesquisa

Para escolha dos colaboradores desta pesquisa, primeiro foi feito contato com a líder da comunidade que se dispôs a contribuir com este trabalho e cedeu algumas informações que promoveram *insights* neste pesquisador de maneira que pudéssemos buscar outros colaboradores e situações para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente relacionadas aos letramentos.

Alguns registros apresentados nesta pesquisa foram feitos a partir de informações que obtivemos com a líder da comunidade, como a semana da caretagem, o período de moagem da cana de açúcar e a preparação da rapadura.

O acontecimento da reunião anual foi outro momento interessante. Nesta, a líder passa para a comunidade o acerto das contas, informando o que foi feito, as parcerias, o que possui em caixa e, neste caso, a entrega da presidência da comunidade, uma vez que seu mandato estava vencendo⁹.

Nesta oportunidade, notamos que além de uma lista de presença que estava sendo passada aos participantes, uma integrante da comunidade, mais nova e com curso superior, fazia o registro de tudo que era abordado em reunião, por meio de uma ata, que também é fonte de análise deste trabalho. A referida escritora, que produziu a ata, também foi uma participante da pesquisa e demonstrou ser bastante atuante na comunidade.

Devido ao conteúdo registrado através da entrevista semiestruturada com essa participante, percebemos a necessidade de entrevistar outras pessoas, na mesma faixa etária, para verificar se algumas informações coletadas eram comuns em relação a novos moradores, ou se era a visão de apenas um participante, ou seja, isolada.

Também o produtor de rapadura foi outra fonte importantíssima para a realização desta pesquisa, uma vez que referenda os trabalhos de letramentos múltiplos defendida por Street (2014).

No decorrer do trabalho, novos participantes surgiram no decorrer do processo, mediante a necessidade da pesquisa, sem haver uma escolha prévia. Ademais, todo o material produzido e selecionado (como as entrevistas, os registros de eventos e os documentos da comunidade) foi analisado nesta tese.

⁹ Apesar de a líder ter colocado o cargo à disposição, explicado que há um período de vigência à frente da comunidade e que novas pessoas poderiam contribuir com novas ideias, ninguém se manifestou e se dispôs a assumir esse compromisso. Ao contrário, algumas moradoras propuseram que ela continuasse o trabalho, que estava sendo bem realizado e que elas se sentiam representadas pela atual líder. Interessante foi que o marido da líder não gostou da situação, pois a liderança tomava muito tempo e exigia grande compromisso de toda a família.

CAPÍTULO 2 – ABORDAGEM TEÓRICA: LETRAMENTOS, SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E TERRITÓRIO

Os letramentos são conceitos já bastante discutidos e estudados nas academias internacionais com autores como Street (2014, 2003,); Scribner e Cole (1981); Kress, (2003); e nas academias nacionais com autores como Kleiman (1995); Rojo (2009); Moita-Lopes (2006) dentre outros. Todavia, há uma nova corrente de estudos em volta da investigação da cultura letrada, envolvendo a escrita e a leitura, conhecida como Novos Estudos do Letramento (NEL). Essa nova concepção não concebe o letramento meramente como um conjunto de habilidades cognitivas, que seja restrita à mente do indivíduo, mas como um conjunto de práticas sociais situadas e associadas às relações tanto de poder quanto ideológicas.

Partindo desses novos estudos, sugere-se que a partir das experiências ocorridas em momentos diversos, o processo de letramento ocorre de maneira distinta, uma vez que as ocorrências sociais, históricas e cognitivas não se dão de maneira universal, pois, os NEL possuem diferentes efeitos em momentos socioculturais distintos.

Essa nova teoria dá o aporte teórico ideal para uma pesquisa em Comunidades Quilombolas, uma vez que uma das grandes contribuições dos Novos Estudos do Letramento (NEL) foi desviar o olhar aos estudos voltados ao ensino de habilidades, como as ocorridas nos processos de alfabetização, com o intuito de relacionar as práticas sociais aos chamados letramentos múltiplos, marginalizados e vernaculares, dando foco às representações, aos usos e às relações sociais que essas práticas resultavam.

Diante disso, o objetivo deste capítulo é dar suporte teórico para analisar as ideias envolvendo os NEL, baseado em Street (2014), situando as discussões sobre escrita e leitura numa perspectiva mais ampla, presumindo seus usos numa conjuntura sócio-histórica e cultural da comunidade envolvida nesta pesquisa.

Para isso, o capítulo foi organizado em oito seções, distribuídas da seguinte maneira: I) Novos Estudos do Letramento (NEL); II) Letramento Autônomo; III) Letramento Ideológico; IV) Práticas e Eventos de Letramento; V) Letramentos Múltiplos; VI) Sociolinguística Interacional, VII) Território e VIII) Identidades.

2.1 Novos Estudos do Letramento (NEL)

Conforme o pensamento de Street (2010), os Novos Estudos do Letramento (NEL) suscitam um novo olhar sobre a natureza do letramento – que não possuem como foco apenas a aquisição de habilidades, conforme é solicitado por abordagens mais tradicionais, como a histórica e a psicológica – concentrando-se no letramento como uma forma de prática social. Várias obras disseminaram as ideias referentes aos NEL e, apesar de abrangerem diversas áreas do conhecimento, como a sociolinguística, a educação, a psicologia e a antropologia, todas compartilham de vários pontos convergentes, como, por exemplo, ter em seus estudos uma abordagem etnográfica e sociocultural do letramento.

Levando em conta essa perspectiva mais sociocultural e etnográfica, tanto a escrita quanto a leitura são consideradas elementos imbricados culturalmente e não são desvinculados de questões ideológicas, políticas e inclusive de poder. Os autores dos NEL defendem um letramento oriundo de práticas sociais, vinculada a uma visão de que a escrita e a leitura, segundo Street (2014, p. 17), estão vinculadas “[...] em relações de poder e incrustadas em significados e práticas culturais específicos”. Dessa maneira, pensa-se em um letramento *lato*. Referendando o pensamento anterior, Gee (2000) afirma que esse tipo de letramento além de englobar elementos mais técnicos e individuais pode ser inserido nas práticas discursivas com questões culturais, com as identidades de determinados grupos sociais – como é o caso proposto nos estudos desta pesquisa –, englobando questões identitárias como crenças e valores.

Corroborando o pensamento dos autores citados no parágrafo anterior, Kalman (2013) elenca vários temas que os NEL abrangem, a saber: aquisição da leitura escrita; efeitos do uso da escrita na cognição humana; produção e compreensão de textos longos e complexos; uso e função social dos escritos na comunicação humana; valor social da escrita; relação entre o escrito e o oral; e papel do letramento no processo de libertação.

Ames (2004) também comunga dos pensamentos de Street (1995), destacando alguns pontos relevantes nos estudos do letramento, como enfatizar a existência de múltiplos letramentos, associados a diferentes domínios; compreender os letramentos em seus devidos contextos, sejam eles políticos, histórico, cultural ou social; relacionar a continuidade entre o oral e o escrito.

Para ilustrar a possibilidade de se trabalhar com o Letramento como Prática Social, apresentamos um trabalho desenvolvido por Heath (1982), intitulado *Ways With Words*, em

que ela – baseado na etnografia – estudou como o letramento está incorporado no contexto cultural em três comunidades tradicionais dos Estados Unidos. Segundo a autora, a dicotomia entre a escrita e a leitura possui pouca ou nenhuma validade e aponta ainda que “cada comunidade tem regras para interagir socialmente e compartilhar conhecimento nos eventos de letramento¹⁰” (HEATH, 2004, p. 145). Ela aponta ainda que as crianças adquirem a leitura e o letramento de acordo com o conhecimento partilhado em sua comunidade. Assim, somente através da etnografia, pode-se compreender os padrões interculturais dos usos da escrita e da oralidade, e também dos caminhos trilhados para se obter o que propõe a sociolinguística, com a variação diafásica, ou seja, a competência comunicativa, por meio de uma consciência linguística que atenda às necessidades do indivíduo.

Diante do exposto, podemos inferir que os fundamentos dessa abordagem estão ancorados na natureza social e cultural do letramento, além da diversidade das práticas letradas, isto é, o letramento é representado como um conjunto de práticas culturais e sociais que podem se desenvolver em contextos diversos. Dessa maneira, entendemos que os Novos Estudos do Letramento – NEL englobam não apenas questões individuais, como habilidades e competências, mas também questões ligadas aos papéis sociais do grupo ao qual as pessoas exercem em determinadas comunidades, revelando questões identitárias, de poder, crenças e valores em seu dia a dia.

Conforme Cassany (2004), no desenvolvimento de um estudo com uma abordagem sociocultural, como propõe os NEL, a preocupação com o uso da escrita e da leitura em espaços sociais, seja ele urbano ou rural, deve dar conta dos significados e usos que essas práticas exercem nas vidas das pessoas.

Uma autora que propõe uma reflexão bastante pertinente sobre o letramento é Ratto (1995, p. 268), para a estudiosa, “[...] a fala ou a linguagem também é lugar de constituição do sujeito” e, na sociedade atual, a pessoa considerada analfabeta está inserida nas atividades de produção mais relacionadas ao trabalho braçal. Prosseguindo, a autora enfatiza, “[...] quando eles têm a oportunidade de definir suas próprias necessidades, é provável que primeiro enfatizem seus problemas econômicos, seguidos por tais preocupações pessoais como a vida familiar, o cuidado dos filhos, a saúde e a nutrição.” (RATTO, 1995, p. 268). Como se percebe, o letramento não é considerado prioridade para as pessoas que pertencem às classes

¹⁰ Na seção 2.3.1 o assunto eventos de letramentos será desenvolvido.

menos favorecidas, uma vez que são forçadas a priorizar as necessidades essenciais como alimentação e saúde em relação à educação.

Isso não quer dizer que uma pessoa, considerada analfabeta, seja necessariamente iletrada, ou que ela não tenha convívio com práticas de letramento pelo fato de não frequentar agências de letramento tradicionais como a escola.

Assim sendo, Marcuschi (2004, p. 19) enfatiza que há várias formas de letramentos, e as suas práticas são “um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional.”

Sobre as diferentes formas do Letramento, Marcuschi (2004), seguindo as orientações de Street (1995), afirma:

[...] deve-se ter imenso cuidado diante da tendência à escolarização do letramento, que sofre de um mal crônico ao supor que só existe um letramento. O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem “letramentos sociais” que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados. (MARCUSCHI, 2004, p. 19)

Seguindo também um pensamento semelhante ao de Marcuschi, Kleiman (1995, p.19) defende que “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita”, sem fazer distinção entre sujeitos escolarizados e não escolarizados, entre analfabetos e não analfabetos, não obstante avalia nas mais variadas esferas sociais as condições de contato com a escrita, de maneira que, o que determinará o nível ou grau de letramento são as formas como se utiliza “o conhecimento sobre a escrita”.

2.2 Letramento Autônomo

Segundo Street (1995), o letramento autônomo é relacionado à prática escolar e, conseqüentemente, que a instituição escolar é a principal agência de letramento neste modelo, considerando a escrita, muitas vezes, longe do contexto, utilizada em um processo chamado por ele de pedagogização do letramento. Street (2004, p. 96) ainda conceitua o letramento autônomo “[...] em termos estratégicos, tratando-o como independente do contexto social.”

Seguindo a linha de pensamento de Street, para Kleiman (1995, p. 21), o letramento autônomo pressupõe que “há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social”.

Neste sentido, Street (2003) pensa no letramento autônomo como um conjunto de habilidades neutras e universais. O autor elenca algumas importantes características deste modelo:

- i) a escrita como um produto completo em si mesmo, desvinculado aos contextos que possibilitam a sua utilização, em outros termos, sua utilização é indeterminada cultural e socialmente;
- ii) a oralidade representada como modalidade inferior à língua escrita;
- iii) a associação entre a aquisição da escrita e a mobilidade social, promovendo o progresso de uma nação e proporcionando o funcionamento adequado na sociedade tecnológica;
- iv) a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Lopes (2004), coadunando do pensamento de Street, salienta que esse tipo de letramento, apesar de demonstrar seu valor, cria uma oposição, em termos de importância, entre oralidade e escrita. A pesquisadora reconhece “na escrita, enquanto tecnologia, qualidades intrínsecas que lhe conferiria valor de prestígio, extensivo aos indivíduos e às sociedades que tivessem o domínio desse recurso tecnológico” (LOPES, 2004, p.26).

Para Walter Ong (1998), o modelo autônomo centraliza-se em uma lógica abstrata, que não considera o contexto em diversas operações cognitivas e que a escrita provém de uma grande capacidade individual do sujeito letrado. Ong (1998) ainda defende que:

Ao isolar o pensamento em uma superfície escrita, separando-a de qualquer interlocutor, convertendo a expressão em algo autônomo e indiferente ao araque, a escrita apresenta a expressão e o pensamento como algo sem relação com todos os demais, independente e completos de alguma maneira (ONG, 1998, p. 17)

Bakhtin e Volochinov (1995) consideram não existir uma neutralidade no efetivo uso da linguagem e que, seja o letramento autônomo ou ideológico, a prática de letramento necessariamente trabalha com a interação e uma força nas vozes dos interlocutores, de maneira que ocorra o sentido e o dialogismo dos discursos.

Retomando Kleiman (1995), a seu ver, o uso da palavra, em diversos contextos enunciativos, estabelece a constituição dos sujeitos em interação (interlocutores) e que, através da ação dessa prática social, os indivíduos organizam seus discursos e suas

identidades. A autora apresenta também como ocorrem os letramentos nos mais variados eventos:

[...] a prática social é constitutiva da linguagem, a redução da dimensão interpessoal na escrita fica difícil de ser sustentada. A linguagem, seja qual for a sua modalidade de comunicação é, por natureza, polifônica incorporando o diálogo com vozes outras que as do enunciador. Estabelecendo o enunciado, ou o que nós chamaríamos de texto, como a unidade real da comunicação discursiva, Bakhtin insiste na necessidade de focalizar o linguístico como denominador comum dos mais diversos tipos de textos, apesar de suas grandes diferenças formais e da complexidade intrínseca dos gêneros a que eles possam pertencer (KLEIMAN, 1995, p. 29).

Street (2014) menciona que os estudos clássicos ainda possuem enorme influência e praticamente dominam a abordagem do letramento nos círculos acadêmicos e fazem parte de diversos programas de escolarização e tentativa de minimizar o analfabetismo. Não obstante, com o surgimento dos NEL, que trabalham numa perspectiva mais contextualizada da escrita e da leitura, esse pensamento vem aos poucos sendo substituído pelo que conhecemos, e defendido por Street, como letramento ideológico.

2.3 Letramento Ideológico

O antropólogo e linguísta Brian Street, na década de 1980, publica um trabalho intitulado *Literacy in Theory and Practice* (1984), por meio do qual propõe um modelo de análise das práticas letradas: o modelo ideológico, questionando o modelo anterior, o letramento autônomo. Segundo Street (1984, p. 54), denomina-se “modelo alternativo de letramento ideológico” ao se dar destaque para o fato de que “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade.”

A proposta idealizada pelo modelo ideológico concentra-se no caráter social da escrita e da leitura e concebe o letramento como uma prática social situada, que traz consigo questões relacionadas à ideologia e também ao poder. Esse novo modelo parte de premissas distintas do autônomo, que compreende um caráter individualista, e traz consigo um ponto de vista mais sensível e crítico em relação às práticas sociais. A esse respeito, Street (2010) postula que:

[...] o letramento constitui uma prática social e não uma habilidade técnica e neutra; além disso, sustenta que sempre está imerso em princípios epistemológicos socialmente construídos. As formas em que as pessoa empreendem a leitura e a escritura estão enraizadas em concepções sobre o conhecimento, a identidade e o ser (STREET, 2010, p. 44)

Street (2010) reconhece a existência de uma multiplicidade de letramentos em que os usos e os significados dessas práticas estão vinculados aos contextos culturais específicos, englobando uma diversidade de produções escritas e de leituras geradas por pessoas com diferentes conhecimentos culturais, tendo como perspectiva a finalidade e os seus respectivos usos.

Assim, o modelo letramento ideológico destaca a existência de vários letramentos, uma vez que se relacionam a conceitos construídos pelas pessoas sobre as suas maneiras de ver, interagir e ser no mundo, a partir dos diversos contextos socioculturais dos quais vivem e participam.

Apesar de distintos, o modelo ideológico admite habilidades estratégicas que são necessárias nos processos de letramento referentes, por exemplo, aos processos de aquisição do sistema de escrita, às relações entre grafemas e fonemas, ou à análise estrutural no nível das unidades linguísticas. Dessa maneira, o modelo não deixa de reconhecer que essas competências

[...] estão sempre sendo empregadas em um contexto social e ideológico, que dá significado às próprias palavras, sentenças e textos com os quais o aprendiz se vê envolvido. Nesse sentido, até mesmo a aquisição inicial do letramento, que se dá na escola ou através de programas específicos, é sempre ideológica, ao mesmo tempo em que envolve habilidades técnicas e conhecimento. (STREET, 2003, p. 9)

Street considera o próprio modelo autônomo como um modelo bastante ideológico, uma vez que seus apoiadores privilegiam as práticas de letramento de indivíduos pertencentes a grupos específicos, como daqueles que se estabeleceram no poder e são considerados, historicamente, detentores de valorizadas práticas de letramento. Dessa maneira, Street cogita que qualquer modelo de letramento é, na verdade, ideológico, pois

[...] as maneiras utilizadas pelas pessoas quando consideram a leitura e a escrita vêm em si mesmas enraizadas em conceitos de conhecimento, de identidade e de ser. Neste sentido, o letramento é sempre contestado, tanto seus significados quanto suas práticas, e assim as versões específicas sobre ele serão sempre “ideológicas”, serão sempre fundamentadas em uma visão particular do mundo. (STREET, 2003, p. 5)

Diante desse olhar sobre o letramento ideológico, é interessante relacioná-lo ao que David Barton (1994, p. 34-35) nomeia de letramento ecológico, baseado em como as pessoas utilizam a leitura e a escrita em eventos do cotidiano. Assim, Barton organiza uma abordagem do letramento sob oito aspectos, que são:

I. O letramento é uma atividade social, podendo ser descrita em forma de práticas coletivas e que podem nortear os eventos¹¹ de letramento. A ideia de práticas de letramento proporciona uma compreensão de *links* relacionados à leitura e à escrita com as estruturas sociais em que em que são desenvolvidas.

II. As pessoas possuem diferentes letramentos dos quais fazem uso em diversos momentos sociais da vida e à medida que existe interação com diferentes culturas ou histórias, mais letramentos são incorporados.

III. As práticas de letramentos são situadas nas relações sociais de maneira que estes ajudam a dar forma aos sentidos e às práticas sociais agregados às práticas de leitura e de escrita.

IV. O letramento tem como base um sistema de símbolos, ou seja, um sistema simbólico usado para a comunicação.

V. O letramento é um sistema simbólico usado para representar a própria visão de mundo, sendo ele parte de nosso pensamento.

VI. Nós temos consciência, atitudes e valores com respeito ao letramento e nossas ações são direcionadas por essas atitudes e valores, uma vez que os letramentos estão vinculados a contextos institucionais.

VII. O letramento tem uma história. A história de vida das pessoas envolve muitos letramentos, que são construídos do passado ao presente, uma vez que ao longo da vida ocorrem novos aprendizados e novos letramentos.

VIII. Um evento de letramento tem uma história social. Todavia, novas práticas de letramentos são criadas a partir de conhecimentos do passado, sendo que elas podem ser ampliadas ou reduzidas de acordo com as demandas sociais.

Nota-se que, a partir das concepções estabelecidas por Barton, as práticas de letramento ocorridas no decorrer da vida estão incorporadas por nossas ações, intenções e por nossa consciência, ou seja, são intrínsecas à nossa vida mental. Além disso, outra abordagem supracitada pelo autor é que os eventos de letramento também são marcados tanto pela história quanto pela cultura das pessoas.

Kleiman (1995) defende que o modelo ideológico não se trata da negação do outro modelo, mas, sim, do reconhecimento de que o letramento não se explica singularmente, mas no plural, uma vez que suas práticas não se limitam a uma única forma. A autora ainda

¹¹ Na próxima seção, 2.3.1, detalharemos Eventos e Práticas de Letramento.

considera a interdependência entre as modalidades, uma vez que a escrita interage com outras estruturas presentes na sociedade, variando conforme as práticas de cada grupo social, ou instituição de acordo com os papéis que sujeitos desempenham.

Dessa maneira, para Kleiman (1995), o modelo ideológico de letramento

[...] não deve ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento. Os correlatos cognitivos da aquisição da escrita na escola devem ser entendidos em relação às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita na escola representa. Por outro lado, [...] o questionamento dos efeitos universais do letramento alarga o campo de investigação consideravelmente, pois aspectos específicos do fenômeno podem ser examinados relativamente a questões outras que o marco divisor entre oralidade e escrita, e mesmo as consequências cognitivas podem ser estudadas enquanto fenômenos complexos cuja correlação simplista com a aquisição da escrita esconde a complexidade do fenômeno (KLEIMAN, 1995, p. 39).

Referendando o pensamento de Kleiman (1995), Mortatti (2004) reforça que nas diferentes maneiras de abordagens desse modelo, a escrita e a leitura devem ser consideradas atividades de natureza social, uma vez que são produtos sócio-históricos que podem variar no espaço e no tempo e dependem do contexto em que foram produzidos.

Refletindo sobre a temática, podemos inferir que o letramento ideológico trata-se de uma concepção ampla e alternativa de letramento, que aceita os usos da escrita e da linguagem como práticas sociais e que se desdobram para além do espaço escolar, principalmente em relação ao sujeito e ao código linguístico. De acordo com Alencar (2010), as práticas de letramento ideológico não seguem um rigor metodológico. Ela considera que as interações do sujeito com os mais variados suportes de leitura e de escrita podem ocorrer de maneira distinta além da escrita.

Outro aspecto importante relacionado ao letramento ideológico é a percepção integradora que traz em relação à oralidade e à escrita, pois as práticas e eventos de letramento desenvolvem-se por meio de um *continuum*, ou seja, não apresenta a dicotomia, pois nos usos da língua oral e da língua escrita, essas modalidades e seus usos se interpenetram.

Para Buzato (2007, p. 153), o letramento pode ser compreendido como um conjunto de “[...] práticas sociais, plurais e situadas, que combinam oralidade e escrita de formas diferentes em eventos de natureza diferentes, e cujos efeitos ou consequências são condicionados pelo tipo de prática e pelas finalidades específicas a que se destinam”.

2.3.1 Práticas e eventos de letramento

O termo evento de letramento, para Barton (1994), tem origem na ideia de eventos de fala, oriunda da sociolinguística, sendo utilizada primeiramente na área do letramento em uma pesquisa realizada na década de 80 por Anderson (1989).

Heath (1982), ao tratar do termo evento de letramento, considera que ele engloba todo contexto em que um indivíduo portador de escrita, participa da natureza das interações entre os membros e seus modos de interpretação.

O discernimento sobre o evento de letramento favorece a percepção do quão importante é sua função na sociedade, uma vez que o letramento favorece a vivência de inúmeras situações, seja em uma interação frente a frente, ou seja, com a participação de indivíduos, mediante o intermédio da leitura ou escrita, ou em situações à distância (livros, cartas, jornais). Sendo assim para alcançar o letramento é necessário conhecer os eventos nos quais ocorrem os usos da leitura e da escrita.

Com isso, é possível vislumbrar que o letramento está inserido no cotidiano, não se resumindo apenas aos espaços escolares, e sim, praticados nos mais diversos lugares, por diferentes indivíduos na sociedade. Dentro desta perspectiva, a percepção de como a sociedade utiliza a escrita se liga diretamente à situação onde isso ocorre, levando ao conhecimento de que os eventos de letramento são peculiares de uma comunidade, em um período próprio da História.

Para Lopes (2004), semelhante aos eventos de fala, há um processamento dos eventos de letramento conforme regras socialmente estabelecidas, pois “podem desenvolver-se numa sequência de ações e envolver apenas uma pessoa ou um grupo delas, seja para elaborar uma peça escrita ou para ler alguma previamente produzida”. (LOPES, 2004, p. 47)

Nessa mesma acepção, Barton (1994) analisa que os eventos ocorrem de maneiras diferentes, com finalidades distintas e com padrões característicos, de acordo com o local e o contexto onde ocorrem.

Barton (1994) define *práticas de letramento* como a forma cultural de uso da leitura que surge nos *eventos de letramento*. Dessa forma, o evento de letramento constitui o trabalho específico no qual a leitura e a escrita têm função absoluta, enquanto as práticas de letramento caracterizam tanto a conduta, quanto o ponto de vista, social ou cultural, dos indivíduos que

integram os eventos de letramento, estabelecendo sua análise em relação ao uso da leitura e da escrita em um contexto específico.

Segundo Street (2003), as práticas de letramento se referem ao uso da leitura e da escrita em situações distintas, englobando concepções mais abrangentes. Nas palavras do autor:

O conceito das práticas de letramento tenta tanto tratar dos eventos quanto dos padrões que tenham a ver com o letramento, tratando de associá-los a algo mais amplo, de uma natureza cultural e social. Parte dessa amplificação tem a ver com a atenção dada ao fato de que trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais relacionados à natureza que o evento possa ter, que o fazem funcionar, e que lhe dão significado. É impossível para nós chegar a esses modelos simplesmente permanecendo sentados sobre um muro com uma câmera de vídeo, observando o que estiver acontecendo. (STREET, 2003, p.17)

Street (1995) concorda que, uma vez que existe a associação da leitura ou da escrita a identidades sociais específicas, perceptivas aos seus usuários, elas são concebidas em relação a determinados comportamentos ou funções assumidas.

Isto posto, Barton (1994) defende que as práticas de letramento não são as unidades observáveis de comportamento em si, mas o que estas revelam quanto às concepções e aos valores que as configuram, ou seja, revela o que os usuários dessas práticas pensam e sabem sobre o letramento e como os seus usos são percebidos por eles.

2.4 Letramentos Múltiplos

De acordo com Rojo (2009), múltiplos letramentos referem-se às diversas e múltiplas práticas letradas, que podem ser valorizadas ou não pela sociedade. Um dos primeiros pensadores a utilizar esse termo foi o linguista e antropólogo Brian Street. Em suas palavras, ele pensou nos letramentos múltiplos “na tentativa de opô-lo a uma noção reificada, segundo a qual existe apenas uma coisa chamada letramento [...] que é singular e autônomo no sentido de ser um fator que, de forma independente, tem efeito sobre outras coisas” (STREET, 2012, p. 71).

Diante de novos estudos e publicações principalmente no âmbito das Ciências da Educação, mas também das Ciências Linguísticas e de novas formas de expressão resultadas das novas tecnologias, abordando questões no campo dos NEL, foram possíveis certas mudanças na forma de ver e trabalhar com a língua materna.

Devido a essas mudanças e apropriação da sociedade dessas novas modalidades de comunicação, tanto a escrita quanto a leitura passaram a ser analisadas sob uma perspectiva de multiplicidade de letramentos, justamente devido ao novo mundo multissemiótico e das práticas sociais ligadas às diversas culturas, contestando padrões culturais cristalizados.

Justamente por causa dessas modificações de padrão e de metodologias, houve a necessidade de surgir novas terminologias que abarcassem esses novos fenômenos linguístico-discursivos, sendo então criada a nomenclatura Múltiplos Letramentos, expressão que nos dá respaldo para compreender o surgimento, nas últimas décadas, de alternativas de estudos baseadas na exploração em diversos letramentos da vida social.

Sousa e Araújo (2016) entendem letramentos múltiplos como diferentes conhecimentos que se constroem e se sustentam nas variadas situações de escrita e de leitura, constituindo práticas sociais e de letramentos que permeiam as diferentes esferas da sociedade, proporcionando leitura, compreensões e interpretações dos saberes tanto empíricos quanto científicos.

Nas escolas a habilidade mais trabalhada é a que postula os letramentos autônomos, mas a inserção das ideias de múltiplos letramentos desafia essa noção autônoma e singular de letramento. Como o letramento autônomo se preocupa com o contexto em que estão sendo veiculadas as informações, ele procura desenvolver desde trabalhos mais complexos como a elaboração de um parecer técnico para uma instituição governamental, até atividades mais corriqueiras como se orientar em uma rodoviária ou aeroporto, fazer uma lista interesses, preencher um cheque ou elaborar um bilhete para seu cônjuge. O conceito apresentado ainda engloba práticas sociais marginalizadas como o grafite, ou emergentes como o uso do aplicativo Whatsapp e o uso do “*internetês*” nas redes sociais.

De acordo com Kleiman (1995), espaços diversos que orientam as práticas de indivíduos e de comunidades para diferentes letramentos são conhecidos por agências de letramento. A instituição escolar não é, de acordo com a proposta anterior, a única delas, caracterizando-se indiscutivelmente como uma agência de letramento importantíssima, mas não é a única agência de letramento que atua na vida das pessoas. Dessa maneira, propusemos pesquisar alguns letramentos que fogem desse padrão e são desenvolvidos na comunidade quilombola São Domingos. Nesses termos, pessoas e grupos podem ser letrados em diversos espaços e por meio de diversas práticas, conforme afirma Kleiman:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Como se vê, para a autora, uma pessoa pode se tornar letrada em vários níveis, por meio de diferentes agências de letramento. Haja vista que os letramentos são múltiplos e podem variar no espaço e no tempo, uma vez que eles ocorrem em momentos distintos na vida das pessoas.

Sintetizando, os letramentos múltiplos estão relacionados à diversidade de eventos, atividades requeridas por práticas sociais de escrita e de leitura, desenvolvidas em diversos domínios sociais (mercado, internet, igreja, casa), e mobilizadas por diferentes pessoas no desenvolvimento de seus diferentes e respectivos papéis sociais.

2.5 Sociolinguística Interacional

Com a possibilidade de contribuir com a mutualidade que há na linguística e também nas estruturas sociais, a Sociolinguística é uma ciência que estuda os padrões e os comportamentos concernentes à linguagem. Nessa vertente, a sociolinguística é um ramo da linguística que leva em consideração a relação entre a sociedade e o funcionamento da língua (MUSSALIN e BENTES, 2008). Antes mesmo de se tornar independente como ciência no século XX, vários linguistas como Bakhtin (1895-1975), Meillet (1866–1936) dentre outros já haviam desenvolvido estudos embasados nas teorias sociolinguísticas.

Vários teóricos como Willian Labov (1927), Gumperz (1982) e Dell Hymes (1974) apontam a sociolinguística como interdisciplinar, uma vez que o fenômeno linguístico ocorre em um determinado contexto social. Outros autores contemporâneos como Allan Bell (2014), Bortoni-Ricardo (2005, 2008, 2014) Calvet (2002) e Sousa (2006) também têm desenvolvido grandes estudos relacionando a língua como fator social.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), duas premissas foram responsáveis para o surgimento da Sociolinguística como uma disciplina interdisciplinar: a heterogeneidade linguística sistemática e o relativismo cultural. Enquanto este se origina dos estudos a respeito das línguas ameríndias de Frans Boas (2004), aquela é constituída por uma herança da linguística estruturalista.

Reiterando a questão da interdisciplinaridade da Sociolinguística, Sousa (2018), no prelo), relata que a referida ciência dialoga com outras ciências sociais tais como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social, constituindo um amplo campo para as pesquisas contemporâneas. Ainda segundo a autora,

[...] pode-se verificar em comunicações, palestras e projetos como a Sociolinguística é um ciência de muita produção científica no mundo. Dentro dela, têm-se investigações com diferentes línguas e temas conservadores: variação, mudança, política linguística e inovadores: etnossociolinguística e demossociolinguística, por exemplo, considerando que o amplo campo de investigação da sociolinguística trata de língua, sociedade e interação, desembocando na relação cultura, identidade e principalmente variação linguística que é da natureza das línguas, que são heterogêneas. (SOUSA, 2018, p. 17)

A relação estreita entre a Sociolinguística, a Antropologia e a Sociologia, permite o surgimento do que chamamos de antropologia linguística ou etnolinguística, que consiste na análise e descrição de uma língua, incluindo aspectos da cultura em que é utilizada. Nessa conjuntura, a Sociolinguística Interacional é inserida por levar em consideração a relação entre os interlocutores.

A sociolinguística possui algumas vertentes como a variacionista e a interacional, contudo utilizaremos esta última que é mais relevante para a discussão deste trabalho. Segundo Martins (2000), estudando o discurso como uma interação face a face, a Sociolinguística Interacional constitui em uma vertente sócio-pragmática e procura investigar a maneira como as pessoas negociam a comunicação nos diversos contextos de fala, utilizando a competência comunicativa de que se vale.

Segundo Figueroa (1994) a Sociolinguística Interacional de Gumperz (1982) tem como foco o comportamento do indivíduo em situações cotidianas, analisando a linguagem enquanto fenômeno social, de forma a perceber como os indivíduos concebem relacionamentos, desempenham as relações de poder e mediam as identidades sociais.

Alinhados a essa ideia, nesta seção, iremos fazer uma abordagem sobre a sociolinguística interacional, justamente por englobar tanto elementos culturais quanto elementos de interação e de fala. Tal característica possibilita revelar aspectos discursivos concernentes a identidades, valores e crenças, estruturadas em relações cotidianas e interativas entre as pessoas. De acordo com Calvet (2002), as pessoas não usam a língua da mesma maneira em todas as situações em que estão inseridas, dessa forma a variação da língua ocorre principalmente com o contexto com os quais nos defrontamos.

Segundo Gumperz (2002), a Sociolinguística Interacional mostra que nos estudos sociolinguísticos existem uma diferença entre aspectos analíticos macro e micro, também denominados de macrossociolinguística e de microssociolinguística. Os aspectos macrossociolinguísticos englobam o discurso, a variação linguística, a etnografia da comunicação, a linguagem e sexismo, as implicaturas conversacionais, a pragmática linguística. Já os aspectos microssociolinguísticos incluem multilinguismo, bilinguismo, diglossia, atitudes linguísticas, mudança linguística, manutenção e planejamento.

Levando em consideração a proposta desta pesquisa e baseado nos conceitos apresentados nos parágrafos anteriores, podemos afirmar que este trabalho está baseado em aspectos da microssociolinguística por envolver um contexto histórico, cultural e social de uma determinada comunidade quilombola, no município de Paracatu-MG.

Retomando aspectos da sociolinguística interacional, Gumperz (1982) enfatiza o conhecimento individual e sua trajetória, ou seja, o que é repassado deste conhecimento, como ele é dividido, seu nível de propagação e significância; outra questão relevante diz respeito a teoria do "comportamento individual" que é aceito por Gumperz, o qual considera a interação um componente da realidade social.

Isto posto, esses conhecimentos como componente da realidade possibilita ao pesquisador estudos com base teórica multidisciplinar, por estar ancorada nos conhecimentos da linguística, da antropologia e da sociologia, as quais envolvem áreas relevantes como a linguagem, a cultura e a sociedade.

Ainda para Gumperz (1982), a atividade ou evento de fala é considerada a unidade mínima de significação social, que a Sociolinguística Interacional se ocupa, pois essa atividade é definida como um conjunto de relações sociais realizadas, a partir de um conjunto de esquemas de intenções comunicativas. Ou seja, narrar um evento, como um assalto, ou conduzir uma reunião, como aconteceu na comunidade São Domingos, exige um compartilhamento de conhecimentos entre os interactantes de uma atividade de fala sobre o assunto abordado.

Nesse processo, a interação face a face é uma característica importante, porque direciona a compreensão de como a linguagem é situada em determinados contextos, seja na vida social ou particular, e de como determinados eventos direcionam as interações recíprocas dos indivíduos (GOFFMAN, 2002). Nesses diferentes domínios em que ocorre a interação, as pessoas envolvidas geralmente assumem papéis sociais determinados pela conduta que

desenvolvem no momento da interação. Como exemplo dessa interação, em parte do capítulo analítico (seção 5.1 Assembleia dos Moradores na Comunidade) foi analisada uma situação de reunião ocorrida na comunidade quilombola e que foi presidida pela líder da comunidade, mas também com interação de outros participantes.

De acordo com Gumperz (1982), a ocorrência de interação por meio das trocas conversacionais é dotada de propriedades dialógicas que permitem ao pesquisador inferir determinados sentidos: uma destas propriedades é a possibilidade de negociação das interpretações entre falante e ouvinte, sendo que as possíveis reações produzidas no interlocutor são acompanhadas de julgamentos, podendo concordar ou não com o enunciador. A outra propriedade refere-se à afirmação, considerando que a conversação contém em si mesma evidências internas do que será seu resultado, sendo assim, um participante pode compartilhar ou não das convenções interpretativas, o que determinará se os fins da teoria comunicativa foram bem sucedidas ou não.

O comportamento linguístico é, muitas vezes, de natureza automática, todavia, existe uma intencionalidade na comunicação baseado em um conhecimento subjacente, pois essa intencionalidade é definida em termos de objetivos e propósitos, mas também em termos de significação e referência. Dessa forma podemos entender que a interpretação de um sentido, refere-se a uma interpretação de intencionalidade, uma vez que há intencionalidades em uma atividade de fala, conforme o propósito comunicativo, mas também à competência comunicativa.

O conceito de competência comunicativa foi pensado por Hymes (1974) e dele advém o que chamou de *viabilidade*, que está relacionada a fenômenos cognitivos e sensoriais. Bortoni-Ricardo (2004) corrobora o pensamento de Hymes, associando essa *viabilidade* à ideia de *recursos comunicativos*, uma vez que para que ocorra a viabilização do ato de fala, é necessário que a pessoa faça uso de recursos comunicativos de natureza lexical, gramatical, além de estratégias retórico-discursivas.

Falando em comunicação, a interação é um fator fundamental no ato comunicativo. Quanto a isso, Goffman (1998) verifica que a interação se organiza em enquadres, ou seja, em maneiras distintas como os discursos se realizam e se tornam inteligíveis em diversos momentos. Assim, o falante apresenta, inicialmente, várias expectativas sobre o que está se passando no contexto comunicativo antes de fazer qualquer dedução relacionada ao sentido do que está ocorrendo. O conjunto dessas expectativas é denominada *Frame*, enquadramento

ou moldura. O enquadre¹² ocorre na interação, em situações de fala e em gêneros discursivos da oralidade, formulando a metagemagem:

O enquadre situa a metagemagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metagemagem a partir da qual situamos o sentido implícito de uma mensagem. (GOFFMAN, 1998, p. 70)

Nessa mesma acepção, Bateson (1972) afirma ocorrer no enquadre uma metagemagem em que os enunciados do discurso são compreendidos, haja vista que esse evento delimita um conjunto de mensagens ou ações essenciais para a compreensão. Ainda segundo o autor,

Nenhum enunciado do discurso pode ser compreendido sem uma referência à metagemagem do enquadre (*frame*). O enquadre contém um conjunto de instruções para que o/a ouvinte possa entender uma dada mensagem (da mesma forma como uma moldura em torno de um quadro representa um conjunto de instruções que indicam para onde o observador deve dirigir o seu olhar). (BATESON, 1972, p. 57)

Para finalizar essa seção, trataremos da noção de *footing* que Goffman ([1979] 2002, p. 147), dentre várias descrições, definiu como a “[...] habilidade de um falante competente de ir e vir, mantendo em ação diferentes círculos”. Para o autor, as mudanças de *footing* podem ser entendidas como mudanças de enquadre. Nestas mudanças estão envolvidas postura e posicionamento do interlocutor e podem ser evidenciadas pela alternância prosódica ou de código, entre outros marcadores linguísticos ou paralinguísticos.

Refletindo sobre as questões, percebemos que os recursos comunicativos são necessários tanto para o discurso oral quanto para o escrito. Para esses discursos, a pessoa faz uso de recursos linguísticos e discursivos da fala, que facilitam a leitura, a compreensão e a interpretação do texto. Para alcançar esse objetivo, faz uso de paráfrases, reiteração, adequações morfossintáticas e lexicais, trabalhando também aspectos semânticos.

2.6 Território

A relação de um grupo social é conceituado quando o espaço (território) de ocupação é relativamente estável, e quando há um relativo controle e acesso aos meios materiais

¹² As análises da sociolinguística interacional ocorrerão no decorrer dos capítulos analíticos, abordando questões pertinentes a ela.

necessários à reprodução social do grupo, além de características identitárias e culturais desenvolvidas nesse espaço. (HAESBAERT, 2004)

Nas ciências humanas, território é compreendido como construção originada da apropriação do espaço por um grupo social, por meio da relação das pessoas entre si e dessas com o meio natural ocupado ou com outros grupos.

De acordo com Souza e Teixeira (2009), em uma ocupação do espaço sempre ocorre a relação entre diferentes comunidades, dessa maneira no território ocorre um determinado estabelecimento de hierarquias e que pode ser caracterizado por uma relação de poder entre diferentes grupos. Assim, para Haesbaert (2007), o território reflete diversas condições de autonomia sobre o espaço ocupado pelos grupos sociais, e também está sujeito ao poder de atores sociais externos, como ocorre na comunidade pesquisada em relação a seus vizinhos.

Nas palavras de Almeida (2008), o espaço é composto de aspectos materiais sejam eles naturais como solo, água, etc., ou sociais como construções, trabalhos, pessoas; e imateriais como concepções de mundo, ideologias, culturas, conhecimento, significados simbólicos e afetivos como, por exemplo, a ideia de pertencimento a um determinado território.

A Ecolinguística, ramo relativamente novo da linguística, assevera que o território é parte fundamental para compor a tríade que ancora seus estudos, como afirma Couto (2009):

Para se chegar ao **ecossistema linguístico** basta observar a intuição do leigo. Quando ele ouve o nome de uma língua pela primeira vez, a primeira pergunta que faz é sobre que povo a usa. Diante da resposta, ele deseja ainda saber onde se localiza esse povo. O povo ou **população** (P) corresponde à população da ecologia; o onde, ao **território** (T); os padrões de inter-relação, à **língua** (L). O ecossistema linguístico básico é o todo formado por P, T e L. (COUTO, 2009, p. 127).

Como se vê, língua tem um território (seja ele natural, mental ou social) e o povo é quem, por direito e condições cognitivas, faz uso e torna-se seu “proprietário”.

O espaço possui diversas dimensões tais como: social, cultural, econômica, política e natural, e é ele que constitui elementos para a construção de um território. Todavia, de acordo com os interesses da pesquisa, os estudos relacionados ao território podem buscar apreender todas essas dimensões ou somente parte delas.

A territorialidade de um determinado grupo, conforme Haesbaert & Porto-Gonçalves (2006), corresponde à maneira como esse se relaciona com o território, de maneira que exista

condições de afirmação desse mesmo grupo. Todavia, nem sempre acontece dessa forma por causa de conflitos de diferentes territorialidades na ocupação de espaços. Tal fato, pode ocasionar reconstruções de territorialidades como desterritorializações (retirada de grupos sociais dos territórios ocupados) ou reterritorializações (ocupações de novos espaços), em que alguns dos elementos da territorialidade são conservados e parte desses elementos é perdida, de acordo com os novos aspectos socioambientais desenvolvidos na nova área ocupada¹³.

Concomitantemente às questões territoriais, outro fator que se deve considerar é a identidade das pessoas, pois ela se baseia na coletividade de uma aceitação de base material e imaterial, que são compartilhadas e, conforme afirma Almeida (2008), implica a internalização de valores como crenças, condutas, etc., que norteiam os referenciais da população que ali habita.

A identidade é definida por relações internas ao grupo, pois delinea uma construção socioespacial adotada por autoatribuição e de diferenciação em relação a outros grupos e também por relações interculturais nas fronteiras, (ROSENDAHL & CORRÊA, 2012). Ela ainda detém como base a cultura e procura reproduzi-la, uma vez que dá sustentação às relações sociais que a compõem. A cultura é fruto da mediação do homem com mundo, interagindo com o espaço. Dessa maneira, conforme Martins (2000), a identidade é construída simultaneamente à territorialidade, durante a organização social no espaço ocupado e na solidificação do território.

Para que ocorra uma identidade territorial é necessário que o território tenha um papel central para a identidade social (HAESBAERT, 2007). É o que ocorre com a questão quilombola, que possui manifestações em várias dimensões como atividades produtivas, solos, rituais, festas etc.

Conforme Almeida (2008), a relação com o território não se dá com qualquer pessoa, ela depende do histórico dos grupos sociais com o lugar onde vivem, pois diferentes pessoas que compartilham um mesmo espaço possuem diversificados graus de identificação e de pertencimento ao território, que pode refletir em modos de apropriação do espaço.

¹³ Apesar de não fazer parte desta pesquisa, é imprescindível citar que essa situação é fator recorrente com comunidades quilombolas. Exemplificando esta situação, no Noroeste Mineiro, das cinco comunidades quilombolas todas sofreram algum tipo de perda de território. Infelizmente, cito duas dessas comunidades como a Porto Pontal, que quase não possui sua área original, pois suas terras são vendidas geralmente para construção de sítios à beira do rio Paracatu e a comunidade Machadinho, que foi retirada pela mineradora e os alocou em outro terreno.

As relações internas entre os indivíduos de uma comunidade e entre os demais grupos sociais com os quais convive, sobre seu território, estão ligadas à dimensão cultural, que também está associada à política. A visão de mundo, os saberes e as práticas das comunidades dependem também, politicamente, da estruturação do jogo de forças estabelecido pela comunidade, interna e externamente.

Dessa maneira, a conservação da territorialidade está ligada à manutenção da oferta de recursos naturais e sociais que ocorrem em determinada área, sendo que quando algum desses elementos é alterado pode implicar uma reorganização existente da territorialidade, promovendo o deslocamento¹⁴ pensado por Hall (2003[1992]).

Faz-se necessário reiterar que os aspectos naturais demonstram enorme relevância para a construção das territorialidades, sobretudo quando se trata de comunidades quilombolas, cujo modo de organização no espaço depende, reiteradas vezes, das condições naturais para sua reprodução, que também fazem parte das conhecidas comunidades tradicionais.

Na construção de territórios, sempre haverá elementos do espaço que agem redefinindo a territorialidade existente. Dado que cultura e natureza são dinâmicas, é natural que cultura, identidade e espaço possam ser, ao longo do tempo, reconstruídos. Segundo, Almeida (2008), mesmo ocorrendo essa dinamicidade, há uma tendência na cristalização das formas de organização socioespaciais, isto é, os territórios assumem uma organização com resistência a mudanças e relativamente bem estruturada.

Pensando assim, as transformações culturais e espaciais não são imediatas. Esses traços incorporados na cultura e na identidade interagem com novas dinâmicas, assimilados na reconstrução da territorialidade, mas mantêm diversas de suas peculiaridades. Um exemplo que podemos citar são os antigos quilombos que, independente do período de sua construção, muitos mantiveram suas características culturais, de origem africana, e manifestações adquiridas desde sua criação.

2. 7 Identidades

As identidades, principalmente vinculadas às questões culturais, de acordo com Hall (2003[1992]), vêm perdendo estabilidade desde o final do século XX. Esse fator decorre devido à grande dissolução cultural ligada a vários setores como gênero, classes etc., que num passado não muito remoto davam certa estabilidade e situava o indivíduo socialmente.

¹⁴ O conceito de deslocamento, desenvolvido por Hall (2003[1992]) será explanada na próxima seção Identidades.

Segundo o autor, essas mudanças produzem crises identitárias às pessoas, ocasionando o que Hall denomina de deslocamento do sujeito.

Ainda segundo o autor, as identidades sejam de grupos sociais ou somente de pessoas dependem de algo semelhante a uma contestação, de maneira que para haver a ideia de pertencimento a um determinado grupo, é necessário que haja significação. Dessa forma, podemos dizer que a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando a coerência é deslocada e traz incertezas ao indivíduo. Ademais, o deslocamento colocado por Hall (2003[1992]) pode ocorrer em diversas áreas como política, econômica, social ou cultural.

De acordo com Cardoso de Oliveira (1976), identidades são formadas através do contraste e a partir do contato com outros grupos. Nessa inferência, a identidade se constrói pela diferença, uma vez que ocorrem determinadas afirmações em relação a outras comunidades, destacando elementos identitários específicos.

Dessa forma, tanto a inclusão quanto a exclusão são elementos necessários na constituição da identidade, estabelecendo certos contrapontos e rupturas de maneira que adquiram significados.

Por outro lado, Domingues-Lopes (2017) considera que a identidade é constituída de questões que envolvem também política e poder, pois é a partir desses elementos que um determinado grupo social arquiteta significados ao lugar compartilhado e aos sujeitos com os quais convivem. Característica também observada por Bauman (1999), que expõe:

Numa localidade homogênea é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro – talvez bizarro e diferente, mas primeiro e, sobretudo, não familiar não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível. (BAUMAN, 1999, p. 55)

Como estamos tratando de uma comunidade quilombola, onde o território é demarcado, Giddens (1991, p. 22) reitera que “a vida é marcada por um lugar”, isto é, existe um cenário físico, onde ocorrem diversas atividades sociais, que envolvem questões simbólicas, políticas, econômicas etc. Assim, esse local concebido também como ideia é de suma importância, pois para as pessoas que integram e convivem nesse ambiente, é um círculo de relações sociais entrelaçadas.

Nessa conjuntura, a questão das identidades aparece no bojo da concepção de linguagem engajada como práticas sociais, cuja ideia principal está relacionada ao fato de seu uso estar relacionado à ação humana em um contexto interacional específico. Assim, ao utilizarmos a linguagem, a interação não ocorre apenas com o usuário, mas com diversas marcas sócio-históricas que o interlocutor traz consigo, tonando-o um ser social único.

2.7.1 Identidade territorial

Uma das pautas de reivindicação do movimento quilombola é a luta por afirmação dos direitos territoriais, que tem proporcionado uma releitura sobre a representação espacial de seus moradores na sociedade brasileira. Ainda é importante ressaltar que houve por parte dos quilombolas uma resignificação de seu modo de vida com o intuito de valorizar as ações do cotidiano, com o intuito de referendar suas territorialidades. Dessa maneira, diferentes narrativas realçam suas atividades econômicas, sociais e culturais para serem reconhecidos como comunidade quilombola. Little (2002) ressalta que:

Os territórios dos povos tradicionais se fundamentam em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva. A longa duração dessas ocupações fornece um peso histórico às suas reivindicações territoriais. O fato de que seus territórios ficaram fora do regime formal de propriedade da Colônia, do Império e, até recentemente, da República, não deslegitima suas reivindicações, simplesmente as situa dentro de uma razão histórica e não instrumental, ao mesmo tempo em que mostra sua força histórica e sua persistência cultural. (LITTLE, 2002, p. 11).

Isto posto, uma das questões identitárias quilombolas estaria calcada no território, segmento do espaço em que os referenciais imateriais e materiais estariam sendo desenvolvidos, o que denota aos moradores diversas significações e também laços de pertencimento. Segundo Rosendahl (2005), o território é um importante instrumento aos grupos e outras instituições, pois:

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos [...]. (ROSENDAHL, 2005, p.12933).

Uma das formas de as comunidades quilombolas explicitarem seu vínculo territorial com determinado espaço, é recorrer à dimensão histórica, reproduzindo, muitas vezes, aquilo

que foi passado por seus antecedentes. De acordo com Haesbaert (2007), essa prática referenda suas identidades, uma vez que os grupos das comunidades recorrem a fatos e a lugares do passado para dar sentido ao território.

Para Arruti (1997), a identidade quilombola geralmente está ligada à disputa pelas questões territoriais e, desde a Constituição de 1988, houve uma nova maneira de tratar com as questões relacionadas às comunidades, aos grupos e à cultura. Em suas palavras:

[...] cultura e origem comum emergem, passando a ser plenamente tematizadas pela comunidade e tornando-se objeto de reflexão para o próprio grupo. A mobilização desses elementos de identidade leva a uma nova relação com o passado e com as ‘reminiscências’ [...] num esforço de reconstrução de uma continuidade na maioria das vezes perdida, levando ao que Hobsbawm e Ranger chamaram de ‘invenção da tradição’, isto é, uma reapropriação de velhos modelos ou antigos elementos de cultura e de memória para novos fins, em que o passado serve como repertório de símbolos, rituais e personagens exemplares que até então poderiam ser desconhecidos pela maior parte da comunidade (ARRUTI, 1997, p. 27-28).

Desenvolvendo a temática território e identidade, podemos afirmar que ocorre uma “batalha” pela afirmação de posições sociais, em relação a outras instituições e territórios vizinhos, uma vez que se identificar como quilombola denota um prolongamento histórico de exclusão relacionada às suas propriedades privadas. Todavia, apesar do estigma que trazem consigo nessa situação, aos quilombolas é agregado valores positivos através dos conhecimentos acumulados advindos de seus ancestrais, assim como também os saberes tradicionais que são enaltecidos.

A seguir, abordaremos locais e situações que demonstram a importância da intrínseca relação identitária e territorial, na representação do povo quilombola, na perspectiva da comunidade São Domingos.

2.7.2 O dia a dia e a cultura da terra

Este segmento da pesquisa tem por finalidade a percepção do dia a dia da Comunidade São Domingos, o trabalho dos moradores em seus quintais, seus costumes, cultura e tradições na utilização da terra.

Com o intuito de fomentar o argumento que se desenvolve nesta parte da pesquisa e que possui estreita relação com as questões étnica, cultural e social, detalhamos o cotidiano, comportamentos e representações de alguns remanescentes acerca da sua cultura e de algumas experiências compartilhadas.

Na comunidade São Domingos, o repasse das tradições promove a conservação e construção identitária e cultural do povoado. A palavra tradição (do latim *traditio*, *tradere* = "entregar") significa ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência. De acordo com Friedrich (1974) é dar continuidade aos costumes e valores de um grupo, repassando-os através das gerações. Nessa linha, as tradições praticadas na comunidade quilombola asseguram não apenas o cultivo da terra e o sustento do grupo, mas também a transmissão dos saberes, costumes e valores, reforçando a identidade cultural dos habitantes do quilombo São Domingos. Tal ideia está alinhada a acepção de Moura que diz:

A cultura, enquanto universo simbólico se atribui significado a experiência de vida, orienta todos os processos de criação do homem, não só no domínio da arte mas também ao que o homem aprende ao longo da sua existência acrescentando-se ao que sabe por herança dos antepassados, como uma visão de mundo. Nas comunidades negras rurais, uso das ervas medicinais, o modo de trabalhar a terra, de tirar dela seu sustento, as linguagens gestuais, a música, as festas, o modo de se divertir e morrer, cantar, dançar, e rezar constituem o contexto onde se tecem as teias de significados que recriam incessantemente sua cultura e sua identidade contrativa. (MOURA, 2005, p.78)

Diante disso, entendemos que o roçado se caracteriza como uma atividade que propicia aos moradores, além da subsistência, uma fonte de experiência e aprendizado para a vida, conforme veremos no tópico seguinte.

2.7.3 As roças: lugar de ensinamento

Para Tuan (1980, p. 05), o sentimento de pertencimento se caracteriza como “o elo afetivo entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”, assim, falar em pertencimento, seja ele em referência a um lugar, à família, ou aos costumes, é imprescindível para salvaguardar as tradições e a identidade do grupo. Esse pertencimento surge em decorrência das atividades cotidianas, que gera um vínculo e fortalece os laços.

Por sua vez, Maffessoli (1997) compreende que o trabalho, o plantio e a coletividade promovem a interação do grupo favorecendo a disseminação dos saberes e, conseqüentemente, a continuidade das comunidades remanescentes de quilombos. Sendo assim, o termo pertencimento se refere a um modo de vida, a uma visão de mundo.

Durante o processo de plantar e colher, a memória é acionada assegurando não apenas a tradição dos antepassados, mas também a transmissão do legado cultural entre os membros da comunidade. Nesse viés, para Lima (2005):

Nessa lida com a terra, o trabalho comunal de plantar e colher em família é atravessado pela partilha da memória. As lembranças vão formulando sobre os “tronco-vei”. Nesse momento, labor e memória se articulam, nutrindo os atores sociais mais jovens com o legado de tradições culturais deixadas pelos antepassados. Desse modo, os sentimentos de pertencimento e de reconhecimento de valores vão se disseminando entre crianças e jovens para perpetuar a base cultural que dá sustentáculo ao modo de vida da comunidade. (LIMA, 2005, p. 52)

Assim sendo, as experiências rememoradas e compartilhadas proporcionam uma constante reinvenção cotidiana do espaço e dos costumes, possibilitando a reconstrução do passado, mas também uma construção, ou seja, uma nova forma de se relacionar com o meio e com a terra, rememorando o que já viveu e partilhou com seus pares.

Quanto à memória, Mesentier (1992) esclarece:

A memória social é construída ao longo de muitas gerações, tornando possível a compreensão do papel fundamental de que o indivíduo assume na construção coletiva da memória através do seu patrimônio cultural. Porém, é importante esclarecer que memória individual e memória social têm diferenças intrínsecas que evidencia: Diferentemente da memória individual, a memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por estruturas sociais (MESENTIER, 1992, p. 03).

Com base nas memórias dos moradores de São Domingos, é plausível a constatação de que a terra é uma fonte de sustento, manutenção e persistência das tradições. Durante a pesquisa, vários momentos foram relatados, a lida na roça, através do trabalho passado dos mais velhos para os mais novos, sendo que o roçado está sempre presente nos discursos como fonte do sustento familiar.

Em conversa com um dos moradores e produtores, em suas antigas lembranças, Leandro¹⁵ contou que, desde quando era criança, praticamente todos os familiares desenvolviam alguma função nas roças. Dessa forma, através das orientações do pai, os mais novos realizavam determinadas funções de acordo com aquilo que o pai acreditava que a pessoa pudesse fazer.

Além disso, falou que as roças não eram plantadas somente na terra destinada para o cultivo, pois os quintais também eram aproveitados, até porque muitos alimentos ficariam mais acessíveis para o consumo. Essa tradição pode-se presenciar a qualquer momento,

¹⁵ Todos os nomes que aparecem nesta tese são nomes fictícios para a preservação da identidade dos colaboradores.

quando se anda pela comunidade, pois praticamente todos os quintais possuem algum tipo de plantação. Em uma de suas lembranças, ele rememora:

Excerto 01:

Nós saía pra roça cum os pais. A mãe e o pai. Aí nós levava pra trabalhá enxada, enxadão, facão, foice e o que mais precisasse, né? Na roça, nós limpava o mato quano ele crescia, né? Quando chegava o tempo de colhê o que tinha plantado, né? Na época de de mi, feijão, até aminduí e mandioca tomem (.) o que fosse, nós usava pra levá era carrim de mão, balaio, certo?- Mas depois que eu casei (.), cê tá me intendeno? Eu continuei a plantá e tomem ensinei pros meus fi o que aprindi, desde antigamente, lá trás, com meus pais. Mas hoje mudou muito, né?As coisa tão um poco mais fácil, né? Hoje tem trator e outras coisa que ajuda, né?Facilita.

Fonte: pesquisador (2020)

De acordo com Leandro, morador da comunidade, com que tivemos a oportunidade de conversar, o manejo da terra sempre esteve presente na vida das pessoas da comunidade. O trabalho familiar era tradição e continua sendo repassado aos descendentes, uma vez que ele afirma que os filhos e netos também sabem cuidar da terra, plantar, cultivar, colher, usar a enxada, facão, enfim, trabalhar na lavoura.

Gliessman (2000) reflete sobre a agricultura tradicional como uma prática que se mantinha por meio do trabalho humano e recursos locais, diferente da agricultura convencional de hoje que se mantém através da tecnologia e insumos.

Altieri (2002, p. 24) também concorda que a agricultura tradicional "surgiu no decorrer dos séculos de evolução biológica e cultural. Representa as experiências acumuladas de agricultores interagindo com o meio sem acesso a insumos, capital ou conhecimento científico".

É evidente que com o passar dos tempos, a tecnologia e novas formas de lidar com a terra são agregadas, de forma a facilitar a vida daqueles que trabalham na roça, porém na Comunidade São Domingos, o cultivo da terra, vai além da subsistência, ela está imbuída de uma cultura familiar que se perpetua na conservação destes saberes para os mais jovens. Costumes ligados ao plantio são sempre lembrados pelos remanescentes, a natureza orienta a melhor época e forma de trabalhar a terra, a influência da lua, a espécie a ser cultivada, o tempo das águas e da seca, todas as tradições passadas pelos mais velhos são seguidas para que a tradição se mantenha.

Através das entrevistas, e também das notas de campo, vários moradores relataram a importância de seguir a tradição para obter êxito com o trabalho na roça, e se, mesmo seguindo todos os costumes, o trabalho não render bons frutos, é porque era da vontade de Deus que assim fosse.

Fotos 03: Plantação de cana. Madeira para queimada nos fornos



Fonte: arquivo do pesquisador (2020).

É interessante ressaltar que duas plantações ocupam posição de destaque no cultivo familiar desenvolvido na comunidade São Domingos, a mandioca e o milho. Segundo os narradores desses dois produtos, a mandioca ocupa maior importância por ser uma raiz resistente, de fácil cultivo e resistente aos períodos de estiagem, podendo ser produzida durante a maior parte do ano – salvo nos meses de chuva. De acordo com os colaboradores da pesquisa, outro aspecto interessante é que esse arbusto é todo aproveitado. Do caule se produzem novas plantas, já a raiz serve para o consumo familiar e a sua casca, para alimentação dos porcos.

Sendo a mandioca uma contribuição indígena, tornou-se um dos mais formidáveis benefícios nas terras de remanescentes de escravos. Seu cultivo tornou-se um poderoso instrumento para a socialização das famílias no trabalho e um complemento da alimentação na tradição comunitária. No que se refere ao cultivo da mandioca, Anjos, (2006, p. 71), avalia que “desde o início da colonização, a mandioca viria a representar um importante papel também para o escravo africano, tornando base de sua alimentação regulamentada em lei desde os tempos do Conselho Ultramarino.”

O autor corrobora a importância da união familiar na realização dos trabalhos, que envolve desde a preparação da terra, plantio, colheita, até a feitura da farinha, pois tudo isso estreita os laços familiares proporcionando união, ratificando as identidades de um povo e garantindo a sobrevivência do grupo.

Um exemplo de ensinamento que é aprendido com os mais velhos e na prática é saber distinguir a mandioca brava da mandioca mansa, pois, segundo a tradição, as mudanças estão nas folhas das plantas, sendo que a mandioca brava possui um sabor mais adocicado, porém não serve para comer cozido, mas para a farinha é um ótimo produto. Caso a pessoa não saiba e faça a mandioca brava, como se costuma comer o outro tipo, a pessoa pode até morrer. Esse foi um ensinamento que foi passado de geração em geração.

Em quase todas as casas há plantações de mandioca, principalmente a mansa, e além de servir de alimento no dia a dia, também serve para fazer farinha, bejú, biscoito frito com o polvilho, bolo, e várias outras quitandas.

Foto 04: Plantação de mandioca nos quintais



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020).

Com base nos dados coletados, foi possível perceber que a forma de plantar e colher tanto a mandioca quanto outros alimentos é um fator historicamente situado e também cultural, praticado pelos quilombolas da comunidade São Domingos, uma vez que foi constatado a transmissão de conhecimentos que são passados de geração para geração.

Outro tipo de cultivo possível presenciar também, em muitas moradias, são variadas hortaliças plantadas em um espaço separado e cercadas por telas de arame para impedir que vacas ou galinhas as comam, constituindo uma prática da tradição local.

Fotos 05: Hortas com diversos produtos plantados



Fonte: arquivo do pesquisador (2020)

Todavia, apesar de ser uma prática comum nas residências, atualmente apenas uma moradora cultiva hortaliças para serem vendidas nas feiras. Uma prática que era comum na comunidade hoje se perde devido a grande concorrência de supermercados e verdurarias. Segundo a moradora, o produto vendido por ela é totalmente orgânico, sendo adubado com esterco de gado e com um preparo com restos de frutas, tudo colhido e preparado por eles mesmos.

Tendo em vista que já abordamos algumas características pertencentes à comunidade quilombola São Domingos, abordaremos no próximo capítulo, como ocorreu o processo de formação do que hoje conhecemos como comunidade quilombola, no Brasil, a partir do contexto histórico que permeia esse assunto.

CAPÍTULO 3 – COMO TUDO COMEÇOU: CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA QUILOMBOLA

Este capítulo tem início, fazendo uma retrospectiva da mineração tanto no Brasil quanto no estado de Minas Gerais, desde o chamado período colonial até os dias atuais, com o intuito de perceber como se deu o processo de formação da comunidade quilombola São Domingos no município de Paracatu, já que sua formação está ligada à exploração do ouro. Aqui efetivamente começa o trabalho etnográfico desta pesquisa, primeiramente tendo uma visão histórica, baseada em pesquisas bibliográficas, antes de adentrar à etnografia considerando a visão do pesquisador.

Além disso, também serão demonstradas as relações que essa comunidade tem com parte da sociedade, visto que os embates ocorridos para reconhecimento de seus direitos ocorrem desde o período da escravização. Posteriormente, será descrito o processo de implementação da mineradora Kinross no município de Paracatu, dando destaque à sua “convivência” com a comunidade quilombola São Domingos, pelo fato de serem vizinhos.

3.1 Implementação da Mineração no Brasil

O ato de retirar substâncias da rocha ou do solo recebe o nome de Mineração e é um termo que provém desde o século XVI. Porém, antes mesmo da era cristã, há registros da retirada de minerais da natureza, sendo que nesse período a real preocupação em se conseguir os minerais era para que se pudessem produzir armas, utensílios como jarros, potes e também ferramentas.

Os minerais explorados na mineração encontram-se em sua forma bruta e, para que sejam comercializados, é necessário que passem por um processo de limpeza e lapidação. A extração de minerais pode ocorrer em diversos ambientes como, por exemplo, minas subterrâneas, pedreiras, ou minas de superfície – também conhecidas como minas a céu aberto. Dentre os diversos recursos minerais que podem ser explorados citamos: diamante, prata, ouro, petróleo, gás natural, ferro, dentre tantos outros.

A partir final do século XVI, no Brasil, a extração do chamado ouro de lavagem estava sendo abandonada devido à baixa rentabilidade, sendo retomada apenas no século XVIII, período quando a mineração realmente dominou o cenário brasileiro, intensificando a vida urbana da colônia. A partir dessa retomada da exploração de diamantes e de ouro nos estados

de Mato Grosso, Goiás, mas principalmente Minas Gerais, por volta de apenas um século a população brasileira saltou de trezentos mil habitantes para três milhões.

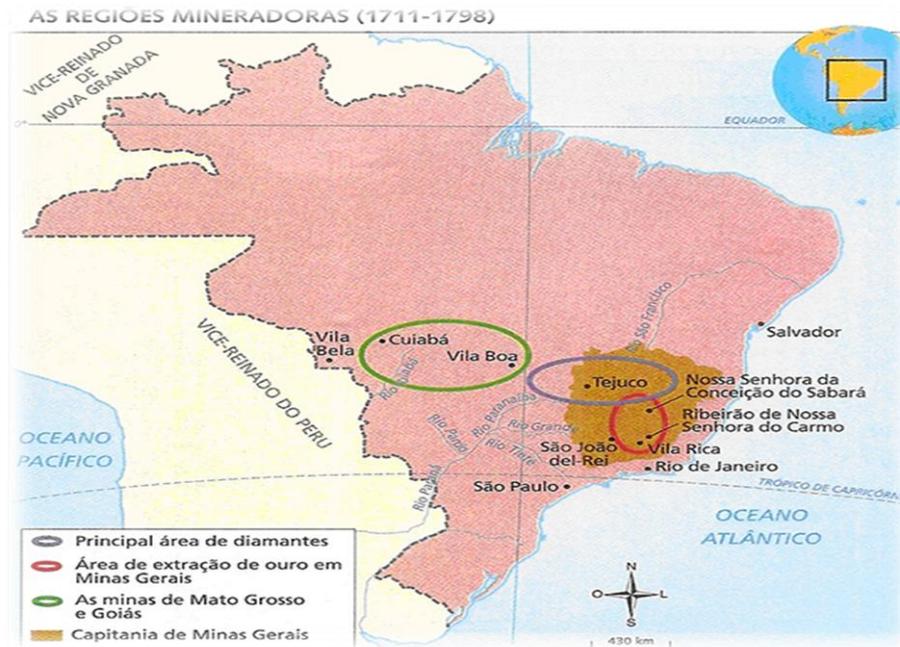
Outro importante acontecimento da época que proporcionou a retomada da mineração foi a dificuldade em exportar o açúcar, pois, no século XVII, devido a expulsão dos holandeses do Brasil, houve problemas relacionados à economia portuguesa, visto que a colônia brasileira perdeu o domínio exclusivo do açúcar e os holandeses, entrando na concorrência, iniciaram a venda do mesmo produto, com um custo muito mais barato por quase todo o continente europeu.

Figura 03: Ilustração de engenho colonial brasileiro, operado por escravizados



Fonte: Bahia.ws (2020)

Os escravizados, de uma maneira geral, participaram significativamente no desenvolvimento da região em decorrência da experiência em lidar com metais, sendo que alguns conseguiram algum tipo de “regalia”, como conseguir trabalhos e, em alguns casos, até comprar sua própria liberdade. Os povos indígenas, servindo de guia para várias expedições, também auxiliaram com o ciclo da mineração. Devido ao grande retorno financeiro que a mineração possibilitou, a população da colônia cresceu rapidamente, o que proporcionou ao Brasil a elevação de Vice-Reino e, como consequência, a transferência de capital de Salvador para a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 04: Áreas de mineração no século XVIII

Fonte: sociedademineradora (2020)

Em São Paulo iniciaram os primeiros garimpos, no Vale da Ribeira, situação que modificou a maneira de viver da vila, pois sua economia girava em torno da pesca e da lavoura de subsistência. Posteriormente, os bandeirantes paulistas se espalharam por Mato Grosso, Goiás, e Minas Gerais, sendo que os diamantes e o ouro dos aluviões¹⁶ eram retirados com pás, lançados em pequenas calhas e depois bateados. Após esse processo, os rejeitos eram lançados manualmente em locais próximos.

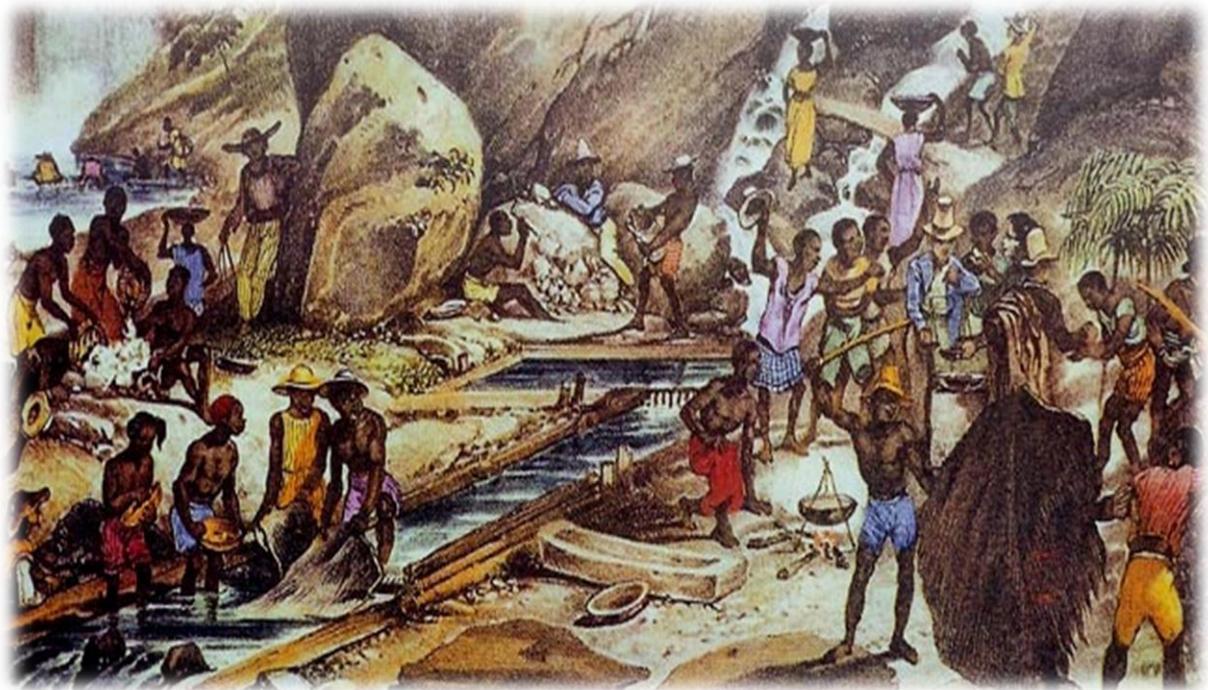
Figura 05: Garimpo tipo aluvião em Paracatu

Fontes: Paracatumemória e GarimpoemParacatu (2020)

Os veios que penetravam nas encostas eram perseguidos por galerias perfuradas com ponteiros e malhos e, quando necessário, eram detonados também com pólvoras caseiras. O minério era em seguida carregado igualmente por pás em carrinhos de mão. Os poços verticais ou inclinados, que se faziam necessários para acompanhar as camadas ou veios, eram perfurados da mesma forma, sendo o minério içado em baldes de madeira por sarilhos manuais. O transporte mais longo era feito em carroções por tração animal. As aberturas eram sempre de seções acanhadas, pouco iluminadas, dificultando o trabalho e causando danos à saúde dos operários (a maioria escravos) que nelas trabalhavam. (GERMANI, 2002, p.5)

Nesse período a economia da colônia brasileira estava consideravelmente voltada ao processo de expansão do capitalismo mercantil, que praticamente envolvia todas as grandes nações do período. Assim, Portugal tinha a exclusividade do comércio com as terras colonizadas, que também era bastante específica para o mercado externo, mas possuía, internamente, uma postura predatória e depreciativa sobre os recursos naturais, como ilustra a imagem a seguir.

Figura 06: Negros escravizados trabalhando na mineração



Fonte: Mundoeducação (2020)

Passado algumas décadas, surgiram novas jazidas de minério no centro-sul do país, o que chama a atenção de Portugal e, em meados dos séculos XVII e XVIII, devido a essas novas descobertas, acaba promovendo a criação de novas vilas como Mariana, São João del Rey, Vila Rica de Ouro Preto, Caeté, entre outras.

Com o objetivo de assegurar o que lhe era de direito, a metrópole se preocupa em controlar a extração. Dessa maneira, a Coroa coloca em ação “o quinto”, que consistia no pagamento de um quinto de tudo que era explorado. Para que não houvesse o desvio dessa taxa, as casas chamadas de fundição, a partir do ano de 1720, foram pensadas e transformariam o ouro encontrado em barras, com o selo real timbrado. Se acontecesse de a quantidade mínima de ouro não ser alcançada, ou seja, se houvesse déficit na extração “a derrama” ocorreria, que era a apreensão de bens de trabalhadores para suprir o valor estabelecido referente ao valor do quinto do ouro.

3.2 Mineração em Minas Gerais

Vários fatores contribuíram para que houvesse uma efetiva desbravação em direção ao interior do Brasil em busca de metais preciosos. Uma delas foi a relação com a contrarreforma na Europa, movimento em que a igreja católica buscava expansão de suas crenças pelo mundo e que proporcionou aos religiosos sua introdução no país e a evangelização dos índios no interior do Brasil. Outro fator foi a exploração no interior do país, incentivado pelos espanhóis por localizarem metais preciosos na América espanhola. Da mesma maneira, os exploradores portugueses acreditaram que também poderiam encontrar metais preciosos nas terras que colonizavam. (FAUSTO, 1995).

O referido autor ainda destaca grandes transformações desembocadas não apenas em Minas Gerais, uma vez que uma ocorreu grandes movimentações entre outros estados, devido a grande necessidade de alimentos e outros tipos de suporte para a extração de minérios. Como exemplo, pode-se citar o gado que vinha tanto da Bahia, quanto do sul do país. Além de tudo, também houve uma mudança do eixo econômico, que era situada na região nordeste, e passou para a região sudeste; que foi acompanhado também pela transferência política, uma vez que, em 1763, a capital federal saiu do estado da Bahia para se instalar no Rio de Janeiro.

De acordo com a figura abaixo, as principais cidades que faziam parte do “caminho percorrido pelo Ouro”, responsáveis pela saída da produção do minério aos portos, podem ser visualizadas a seguir.

Figura 07: Caminho percorrido pelo Ouro



Fonte: Jchistorybrasil (2020)

A falta de uma estrutura que atendesse a necessidade de uma fiscalização efetiva favoreceu a desordem, apesar das tentativas de controle repressivo – quanto ao aspecto tributário –, agravada por uma população “sedenta” de ouro, desestruturando a vida da Colônia, a partir do século XVIII.

Utensílios fundamentais para a prática da extração mineral eram escassos, todavia foram sendo desenvolvidos de forma precária e rudimentar, de acordo com a necessidade que ia surgindo. Apesar de já haver uma tecnologia utilizada na retirada e concentração do ouro – que já era muito conhecida dos povos europeus do século XVI – essa não chegou às minas brasileiras, e um dos motivos para que não se preocupassem com isso era a facilidade com que se obtinha o ouro de aluvião, o que não impediu o minerador, nas primeiras décadas do descobrimento, de conseguir chegar até o metal. Diante das dificuldades apresentadas, a introdução de técnicas, ainda que muito primárias, era de responsabilidade do escravo de “mina”, vindo da África e proveniente da Costa do Ouro.

Apesar do fundamental papel apresentado no desenvolvimento da produção e extração canavieira no nordeste brasileiro, a pecuária passou a desempenhar um novo e importante período da economia colonial pelo fato de proporcionar um abastecimento, através de seu rebanho, à grande região produtora de ouro que era o estado de Minas Gerais.

Os criadores chegavam à região mineradora, partindo da Bahia, seguindo as margens do Rio São Francisco e seguindo pelo Rio das Velhas, onde encontravam o sal e alimentos para seu rebanho. Essa movimentação que ocorreu no período foi fundamental para o crescimento e povoamento de várias regiões, pois, devido as características peculiares à atividade de criação bovina, ocorreu o surgimento de “fazendas de criar” às margens do Rio São Francisco e seus afluentes como o Carinhanha, o Urucuia, o das Velhas, o Paracatu¹⁷ etc., o que proporcionou o surgimento dos primeiros núcleos de povoamento na região noroeste de Minas Gerais.

3.3 A Mineração em Paracatu

Paracatu é um município localizado no noroeste mineiro e fica a 506 km da capital mineira, Belo Horizonte, e a 250 km da capital federal, Brasília, sendo uma das principais cidades da região. Seu nome é de origem tupi e significa “rio bom”. O município detém uma extensão territorial de 8.229 km² e possui uma população de aproximadamente 90.000 habitantes. (IBGE 2018).

Com 221 anos de história, Paracatu é uma importante cidade histórica da região Noroeste de Minas Gerais que ainda consegue demonstrar sua cultura por meio de suas edificações e eventos. A enorme diversidade ecológica que há no município enriquece sua paisagem com cachoeiras, grutas, flora e fauna diversificadas, além das variadas manifestações culturais. Exatamente pelo fato de conseguir preservar seu patrimônio e possuir uma rica história desde o período da colonização, no dia 10 de dezembro de 2010, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN apresentou ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural proposta de proteção do patrimônio cultural que aprovou o tombamento federal do Núcleo Histórico de Paracatu, através Processo de Tombamento 1592-T-10.

O município leva o nome de um importante afluente do Rio São Francisco, o Rio Paracatu, constituído pelo encontro de pequenos córregos, alguns deles com suas nascentes próximas à antiga Capitania de Goiás. Um desses córregos surge em uma elevação constituída por uma rocha em que a natureza encontrou condições favoráveis para acomodar o metal que o homem procura há séculos – o ouro. Esse córrego tornou-se famoso na região e foi denominado de Córrego Rico, nome que até os dias atuais é conhecido e faz parte da história de Paracatu, como sugerem as imagens abaixo.

¹⁷ O rio Paracatu, nome indígena que significa “Rio Bom” é um importante afluente do Rio São Francisco. Uma das comunidades quilombolas que integram o município de Paracatu-MG recebeu o nome de Porto Pontal, justamente por ser o local onde as antigas balsas faziam a travessia para seguir viagem a outros centros da época.

Figuras 08: Córrego rico no início do século XX com mineradores artesanais e córrego rico ainda assoreado em 2020



Fontes: Paracatumemória e GarimpoemPacacatu (2020)

Semelhante às primeiras minerações do império, que exploravam os metais nos denominados ouro de aluvião, que ocorria devido ação das águas pluviais, partes desse desejado metal soltaram-se da rocha matriz (jazida primária) na encosta ou no topo do morro e depositaram-se nos leitos dos rios e córregos, através de um processo geológico, constituindo, assim, as chamadas jazidas secundárias. Dessa maneira, pelo fato de a densidade do ouro ser maior à densidade da maioria dos metais, a sua sedimentação ocorre próximo do local de onde se desprende, mas também podendo deslocar-se dependendo da força das águas.

De acordo com Olympio Gonzaga (1910, p.3), sobre o descobrimento do ouro em Paracatu: “Todos os autores que fazem referência à descoberta de Paracatú, erraram em sua data, afirmando ser no ano de 1744, por falta talvez de documentos exactos e verídicos.”

O historiador faz tal afirmativa baseado na carta patente datada de 26 de janeiro de 1722, que já registra a ocorrência de ouro nas “cabeceiras do Rio Paracatu”. Nesse documento, o Governador do que antes era chamado de Capitania de Minas Gerais autoriza o requerimento de Thomaz Lago de Medeiros que manifestou o desejo, e assim foi deferido, para exercer a patente de “Coronel de Paracatu”.

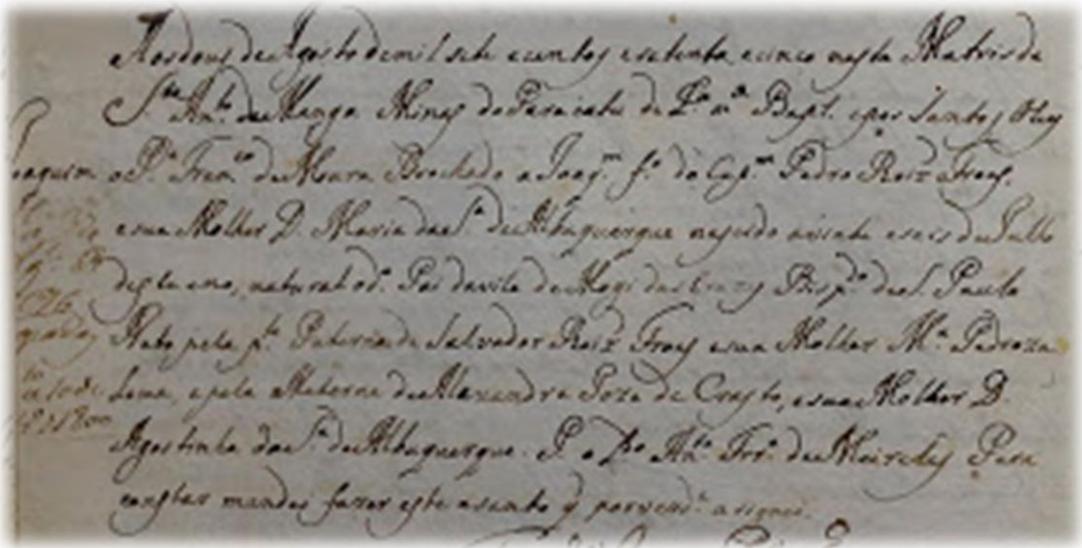
Ao receber o título de “Guarda-mor dos descobertos”, o Coronel manifestou o desejo de descobrir o ouro em outros locais e expandir sua exploração. Contudo, apesar da permissão, ele foi orientado pelo governador para que não levasse em sua companhia pessoas

de má índole, como criminosos e malfeitores, e que após repartidas as datas “acomodasse seus parentes e amigos” para que também pudesse obter apoio local.

De acordo com o historiador Oliveira Mello (1964), Felisberto Caldeira Brant, que fugia da justiça de Goiás e de Minas por envolvimento criminosos, chega em 1733. Ele instalou-se entre os Córregos Rico e Pobre, iniciando a formação do Arraial de São Luiz e Sant’Anna das Minas do Paracatu.

Ainda nesse período registra-se a chegada dos Rodrigues Fróes, seguidos por diversas famílias que povoaram a região rapidamente.

Figura 09: Documento de registro antigo



Fontes: ARaposadaChapadaGenealogiaParacatuense (2020)

Mesmo a ocorrência de ouro em Paracatu já ter sido registrada desde 1722, somente no ano de 1744 o descobrimento das minas é verdadeiramente reconhecido pelo governador Gomes Freire de Andrade, atribuindo a Rodrigues Fróes o seu manifesto legal.

Na data de 20 de outubro de 1798, em alvará concedido por D. Maria I, o que antes era conhecido como distrito, recebe a elevação de vila e passa a ser conhecida como Vila de Paracatu do Príncipe, em homenagem ao Príncipe Dom Pedro I, que futuramente seria o proclamador da independência do Brasil. Nesse período, detinha a maior extensão de terra da província de Minas Gerais e, por lei provincial n.º 163, no dia 09 de março de 1840, Paracatu obteve o título e foi reconhecida como cidade.

A imigração para a região de Paracatu obteve um expressivo contingente populacional – a maioria por pessoas escravizadas –, por causa das descobertas auríferas e alcançou tal

proporção que em 1750 não mais possuía lugar para quem quisesse minerar. Por esse motivo, diversos trabalhadores exploradores de ouro partiram para a região de Goiás em busca de novas reservas de ouro, abandonando os córregos aluvionares das minas de Paracatu, pois devido à grande exploração e quantidade de pessoas a região já não era tão rentável de maneira a enriquecer os exploradores.

Após alguns séculos da ocupação do noroeste de Minas Gerais, mais especificamente na região do município de Paracatu, no ano de 1987, a empresa Rio Paracatu Mineração, atualmente conhecida pelo nome de Kinross, pertencente ao grupo Canadense Kinross Gold Corporation, presente na América do Sul (Brasil e Chile), América do Norte (Estados Unidos e Canadá), África (Gana e Mauritânia) e Eurásia (Rússia), obtém a concessão para a extração do ouro na região. Hoje, sendo uma das maiores extratoras de ouro no Brasil, apenas ela é responsável por 25% de toda a extração aurífera do país. Não obstante, registramos que todo minério é exportado.

A partir de 2005, a Kinross Gold Corporation assumiu o controle das explorações da Mina, antes feito pela empresa denominada Rio Paracatu Mineração (RPM), e desde então tem convivido com o município, fazendeiros e comunidades, muitas delas quilombolas, existindo grande discussão que dialoga entre conflitos e/ou reconhecimento dos moradores dessas regiões em relação à extratora do minério.

Com a exploração e extração de ouro no município desde a década de 80, na segunda metade dos anos 2000 a multinacional iniciou um projeto de expansão, triplicando a retirada do minério, assim, por ano a extração do minério passou a ser cerca de 17 toneladas. A empresa investiu por volta de US\$ um bilhão, entre os anos de 2010 a 2012, e renovou a concessão de exploração do minério, ampliando o período de exploração em 30 anos, tendo como data limite até o ano de 2042. No site da empresa traz os seguintes dizeres:

Importante empreendimento industrial de Paracatu, a Kinross responde por cerca de 22% dos postos de trabalho formais do município. São cerca de 1.800 empregos diretos e quase 3 mil terceirizados. Além de ser a principal geradora de impostos e grande fomentadora de outros negócios, a Kinross investe em iniciativas que contribuem para o desenvolvimento do território e é certificada por normas nacionais e internacionais ligadas à saúde, segurança, gestão ambiental e responsabilidade social. Destacam-se as certificações do Código Internacional de Cianeto, OSHAS 18001, ISO 14001 e SA 8000. (<http://www.kinross.com.br/a-kinross/conheca/>)

Mesmo sendo uma empresa que possibilite vários empregos, gerando também uma vultosa soma em impostos para o município, sempre ocorreram muitas contendas com antigos

moradores, mineradores e comunidades que já existiam há centenas de anos ao redor do Morro do Ouro, como é o caso da comunidade quilombola São Domingos, objeto de nossa pesquisa; e também da comunidade Machadinho, que perdeu seu território original – uma vez que foram cedidos novos terrenos para se instalarem. Vários bairros também fazem divisa com a área de exploração da Kinross, como mostra a figura a seguir.

Figura 10: Na seta alaranjada identificamos a comunidade quilombola São Domingos, nas setas amarelas identificamos os bairros Alto da Colina, Bela Vista II, Amoreiras II e Esplanada. Na seta vermelha identificamos local onde um dia foi a comunidade quilombola conhecida por Machadinho.



Fonte: Acervo do autor através de imagem de satélite (2020)

3.4 Comunidade Quilombola: O que é?

Moura (2005) conceitua quilombo como qualquer habitação de negros fugidos, ainda que não tenham ranchos levantados, mas que tenha um número maior que cinco pessoas. Após o quilombo de Palmares, um dos maiores e mais importantes no estado de Minas Gerais foi o quilombo de Ambrósio, que existia em dois locais: em Ibiá e em Cristais (MARTINS, 1995).

Os quilombos eram combatidos veementemente pelos senhores de escravizados, pois além de questionarem os prejuízos por perderem o trabalhador, a sociedade temia assaltos de criações ou em algumas passagens, uma vez que as condições nunca eram favoráveis para sua sobrevivência (SOUZA, 1996). Esse receio era referendado pelo fato de muitos fugitivos formarem seus quilombos em locais relativamente pertos das vilas, fazendas ou áreas de mineração, como foi o caso da comunidade pesquisada.

Esse fato ocorria pelo fato de tentarem sobreviver mantendo contato com a população de maneira que pudessem comercializar produtos produzidos e fabricados por eles. Guimarães (1996) fala que foram muitas as atividades desenvolvidas nos quilombo, sendo agricultura, caça, coleta de alimentos silvestres, mas também assaltos a tropas de fazendas.

Devido aos receios das vilas e reclamação de fazendeiros que exploravam a mão de obra dos escravizados, ocorreu uma grande perseguição e combate aos quilombos, buscando capturar os fugitivos. Assim, essa situação durou até a abolição da escravidão, com a Lei Áurea, todavia apesar de ocorrer o término da escravidão, não ocorreu uma real liberdade dos negros, pois não houve nenhuma forma de inseri-los na sociedade.

Apesar do conceito exposto sobre o termo quilombo, Moura (2005) reitera que esse conceito sofreu alterações, sendo na atualidade composta por comunidades negras onde vivem descendentes de africanos que mantenham um parentesco e desenvolvam, nem que seja parcialmente, culturas de subsistência, sendo que as terras podem ser ocupadas, compradas ou doadas.

Habitualmente, as pessoas remanescentes de quilombo que residem nessas comunidades, dão valor às questões antigas, perpetuando tradições religiosas e culturais de seu povo.

Os direitos das comunidades quilombolas estão assegurados, no Brasil, desde a Constituição Federal de 1988 e muitas comunidades ainda estão em vias de reconhecimento, apesar de algumas já terem conseguido a titulação. De acordo com Arruti (2006), essa categoria era conhecida como comunidade negra rural no sudeste e centro do país, já no polo norte e nordeste é denominada terras de preto. Hoje, apesar de já serem conhecidos como quilombolas, ainda são reconhecidamente rurais, independente de estarem bem mais próximas aos perímetros urbanos, chegando, em alguns poucos casos a adentrar o meio urbano, como é o caso da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu, pois atualmente ela está a

apenas três quilômetros do centro urbano do município e é vizinha de outro bairro do município, sendo praticamente toda a comunidade asfaltada, como ilustra a imagem abaixo.

Figura 11: Na seta alaranjada identificamos a comunidade quilombola São Domingos e em branco bairros vizinhos



Fonte: Acervo do autor através de imagem de satélite (2020)

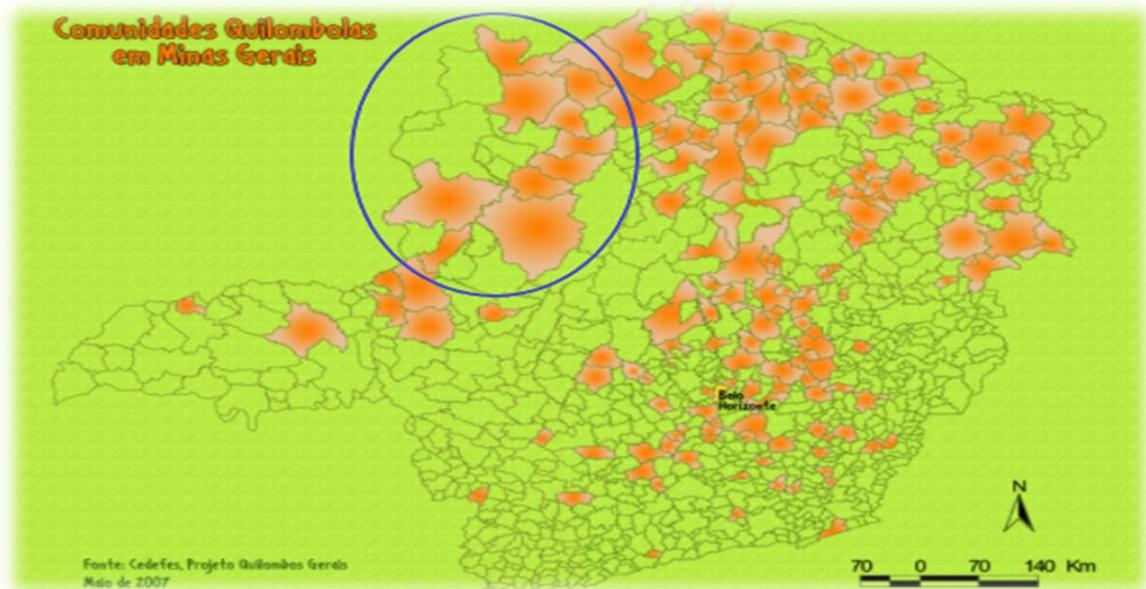
Sendo um grupo étnico, numa visão antropológica, ele é fundamentado em comunidades quilombolas pelo fato de serem constituídos por grupos de pessoas que compartilham de uma identidade e representações diferentes de outros grupos.

A identidade étnica pode estar baseada em diversos fatores, como a autoclassificação, uma ancestralidade comum, uma estrutura de organização política própria, um sistema de produção particular (incluem-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra), em características raciais, em elementos linguísticos e religiosos [...]. (ANDRADE; TRECCANI, 1999, p.4)

Para que houvesse o reconhecimento formal da titulação como quilombolas, movimentos étnico-raciais e comunidades quilombolas fizeram pressão política de tal forma que em 2003, o presidente em vigência – Luiz Inácio Lula da Silva – publicou o decreto 4887, referente ao reconhecimento e identificação das comunidades quilombolas. Segundo esse decreto, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critério de autoatribuição, com trajetória histórica própria [...]” (BRASIL, 2003, p. 1).

De acordo com o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – CEDEFES, em Minas Gerais existem cerca de quatrocentos e trinta e cinco comunidades quilombolas, algumas em processo de identificação e outras já identificadas, de acordo com relatório do Projeto Quilombo Gerais.

Figura 12: Mapa de Comunidades Quilombolas em Minas Gerais com destaque para a região noroeste



Fonte: (Re)descobrimos Minas (2020)

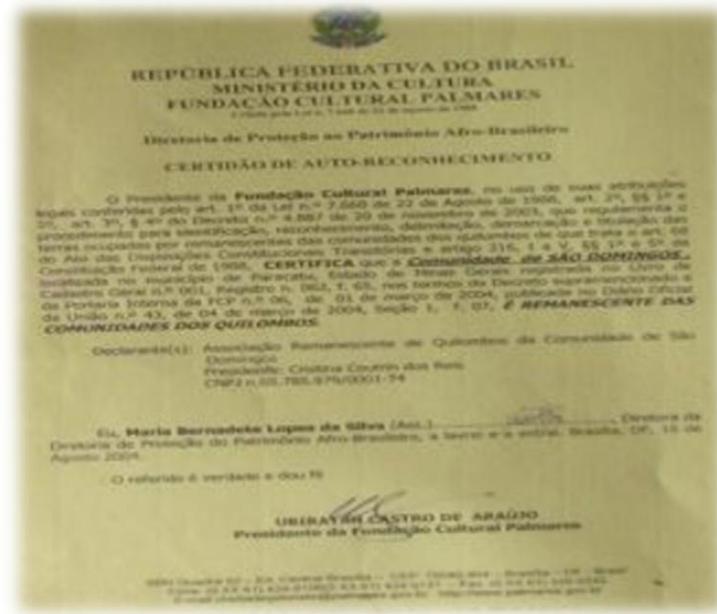
Das comunidades identificadas no noroeste de Minas Gerais, quatorze se encontram em toda a região, como identificado no círculo do mapa, mas apenas cinco desse total pertencem ao município de Paracatu. São elas: Comunidade dos Amaros, Cercado, Porto Pontal, Machadinho e São Domingos, que é onde desenvolvemos esta pesquisa.

3.5 Comunidade Quilombola São Domingos

A comunidade quilombola São Domingos está localizada em Paracatu, no Noroeste de Minas Gerais, com uma distância de aproximadamente 3 km do centro da cidade. O nome da comunidade foi uma homenagem a São Domingos, devido um pedido ao santo que os curasse de uma epidemia de febre que os assolou. A solicitação foi atendida e em agradecimento a comunidade foi batizada com o nome do santo padroeiro.

A comprovação de que comunidade é reconhecida como quilombola vem mediante acordo com uma publicação no Diário Oficial da União n.º 43, de 4 de março de 2004, e com a Portaria Interna n.º 06 da Fundação Cultural Palmares.

Figura 13: Certidão de autorreconhecimento da Comunidade Quilombola São Domingos



Fonte: Pesquisador (2020)

As reminiscências sociais e culturais dos quilombolas em Minas Gerais são, em grande parte, advindas das populações do povo Bantu, sendo que a maioria dessas comunidades está localizada em áreas rurais, devido os negros fugidos buscarem distantes áreas desocupadas dos ditos brancos. Geralmente, locais de acessos complicados eram escolhidos como grutas e matas fechadas, todavia com o fim da escravidão, diversos grupos se deslocaram pelo estado, buscando locais pouco conhecidos para que pudessem sobreviver.

Em relação à comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu (MG), sua origem ocorreu inicialmente devido a bandeirantes que procuravam terras em que pudessem encontrar ouro e, com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel, muitos escravizados continuaram em seu espaço de maneira que o município crescia relativamente perto da comunidade.

A história do início da comunidade São Domingos é antiga, sendo uma data aproximada ao ano 1731. Os primeiros moradores da comunidade foram Manoel Lopes e Josefá Caldeira, posteriormente com outras duas famílias: os Ferreira e os Mendanha.

As casas da comunidade foram construídas com adobe – uma mistura rudimentar de água, terra crua e palha –, porém devido grandes infestações de Barbeiros que ocorriam na época, a extinta Superintendência de Campanhas da Saúde Pública – SUCAM – sugeriu a demolição das residências. Atualmente, existe apenas uma casa de adobe na comunidade São Domingos, que também exerce a função de museu para visitantes.

Foto 06: Última Casa de adobe no São Domingos



Fonte: Pesquisador 2020

A comunidade conta com aproximadamente 69 famílias e cerca de 400 moradores, mas a maioria das casas está distribuída de forma dispersa. De acordo com relatos dos moradores, a água proveniente de riachos próximos está contaminada pela mineradora Kinross, o que diminuiu de forma significativa a proliferação dos peixes, a utilização da água para consumo e para afazeres domésticos. Inclusive uma das moradoras afirmou que uma cachoeira próxima provavelmente sumirá, pois a mineradora recebeu autorização para minerar próximo à comunidade, de maneira que atingirá o córrego próximo e essa cachoeira, que apesar de estar nas terras da empresa, serviram muito tempo aos moradores da comunidade quilombola.

No site Paracatu.com, onde se encontra algumas informações referentes às comunidades quilombolas da região, encontra-se:

A associação de Moradores já encaminhou uma denúncia aos Ministérios Públicos Estadual e Federal e à Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais. A cada dia, as atividades desse empreendimento se aproximam mais das moradias. Os moradores contam que, no lugar destruído pela mineradora, havia construções de pedra feitas por escravos. Cachimbos e ferramentas antigas eram muito encontrados na região, o que indica que há sítios arqueológicos em áreas do território dos quilombolas. (PARACATU.COM, 2020)

Mantendo uma tradição advinda dos seus antepassados, as famílias da comunidade costumam, após o casamento, fixarem moradia próxima às residências dos pais, isto também acontece devido a questões financeiras, já que a maioria das famílias não possuem grandes rendas, dessa forma os terrenos acabam se transformando em propriedade coletiva. Este costume permite a perpetuação de tradições, mas principalmente acentua as identidades através da aproximação e convivência com os integrantes mais antigos da comunidade.

Figura 14: Casas construídas em uma única Área



Fonte: Google 2020

A comunidade quilombola São Domingos tem um vasto patrimônio imaterial como o artesanato, a culinária, as festas religiosas, as histórias locais e também o folclore são algumas das manifestações reconhecidas. A caretada, ou caretagem, é uma típica expressão cultural da comunidade que participam apenas os homens vestidos com máscaras e roupas coloridas, cantando e dançando pelas ruas da comunidade.

A caretagem é uma manifestação típica do noroeste mineiro, que surgiu na região mais ou menos no final do século XVIII e é uma expressão cultural em que apenas os homens participam. A festa é em homenagem a São João Batista e começa no dia 23 de junho e com término no dia 24 do mesmo mês.

As apresentações são vistas não só por pessoas da comunidade, mas também contam com cidadãos de várias partes do município que se reúnem para assistir ao evento. Os participantes do grupo ficam atentos aos comandos do líder dos caretas, também chamado de

comandante, que faz uso de uma pequena corneta de sopro em bronze, que possui uma “idade” desconhecida pelos seus usuários. Efetivamente, a festa só começa quando um mastro é erguido em homenagem a São João Batista. Após o levantamento, anfitriões das casas que são visitadas pelo grupo oferecem comida e bebida não alcoólica tanto aos integrantes quanto às pessoas que acompanham a festa.

Fotos 07: Apresentação da caretada e público ao fundo

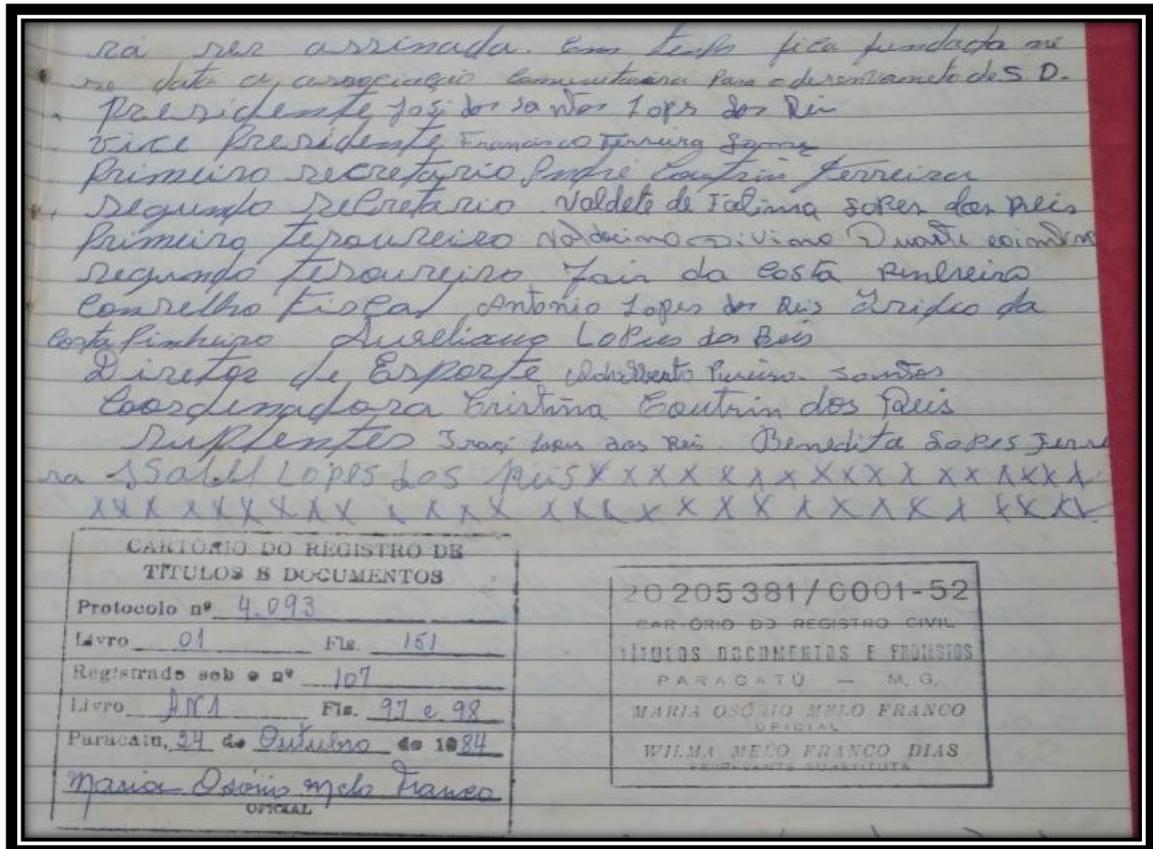


Fonte: Arquivo do pesquisador (2019)

Durante muito tempo na caretagem, apenas os homens poderiam dançar e integrar o grupo. Todavia, com a redução de integrantes interessados em dar continuidade ao grupo, atualmente aceita-se mulheres e até crianças para que a festividade não caia no esquecimento. Mais ou menos trinta (30) pessoas compõem o grupo, e seguindo a tradição a metade dos componentes se veste cavalheiro e a outra metade de dama. Um caretá, como é chamado, jamais começa a dançar de cavalheiro, devendo primeiramente exercer o papel de dama na dança.

Em relação à organização legal da comunidade, ela é composta pela Associação de Moradores e a Associação de Quilombolas de São Domingos. Enquanto esta resolve as questões legais relacionadas aos quilombolas, aquela cuida de todas as pessoas que ali residem, pois como já foi mencionado, muitas pessoas estão comprando terreno e construindo em terras quilombolas e dividindo o território com os descendentes de escravizados.

Foto 08: Final da primeira ata da Comunidade Quilombola São Domingos



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Há poucos anos havia duas presidências, uma para cada associação, mas devido à falta de comunicação, de pessoas interessadas em assumir as responsabilidades de liderança e até mesmo falta de tempo em partilhar as conquistas e dificuldades entre as duas lideranças da época, atualmente há apenas uma responsável pelas duas associações.

3.5.1 Formação da comunidade na voz de moradores

Aproveitaremos esta seção que apresenta a comunidade pesquisada para mostrar alguns fragmentos de falas, das entrevistas gravadas, já respondendo à questão um de pesquisa, que se refere à formação da comunidade São Domingos.

Excerto 02:

Adelaide: Unrum! É:: É que na verdade, aqui, o Quilombo daqui deu o nome de Quilombo porque aqui morava os escravos, né?

Pesquisador: Unrum!

Adelaide: Na onde os escravos morava era Quilombo(.)

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: *Só que tem o Quilombo dos refugiados e o, os Quilombos que, é::, no caso os trabalhadores, né?*

Pesquisador: *Sim.*

Adelaide: *Então os daqui, eles eram os trabalhadores.*

Pesquisador: *Huum::*

Adelaide: *Eles trabalhava no garimpo, na plantação, pra cuidar dos seus senhores, né?*

Vanessa: *Sim, porque na, na época quando eu era mais nova, tinha uns quatorze anos, a Comunidade era muito visitada por turismo, e, como só minha avó(.) tinha mais ou menos o domínio da história. - sabia, porque os avós dela foi contando pra ela.*

Leandro: *Uá, cara!? É... Eu acho que foi até (.) é:: - eu sei mais ou menos, não sei cem por cento, mas sei mais ou menos. Por exemplo: a minha bisavó, que é mãe da minha(.) Mãe da mãe da:: Mãe da minha mãe. Minha avó. Bisavó não. A minha vó, por exemplo(.) elas eram 3 irmãs(.) duas irmãs que casou com dois irmãos. Correto?*

Carlos: *Então! A história, né, que contam pra gente foi que a partir de duas bandeiras que vieram aqui começou Paracatu, né? A história de Paracatu inicia com duas bandeiras na época da corrida do ouro, né? Uma(.) Diz que uma se instalou aqui nessa Comunidade São Domingos, e uma na Comunidade Santana, né? Inclusive ocorreu até casamento entre Comunidade na época, é:: e:: mas a Comunidade em si, essa Comunidade que hoje, vamos dizer assim, que é... nós somos remanescentes de Quilombolas, ainda não tem uma história assim muito que diz respeito, assim(.) que se encaixe, né? Porque fala da história da bandeira, provavelmente com a bandeira vinha também, né, os escravos, né, vinha aí pessoas pra trabalho?! Eu acredito que com isso acabou ficando, né, algumas pessoas aqui, né? Porque é:: e foi formando esse vínculo familiar, né?*

Entrevistas concedidas em março e setembro de 2020

Todos os colaboradores contaram de alguma forma a história da comunidade. Todavia, não houve uniformidade em relação a como contá-las, como se já houvesse uma história pronta e acabada para que pudesse ser apresentada a algum visitante ou mesmo pessoas mais novas da comunidade.

Apesar da colaboradora Vanessa não externar a história da comunidade no momento da entrevista, ela informa em sua fala que aprendeu com a avó. Além disso, em relação a esse fato, em outro momento da entrevista ela fala: “Não tem essa valorização da cultura que deveria ter, esse interesse de querer, por exemplo, é:: trabalhar em cima das coisas da Comunidade pra poder registrar, pra poder gravar, pra poder, daqui uns dias, ter os netos e bisnetos pra mostrar. Não tem tanto isso, não.”

Para a colaboradora, ainda falta trabalhar a conscientização das pessoas da comunidade, quando se fala em preservar a cultura, caso contrário a história pode se perder. Para ela, seria interessante que houvesse registros de forma que a posteridade pudesse ter acesso a uma história da comunidade mais fidedigna, através de gravações, e que fossem contadas por pessoas que soubessem realmente como se deu esse processo de formação.

3.5.2 Estruturas e espaços da Comunidade São Domingos

Para se chegar ao São Domingos a principal entrada é pela chamada rua principal, rua que corta toda a comunidade e que para ter acesso a ela, primeiramente passa-se pelo bairro Alto do Açude – bairro vizinho à comunidade. A entrada e toda a rua que perpassa a comunidade encontra-se asfaltada, o que melhorou o acesso aos seus moradores, melhorando também a questão da poeira.

Apesar do acesso ao São Domingos estar asfaltado e ainda haver uma expansão da comunidade, há poucas ruas perpendiculares à denominada rua principal. Nesta também se encontra uma ponte, hoje de concreto e ferro, que passa por cima do córrego São Domingos e dá acesso à extensão da comunidade, como mostram as figuras abaixo.

Fotos 09: Entrada da comunidade e ponte sobre o córrego São Domingos



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Ao adentrar à comunidade pela rua principal, deparamo-nos com algumas poucas moradias e com um empreendimento, de um morador local (quilombola), que possui dois campos de futebol, um sítio onde ocorre manejo de gado e um restaurante muito bem estruturado.

Andando mais um pouco, descendo a rua principal, começam as construções das residências e à esquerda fica a Fábrica de Biscoitos. Após a ponte do córrego São Domingos, as residências continuam e podemos presenciar a construções de novas moradias de pessoas que não são de quilombolas, mas que estão adquirindo terreno e construindo também no local, como podemos verificar abaixo.

Fotos 10: Construções de novas casas na comunidade



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Continuando a rua principal e já também em seu final, podemos notar várias residências – a maioria em alvenaria – em sua extensão e edificações como a igreja católica, um galpão denominado Associação de Remanescentes de Escravos e Quilombolas São Domingos, que funciona como palco de reuniões e encontros para discutirem assuntos relacionados à comunidade, mas também aos moradores. Em frente à igreja e Associação, encontramos a Escola Municipal Severiano Silva Neiva, que não está sendo utilizada, o cemitério da comunidade e entre esses espaços também há uma pequena praça, onde presenciamos aparelhos de ginástica para utilização dos moradores.

Fotos 11: Associação, Igreja, Escola, Cemitério e Praça



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

A comunidade quilombola São Domingos é uma comunidade relativamente bem estruturada, pois ela tem iluminação elétrica em toda sua extensão, linha de ônibus para o deslocamento da população e também ocorre a coleta de lixo organizada pela prefeitura.

A atividade econômica da comunidade é bastante diversificada, sendo a principal a agricultura de subsistência, que é composta por pequenos plantios (feijão, mandioca, banana, cana de açúcar e várias árvores frutíferas), em que todo o trabalho é desenvolvido pela própria família. Um dos produtos produzidos e tem bastante visibilidade na região é o açafraão, que é muito comercializado. Na comunidade ainda encontramos moinho de cana e a casa da farinha, que é utilizada para produção de vários itens e não apenas a farinha.

Um dos produtos que também possibilita aos moradores momentos de confraternização e descontração é a fabricação da rapadura, produto que possui bastante destaque e que ajuda a perpetuar o nome da comunidade em diversos locais que ultrapassam o território municipal. Como exemplo, podemos destacar uma visita realizada por uma escola Marista de Brasília, em que alunos puderam presenciar e participar da confecção da rapadura.

Fotos 12: Fabricação de rapadura e visitação de escola de Brasília



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Além das atividades econômicas citadas anteriormente, podemos destacar também a criação de gado leiteiro, a fábrica de biscoitos com o intuito de que pudessem fazer quitandas e vender – porém, como os produtos não levam conservantes e não duram muito, os produtos são feitos apenas sob encomenda – fora os empregos que principalmente as pessoas mais novas possuem, tanto na cidade, quanto na mineradora Kinross.

3.5.3 Convívio com a mineradora Kinross

Em relação à multinacional Kinross, em notas de campo e conversas informais durante o contato com alguns moradores, muitos relataram que o local era muito bom de viver e que havia muita fartura de alimentos e que trabalho não faltava. Em suas lembranças falaram que não havia divisão (fronteiras) entre a comunidade, o morro do ouro – local de exploração da mineradora – as cachoeiras e o cerrado.

Ainda, em lembranças, contaram que o local fornecia madeira para o consumo dos fornos e fogueiras, e que o cerrado fornecia grande diversidade de frutas como pequi, baru, pitomba, saputá, mama cadela dentre outros frutos. O córrego São Domingos ainda era largo e dali também se extraía ouro como fonte de sustento. As cachoeiras eram locais de lazer, reunião e diversão para as famílias, mas hoje, além de não haver mais fartura, os quilombolas

ficam limitados, por causa da proibição de adentrarem as terras que hoje pertencem à mineradora, como podemos constatar na fala de um morador:

Excerto 3:

Intão:: muita gente sente saudade e não gosta porque o pessoal da mineradora :: (.) Ansim (.), eles proibe de qualqué um de tá entranu nos terreno que hoje é deles, né? Mas o pessoal (pessoas da comunidade) tava acostumado a entrá e pegá lenha, né? A gente consumia tudo com é (.), a gente só pegava o que ia usá, intendeu? As fruta, eu acridito que num tem mais (.) se tem é muito pouco, né? E tomem eles não deixa entrá mais não. Tem guarda que aborda o pessoal e expulsa, né?

Desde meados da década de 1980, quando a mineradora (antiga Rio Paracatu Mineração – RPM) se instalou na cidade, os conflitos começaram. Após alguns anos, o grupo Kinross assumiu a mineração e expandiu consideravelmente sua extração de ouro, como já informado na seção 3.3 desta pesquisa. A partir daí os conflitos só aumentaram e como forma de amenizar a situação, a empresa contratou algumas mãos de obra da comunidade, assim como apoia alguns projetos, com o intuito de amenizar a situação que é totalmente desfavorável à comunidade.

Em relação à questão da aquisição das terras pela mineradora, existem divergências entre os moradores. Enquanto alguns não concordam com a exploração e defendem que houve invasão, outros falam que antigamente, uns moradores venderam a terra e que, na verdade, ela comprou e que brigar por isso não levaria a lugar algum, pois ela possui os documentos de compra.

Outro fator que causa discussões em relação à exploração são os tremores de terra (vibrações) sentidos em praticamente toda a cidade, por causa das implosões que ocorrem todos os dias por volta das 15h40.

Em diversas moradias, principalmente naquelas que ficam próximas e fazem divisa com o território da mineradora, como a comunidade São Domingos e vários outros bairros, ocorrem reclamações e constatações de residências com rachaduras nas paredes. Apesar de já ter sido assunto de debate inclusive na cidade, a empresa alega que todo o processo é monitorado e seguem parâmetros sismológicos de maneira que não ocorrem abalos que cheguem a interferir nas construções das casas da cidade.

Todavia, é notório que esse discurso é falacioso, uma vez que qualquer pessoa pode presenciar as rachaduras nas casas próximas à divisa da mineradora, assim como sentir os abalos ocasionados diariamente pelas detonações que, na comunidade, são muito mais fortes devido à proximidade das explorações que já se encontram próximas ao seu território.

Um grande receio que há e é pertinente é que, com o passar dos anos, constatamos o avanço da exploração da mineradora cada vez mais próxima à cidade de Paracatu e às comunidades que a circunda, pois a empresa já comprou várias residências na cidade e terras de produtores que estavam próximas ao seu terreno. Diante dessa situação, fica o questionamento se esse avanço não pode efetivamente não apenas fragmentar, mas, literalmente, acabar com a comunidade quilombola São Domingos, pois situação semelhante ocorre com a comunidade quilombola de Machadinho, que também faz divisa com a mineradora e, atualmente, até mesmo o acesso ao que “sobrou” dela é monitorado por guardas da mineradora.

Nessa perspectiva, apresentamos no próximo capítulo análises voltadas às questões territoriais, sociolinguísticas e identitárias, relacionadas à comunidade quilombola São Domingos, como forma de representação e resistência diante de tudo que vem sofrendo ao longo dos tempos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO CORPUS I – TERRITORIALIDADE E IDENTIDADES

Neste primeiro capítulo analítico, apresentamos as análises realizadas envolvendo aspectos relacionados a território e à territorialidade, sob o aporte teórico de Soares (2017), Bento (2011), Tuan (2013) dentre outros; relacionados a questões identitárias, sob a teoria de Hall (2003), Hajagopalan (2002) e Laclau (1990). As análises foram feitas a partir do corpus gerado em trabalho de campo na comunidade, compreendendo, sobretudo, os trechos das conversas em forma de narrativa que foram degravadas de entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes da pesquisa.

O capítulo começa pela seção: **4.1 Territorialidade**, onde trabalhamos conceitos de território e territorialidade; posteriormente, desenvolvemos as subseções *4.1.1 Lembranças de um passado não muito distante*, em que os entrevistados rememoram o que a natureza lhes proporcionavam antes da chegada da mineradora; e *4.1.2 Espaços, não. Lugares de ensinamento*, em que são abordados vários lugares que, para as pessoas da comunidade não são apenas espaços, uma vez que esses locais proporcionam eventos que trazem conhecimentos peculiares a costumes dos quilombolas do São Domingos.

Na sequência, desenvolvemos a seção **4.2 Reconhecimentos Identitários na comunidade**, analisando traços identitários dos colaboradores da pesquisa em duas subseções intituladas: a primeira, intitulada *4.2.1 Autoidentidade de pertencimento à comunidade quilombola* dá foco ao uso de pronomes em suas falas, revelando traços identitários e de pertencimento; já a segunda subseção, denominada *4.2.2 Preocupação com a perpetuação da comunidade*, desvela em seus depoimentos o compromisso que os entrevistados possuem com a comunidade, uma vez que todos eles demonstraram estar, de alguma maneira, envolvidos com as questões quilombolas.

Na última seção **4.3**, sob o título **Território: Comunidade x Mineradora**, desenvolvemos um trabalho analítico envolvendo percepções e discursos de moradores relacionados aos benefícios e malefícios proporcionados pela mineradora.

Como informado na seção 2.5, faremos referências a questões relacionadas à sociolinguística interacional no decorrer dos capítulos analíticos, uma vez que podemos considerar cada seção como enquadres, pois os assuntos, os comportamentos e as questões linguísticas são peculiares a cada situação.

4.1 Territorialidade

Dando continuidade à tessitura do capítulo sobre território, iniciada ainda no referencial teórico, abordado na seção 2.6, intitulada “Território”, retomamos o assunto, realizando a análise de algumas degravações que envolvem esta temática, ampliando-a.

Posto que o território seja um conceito mais relacionado à Geografia, também é trabalhado por diversas ciências, uma vez que se refere a espacialidades envolvendo a humanidade. Haesbaert (2004) faz a seguinte distinção das várias áreas envolvendo o território: as relações de poder estão relacionadas ao campo da Ciência Política; os estudos das sociedades tradicionais envolvem a Antropologia; quando se trata de fontes de recursos, a área envolvida é a Economia; as relações sociais envolvem as Ciências Sociais; mas quando está relacionada à identidade, a Psicologia é uma das ciências que dará conta das análises.

Neste capítulo, desenvolveremos questões relacionadas a poder, à identidade e à sociedade tradicional, uma vez que envolve uma comunidade quilombola na região noroeste de Minas Gerais.

Começaremos desenvolvendo o conceito de território que, consoante Soares (2017), tratando-se de comunidade tradicionais – como as comunidades quilombolas – não pode ser desvinculado de questões como rituais e festividades praticados por seus integrantes, assim como outras manifestações praticadas pelos membros dessas comunidades, pois perpassa questões como apenas o domínio de um espaço em determinada terra. Assim, podemos relacionar à territorialidade esse conceito mais amplo e como um fator identitário para esses povos, uma vez que o acesso à terra não se resume a atividades produtivas de famílias, ou de parentes, mas também por grupos que são formados em situações diversas. Nas palavras da autora:

As territorialidades quilombolas são frutos das dinâmicas históricas, culturais e sociais, que compõem o universo simbólico e material, os ritos de trabalho, os ritos ancestrais, os ritos cotidianos e de sobrevivência, os códigos, os hábitos alimentares, os costumes. Em síntese, a territorialidade está diretamente vinculada ao modo como as/ os quilombolas fazem o uso e manejo do território. (SOARES, 2017, p. 02)

Dessa forma, podemos pensar que as territorialidades são instituídas por indivíduos em um contexto historicamente determinado. Ou seja, hoje só há a ocorrência de territórios quilombolas pelo fato de, em algum momento histórico, algum grupo se posicionou politicamente, aproveitando uma correlação de forças em seu favor, conquistando e

instituindo um direito que proporcionou a multiplicação de sujeitos sociais, lutando por seus interesses territoriais.

Assim, ocorre o que podemos chamar de territorializar-se, que nada mais é que ter a autonomia e o poder para estabelecer um determinado modo de vida em um referido espaço, podendo dar continuidade, ou não, à reprodução material e simbólica deste modo de vida.

De acordo com Castro (1998, p. 174), território pode ser compreendido como “um espaço ao qual um certo grupo garante a seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle dos recursos e sua disponibilidade de tempo”.

Resumidamente, podemos pensar o território como uma determinada área geográfica onde um Estado ou grupo de pessoas exerce sua soberania. Já a territorialidade refere-se à ação de indivíduos sobre um território, envolvendo o modo como agem nesse espaço territorial.

Em relação a diversos fenômenos naturais que ocorrem nos territórios e considerando que muitas comunidades tradicionais não saibam explicá-los, segundo Castro (1998), os saberes práticos desenvolvidos por seus integrantes são bastante diversos e, além disso, esses conhecimentos são acumulados e reproduzidos por gerações, interferindo na formação cultural e identitária de seus integrantes.

Nas próximas seções, verificaremos alguns acontecimentos ligados à territorialidade, pois há um grande envolvimento de locais, crenças e tradições, que estão vinculados à comunidade quilombola São Domingos.

4.1.1 Lembranças de um passado não muito distante

Devido à convivência da comunidade quilombola pesquisada com uma mineradora da região, ocorreu há alguns anos a sobreposição de territórios, implicando uma disputa de poder. Isto posto, quando uma comunidade quilombola possui seus direitos relacionados aos territórios, que um dia pertenceu aos seus ancestrais, e está lutando pelas terras, ela está tentando fazer valer seus direitos a um modo de vida que herdou de seus antepassados.

Diversos territórios quilombolas são alvos de disputas e conflitos. No caso da comunidade pesquisada ocorreu uma compra de partes do território que pertencia à comunidade e segundo Silva (2014), as atividades econômicas hegemônicas de extração de ouro, realizada pela mineradora Kinross, sobrepõem ao direito do que um dia pertenceu aos povos da comunidade quilombola São Domingos.

A consciência do que um dia pertenceu ao território quilombola fica apenas nas lembranças e na contação de histórias narradas, remetendo não só a questões identitárias com o território, mas também a uma profunda dor ao notar que, mais uma vez, houve uma marginalização proporcionada por órgãos e/ou pessoas dominadoras. Essa consciência de pertencimento de lugar nos é informada pela reelaboração da memória, recontada através de uma vivência de liberdade que permeia as lembranças seletivas.

E são justamente essas identificações e rememorações que norteiam esta seção, envolvendo enquadres ligados à territorialidade e momentos de contentamento que a natureza lhes proporcionava gratuitamente. Segundo um dos colaboradores:

Excerto 04:

P¹⁸: Mas tá tranquilo. É. Hein, Carlos. Assim:: - que influências externas, de instituição você acha que favoreceu ou restringiu no desenvolvimento da Comunidade? Porque, por exemplo, ela (a comunidade) faz divisa com a mineradora.

Carlos: Isto.

P: -com pessoas talvez do agronegócio, né? Apesar de ser próximo da cidade, tem essas divisões aí, né?

Carlos: Certo.

P: Essas instituições, você acha que (.) que geralmente interfere, mas teve interferência boa, teve ruim, não teve? Qual é sua opinião aí?

Carlos: Ai, cara, minha opinião, rsrs. A mineradora aqui, teve (.) ((Nossa! Foi um (.)- Ah, é difícil de falar, cara, porque eu sou novo, né?)) O pouco que eu vivi, eu conheci um pouco da nossa Comunidade, um pouco como ela era antes, né?

P: Sim.

Carlos: A mineradora já tá aí mais velha do que eu, né? Mas (.)

P: Acho que é de oitenta e quatro, oitenta e cinco.

Carlos: Isso. E:: eu ainda peguei os córregos, né? No seus leitões aqui. Os poços de tomar banho, né? Então a gente quando criança, a gente chegava da escola e a primeira coisa (.) almoçava e já ficava doído pra sair pra ir pro córrego, né? Uma época dessa aqui mesmo não encontrava ninguém dentro de sua casa. Todo mundo era nos poços.

P: Local de reunião?!

Carlos: Local de reunião ali, cara. Então assim, é:: é uma coisa que toda vez que eu, toda vez que eu vou falar (.) ((assim (.) - eu acabo me emocionando, sabe?))

P: Traz boas lembranças.

Carlos: ↑Nossa! Muito boas lembrança, sabe? E hoje eu fico muito triste. Muito triste mesmo, por isso ter acabado, sabe? As crianças de hoje não saber o quê que é isso, sabe? Não conhecer, não ter oportunidade de:: - Nós tinha cachoeiras maravilhosas em cima. Eu ainda,

¹⁸ Os colaboradores serão reconhecidos pelos nomes fictícios criados para representá-los, já a letra P, que ocorre nos excertos, refere-se ao Pesquisador do trabalho.

graças a Deus, eu cheguei conhecer lindas cachoeiras que nós tínhamos aí no pé do morro que hoje não corre um pingo de água, mas (.)

P: Fica na história.

Carlos: Fica na história. A gente não pode nem ter acesso aqui à área de lazer nosso, né? Que é nosso por direito também, né? Hoje, pra gente (.) - Meu terreno aqui de casa faz divisa com o córrego, que faz divisa com a mineradora, né? O que divide nosso terreno é um córrego, e do outro lado já é da mineradora. Então assim::, a gente não pode nem ultrapassar pra lá que é proibido acesso. Claro que, né, eles não têm aí, vigilância vinte e quatro horas, mas se pegar na área de lá, né? Eu gosto muito de fazer trilha aqui no morro e, esse morro aqui ainda que tá intacto, é:: tem uma vista maravilhosa. O nascer do sol.

Entrevista realizada em setembro de 2020.

Ao ser questionado sobre as influências que as instituições que fazem divisa com a comunidade exercem nela, em suas lembranças, Carlos conta sobre como era prazeroso poder chegar da escola, quando era criança, e aproveitar dos poços formados no córrego que corta a comunidade. *“Eu vivi pouco, mas ainda o pouco que eu vivi eu conheci um pouco da nossa Comunidade, um pouco como ela era antes, né?(.) E:: eu ainda peguei os córregos, né? No seus leitões aqui. Os poços de tomar banho, né? Então a gente quando criança, a gente chegava da escola e a primeira coisa(.) -almoçava e já ficava doido pra sair pra ir pro córrego, né? Uma época dessa aqui mesmo não encontrava ninguém dentro de sua casa. Todo mundo era nos poços.”*

Quando o colaborador da pesquisa refere-se à *“uma época dessa”*, ele se referia ao final de semana, com o sol escaldante do noroeste mineiro, pois a entrevista ocorreu em um sábado à tarde¹⁹, na residência do morador. Perceba que quando se refere às possibilidades de brincadeiras e entretenimento, ele faz menção ao que a natureza os proporcionava, gratuitamente, no território da comunidade, de maneira que os poços e cachoeiras eram locais de encontro e de confraternização não apenas para as crianças, mas também para as famílias que ali moravam.

Ele demonstra preocupação e tristeza pelo fato de, atualmente, as novas gerações não poderem usufruir e vivenciar algo que muitos puderam desfrutar e que era uma tradição na comunidade. Neste momento, houve uma mudança de *footing* em sua fala: *“Nossa!Muito boas lembrança, sabe? E hoje eu fico muito triste. Muito triste mesmo, por isso ter acabado, sabe? As crianças de hoje não saber o quê que é isso, sabe? Não conhecer, não ter*

¹⁹ O local e horário foi escolhido pelo colaborador, uma vez que faltava apenas mais uma entrevista para contribuição da pesquisa. Apesar de ainda estarmos sob o foco da pandemia da COVID 19, todos os cuidados foram tomados para que não houvesse perigo a nenhuma das partes envolvidas.

oportunidade de:: - Nós tinha cachoeiras maravilhosas em cima. Eu ainda, graças a Deus, eu cheguei conhecer lindas cachoeiras que nós tínhamos aí no pé do morro que hoje não corre um pingo de água, mas (.).” Nota-se um grande envolvimento e sentimento por parte do colaborador em relação à comunidade, pois além de participar de atividades culturais como a caretagem, que ainda será citado na análise do corpus II, ele externa uma tristeza no semblante ao falar que “tinham cachoeiras maravilhosas”, mas que hoje as águas não correm mais no leito do rio, devido à exploração da mineradora que, inclusive, faz divisa com seu terreno “*A gente não pode nem ter acesso aqui à área de lazer nosso, né? Que é nosso por direito também, né? Hoje, pra gente (.). - Meu terreno aqui de casa faz divisa com o córrego, que faz divisa com a mineradora, né? O que divide nosso terreno é um córrego, e do outro lado já é da mineradora. Então assim::, a gente não pode nem ultrapassar pra lá que é proibido acesso.*”

Segundo Goffman (2002), o *footing* é um alinhamento, uma projeção, uma postura subjetiva em relação ao outro interactante, ao discurso a ser construído e a si próprio. Uma mudança do *footing* ocasiona uma mudança no alinhamento assumido pelos interactantes e é justamente isso que notamos ao analisar a fala do colaborador, uma vez que houve uma mudança na maneira tanto no comportamento e semblante de Carlos, quanto na forma de produção de uma elocução.

Continuando as análises do enquadre envolvendo a pergunta de pesquisa três, relacionado à influência de instituições na comunidade, o colaborador relata que a mineradora possui patrulhas de vigilância que percorrem suas divisas e, em alguns casos, colocam até mesmo postos de fiscalização fixos, quando se tem que passar em parte de seu terreno para ir a outros locais²⁰. Leandro, outro colaborador da pesquisa também fala sobre a cachoeira: “*Existe! Existe, existe. Existe os lado negativo tamém, né, fera? Porque a cachoeira ali, se ocê (.). -Pra mim, que via a água correr nesses morro aí, correndo, hoje, se for no córrego hoje cê acha, cê não acha uma água pra lavar a mão, porque na realidade a empresa mexeu lá na nascente da água, né?*”

Em alguns momentos das entrevistas, assim como em diários de campo e conversas com outros membros da comunidade, é explícito o mal que a exploração predatória da mineradora promove na região, pois se analisarmos a imagem na figura 10 (página 80 deste

²⁰ Situação que ocorre ao ir à comunidade quilombola de Machadinho. Quem quiser visitá-la tem que receber autorização dos vigias da mineradora. Apenas moradores possuem acesso livre nas guaritas (postos de fiscalização) da mineradora.

trabalho) notamos que a área de exploração da mineradora é praticamente do tamanho, se não for maior, que a cidade de Paracatu. Consequentemente, justamente devido ao tamanho da área, pode-se afirmar que o impacto causado à natureza é imensurável, uma vez que há relatos de a exploração ocasionar secagem de nascentes de água, contaminação de córregos, retirada de árvores de frutas nativas do cerrado, além de toda a poluição que ocorre devido à poeira ocasionada pelo tráfego de maquinário pesado e pelas detonações diárias.

Infelizmente, o que antes era questão de orgulho e lazer para os moradores da comunidade quilombola, hoje está apenas nas lembranças de um passado recente e que já não permite que outras pessoas e principalmente crianças e moradores do local possam continuar usufruindo do que a natureza um dia proporcionou em suas próprias terras. Todavia, como apresentaremos na próxima seção, ainda há locais que são importantes na comunidade e que os moradores possuem livre acesso.

4.1.2 Espaços, não. Lugares de ensinamento

Na comunidade quilombola São Domingos, percebemos que ainda existe a questão de se repassar o conhecimento e tradições aprendidas com seus antepassados. Até mesmo para a questão da preservação identitária e dos conhecimentos adquiridos, os quintais são locais fundamentais para a transferência desses conhecimentos, pois na comunidade encontramos muitas plantações de árvores frutíferas, alimentos como mandioca e hortaliças, que são praticados em seus territórios e que já foram explicitados no final do capítulo 2 deste trabalho.

Todavia, um novo enquadre é desenvolvido nesta seção, pois ainda daremos destaque a algumas práticas dos quilombolas do São Domingos, assim como trabalharemos algumas memórias com o intuito de reafirmação territorial e identitária, e de como essa rememoração coopera para uma efetiva partilha e construção de experiências e de vivências.

Para isso, desenvolvemos o conceito de memória, que está ligado à questão da coletividade, sendo efetivada através de atividades do cotidiano como comer, rezar, cantar etc. Por conseguinte, a memória individual está a todo momento “conversando” com lugares, experiências e sujeitos com os quais estejam envolvidos. Segundo Halbwachs (2013, p. 39), “É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa”, ou seja, a memória individual não deixa de ser uma memória coletiva, mas que também pode ser modificada conforme os lugares que o indivíduo ocupa com os grupos os quais se relacionam.

Pensando a identidade territorial da comunidade quilombola São Domingos, sob o enfoque da rememoração, faremos uma distinção entre espaço e lugar, pois apesar de serem sinônimos em algumas situações, para a questão identitária há uma distinção fundamental. De acordo com Tuan (2013) o espaço é considerado um local em que os sujeitos não possuem ligações afetivas e, por consequência, é considerado abstrato; já o lugar é constituído a partir das experiências e da vivência quando ocorre a apropriação desse espaço. No caso desta pesquisa, utilizaremos a nomenclatura “lugar”, na comunidade pesquisada, pelo fato de esses lugares demonstrarem diversas referências culturais, identitárias e também emotivas, envolvendo questões pragmáticas relacionadas à reprodução material de sujeitos da comunidade.

Como na comunidade quilombola São Domingos é comum a questão de construção de residências em um mesmo terreno, e há diversas edificações que constituem lugares comuns aos moradores da comunidade, como salão paroquial, igreja, praça com aparelhos de ginástica, fábrica de biscoito e engenho, consideraremos todos esses locais como “lugares de ensinamento”.

Como já mencionado neste trabalho, a territorialidade na comunidade possui destaque uma vez que as novas gerações, à medida que vão constituindo família, vão construindo no terreno que é da família, conforme afirma Carlos, no excerto a seguir.

Excerto 05:

P: [...] ela falou: “Não, aqui é quintal, é extensão de lá. Aqui é como se fosse uma (.)”

Carlos: Isto! Isto! Verdade!

P: “[...] pra uma área só. As famílias vão construindo aqui, e tal”.

Carlos: É bem característico.

P: Aqui também é assim, não?

Carlos: É bem característico. Aqui, na verdade, aqui tem minha casa, né? Lá no fundo tem a casa da minha irmã, tem a casa do meu irmão. Ali já é do meu tio.

P: Mas é o terreno da família?

Carlos: É o terreno de uma família só. É! Tanto é que, a extensão (.) Logo ali é de Seu Aureliano, né?

P: Sim.

Carlos: Que é o irmão da minha vó. Aqui pra baixo já é família do meu pai, né? Quem mora na casa é tio do meu pai. Mais embaixo é a casa da minha vó paterna. Então assim, já é uma extensão de território...

Entrevista concedida em setembro de 2020.

No excerto anterior, o colaborador Carlos explica como se dá esse processo de construção das moradias no território de sua família. A colaboradora Vanessa também se refere às moradias que são construídas dentro das propriedades dos parentes. Em sua fala *“Aqui é como se fosse um grande condomínio, né? Minha tia mesmo mora ali pra cima, minha avó também, e tem vários parente, né?”* Ao ser perguntada se ela acreditava que pelo fato de morarem próximos ajudava na preservação cultural e da comunidade, a resposta foi afirmativa: *“Sim. Eu acho que sim, né? Por que aí já são pessoa que mora aqui e já conhece como as coisa funciona, as cultura, né? Ajuda na participação das festa, das dança, assim”*.

Como podemos notar essa prática é tida como algo positivo para as pessoas da comunidade, uma vez que além de manter a família próxima, trazendo unidade no território ao qual pertencem, explicam também que as contribuições são maiores, uma vez que há o envolvimento dos cônjuges, dos filhos, perpetuando aquilo que já estão acostumados a praticar, como suas crenças e valores.

Outro fator relevante e relativamente comum em integrantes de comunidades quilombolas é a união conjugal entre parentes, como exemplifica o colaborador Carlos, na gravação de sua fala.

Excerto 06:

Carlos: Nasci e criado aqui, como diz os mais antigos, nascido e criado.

P: Seus pais são daqui também?

Carlos: Meus pais são daqui. Tanto meu pai, tanto minha mãe são frutos daqui também. São Quilombolas da Comunidade. É:: são até primos, né, meus pais?! Aqui é bem comum.

P: Ah, seu pais são primos?!

Carlos: São. Primos de segundo grau.

P: De segundo grau.

Carlos: Minha mãe era prima de primeiro grau da minha falecida avó, que é a mãe do meu pai.

P: Oh, pra ocê vê.

Carlos: É. Aqui tem muito assim.

Entrevista concedida em setembro de 2020.

Na fala Carlos, mas também em conversas com outros moradores, presenciamos que realmente a união conjugal entre parentes é algo muito comum na comunidade, uma vez que há casos recentes em se tratando desse tipo de união. Soubemos ainda que, na união entre moradores, seja com parentes ou não, é comum construírem suas casas em terrenos que já pertencem à família. Na fala de outro colaborador, Leandro, essa prática: *“eu acho uma coisa*

boa porque deixa a família mais próxima, né? Isso é algo que vem desde lá de trás. E acaba que a gente tá sempre se ajudando, entende? Quando precisa.”

Na opinião do colaborador, essa união traz benefícios, uma vez que sempre podem contar uns com os outros. Além disso, quando uma pessoa se casa com um quilombola, eles acolhem as pessoas como um quilombola, ou seja, não fazem distinção se antigamente eram moradores de outros locais, desde que se case com quem é da comunidade. Esse tipo de acolhimento desperta a ideia de pertencimento nos novos integrantes, que passam a “defender” os interesses dos quilombolas, uma vez que agora também fazem parte dessa cultura.

Outros lugares bastante frequentados na comunidade são a igreja católica, o centro comunitário e a praça²¹ com os aparelhos de ginástica, que são locais de encontros semanais dos moradores, e que são muito próximos uns dos outros.

Excerto 07:

P: E as oficinas ocorrem aqui mesmo?

Vanessa: Aqui dentro da Comunidade.

P: É dentro da Comunidade? Em que local que acontece aqui? Você sabe?

Vanessa: Você sabe onde é que é o centro comunitário? Ali perto da ...

P: Da igreja?

Vanessa: Isso.

P: Sei.

Vanessa: Tem lá, e tem aqui na Associação. Aqui na Associação tem um funcional que funciona, que é também um projeto da Kinross.

P: É exercício funcional?

Vanessa: De ginástica. Ali lá no centro comunitário funciona teatro, funciona judô, funciona o balé. Tinha também um de pingue-pongue, que eu não sei se tá funcionando, mas (.)

P: Mas isso é só pra gente da Comunidade?

Vanessa: Mas assim que um pou(.) que fomenta pros jovens sair dar rua pra poder(.) - e há pouco tempo a gente teve também um projeto de (.) é:: que foi mais voltado pro lado educacional, né? Que foi até com a empresa Tecno Celi, que foi de jovens, e os jovens, eles capacitaram os jovens pro mercado de trabalho.

Entrevista concedida em março de 2020.

No centro comunitário ocorrem projetos variados como judô, teatro etc., que contemplam principalmente jovens, mas também desenvolvem outros projetos como a

²¹ Na seção 5.3 refletimos sobre outros espaços, relacionando-os com a Mineradora Kinross.

ginástica funcional, patrocinado pela mineradora, que proporciona a diversos moradores momentos de descontração e atividade física, semanalmente.

Em relação a esses lugares, que são os mais assiduamente frequentados, é interessante refletir sobre a presença da mineradora nesses locais, pois devido à disposição das construções – que cerca a praça em praticamente trezentos e sessenta graus, a presença da mineradora se faz presente a todo instante, pois além dos projetos desenvolvidos no centro comunitário, que foi construído pela mineradora, há outras construções que tiveram incentivos da mineradora como reforma da igreja, dentre outros. Nessa situação, a ideologia se faz presente, uma vez que quando sua imagem vem à mente, muitas vezes o que pode ficar na memória dos moradores são os benefícios que ela traz, minimizando os vários problemas que a Kinross proporciona e que serão abordados em outra seção.

Continuando o enquadre de análise dos lugares na comunidade, em relação à religiosidade, a maioria dos moradores da comunidade professa a fé cristã²² e se intitula católica. No final da rua principal, que é a rua que passa por quase toda a comunidade, encontramos locais que são muito frequentados na comunidade, sendo inclusive ponto de encontro em algumas situações. Esses lugares são a Igreja Católica, o Centro Comunitário, a Escola Municipal, o ponto de ônibus e a praça com aparelhos de ginástica, onde fica um Cruzeiro²³, e há também um cemitério local, em que a data de sua criação é desconhecida, pois sua utilização remonta ao período da escravidão, mas é utilizado até hoje.

Neste momento, daremos destaque a uma prática religiosa, desenvolvida pelos quilombolas do São Domingos e também ao local citado acima como ponto principal. No decorrer da semana, mas principalmente no sábado e domingo, este local é ponto de socialização, pois sempre encontramos pessoas conversando e interagindo. Todavia, ali também acontecem discussões envolvendo momentos que englobam a comunidade e também momentos religiosos como celebração a São João, semana santa, São Domingos, dentre outros.

Um desses momentos religiosos, muito característico dessa comunidade, ocorre geralmente quando a seca e o calor são mais intensos na região, geralmente no mês de

²² No próximo excerto mencionaremos uma prática religiosa comum na comunidade quilombola São Domingos.

²³ Cruzeiro é uma cruz monumental, geralmente em pedra, mas também em madeira, que normalmente é colocada sobre uma plataforma com alguns degraus ou sobre a extremidade de espigeiros. Os cruzeiros podem ser de diversas dimensões, e também são colocados nos adros das igrejas, cemitérios, lugares elevados ou em encruzilhadas de caminhos.

outubro. O rito envolve principalmente mulheres e crianças que se reúnem na porta da igreja, saindo em direção ao córrego de São Domingos. Quando chegam ao córrego, apanham pedras e vasilhas de água, colocam na cabeça e sobem o morro fazendo orações e entoando músicas, tendo como destino final o cruzeiro. Eles acreditam que ao fazer esse sacrifício, Deus enviará chuva mais rápido. Em uma de suas experiências, Carlos conta.

Excerto 08:

Carlos: [...] Tem nossos costumes também, né? A gente tem a reza ao Cruzeiro, né? Que até, fazia até penitências. Não sei se cê já ouviu falar. Penitência pra chuva.

P: Sim.

Carlos: E assim, é algo que tem registrado também e que funciona, cara. Tem gente que(.) Ah, mas(.) - depende muito da fé da pessoa, né? Então, é:: a reza pra Santa Cruz, pro Cruzeiro, pedido de chuva é:: são três dias, né? Que a gente(.) tá o sol do meio dia ali até as três horas, porque o sol tem que tá quente.

P: O sol tem que tá quente que é penitência, né?

Carlos: Penitência! E também é época de sol muito quente. A gente tá pedindo chuva é porque realmente a coisa tá feia.

P: O sol tá... rsrs.

Carlos: Então, a gente ia até o, até o córrego que passa ali, pegava água com bacia, com as cuias, né? Com os baldes. Carregava pedra e levava até o cruzeiro e banhar aquele cruzeiro, né? E orando o caminho todo e pedindo a Deus misericórdia pra chuva até nós. E assim, é incrível que ali no primeiro, no segundo, no mais tardar o terceiro dia já tá caindo chuva.

P: É a fé.

Carlos: É a fé, cara. E isso é tradição que vem desde muito antigamente, sabe?

P: Essa história eu não tinha escutado ainda não, rsrs.

Carlos: Não? E tem registros, tem o pessoal do Instituto Brasileiro de Arqueologia que fez o trabalho aqui também, eles filmou, eles conheceu a Comunidade passando e a gente tava fazendo essa penitência na época, e eles viu, pediu licença e filmou. Logo depois eles veio acompanhar o processo e gravou a chuva caindo no Paracatu.

Entrevista concedida em setembro de 2020.

Neste enquadre, diante dos fatos narrados, o colaborador traz à lembrança um momento de fé que acontece sempre quando a temperatura está muito alta e a seca assola a comunidade. Ele reforça a importância do ato religioso (penitência) e da misericórdia de Deus que (*É a fé, cara. E isso é tradição que vem desde muito antigamente, sabe?*), através do sacrifício e orações atendem aos clamores do povo, sendo também uma tradição dos seus antepassados. O local final para a caminhada, que ocorre várias vezes no dia, é o cruzeiro, que fica na praça entre a igreja e o cemitério.

Carlos mencionou essa prática que a comunidade possui, ao perguntarmos sobre as práticas que os identificavam como quilombolas. Ele destacou a religiosidade que herdaram e mencionou essa prática que também ocorre anualmente, semelhante a outras que são comuns na comunidade.

Fotos 13: Lugares comuns de encontro



Fonte: Pesquisador (2020)

A religiosidade praticada pelos quilombolas da comunidade São Domingos, baseado na fé cristã católica, envolve não apenas um Deus, mas também santos que em suas crenças intercedem por eles para que os pedidos sejam acolhidos e realizados. Podemos comprovar essa prática a partir de eventos como as missas aos domingos, mas também às festas que acontecem, que são em homenagem aos santos, como a caretagem a São João Batista; as novenas a Nossa Senhora (mãe de Jesus), a São Domingos etc. Nesses eventos envolvendo as crenças dos moradores, outro lugar de pertencimento e muito valorizado pela comunidade é o cemitério local, que fica no local onde há o maior número de edificações na partilhadas na comunidade.

Dessa forma, fica evidente que esses espaços são considerados, aos moradores, como ponto de referência, onde se pode desenvolver e compartilhar as experiências suas crenças, socializando suas orações, danças e tradições, que envolvem não apenas os adultos, mas também as crianças, de maneira que essas possam dar continuidade àquilo que começou a séculos passados.

E para encerrar esta seção, não poderíamos deixar de falar dos quintais, que constituem lugares de ensinamento, pois a tradição também é passada através das histórias e das práticas desenvolvidas pelos moradores mais antigos.

Excerto 09:

Leandro: Graças a Deus! Então, acho que essa questão dele ser uma pessoa das mais idosas aqui da região; a questão do pessoal aqui ainda fazer chapéu de palha; a questão da Caretage, que é uma tradição aí; a Folia de Reis; até eu com a própria cultura ali, que hoje eu faço(.)- mantenho o meu trabalho, uma coisa que iniciou há oitenta anos atrás, né?

L: Sim.

Leandro: Que veio dos meus avós, que passou pro meu pai e eu tô dando sequência. Então acho que isso também faz parte dessa cultura aí dos Quilombolas, né?

Vanessa: Dona Ana. Então eu ia com ela, né? Nos passeio que ela fazia dentro da comunidadee nas casa que a gente visitava. Como os passeio e visita estava sendo muito frequente dentro da Comunidade, então, ela foi me ensinando.

P: Sim.

Vanessa: E aí eu fui ajudando ela. Então chegou uma época que tanto eu quanto ela recebia os turistas dentro da comunidade. Então assim:: ela foi compartilhando comigo o que ela sabia.

Carlos: A gente já leva o ano todo (preparando a festa da caretagem). As crianças já, já brincam. Pegam aquelas fitas, já(.) fica aí, tem os ensaios, tem as comidas típicas, né? Então o preparo em si, aquela alegoria em si já perpetua pelo ano todo.

Na fala de Vanessa, ela cita algumas práticas que perpetuam a cultura adquirida de seus antepassados e menciona que aprendeu sobre a comunidade pelo fato de conviver com a avó e que de tanto presenciar as contações de histórias ela passou a conhecer muito da história da comunidade. Essa é uma prática comum entre os mais jovens, quando convivem com pessoas mais experientes, pois semelhante a povos ágrafos, as histórias são a forma mais comum de se passar os ensinamentos e tradições.

Diante de tantos depoimentos extraídos das gravações, podemos concluir que a comunidade possui locais característicos dela como igreja, praça, centro comunitário, mas também os quintais, locais em que ocorrem manifestações culturais, como a caretagem, e que permitem que conhecimentos, tradições e representações sejam passados para as próximas gerações de maneira que possam se identificar e levar a cultura quilombola à frente, não permitindo que ela se extinga ou seja tão fragmentada, uma vez que há uma possibilidade enorme diante do que já vem acontecendo com outras comunidades quilombolas da região.

4.2 Reconhecimentos Identitários na comunidade

Nos enquadres desta seção, analisaremos traços identitários dos colaboradores da pesquisa, que pertencem à comunidade quilombola São Domingos, por meio de análises das gravações geradas a partir das entrevistas concedidas. Dessa maneira, buscaremos identificar práticas linguísticas discursivas contidas nas entrevistas, dando ênfase a características permeadas por valores sociais identificacionais que favorecem a uma determinada percepção da realidade.

Conforme Hall (2003), as identidades são cambiantes, ou seja, muitas vezes identidades são assumidas dependendo do papel que a pessoa exerce em determinado momento, sendo temporário. Nesse processo identificacional, o sujeito se posiciona em um local, podendo ser um país, uma região ou uma comunidade, em que manifeste um sentimento de pertencimento. Assim, a identidade não é construída do nada, mas a partir de um posicionamento contextualizado, que perpassa pela história, pelo social, pelo cultural e também por questões ideológicas.

Hajagopalan (2002, p. 77) também afirma que a identidade é “um construto”, dessa forma ela está num processo constante de (re)construção e identificação. Não obstante, apesar dessas possíveis mudanças identificacionais, que ocorrem de acordo com o contexto, a prática discursiva permite desnudar aquilo com o qual o indivíduo se identifica no momento, permitindo externar se ocorre uma ideologia na fala, que identifica o sujeito, ou não, com determinado local ou grupo. Isto posto, realizaremos um cruzamento nas falas dos participantes, dando ênfase a duas características identitárias que surgiram nos discursos proferidos e analisados.

4.2.1 Autoidentidade de pertencimento à comunidade quilombola

No trecho 1, Adelaide, presidente da comunidade, externa: “*A gente só acha o seguinte: como tá chegando vizinhos, e esses vizinhos também, devido o impacto, eles também têm um grande interesse na Comunidade, como nós somos os primeiros, o direito é nosso.*” “*Então, a gente tem muita coisa.*” Nesta fala, a pessoa faz uso de uma locução pronominal menos monitorado “a gente”, que possui sentido pelo fato de a pessoa que está falando ser a presidente da associação e, neste momento ela se inclui também com a ideia veiculada pela sua fala. Em outro momento reitera a quantidade de coisas que a comunidade, à qual ela pertence, tem. Ainda analisando seu discurso, percebemos o uso do pronome “nós” incluindo-a como pertencente à comunidade e reivindicando o que lhes é de direito.

Já Vanessa, que exerce a função de secretária da associação, expõe: “*Hoje a gente tem os registro vivo, né?*” “*Tem. Tem. É o amor, né? Eu falo que quem faz mais, faz por amor. Porque cê faz de graça, rsrs... leva pedrada, e o povo falando mal... mas cê tá lá fazendo e*

tentando plantar alguma coisa pra colher lá na frente, e com muita transparência, que é o que a gente já acostumou trabalhar, né? Vem de berço. Então assim: todo mundo que tá à frente hoje tá mais por amor do que... porque não ganha nada.” A segunda colaboradora da pesquisa (Vanessa) também utiliza a locução “a gente” incluindo-a como pertencente à comunidade quilombola e demonstra compromisso e envolvimento ao declarar que “todo mundo” que está à frente da comunidade está por amor, inclusive ela.

Neste trecho, Leandro, que é empresário e produtor de rapadura na comunidade, afirma: “Tô passando pra ele também, porque a gente não é eterno, né?” “A questão de ser Quilombola acho que soma bastante.” Aqui, o colaborador deixa explícito a questão de “ser quilombola”, não havendo nenhuma dúvida em relação a sua ideia de pertencimento à comunidade, além de estar perpetuando tradições que referendam suas condições de descendentes de remanescentes de escravizados.

No trecho 04, Carlos, morador da comunidade, reitera: “A gente tem a reza ao Cruzeiro, né?” “Nós tinha cachoeiras maravilhosas em cima. Eu ainda, graças a Deus, eu cheguei conhecer lindas cachoeiras que nós tinha aí no pé do morro que hoje não corre um pingão de água, mas...”. Neste discurso também podemos notar o envolvimento do entrevistado uma vez que coloca a religiosidade como sendo “(d)a gente” e também quando declara que os bens naturais, como as cachoeiras, que pertenciam a toda a comunidade, quando afirma que “nós tinha aí no pé do morro”.

Desenvolvemos esta seção aproveitando diversos enquadres na fala de vários colaboradores, destacando construções linguísticas trabalhando elementos identitários, que focam no pertencimento à comunidade. As falas dos colaboradores são fragmentos que surgiram envolvendo várias questões de pesquisa, inclusive de forma que a autoidentidade apareceu durante vários momentos das entrevistas semiestruturadas, o que permite inferir que a ideia de pertencimento à comunidade é reiteradamente afirmada pelos seus moradores, o que permite uma consolidação dos seus valores e identificação com seu território. Os *footings* também estão presentes, pois como afirma Silva (2003, p. 18) ele designa “a sinalização das mudanças na projeção de identidade ou na orientação dos participantes em relação uns aos outros e em relação ao processo interacional.” e essa projeção aparece a todo momento, como destacamos (sublinhamos) nas falas anteriores.

4.2.2 Preocupação com a perpetuação da comunidade

No trecho 5, Adelaide reflete: “*Tem muito jovens aí que, é... que tem informação, né? Assim, o que tá faltando mesmo é oportunidade mesmo, pra eles, né?” Neste momento percebemos uma preocupação da presidente com a falta de oportunidade para os jovens, reconhecendo que eles possuem conhecimento e que podem trabalhar em muitas coisas, todavia, apesar de capacitações e de todo um trabalho que é desenvolvido com eles (jovens), ainda falta oportunidade para o campo de trabalho.*

Já no trecho 6, Vanessa confirma: “*Já vem... acho que dois ou três mandatos que eu venho caminhando com minha madrinha.” Aqui, percebe-se o comprometimento de uma jovem em acompanhar os trabalhos desenvolvidos pela presidente, deixando evidente que sempre estará disposta a ajudar, quando houver necessidade. Inclusive, sua participação em outro momento constou em capacitar outras pessoas da comunidade em relação às vendas dos produtos da fábrica de biscoitos, como ela afirma: “*Então assim: dentro da fábrica eu ajudei eles a montar, questão de custos... às vezes tinha qüites que tinha que montar valores, eu sentava com minha madrinha Adelaide, aí ia ajudar eles ... Questão de treinamento de pessoal... como vender.*” A participante demonstra total envolvimento com a comunidade, buscando sempre contribuir dentro daquilo que lhe é possível, reiterando a ideia de pertencimento e auxiliando naquilo que pode levar sua cultura e identidade a locais além da comunidade quilombola.*

Nesta seção sobre identidades, notamos que, necessariamente, todos os envolvidos na colaboração da pesquisa estão envolvidos com as questões da comunidade seja de maneira mais direta, como pessoas que fazem parte da diretoria do São Domingos, ou indiretamente participando de atividades culturais e reconhecendo os valores e crenças que permeiam a comunidade quilombola, dessa forma, obliquamente esta seção desenvolve a questão de pesquisa que envolve a perpetuação da comunidade.

Segundo Bento (2011), a construção identitária se dá através de um processo, pois ela se manifesta por meio de uma consciência que permeia diferenças relacionadas a outras pessoas. Dessa forma não devemos considerá-la um produto acabado, ou seja, a interação é que permite a construção identitária, a partir do diálogo que é estabelecido com outros sujeitos. Referendando o conceito anterior, a autora explana que:

A identificação é o mecanismo fundamental pelo qual se constitui uma pessoa, ou melhor, um sujeito. Há várias identificações simultâneas, que podem ser contraditórias umas com as outras; identificações comuns a todos os seres humanos, e específicas de certos grupos, assim como identificações absolutamente individuais, que nos constituem como pessoas singulares, únicas. (BENTO, 2011, p. 110)

Assim, as identidades não são construídas da mesma forma, mesmo as pessoas convivendo em um mesmo espaço. Um fator que referenda esta afirmação pode ser constatada em um trabalho anterior, desenvolvido na comunidade quilombola, quando Silva (2014) identificou em suas análises que havia divergências entre líderes e ex-lideranças relacionadas à Mineradora Kinross, envolvendo um descontentamento pelo fato de alguns projetos não terem sobressaído e, conseqüentemente, terminado. Em suas palavras:

As divergências foram identificadas em vários momentos e são fatos que incomodam bastante as lideranças, ex-lideranças e participantes, pois vários projetos não deram certo devido desentendimentos internos entre membros da comunidade, pois mesmo possuindo uma estrutura completa para que os trabalhos fossem desenvolvidos, eles não vingaram. (SILVA, 2014, p. 120)

Outra questão abordada por ele e que não foi encontrada com tanta veemência nesta pesquisa, foi a questão do deslocamento, proposto por Laclau (1990), baseado numa possível crise de identidade em moradores da comunidade. Todavia, concluímos que, apesar de várias pessoas trabalharem fora da comunidade, notou-se um grande envolvimento por parte de integrantes mais jovens, o que demonstra que o trabalho de preservação e perpetuação da comunidade tem uma perspectiva favorável, uma vez que encontramos pessoas muito envolvidas, compromissadas e conscientes quanto a questões envolvendo a comunidade quilombola São Domingos.

4.3 Território: Comunidade x Mineradora

Neste enquadre, construímos esta seção com base no aporte teórico da etnografia crítica, em que alguns dados apareceram nas entrevistas gravadas e nos diários de campo, e serão de grande importância para reflexões e questionamentos envolvendo a comunidade quilombola São Domingos e a Mineradora Kinross. Dessa forma, nesta seção também respondemos à pergunta de pesquisa quatro, como é a relação entre a comunidade e as suas vizinhas?

Como os trabalhos envolvendo a etnografia crítica buscam analisar os processos que, de certa forma, ditam ou modelam as relações humanas e a vida social (THOMAS, 1993),

refletiremos sobre como alguns integrantes da comunidade enxergam a mineradora e também como esse processo de convivência se dá, uma vez que há explorações ao lado da comunidade e que afetam diretamente a forma de viver das pessoas em São Domingos.

Como já apresentando em seções anteriores, tanto no analítico (seção 5.2.2) como no contextual (seção 3.5.1), a Kinross é uma grande benfeitora de edificações (como a fábrica de biscoitos e salão paroquial) e principalmente projetos que atendem uma demanda da comunidade. Apesar de alguns não terem dado certo, como o projeto de criação de frangos caipiras, outros ainda estão em andamento como projetos que envolvem atividades físicas, jogos, capacitação de jovens para o mercado de trabalho e até mesmo a fábrica de biscoito.

Se por um lado a empresa busca beneficiar a comunidade com vários espaços e ambientes, que de certa forma promove que sua presença seja lembrada a todo momento, pois em muitas edificações há as placas com o nome da empresa; por outro, não se pode esquecer todos os contratemplos (detonações diárias), prejuízos (rachaduras nas casas e poeira devido a movimentação de caminhões) e impedimentos (usufruir das benesses da natureza, como cachoeiras e frutas do cerrado) proporcionados e impostos pela mineradora.

Uma questão que analisaremos é a maneira como algumas vezes a empresa é retratada. Em vários momentos a empresa é personificada: *Vanessa: “Ela vem com os projetos.”; Carlos “Porque os projetos que ela desenvolve hoje dentro da Comunidade são projetos que são desenvolvidos também nas Comunidades vizinhas, que não são Quilombolas”*. Percebemos nas falas dos participantes da comunidade que eles se referem à mineradora Kinross como uma pessoa ou ser, mas não como uma instituição. Essa forma de referência nos dá a entender que a empresa demonstra desejos e que está integrada à vida da comunidade. Todavia, é interessante ressaltar que essa personificação ocorreu apenas nas falas dos entrevistados mais novos. Os integrantes mais antigos, Adelaide e Leandro, em nenhum momento utilizou algum tipo de pronome para se referirem à mineradora.

Existe uma lógica nos sistemas de representação, segundo Hall (1997), de maneira que uma determinada instituição, como empresa, igreja etc., ao ter alguma atitude, seja ela boa ou ruim, pode ser notado pelas pessoas da comunidade como um ato não de sujeitos que compõem a empresa, mas da instituição enquanto algum tipo de “entidade”. Diante de tantas representatividades da mineradora junto à comunidade, refletimos qual seria a simbologia que há, para os moradores, nesses lugares e também quais processos ideológicos estão vinculados às construções patrocinadas pela mineradora?

Thompson (2002) fala que ao interpretar as formas simbólicas, a compreensão é incorporada pelos indivíduos, de acordo com a simbologia que têm de si e dos outros. Para ele, a apropriação de uma mensagem ocorre quando um conteúdo significativo é incorporado à própria vida, sendo um processo que muitas vezes acontece sem muito esforço e sem que o indivíduo tenha consciência.

Isto posto, a Kinross não estaria apenas explorando o minério, ou trazendo prejuízos como rachaduras nas casas, poeira, etc., ela também proporciona benefícios à comunidade e isso é representado por meio desses espaços simbólicos, que para os moradores são lugares que possuem significados e importância. Ou seja, através desses espaços simbólicos (porque trazem algum tipo de benefício), mas também reais (praça, centro comunitário), a mineradora desenvolve uma ideologia implícita – como “amiga” – junto aos moradores da comunidade quilombola São Domingos.

Outra questão que gera conflitos e discordâncias desde a implementação da empresa na década de oitenta, junto à comunidade quilombola, são as questões territoriais. Em pesquisa já desenvolvida na comunidade, Silva (2014) identificou divergências conceituais entre líderes e ex-líderes relacionada à mineradora e à questão territorial.

Em seus discursos (lideranças), a mineradora é a “melhor aliada da comunidade”, pois está mais presente do que a própria gestão do município. Ela paga algumas despesas como a energia das associações, constrói edificações – como o salão paroquial da comunidade – incentiva projetos na geração de emprego e renda, criação de frangos e teve grande influência no asfaltamento da comunidade.

[...]

Todavia, diante dessa convivência, uma das ex-líderes, que teve que deixar o cargo e inclusive a Comunidade, não concorda com a situação e, em seu dizer, “foi uma pedra no sapato da Kinross”, pois lutava por indenizações para a comunidade tentando minimizar todos os prejuízos territoriais e culturais que sofreram e sofrem devido à exploração do ouro. (SILVA, 2014, p. 128)

Passados alguns anos, notamos que as questões territoriais perduram não apenas pelas questões de direitos ou não às terras pelos quilombolas, mas por questões que remetem à ganância de algumas pessoas, que pensam não em preservar, mas tirar proveito de parte do território que pertence à comunidade, visando à possibilidade de que a mineradora o adquira para exploração.

Em uma das entrevistas com uma colaboradora, quando falávamos da cachoeira, que pertencia ao território que era da comunidade, ela informou que a mineradora não adquiriria algo que não fosse legalizado.

Excerto 10:

Adelaide: Foi legal porque eles num compra nada que é ilegal, né?

P: Hum.

Adelaide: Porque igual ali no Niculau, ali mesmo, tem a área daquele(.) do morro aqui que é deles, e eles tão louco pra vendê e num vende porque existe documento de outras pessoas, e aí as outras pessoa que é da, da família dos Monteiro também, eles num vende de jeeeeito nenhum.

P: Unrum.

Adelaide: Aí tá dentro da propriedade e eles já fizeram de tudo pra vendê, tanto que tá até na justiça. Porque eles querem vendê, né? E aí num, num compra. Aí, até uma vez, a gente foi numa reunião, tava uma discussão, aí foi levantada a questão que a Kinross quis comprar a São Domingos. Ela falou: _Não! A gente não quer comprar a São Domingos. A gente só acha o seguinte: como tá chegando vizinhos, e esses vizinhos também, devido o impacto, eles também têm um grande interesse na Comunidade, como nós somos os primeiros, o direito é nosso.

Entrevista concedida em março de 2020.

A colaboradora da pesquisa é uma pessoa que há bastante tempo lida com questões da comunidade e falou com propriedade do assunto que abordou. Até então, jamais tínhamos ouvido qualquer menção de a mineradora querer “*comprar a (comunidade) São Domingos*”, mas pelo visto, algumas pessoas que estão se mudando para a comunidade, possivelmente estão almejando ou receber alguma indenização, pelo fato de a mineradora ter começado uma exploração ao lado do território da comunidade, ou pensam mesmo em poder vender parte do terreno que adquiriram.

Em reflexões sobre essa possibilidade, a colaboradora disse: “[...] *mas tem gente que o interesse é esse.*” (comprar para poder vender posteriormente). Ainda divagando sobre o assunto, ela relatou:

Excerto 11:

Adelaide: E agora tão(.)- que eu não sei de onde saiu esse noticiário, que devido a Kinross tá trabalhando ali na cachoeira, que vai comprar a parte de lá, aquela lá perto da igreja, aquele lado ali.

P: Sei.

Adelaide: Nossa! O que dá(.) aqueles lote ali, o pessoal, direto o pessoal me liga: ‘Dona Adelaide, ó, tão invadindo uns lote aqui. A senhora sabe quem é os dono?’, falei: ‘Eu não

sei, não sei'. Porque na época o meu tio pegou e vendeu. Vendeu o terreno pra Dona Dolores. Dona Dolores vendeu pra Calanguim, de Calanguim ele já vendeu pra uma tal de Laureci, vendeu pra essa Dona Laureci, essa Dona Laureci morano aqui na Comunidade, interagiu aí com a Comunidade, foi dano uma de boazinha(.) Quando povo assustou ela tava com o loteamento pronto. Então ela vendeu muito lote.

P: E onde é esse loteamento? Ali perto da igreja?

Adelaide: É.

P: Mas...

Adelaide: Nos fundo ali da igreja.

P: Ahh!

Adelaide: Então vendeu muito lote. E aí agora com essa história que diz que a Kinross vai comprar uma parte ali(.) Menino, mas pro cê vê o que é de gente vendendo(.)

P: Terreno.

Adelaide: Marcando, demarcando mermo, já. E um marca, outro marca, e tá uma briga danada.

P: Mas quem tá marcando, demarcando é gente daqui ou gente de fora?

Adelaide: Não.

P: De fora.

Adelaide: De fora.

Entrevista concedida em março de 2020.

Na fala da colaboradora, uma pessoa que não é quilombola, aproximou-se da comunidade e ganhou a confiança das pessoas do local. Posteriormente, ela apropriou-se de um terreno, loteou e vendeu às pessoas de fora. Como já existiu uma conversa de que a Kinross possui interesse em comprar terras da comunidade, várias pessoas estão adquirindo terreno e até invadindo, de maneira que possa obter algum lucro futuro com a venda dessas terras e lotes, uma vez que a exploração da empresa está praticamente ao lado da comunidade.

Apesar de toda luta e organização para manter a comunidade funcionando legalmente e fazendo parcerias para desenvolver projetos de empregos e também culturais, a comunidade sofre com falta de apoio do poder público e também começou a ter problemas com moradores de fora, mas que estão residindo na comunidade. Em sua fala: Adelaide: “*Mas eu sei que tem esses impasse dentro da Comunidade. E aí, quer dizer, a comunidade, invés dela ficar tranquila, né? Aí vem as preocupações.*”

As lutas são incessantes desde o período da escravização de seus antepassados. Apesar de as formas de exploração terem mudado, os quilombolas ainda lutam para não perderem seus costumes, crenças e valores, ligados também às questões territoriais, pois podemos constatar, diante de tudo que foi apresentado até aqui, que todos esses fatores estão interligados, em se tratando de comunidades quilombolas.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO CORPUS II – LETRAMENTOS NA COMUNIDADE SÃO DOMINGOS

Este capítulo apresenta as análises realizadas, no âmbito da pesquisa, sobre Letramentos desenvolvidos na comunidade quilombola São Domingos, a partir do aparato teórico, orientado especialmente por Bauer & Gaskell (2011), Street (2014), Barton e Hamilton (2000), Bortoni-Ricardo (2008), Bazerman (2007), dentre outros. As análises foram feitas a partir do corpus gerado em trabalho de campo na comunidade, compreendendo, sobretudo, os trechos das conversas em forma de narrativa que foram degravadas de entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes da pesquisa, a saber, moradores, comerciante e lideranças.

Iniciamos as análises com a seção **5.1**, denominada “**Assembleia dos Moradores na Comunidade**”, onde apresentamos o evento de letramento (assembleia) e práticas de letramentos que foram desenvolvidas, como assinatura do livro de registro, confecção de ata, além dos letramentos religioso, através da oração do pai nosso; e tecnológico, na utilização de recursos para apresentação do acerto anual pela presidente da associação. Neste momento podemos notar que várias práticas de letramento são desenvolvidas pela comunidade, o que permite a perpetuação de seus ideais realmente de forma comunitária.

Na seção **5.2**, intitulado “**Projeto A ESCOLA VAI AO QUILOMBO**”, falamos de uma proposta pensada pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo que tinha como objetivo apresentar as comunidades quilombolas da região aos alunos das escolas do município de Paracatu e região, com o intuito de perpetuar e valorizar a cultura quilombola. Todavia, apenas duas comunidades foram contempladas e, além disso, o projeto não teve continuidade nos trabalhos propostos.

A seção **5.3**, que chamamos de “**Letramentos Múltiplos e Lugares para Conhecimento**”, é subdividida em outras três subseções, a saber **5.3.1 “Quitutes de Letramento: A Fábrica de Biscoito”** em que destacamos os letramentos desenvolvidos neste local, como convites, oficinas de quitutes tradicionais da comunidade, assim como trabalhamos também questões ideológicas relacionadas a espaços construídos pela mineradora local. Também há a subseção **5.3.2 “Adoçando o Letramento: Engenho e Rapadura”**, onde mostramos que práticas herdadas por familiares possuem grande importância na formação de seus pares, de maneira que elas são perpetuadas e lembradas, de forma que o letramento pode ocorrer em qualquer espaço em que ocorra o compartilhamento, neste caso, a

comunidade quilombola. E finalmente, a subseção 5.3.3 *“Dançando e Cantando o Letramento: A Caretagem”*, em que apresentamos a manifestação cultural mais conhecida da comunidade quilombola São Domingos, a Caretagem, dando foco aos letramentos religioso e cultural.

Finalizando a análise do Corpus II, em que priorizamos apresentar as análises voltadas apenas aos Letramentos, destacamos a Seção 5.4, denominada de **“Performance de Letramentos na Comunidade: um caso particular”**. Aqui exemplificamos a importância real, que práticas de letramentos exercem às pessoas que fazem uso delas, de maneira que, tendo consciência dessa importância para a comunidade, o entrevistado declarou que vários registros como atas e reportagens foram fundamentais para que tanto ele quanto sua esposa conseguissem o benefício da aposentadoria.

5.1 Assembleia dos Moradores na Comunidade

As primeiras análises desenvolvidas estão voltadas às questões relacionadas aos letramentos praticados na comunidade por seus moradores, corroborando com a reflexão de como as Práticas de Letramentos Sociais, abordadas por Street (2014), podem auxiliar no desenvolvimento e conservação da comunidade quilombola São Domingos. Neste momento, as questões cinco e seis: Como as Práticas de Letramentos Sociais permitiram o desenvolvimento e perpetuação da comunidade? Quais contribuições os estudos sobre Letramentos Múltiplos podem agregar às Comunidades Quilombolas?, são abordadas e respondidas.

Tendo como alicerce as concepções e conceitos relacionados às implicações e estudos sobre o letramento, tendo foco as práticas sociais dos sujeitos, Street (2014) apresenta estudos os quais revelam que esse termo tem sofrido alterações, assim como os estudos e pesquisas relacionadas aos Letramentos, não ficando presa apenas ao letramento veiculado pelas agências escolares, justamente devido às mudanças sociais que se verifica nos últimos tempos.

Além de Street, outros autores como Barton e Hamilton (2000) consideram que o contexto ideológico e sócio-histórico em que os letramentos são aplicados é fundamental para a compreensão das práticas desenvolvidas em determinado ambiente. Além disso, enfatizam que a história de vida trazida pelo sujeito é de grande relevância, uma vez que as práticas letradas com as quais essas pessoas têm contato é que proporcionarão um maior ou menor letramento de acordo com as situações experienciadas por eles.

Outro fator essencial é a admissão de que há diversos tipos de letramentos com que as pessoas podem tratar, compreendendo que um sujeito pode ser letrado em um determinado evento de letramento, porém não dominar outras práticas necessárias para outro evento. Isso acontece pelo fato de eventos de letramentos, que são necessárias em determinadas agências, pode exigir, ou não, uma prática de letramento específica que o sujeito pode não dominar.

Conforme Scribner & Cole (1981), o letramento não consiste unicamente em dominar as regras da leitura e da escrita, isto é, em saber ler e escrever, mas, especialmente, em fazer uso desse conhecimento colocando-o em prática em diversos momentos específicos.

Apesar de essa falta de domínio ser relativamente normal, pois dificilmente encontraremos alguém que domine todas as práticas de letramentos exigidos nos mais diversos eventos de letramentos da sociedade, deve-se evitar o julgamento dos sujeitos, afirmando que eles são letrados ou iletrados, pois o letramento faz parte de um *continuum*, ou seja, as pessoas adquirem habilidades e conhecimentos de letramento distintos de acordo com seu Histórico de Letramento.

Esse pensamento é legitimado por Barton e Hamilton (2000), ao reiterarem que as práticas de uma pessoa podem ser encontradas também em sua própria história de letramento. Dessa forma, não podemos dizer que um indivíduo é iletrado por não dominar a prática de, por exemplo, realizar uma petição, se ele possui um domínio em práticas letradas, como por exemplo, práticas digitais. Ele simplesmente ainda não detém o conhecimento ou habilidade de realizar a petição, todavia, caso essa pessoa tenha condições de pesquisar, ou principalmente fazer um curso onde haja um evento em que tal prática seja relativamente comum, o mesmo adquirirá a habilidade de fazê-la, justamente por causa do histórico de letramento pelo qual passou.

Pelo fato de vivermos em uma sociedade extremamente dinâmica e cada vez mais semiotizada, a possibilidade de adquirirmos proficiência em diversos letramentos é imensa, o que nos leva a refletir que esses letramentos extrapolam apenas uma agência, o que nos permite ser indivíduos multiletrados, já que as agências com que temos contatos são as mais diversas, tais como escolar, familiar, religioso etc.

Por conseguinte, entendemos que o letramento é tido como processo dinâmico e contínuo, uma vez que diversas situações sociocomunicativas aparecem, sendo necessária a existência de novos eventos e, conseqüentemente, de diversas práticas de letramento que podem ser novas, mas também simplesmente reconfiguradas. Por isso que podemos defender

que as práticas letradas de uma pessoa alteram-se mediante determinadas situações comunicativas, assim como possibilidades e interesses, além de recursos disponíveis (BARTON e HAMILTON, 2000). Isto dito, reiteramos que o sujeito letrado sempre irá recorrer à sua história para suprir as demandas de específicos eventos e práticas de letramentos.

Dessa maneira, podemos compreender o letramento como um fenômeno plural, uma vez que relaciona conhecimentos, vinculados a diversas práticas de letramento de determinados grupos sociais, como é o caso da comunidade quilombola pesquisada, e denota o reconhecimento de diversos eventos e práticas de letramento em diferentes agências.

Tendo esse conhecimento, outro fator que deve ser ressaltado é que não há uma agência mais importante que outra, pois tudo dependerá de sua história, ou seja, haverá uma relação entre as práticas letradas exigidas pelos eventos. Assim, uma agência pode ser importante para uma pessoa, mas não necessariamente para outra, uma vez que esta pode ter sido influenciada por outra agência.

Street (2014) destaca a natureza social do letramento, ao defender o letramento ideológico, em que as práticas relativas aos letramentos estão relacionadas a uma cultura, associadas a relações de poder.

Nessa mesma linha, Sito (2010, p. 18) parte “da premissa de que o uso da escrita está intrinsecamente envolvido em práticas sociais e relações de poder.” Dessa forma, a autora toma o letramento como um conjunto de práticas sociais, que possuem socialmente valores distintos.

Nessa perspectiva, podemos mais uma vez relacionar as práticas de escrita com a história de letramentos dos indivíduos que, dessa forma, parece existir uma vinculação entre esse histórico e a produção textual. Todavia, é interessante ressaltar que a história de letramentos constitui apenas um dos elementos que interferem nas práticas que são demonstradas pelos sujeitos nos eventos de letramentos. Como exemplo, relacionamos algumas falas e imagens de uma reunião na comunidade quilombola São Domingos.

Fotos 14: Recepção, assinatura do livro de ponto e oração em assembleia



Fonte: pesquisador (2020)

As imagens acima registram um evento de letramento em que a presidente da comunidade quilombola São Domingos, convocou os moradores para apresentar uma planilha de acerto de contas referente ao que os moradores contribuíram, e outros não, para o pagamento da energia que a comunidade gastou para a extração e distribuição de água na comunidade. Esse acerto, que ocorreu em março de 2020²⁴, era referente ao ano de 2018, porém ela esclareceu que estava terminando a planilha de 2019 e que passaria à comunidade em nova assembleia²⁵, assim quando a nova diretoria assumisse.

Antes de efetivamente começar a reunião, a presidente recebeu os moradores cumprimentando-os individualmente e orientando que assinem uma lista de presença para que seja juntada à ata que seria feita, de maneira que pudesse ter o registro da quantidade de pessoas que estiveram na reunião, assim como a identificação dos participantes.

²⁴ Informamos que a reunião registrada ocorreu anteriormente à pandemia do COVID 19, que assola todo o mundo.

²⁵ A assembleia é um importante momento de decisão na vida de uma comunidade, pois é nessa reunião que se **aprova as contas apresentadas**, que se pode deliberar sobre possíveis benfeitorias e também pode aprovar a pessoa que assumirá a liderança de uma comunidade, após eleição. Enfim, é um **momento de suma importância** para a organização de uma comunidade.

O registro das pessoas que assistem à reunião é de grande importância, uma vez que proporciona vários benefícios como: i) Transmite seriedade à reunião: O ato de assinar o nome em um documento faz, muitas vezes até de forma inconsciente, que os envolvidos prestem mais atenção à reunião, dando mais seriedade ao evento e na maioria das vezes, tornando-os mais ativos nas discussões. Essa prática tende a tornar as reuniões mais participativas e, conseqüentemente, mais efetivas. ii) Facilita a identificação das pessoas: principalmente em reuniões que envolvam pessoas que ainda não se sabe o nome, a lista de presença é um excelente recurso para facilitar sua identificação. iii) Comprova a presença dos envolvidos: é relativamente comum que participantes, principalmente ao passar do tempo, esqueçam as tratativas levantadas durante a reunião e as contestem, incluindo até mesmo sua presença. Dessa maneira, havendo uma “Lista de Presença”, contendo a assinatura dos participantes, ficará bem mais fácil resgatar e comprovar o que foi acordado. iv) Facilita a comunicação pós-reunião: a maioria das assembleias, para não se dizer todas, resulta em definições e encaminhamentos, assim é fundamental que a comunicação pós-reunião seja efetiva e, de posse da lista de presença, a comunicação é facilitada uma vez que seus contatos estão presentes na mesma.

Para a organização de assembleias, principalmente em comunidades que tratam de assuntos e interesses da população que a compõe, esse tipo de letramento é muito importante, pois denota seriedade ao evento e, mesmo sendo uma prática específica para esse evento, notaremos mais à frente que traz benefícios tanto à comunidade, quanto a seus moradores.

Após a recepção e assinatura da lista de presença, efetivamente antes de iniciar a reunião, a oração do PAI NOSSO – oração cristã que foi ensinada por Jesus e encontra-se na bíblia –, foi proferida e todos os presentes participaram, demonstrando uma unidade religiosa que os acompanham desde seus antepassados. Questionada se era uma prática comum as orações antes das reuniões, a presidente disse que sim, e que era algo que já era costume da comunidade²⁶. Segundo Duarte (2008), a prática religiosa em contextos de zona rural, mas também de comunidades isoladas, refere-se a um ritual coletivo própria do catolicismo popular. Em suas palavras, “aspectos socioculturais e históricos colaboram com o reforço identitário dos grupos, como também a luta pela sobrevivência daquilo que lhe pertencem, a exemplo dos costumes, crenças, tradições e cultura” (DUARTE, 2008, p. 128).

Posteriormente, a líder da comunidade começou falando que o mandato dela como presidente estava vencendo e que era necessário que outras pessoas compusessem uma chapa

²⁶ Aprofundaremos as análises sobre religiosidade na seção da Caretagem.

para concorrer e compor uma nova diretoria²⁷, informando que o edital para concorrer ao cargo já estava pronto e que havia um tempo hábil a ser cumprido. A presidente reiterou tanto a obrigatoriedade de que só poderia concorrer quem fosse quilombola quanto a necessidade de ser uma pessoa compromissada e que pudesse se dar bem com a comunidade, uma vez que tem que procurar atender a todos da melhor maneira possível. Outro assunto abordado por ela é que qualquer uma das funções elencadas não é remunerada.

Excerto 12:

Então eu não posso responder por mais nada. Como a comunidade vai ficar, sem pessoas pra assumir(.) Né(.)- num posso fazê isso, porque nós temos projetos, né? Nós temos projetos lá da base da caixa d'água, do assentamento da caixa d'água. Nós temos os projeto da quadra. Então a gente precisa dá continuidade aos nosso trabalho. E nessa prestação de conta, eu vou lê (incompreensível) finalidades atribuído do istatuto e dois artigo, porque eu sei qui muitas das vezes levanta questionamento dentro da comunidade com relação aos trabalhos da nossa diretoria, né? Então, assim, é uma diretoria prestativa, é:: ela sempre cuida, pra que a comunidade não tenha problemas, né? Então eu ler aqui algumas finalidades porque quando eu for fazer a prestação de conta, aí a pessoa já sabe que a gente não tá trabalhanu é:: fora do istatuto. Porque o que rege é esse istatuto. Se a gente fugir qualqué regra desse istatuto, é crime. É:: intão você, intão a gente não pode fugi dessa regra, então, purisso qui a gente tem sim esse cuidado. Eu cuido muito bem dessa associação. Porque eu ricibi ela, né... ela é a mais velha de Paracatu, intão aonde essa associação vai ela é muito bem respeitada, né? Então ela é de oitenta e cinco (85), tem gente aqui que nem nascido era, né? Intão a gente precisa dá continuidade, é bem(.) é:: - uma associação que vem de geração a geração. Intão a gente precisa sim, tê esse respeito, porque é através desse istatuto que a gente vai respeitá cada morado. Muitas das vezes, tem pessoas que fala... ‘_ Ah, é que você é muito banana!’ Não. Eu não posso. Se alguém vier mi agredi, eu posso pegá esse istatuto, eu posso i na delegacia e fazê um boletim, e essa pessoa vai respondê. Então, a gente o máximo, a gente... eu sô realmente uma pessoa muito humilde, muito compreensiva, gosto muito de ajudar as pessoas. A minha casa é o escritório da associação. Não tem dia, não tem hora, todo mundo que precisa e bate na minha porta é atendido. Eu vô lê aqui umas prioridades pra que vocês possam entendê. Então essa associação, ela é cível, tá? Ela é regida pela lei civil. E ela tem as suas finalidades. Promover a organização do arraial do São Domingos, que sejam associados com a finalidade de identificar as necessidades da categoria, bem como apresentar soluções possíveis e consequentes dos tais. (Explicação dessa parte.) Promover a integração da categoria na sociedade social, relacionada com entidades, é:: com (incompreensível) de outras regiões e outros municípios. (Explicação dessa parte.) Buscar e firmar convênios com entidades pública e privada, no propósito de prestá assistência social, né... aqui dentro da comunidade. (Explicação dessa parte.)

Encontro realizado em março de 2020.

²⁷ A diretoria da associação é composta por um presidente, um vice-presidente, secretário, tesoureiro e um diretor vogal. Essa última função procura substituir todos os setores da diretoria normal, caso haja necessidade.

A presidente começou falando da necessidade de haver uma eleição para substituir a atual diretoria e demonstrou preocupação para que esse processo ocorresse rapidamente, pois não teria muito mais tempo para ficar legalmente à frente da comunidade. Reiterou a importância de seguir o estatuto e da necessidade de se cumpri-lo, pois, caso isso não ocorresse, a pessoa poderia responder judicialmente.

Percebe-se nela uma grande preocupação em que todas as pessoas da comunidade tenham conhecimento do que rege o estatuto, pois em sua fala, ela disse que o documento estaria à disposição para quem quisesse lê-lo e tomar conhecimento do seu conteúdo (“[...] porque, assim... quando a gente foi eleita, a gente falô *‘Quem quisé, pega o istatútu, vem pegá o istatútu, venha vê o instatútu, taqui o instatútu, né?’*”). Todavia, pelo desenrolar das apresentações, a impressão que deu é que as pessoas não tiveram interesse em procurar o documento para lê-lo. A presidente procedeu com a leitura de partes do estatuto e explicou seu conteúdo, de maneira muito proficiente, fazendo inclusive ilustrações para tentar garantir o entendimento do conteúdo que estava sendo veiculado, como prega a sociolinguística interacional, pois o discurso deve ser adequado ao seu interlocutor.

Nas interações sociais, conforme explicita Gumperz (2002), uma pessoa pode desenvolver diversos papéis e assumir características identitárias que podem variar conforme o contexto. Nessa vertente, uma pessoa terá um determinado comportamento e uma competência comunicativa, consoante ao papel que ela exerce. Tal aspecto, permite que a pessoa interaja de acordo com o ambiente discursivo, adequando sua fala ao ambiente e aos interlocutores, promovendo, assim, uma maior flexibilização do discurso.

Além de manifestar muito conhecimento sobre os conteúdos abordados, inclusive questões legais junto a outros órgãos como empresa, contabilidade, a presidente demonstrou grande habilidade em adequar sua linguagem, no intuito de garantir o entendimento do que era externado por ela.

A partir do que foi apresentado, a presidente também demonstrou o que Street (1995) chama de Letramento ideológico, pois apesar de esse modelo considerar que todos os indivíduos são “letrados” em algumas práticas, como realizar compras em supermercado, pegar um transporte público e outras práticas possíveis, ela demonstrou possuir uma consciência cidadã, uma vez que está ciente dos seus direitos e deveres, não só como presidente de uma comunidade quilombola, mas também como pessoa que integra um grupo e quer que ele e seus pares se sobressaiam.

Outra prática de letramento encontrado neste evento²⁸ foi a confecção de uma ata²⁹, onde se registrava tudo o que era abordado na reunião. Neste caso, o referido documento foi elaborado por uma jovem moradora, formada em administração, e que desempenha a função de secretária da gestão da atual dessa diretoria.

Fotos 15: Registro em ata e participação de moradores em reunião



Fonte: Pesquisador 2020

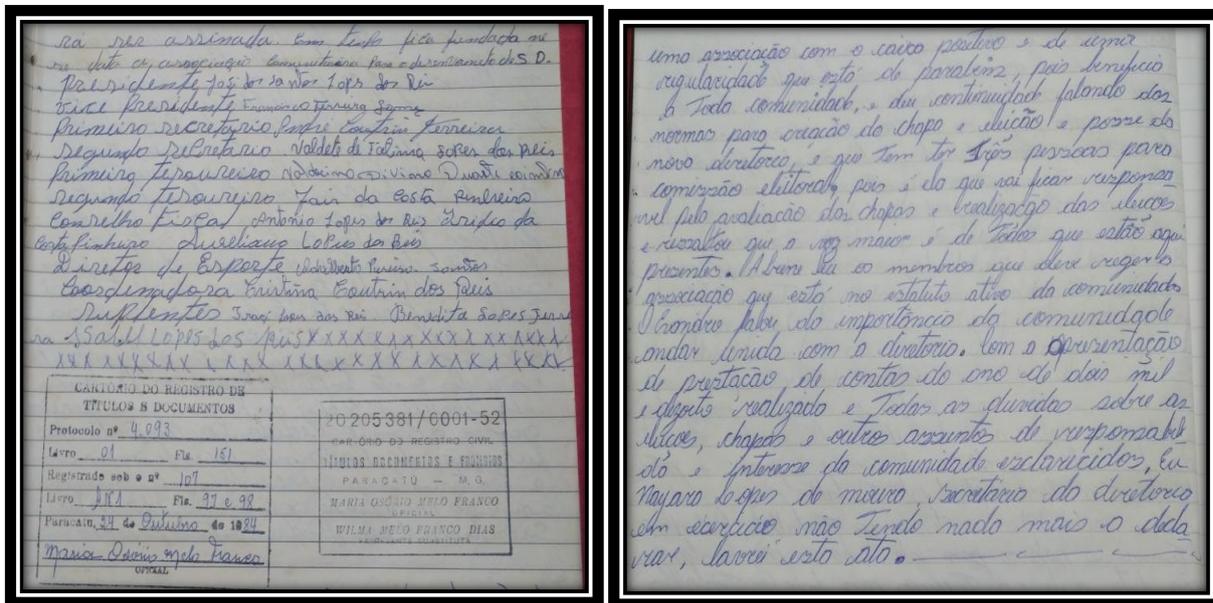
A ata é um documento que traz muitos benefícios e deve ser uma constante em assembleias e reuniões, uma vez que a comunidade trata de um local compartilhado por diversas famílias. Esses eventos geralmente têm por objetivo buscar melhorias e resolver problemas para uma melhor convivência dos moradores da comunidade e todas as decisões devem constar em ata. É por meio dela que as decisões ficam registradas e tomam peso de lei tudo que foi decidido. Outra função importantíssima da ata é proporcionar o conhecimento do que foi acordado em assembleia, aos moradores da comunidade que, por algum motivo, não

²⁸ Esse evento de letramento, assembleia, é uma prática que ocorre anualmente e que além de discutir o que foi desenvolvido na comunidade, é uma oportunidade de os moradores manifestarem seus interesses de maneira que atenda a coletividade e que a maioria da comunidade possa apoiar ou não.

²⁹ Ata é um registro ou resenha de fatos ou ocorrências verificadas e resoluções tomadas numa assembleia ou numa reunião de corpo deliberativo ou consultivo de uma agremiação, associação, diretoria, congregação etc.

puderam participar do evento. Dessa maneira, eles terão acesso ao que foi decidido oficialmente e sem interpretações dúbias.

Fotos 16: Última folha das atas de 1984 e 2020



Fonte: Pesquisador (2020)

Acima temos uma imagem do final da primeira ata confeccionada na comunidade quilombola São Domingos, em 1984, e também uma imagem do final da última ata em 2020.

Esses eventos e práticas de letramento têm sido uma constante na comunidade pesquisada³⁰, o que favorece para o fortalecimento do grupo, pois as decisões tomadas são registradas e as pessoas possuem a consciência do que foi decidido pela maioria e abraçam a decisão, de maneira a cumprir o que foi acordado, dando solidez às decisões e ao que se deve fazer para o bem da comunidade.

Outro fator que deve ser destacado no excerto 12 foi que outras pessoas da comunidade, como demonstram as imagens (fotos 15), promoveram uma mudança de turno de fala, uma vez que outros participantes da reunião tiveram oportunidade de se manifestar e expor seu ponto de vista; o que demonstra que nos eventos de letramentos, promovidos na comunidade, as discussões e decisões não ocorrem unilateralmente, mas são decididos em assembleia.

³⁰ Tivemos a oportunidade de conhecer outras comunidades quilombolas que estão localizadas na região de Paracatu e além de possuir uma fragmentação maior em relação às suas culturas que desenvolviam, não possuem a organização demonstrada pela comunidade quilombola São Domingos. Como exemplo, perguntei sobre reuniões e registros dessas reuniões, em outra comunidade, e disseram que já havia vários anos que não acontecia reuniões e que não sabia se ainda existia um livro de atas, nem onde poderia estar.

Nessa mudança de *footing* que ocorreu, Gumperz (1982), relata que a atividade de fala pressupõe a análise da interação entre os participantes, porque é através dela que as expectativas dos participantes sobre as atividades subsequentes, em relação ao curso de um evento de interação, são reavaliadas, desenvolvidas e até mudadas. Sendo assim, a interação produz um processo de interpretação de sentido dinâmico.

Após a explanação das dúvidas e de situações mais específicas que haviam ocorrido na comunidade, outra pessoa houve novamente uma mudança de turno, alterando o *footing*, exaltando o trabalho da atual gestão, como podemos constatar e sua fala: *“Intão, Adelaide, eu queru dizer, assim, pra você que tá finalizano esse mandato, sem querê citá nomes, pra essa diretoria é dizê aqui, ohh, gente, ohh. É... Depois de tooda prestação de conta, quero dizê que na hora de fechá, La no caxa, e a responsabilidade da primera tisorera, né? Esse valor. Essa diretoria é num é, uma, uma, uma administradora fundamental.”* Neste momento, uma grande salva de palmas e aclamação, com assovios e gritos, para a diretoria foi externada pelas pessoas presentes. Interessante que essa atitude demonstra ser um posicionamento democrático, uma vez que decisões e situações são realmente colocadas para apreciação da comunidade e as pessoas têm a oportunidade de contribuir e argumentar, concordando ou não, e também reconhecendo, ou não, o trabalho da diretoria da associação.

Gumperz (1982) destaca o caráter interativo da comunicação no escopo da Sociolinguística Interacional, por apontá-la como uma atividade social, para cuja realização os esforços coordenados de dois ou mais indivíduos são exigidos. Desse modo, a comunicação só é atingida, quando os movimentos de um interlocutor provocam respostas por parte de outro, e isto com base em um inter-relacionamento entre um processo inicial de inferência global e as inferências locais geradas pelas trocas conversacionais subsequentes.

O letramento tecnológico também integra o evento presenciado, pois se pode verificar que uma pessoa mais jovem manipula um notebook e um projetor na apresentação, permitindo que o público além de ouvir o que está sendo dito, também pode acompanhar os números e porcentagens do que estava sendo apresentado. Entendemos que para se fazer uso desses aparatos tecnológicos, há a necessidade de se conhecer softwares instalados nos computadores, para que possam ser utilizados nas apresentações. Assim, mesmo que todas as pessoas não sabiam utilizar essas ferramentas, na comunidade há pessoas que dominam e auxiliam seus pares, quando necessário.

O conceito, segundo Fleury (1978), de tecnologia é um conjunto de objetos físicos e operações técnicas empregadas na transformação e apresentação de produtos. Como a

tecnologia auxilia no desenvolvimento de algum trabalho, podemos notar que a presidente fez uso de algo bastante contemporâneo (notebook e projetor), mas também de uma ferramenta bastante comum (um cabo de vassoura) que a auxiliou na apresentação dos dados. Independente de haver novas tecnologias, as pessoas podem adaptar instrumentos para auxiliá-las no desenvolvimento de algum trabalho.

Referendando o conteúdo exposto no parágrafo anterior, Scribner & Cole (1981) faz uma reflexão sobre letramento e tecnologia, dizendo:

Essa noção de prática guia o modo como buscamos compreender o letramento. Em vez de focalizar exclusivamente a tecnologia de um sistema de escrita e suas reputadas consequências, abordamos o letramento como um conjunto de práticas socialmente organizadas que fazem uso de sistemas simbólicos e tecnológicos para produzi-las e disseminá-las. O letramento não consiste apenas em saber ler e escrever um tipo de escrita particular, mas em aplicar esse conhecimento para propósitos específicos em contextos específicos de uso. A natureza dessas práticas, incluindo, certamente, seus aspectos tecnológicos, determinarão os tipos de capacidades associadas ao letramento. (SCRIBNER & COLE, 1981, p. 236)

Dessa maneira, podemos notar que os agentes apresentaram uma excelente desenvoltura letrada para o contexto vivenciado, que foi a apresentação do acerto anual e outros assuntos, em assembleia, para a comunidade.

Ao presenciarmos integrantes mais novos fazendo parte da diretoria e auxiliando seus pares na apresentação e registro das reuniões, notamos que ainda há envolvimento e comprometimento de novas pessoas, que podem dar continuidade ao trabalho que se iniciou em 1984. Nesse sentido, podemos destacar que esse é um evento de letramento que proporciona aproximação da comunidade, uma vez que reúnem pessoas das mais variadas idades, impactando tanto pessoas maduras quanto jovens, promovendo uma maior identificação com a comunidade a que pertencem.

5.2 Projeto A ESCOLA VAI AO QUILOMBO

Continuando com o letramento ideológico proposto por Street (1995), apresentamos projeto criado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com o propósito de valorizar e dar visibilidade à cultura quilombola no município de Paracatu.

O projeto foi pensado e executado pelos gestores ligados a órgãos vinculados à Prefeitura Municipal de Paracatu, a saber, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, assim como a Fundação Municipal Casa de Cultura, que foi imprescindível para o desenvolvimento do projeto.

Este trabalho de reconhecimento patrimonial foi intensamente almejado pela secretaria municipal de cultura com o intuito de que as escolas do município e região pudessem conduzir alunos para conhecer as comunidades, com a intenção de fomentar e difundir o potencial cultural e turístico das comunidades quilombolas, oferecendo não só reconhecimento, mas também, como resultado final, a revitalização da memória cultural, haja vista a sua grande significância não só para a história do município de Paracatu, mas também para a região. Em princípio, o projeto seria desenvolvido para atender todas as cinco comunidades existentes e que efetivamente fosse reconhecida pela Fundação Palmares, sendo elas, São Domingos, Porto Pontal, Machadinho, Família dos Amaros e Cercado, todavia o projeto aconteceu apenas nas duas primeiras comunidades.

Nas imagens a seguir é possível verificar alguns momentos desses encontros que aconteceram nas comunidades e que foram recheados de histórias, contadas por moradores e por uma historiadora da prefeitura, além de apresentações artísticas desenvolvidas por alunos da escola municipal, assim como danças típicas como a capoeira e o Maculelê, que foram realizadas por um grupo de capoeira vinculado à Casa de Cultura, além de palestras e oficinas. Posteriormente aos encontros, muita comida típica e sucos naturais foram oferecidos aos participantes dos eventos.

Fotos 17: Registro do projeto nas comunidades São Domingos e Porto Pontal



Fonte: Internet (2020) e Pesquisador (2017)

As fotos superiores foram tiradas na comunidade quilombola São Domingos. No dia do encontro, que também foi o lançamento oficial do projeto, estiveram presentes autoridades como o prefeito, o secretário de Cultura e Turismo e a Diretora da Fundação Casa de Cultura, assim como alunos de duas escolas do município, sendo uma particular e outra municipal.

A história da comunidade São Domingos foi apresentada por uma das moradoras que também é responsável por gerenciar a única casa de adobe que ainda há na comunidade e que também funciona como museu neste local. Em suas palavras:

É um grande prazer recebê-los, temos várias histórias para contar, principalmente o meu pai, o senhor Aureliano Lopes dos Reis, que tem 105 anos, foi aqui onde ele criou os dez filhos. Muitos não conhecem a nossa história, mas temos um orgulho imenso dela. As pessoas que nos visitam, principalmente grupos de estudantes, vão conhecer aqui muitas coisas que eles nem sabiam que existiam. (PREFEITURA DE PARACATU, 2017)

As fotos na parte inferior dizem respeito ao encontro ocorrido na comunidade quilombola Porto Pontal, que fica cerca de cinquenta e cinco quilômetros do município de Paracatu. Lá, um local foi preparado para receber vários profissionais da educação, de diversas escolas e também de outros municípios, para poder apresentar a comunidade e capacitar os professores com palestras, contando histórias locais, mas também falando dos letramentos e a importância de contextualizar e valorizar o conhecimento regional na formação dos alunos. Várias oficinas foram oferecidas também, como fazer turbante, um morador fez uma vassoura de piaçava com folhas de buriti – inclusive mostrou muita habilidade ao escalar uma árvore, mesmo tendo mais de sessenta anos.

O secretário de Cultura e Turismo, após agradecer os parceiros para que o projeto pudesse ser implementado, ressaltou que é necessário conhecer mais a nossa cidade. Em suas palavras “O cidadão paracatuense tem que viver mais a sua história. Temos que aprender a vivenciá-la, esse é um fator extremamente necessário para que consigamos vender a nossa cidade e torná-la turística”. Ainda segundo o secretário, iniciativas como estas propagam a cultura e as tradições do município, pois “Esse tipo de turismo, chamado de pedagógico, proporciona aos nossos estudantes experimentar algumas situações que os tornem agentes divulgadores do nosso turismo” (PREFEITURA DE PARACATU, 2020).

Nota-se nesse grupo, da atual gestão do município, uma preocupação em alavancar a cultura quilombola no município, valorizando a história que promoveu o surgimento da cidade, que foi a exploração do ouro, e promovendo uma conscientização nos estudantes e

profissionais da educação para o reconhecimento e fomento de uma cultura que permanece no ideário de tantas pessoas, mas que pode ser lembrado no município, através desse projeto³¹. Nas palavras de Rojo (2009) também é função da escola “potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica” (ROJO, 2009, p.12).

Apesar de o projeto ter sido pensado por um órgão público, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, vinculada à prefeitura municipal de Paracatu, ou seja, ter sido uma iniciativa de fora para dentro da comunidade, houve o consenso das comunidades envolvidas e uma tentativa de dar visibilidade e reconhecimento a essas comunidades, de maneira que pudessem ser valorizadas não só por órgãos competentes, mas também pela população em geral.

Os letramentos envolvendo as comunidades estão mais voltadas às questões culturais relacionadas às suas práticas cotidianas relacionadas a plantações, forma de sobrevivência, culinária, manifestações religiosas e exploração sustentável do seu território, como exemplificado em outras seções desta tese.

5.3 Letramentos Múltiplos e Lugares de Conhecimento

Com o intuito de verificar os impactos sociais da escrita, o letramento é um dos mais importantes critérios utilizados. Todavia, de acordo com Street (2014), é necessário que esses impactos estejam vinculados aos contextos onde ocorrem e, com o propósito de ir um pouco além, nós lançamos mão da Etnossociolinguística pelo fato de ela, em contexto não formais, permitir que ultrapassemos a já tão conhecida e estudada leitura/escrita convencional e foquemos em textos e ensinamentos verbais e culturais, considerando sentidos e interpretações dos eventos, uma vez que eles também, de acordo com Rojo (2009), são carregados de significado. Considerando a gama de valores semióticos que esses textos trazem consigo, ela denomina esses eventos como letramentos multissemióticos.

Nesse sentido, Rojo redimensiona a ideia de letramentos, ampliando-os para outras semioses que perpassam tanto a fala quanto a escrita. Ao utilizar aspectos etnossociolinguísticos nesta pesquisa, com a comunidade quilombola São Domingos, amparamo-nos também no letramento “transcultural” defendido pela autora, justamente por

³¹ Infelizmente, por motivo que não nos foi exposto, o projeto não chegou às outras comunidades e também não promoveu mais visitas às comunidades quilombolas. Ao questionarmos sobre a continuidade do projeto, informaram apenas que será retomado, mas não deram previsão.

trabalharmos com o abundante contexto praticado na cultura local, que nos remete a um “multiculturalismo” ou “transletramentos” (ROJO, 2009, p. 115).

Ao pesquisar também questões relacionadas aos letramentos culturais da comunidade, também buscamos apoio em Barton (1994) e Street (1994), considerando que os letramentos apresentados em São Domingos podem ser considerados letramentos situados, pelo fato de diversas práticas de letramentos serem adquiridas por processos vernaculares informais, envolvendo aprendizagens que ocorrem principalmente junto à família, por intermédio de práticas orais e manifestações culturais cheias de histórias, que para o contexto local são repletas de sentidos.

De acordo com Street (2014), a língua e a escrita configuram estreitos laços com os contextos sociais em uso, partindo da hipótese de que diferentes culturas enfatizam a aprendizagem de diversas maneiras, inclusive fazendo uso da escrita, mas também da linguagem oral, variando conforme os objetivos, o espaço e o tempo. Dessa maneira, podemos afirmar que com a ampliação do quadro teórico da Etnossociolinguística adaptados para esta pesquisa, os diversos letramentos praticados na comunidade quilombola São Domingos estão em consonância com as ideias postuladas por Street.

Como as práticas de letramentos são acompanhadas de padrões socioculturais, elas, conforme Mendes (2007), produzem valores, reiteram crenças e seus papéis no contexto que partilham com seus pares. Ainda segundo a autora as funções sociais dos letramentos mudam de contexto para contexto, uma vez que são culturalmente situadas.

À vista disso, descreveremos e analisaremos algumas práticas desenvolvidas na comunidade quilombola São Domingos, que são próprias da comunidade. Mesmo que outras comunidades desenvolvam práticas semelhantes, o que ocorre efetivamente, não quer dizer que os sentidos gerados sejam os mesmos, uma vez que há especificidades, crenças e valores que atuam nas atitudes e manifestação dos atores sociais envolvidos.

5.3.1 Quitutes de Letramento: A Fábrica de Biscoito

A fábrica de biscoitos da comunidade quilombola São Domingos foi construída em parceria com a Mineradora Kinross, e apesar de o projeto já existir antes da fábrica, a construção efetiva da fábrica, assim como maquinário, só foi possível através dos projetos de parceria que a empresa realiza com algumas instituições da cidade, dentre elas a comunidade.

O local é de fácil acesso, pois fica na rua principal do São Domingos e o espaço também serve para reuniões, assembleias e capacitação de pessoas, quando algum projeto contempla a comunidade. Segundo o site da mineradora:

A história da Fábrica de Biscoitos São Domingos é parecida com a de outros projetos de microempreendedores. Ela começou há alguns anos, mas acabou não indo para a frente por falta de conhecimento em gerenciamento de um negócio. Depois disso, veio o Programa Integrar da Kinross, que apostou na tradição local e na construção com a comunidade de um legado de geração de trabalho e renda. Por meio dessa parceria, as idealizadoras da Fábrica passaram por treinamento e consultoria que as ajudaram a montar a empresa, ter noções de negócio e administração. Além de receberem um aporte destinado às melhorias da estrutura e compras de equipamentos. (KINROSS, 2020)

Além de possibilitar a construção do local, houve uma preocupação em capacitar as pessoas envolvidas no projeto da fábrica de biscoito, que foram nove mulheres da comunidade, incluindo a presidente.

Figuras 15: Fábrica de biscoitos, convite de inauguração, quitandas e oficina gastronômica



Fonte: Internet (2020)

O projeto da fábrica de biscoito procura unir a tradição gastronômica das quitandas e dar oportunidades aos moradores. Segundo informações colhidas no site da empresa, essa foi a motivação da criação da Fábrica de Biscoitos São Domingos, instalada na comunidade. A fábrica foi inaugurada no dia 06 de setembro de 2017, tendo à frente nove mulheres que

procuram realizar um sonho e que terão uma opção de renda para melhorar a qualidade de vida das suas famílias.

Segundo a presidente da comunidade, o intuito da fábrica de biscoito era, em princípio, produzir pães e bolos, além de serviços de buffet. O espaço também serviria como um local de venda de café colonial, onde os moradores ou visitantes poderiam saborear várias quitandas típicas da comunidade que fazem referência a seus antepassados.

Como podemos notar nas imagens anteriores e na fala da presidente, várias práticas de letramento são desenvolvidas na fábrica, pois além do convite feito e divulgado no site da empresa, outros momentos ocorreram em que empresários da cidade foram convidados para conhecer a fábrica e provavelmente, promover alguma parceria.

Neste momento, aproveitando que se está falando da edificação de mais uma obra, que foi realizada com auxílio da mineradora, mencionamos o trabalho de Silva (2014), que fez uma análise sobre a participação da multinacional em construções pertencentes à comunidade quilombola São Domingos.

Em seu trabalho há uma seção de análise intitulada “Construção de espaços simbólicos e ideológicos”. Neste capítulo, que é uma das partes analisadas em sua pesquisa também referente à comunidade quilombola São Domingos, ele questiona o real motivo de a Kinross, empresa de exploração de ouro, auxiliar a comunidade bem mais que outros locais que circundam seu terreno de exploração. Em suas palavras:

O salão foi feito em parceria com a igreja católica, ou seja, também é um espaço para catequização das crianças, reuniões de interesses religiosos e comunitários. Analisando todos os benefícios que o salão traz à comunidade, em parceria com a igreja católica, num local onde as pessoas estão diariamente, mas também em dias festivos, além de levar o nome de uma ex-líder da comunidade que ainda é bastante atuante na comunidade, pensamos qual a simbologia que esse espaço possui aos moradores e qual o processo ideológico que está por trás dessa construção, pois junto à placa com o nome do salão, há o patrocinador – a mineradora Kinross. Será que essa não seria uma forma de lembrar aos moradores da comunidade que a multinacional está a favor dos moradores e não ocupando o lado contrário? (SILVA, 2014, p. 106)

Fazendo referências a espaços simbólicos e ideológicos, Silva (2014) reitera que a mineradora procura manter registrado nas lembranças e crenças dos moradores que a empresa não estaria apenas explorando o ouro, ou trazendo incômodos e prejuízos com a poeira, as explosões diárias e as rachaduras em várias casas. A partir do momento que a multinacional constrói espaços em que os moradores podem tirar algum proveito e que esses espaços estão à vista todo tempo, como a igreja, o salão paroquial, a praça com aparelhos de ginástica, e mais

recentemente a Fábrica de Biscoitos, notamos que as mesmas práticas continuam sendo desenvolvidas em relação à comunidade quilombola São Domingos e parece-nos ser uma prática que não se encerrará, enquanto a mineradora tiver interesse nas explorações.

De acordo com Thompsom (2002), em relação a espaços simbólicos, ele defende que ao fazer uma análise sobre formas simbólicas, os indivíduos assimilam esses conteúdos de acordo com sua compreensão. Em suas palavras:

Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torná-lo próprio. É assimilar a mensagem e incorporá-la à própria vida – um processo que algumas vezes acontece sem muito esforço, e outras, requer deliberada aplicação. É adaptar a mensagem a nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a viemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida (THOMPSON, 2002, p. 45).

Dessa maneira, podemos notar que através de espaços construídos, mas também simbólicos, pois essas construções trazem vantagens aos moradores, a ideologia subjacente à empresa faz-se presente a todo momento na comunidade, pois considerando as construções e subsídios de projetos, notamos um mascaramento dos malefícios à comunidade.

Retomando as análises sobre os Letramentos, outro momento registrado foi uma oficina de quitandas (figuras 16), em que podemos notar vários jovens aprendendo a produzir as iguarias tradicionais da comunidade, a utilizar o maquinário industrial e, dessa forma, poder perpetuar a cultura culinária desenvolvida na comunidade quilombola São Domingos.

Mais uma vez notamos o modelo de letramento ideológico, que configura o letramento a partir de práticas concretas e sociais, em que os sujeitos experienciam um aprender que se materializa no contexto social, na justaposição de povos e culturas, tecendo um mosaico de saberes (STREET, 2014). Aqui notamos que os modos pelos quais as pessoas usam a leitura e a escrita, pois as crianças também tinham acesso ao registro da receita, está vinculada às suas concepções de conhecimento, de identidade e modos de ser, e também das práticas sociais ou contextos particulares. Assim, os letramentos dos sujeitos serão dependentes desses contextos, em que as relações de poder também desempenham papel predominante, pois o grande pontapé para reerguimento da fábrica foi a mineradora.

Sobre a fábrica de biscoitos, Adelaide³² tem a seguinte visão:

³² Nas entrevistas, a letra P refere-se ao pesquisador e a letra E ao entrevistado, sendo que a numeração corresponde à sequência dos entrevistados.

Excerto 13:

Adelaide: Tem(.) nós temos aí a fábrica de biscoitos que é, como diz hoje, moderna, né? Como diz, ela é feita de acordo com a vigilância sanitária.

P: Unrum.

Adelaide: Mas a gente tem as receitas ainda que é do tempo da(.)

P: É:: Eu me recordo de cê falar que tem que ser por encomenda, né? Por que como não leva conservante, não é isso?

Adelaide: É. Tem que consumir rápido.

P: No dia que teve um café aqui, eu vim aqui há uns dois anos, não sei, três anos atrás.

Adelaide: É. Então assim, você tem que fazer e vender, né?

P: É.

Adelaide: Então ela não é produto de ficar estocado pra vender.

P: Unrum.

Adelaide: A duração é muito(.) é:: uma semana, o máximo.

P: Uma semana, no máximo.

Adelaide: É. Depende muito do produto também. É:: A única coisa que assim, a gente deixa mais tempo é o pão de queijo porque esse a gente deixa ele congelado, né?

P: Ah, cês vendem ele congelado também?

Adelaide: É.

P: Legal!

Adelaide: Tanto que o pão de queijo, ele é, daqui ele é o diferente do, dos outros pão de queijo que tem aí dentro do município. É diferente.

P: Unrum.

Adelaide: Mas assim, eu vejo assim, que a Comunidade São Domingos, ela:: ela continua na exploração. Antes veio a exploração do ouro, né? Que foi muito explorada pelo ouro. E hoje a gente vê que é tudo(.) Quando eu preciso da Comunidade, aí eu venho na comunidade, mas quando é pra ajudar no desenvolvimento da comunidade, fazer alguma coisa em prol da Comunidade, aí cê não encontra ninguém.

Entrevista realizada em março de 2020.

A entrevistada expõe a sua indignação e dificuldade em conseguir pessoas para desenvolverem o projeto. Por mais que tenha alguns auxílios, pelo que podemos notar, são poucas pessoas compromissadas em dar continuidade ao que é proposto e começado, de maneira que o projeto possa alavancar e obter maior sucesso. Ela reitera a questão dos produtos serem “sem conservantes”, o que tenderia a trazer mais clientes, uma vez que é mais saudável. Sobre a fábrica e os produtos Vanessa também expõe:

Excerto 14:

P: Unrum. A(.) a questão aqui da fábrica de biscoitos, como é que tá o andamento, você sabe?

Vanessa: Eu acho que eles estão caminhando devagarzim, porque como é uma fábrica, é, pequena, né? Tem-se as dificuldade, porque é tudo natural, então os produtos têm um preço diferente. Então, às vezes, acaba que tem essa aceitação, porque a gente tá visado tanto num mercado que a gente(.) sai tanto enlatado.

P: É!

Vanessa: Então assim: a gente acaba indo pro mais prático, e essa coisa que é saudável, às vezes pelo preço, pelo outro, acaba... Mas eles estão lutando. No início eu(.) -eu sou formada em administração. Então, no início eu tinha que fazer estágios, então eu tinha que ajudar de alguma forma, e, eu gosto muito dessa área de projetos.

P: Sim.

Vanessa: Então assim: foi uma forma que eu encontrei de tentar ajudar dentro da Comunidade. Eu faço parte da Associação de Moradores, sou secretária. Então assim: sempre que eu posso ajudar de uma forma, eu tento ajudar dentro do que eu posso. Então assim: dentro da fábrica eu ajudei eles a montar, questão de custos(.) -às vezes tinha um quites que tinha que montar valores, eu sentava com minha madrinha Adelaide, aí ia ajudar eles(.) -Questão de treinamento de pessoal(.) -como vender.

P: E quem faz é o pessoal daqui mesmo, né?

Vanessa: É o pessoal daqui mesmo. Então assim: eu fui tentando ajudar do jeito que eu podia, né?

P: Unrum.

Vanessa: Só que o mercado, hoje, a gente sabe que é muito difícil de entrar.

P: E o que faz lá, assim, em termo de(.) Faz pão de queijo, que tipos de quitutes, né?

Vanessa: Lá faz pão de queijo, faz bolos, vários tipos de bolos, faz a:: é peta que eles fala. É:: nhoque. Então assim(.), eles fazem vários tipos de quitandas. Rosca recheada(.)vários tipos de quitanda mesmo. Todo lugar que vai é muito bem elogiado.

P: Elogiado.

Vanessa: Muito bem! Só que quando toca a questão de preço, que as pessoas visam mais, né?

P: Hum.

Vanessa: Aí eles acabam saindo meio que prejudicados.

Entrevista realizada em março de 2020.

Na visão da entrevistada, que tem graduação em administração, os produtores acabam saindo um pouco prejudicados pela questão do custo de produção, uma vez que não produzem em grande escala, o que não permite que se diminua os custos de produção e também possa fornecer os produtos aos supermercados locais.

Apesar da fabricação utilizar produtos que não levam conservantes, o valor agregado, segundo a entrevistada, não é grande. Dessa maneira, conclui-se que mesmo os produtos tendo origem na comunidade e a ideia de ser um produto mais saudável, não se consegue

agregar grandes valores para obter um maior lucro, pois há produtos similares com menor preço (“*Tem-se as dificuldades, porque é tudo natural, então os produtos têm um preço diferente.*”). Ainda na fala de Vanessa, a fábrica está “*caminhando devagarzim*”, ou seja, ela não está desativada. Adelaide também confirmou essa informação, pois segundo ela a fábrica produz mais por encomenda.

Notamos em Vanessa uma perpetuação de identificação, pois é uma pessoa jovem que, apesar de possuir curso superior e também trabalhar fora da comunidade, ela reside no São Domingos e tem intensa participação nas questões da comunidade, pois é secretária da atual diretoria e auxiliou na capacitação de pessoas da comunidade em relação a empreendedorismo e a colocar preço nos produtos produzidos.

5.3.2 Adoçando o Letramento: Engenho e Rapadura

A exploração da cana-de-açúcar deu início no Brasil em 1533 com o colonizador português Martim Afonso de Souza, que providenciou as primeiras mudas de cana-de-açúcar e disseminou essa que foi a primeira atividade de exploração econômica no Brasil. A produção desse gênero agrícola só foi possível devido o conhecimento prévio de técnicas de plantio e preparo que permitiriam seu desenvolvimento na colônia. Todavia, a fabricação do açúcar, que era a principal produção na época, era complexa e dependia muito mais do que somente o plantio da cana e de férteis terras.

O principal destino da produção era para diferentes partes da Europa. Para que o caule da cana fosse transformado em açúcar era necessário que várias instalações fossem construídas. Conhecido como engenhos, essas localidades eram compostas por uma moenda, uma casa das caldeiras e das fornalhas e a casa de purgar. Dessa forma, a partir de todo conhecimento adquirido e com o desenvolvimento da economia açucareira, os engenhos se espalharam rapidamente no espaço colonial, chegando, no início do século XVII, a contar com 400 unidades de engenhos.

O início do processo se dava com a colheita da cana-de-açúcar. Posteriormente, ela era levada à moenda para sofrer o esmagamento de seu caule e obter a extração do caldo, também chamada de garapa. A moenda, na maioria das vezes, funcionava a tração animal pelo fato de ter um custo bem menor ao outro processo, que envolvia uma roda d'água, exigindo uma construção de um canal hidráulico, de maneira que pudesse movimentar a roda.

Após a retirada e o recolhimento do caldo, o produto era levado até a casa das caldeiras e fornalhas, onde sofria um longo processo de cozimento realizado em grandes tachos feitos de cobre. Posteriormente, o melaço era refinado na casa de purgar, lugar onde a última etapa de refinamento do açúcar era finalmente concluída.

Fotos 18: Engenho da comunidade



Fonte: Pesquisador (2020)

Muito semelhante ao processo de produção do açúcar, ocorre também a produção de rapadura. Após a colheita da cana, que neste caso ocorre manualmente, mas é transportado por um trator, a cana é limpa e passada no engenho, que um dia já foi a tração animal, mas hoje, na comunidade, é movido por energia elétrica, como podemos comprovar através das fotos. O engenho e a casa de produção também ficam bastante próximos, o que ergonomicamente facilita o trabalho de transporte do caldo extraído da cana. Em relação ao cozimento do produto, ele acontece como nos primórdios, ou seja, há as fornalhas que são alimentadas com madeira que as pessoas recolhem da mata e cozinham o produto em tachos de cobre.

Fotos 19: Processos de produção da rapadura

Fonte: Pesquisador (2020)

Após o caldo de cana cozinhar por algum tempo, forma-se uma espuma que deve ser retirada, como mostra a imagem. Posteriormente, após o caldo de cana virar “puxa” e estiver no ponto, o produto é colocado em uma “maseira”, uma espécie de recipiente comprido e de madeira, onde é batido com uma pá até dar o ponto de rapadura. Depois é só colocar nas formas e esperar secar para consumir o produto.

Na fala do entrevistado, que lembra com saudosismo da época em que seu pai trabalhava e o ensinava no manejo da cana, ele confirma o conhecimento que é passado de geração em geração. Segundo o entrevistado, seu avô ensinou para seu pai, que passou o conhecimento para ele (Leandro), e que, como de costume, também já está ensinando para alguns de seus filhos, de maneira que essa tradição que começou com sua família na comunidade ainda durará muitos anos.

Excerto 15:

[...] até eu com a própria cultura ali, que hoje eu faço(.) mantenho o meu trabalho, uma coisa que iniciou há oitenta anos atrás, né?

P: Sim.

Leandro: Que veio dos meus avós, que passou pro meu pai e eu tô dando sequência. Então acho que isso também faz parte dessa cultura aí dos Quilombolas, né?

P: Você é produtor de rapadura aqui da Comunidade, né?

Leandro: É. Eu sou produtor aqui da Comunidade. A gente faz rapadura aqui na época do:: da safra da rapadura, que é de mês de maio até mês de novembro, nós fazemos direto.

P: Hunrum! É só você que produz rapadura aqui, planeta?

Leandro: É. Aqui na região(.)

P: Aqui na Comunidade que eu falo.

Leandro: Aqui na Comunidade é só eu.

P: Só você. E essa(.)essa rapadura, ela vendida, ela vai com um emblema do São Domingos, né, da Comunidade?

Leandro: Uá, cara, ela até que tava. No início eu até que tava fazendo, mas o custo benefício tava muito alto. Até eu acho que a gente devia conseguir isso, né? Eu acharia que(.)

P: Pois é.

Leandro: Né?!?

P: Era um jeito de tá perpetuando o nome, né?

Leandro: Mas aí como tava ficando muito difícil pra mim manter isso daí, porque é muito trabalho, e:: não é um produto altamente valorizado, né? É um custo médio. Então(.) e dá muita mão de obra, então com isso a mão de obra tava cara e aí dificultou eu manter esse padrão aí da identificação dos Quilombolas. Tá precisando até. Hoje, até rapadura em si, ela não precisa, porque ela tem um patamar aí na cidade.

P: Já é bem conhecida, né?

Leandro: As pessoas já vê e já sabe que é daqui de Leandro.

P: Certo! E em relação às(.)cê falou que desde a época de seu avô que vem essa(.) essa(.) aprendendo a cultura, né? Que vem passando entre gerações aí. É:: No caso, a família sua também ajuda, não?

Leandro: Ajuda!

P: Cê falou aquela vez que aprendeu com seu pai. Falou um pouco do seu pai, lá do engenho.

Leandro: É. Eu aprendi com meu pai. Meu pai aprendeu com o pai dele, né? E hoje eu tenho o filho meu mais novo, que hoje ele tá me ajudando. Tô passando pra ele também, porque a gente não é eterno, né? E eu acho que é um produto que é bem aceito na Comunidade, então não pode deixar acabar. Então o intuito é esse: um passar para o outro. E cê vê que hoje cê chega lá no engenho a gente tem ainda peças que a gente trabalha lá, que trabalhou há 70 anos atrás entendeu? E tá dando fruto até hoje.

P: Que é época do seu avô, no caso?

Leandro: É. Da época do meu avô. Então, passou pelo meu pai, tá passando por mim e, eu vou e eles vão ficar.

P: É. Rsrs.

Leandro: Essa é a realidade.

P: E me fala uma coisa aqui: aquele dia que eu visitei a:: o engenho, eu me lembro de você falando que cê reconhece o tanto que seu pai trabalhava. Que na época não tinha a tecnologia que tem hoje, né? E que ele produzia muita coisa ainda na época.

Leandro: Ah! Eu acho assim: igual meu pai(.) Eu acho até difícil falar dele. Até porque não vai ter outro preto boêmio igual meu pai era, porque ele realmente valia por três. Ele era um cara que valia por três. E era em qualquer serviço braçal de roça que cê fosse mexer, ele valia por três. Ele tinha que ser muito valorizado, porque ela fazia tudo na mão, cara. Não tinha motosserra, não tinha trator, não tinha en(.)

P: Engenho elétrico, né?!

Leandro: Engenho elétrico. Era cavalo. Não tinha água canalizada, era tudo na cisterna. Então, era difícil pra caramba, bicho! E meu pai criou onze filhos aí, fazendo sozinho, e sobrava tempo pra outras coisa ainda, entendeu? Então, eu acho que ele era um guerreiro. Porque hoje cê chega ali com um motosserra num pau e corta ele em(.)

P: Minutos!

Leandro: Dez minutos cê destrói tudo. Meu pai não. Era no machado. Chegava e encarava mesmo, e derrubava, repicava e levava tudo pra porta carregando tudo na carrocinha na mula(.) Então é complicado. Não era fácil não. Hoje eu acho que cê olhando lá atrás cê via o quanto meu pai era guerrero.

P: É. Tem coisa que a gente só reconhece depois. Às vezes quando é criança, novo, a gente num(.)

Leandro: É. Hoje nós trabalhamos lá de quatro caras, bicho! Quatro cara não processa o que meu pai trabalhava sozinho. Tinha a gente que era menino ali, auxiliando, e tal, mas um tudo era ele que fazia. Ele cortava cana, ele tirava lenha, ele que embuia, ele que baria o gamelão, cê tá entendendo?

P: Sim!

Leandro: Então era desigual.

P: Eu presenciei aquele dia uma escola lá de Brasília visitando lá, né? Vocês fazendo o processo da rapadura lá, e tudo.

Leandro: Pois é.

P: Vocês costumam receber muita visita lá?

Leandro: Rapaz, a gente recebe muita gente aí. Esse ano com a pandemia a gente não recebeu(.) recebi quase ninguém, entendeu? Porque não tá podendo aglomerar.

P: É. Quando a gente foi lá aquela vez, foi antes da pandemia, né?

Leandro: Foi antes da pandemia. Mas, os outros anos anteriores aí eu recebi, é:: - inclusive a gente tem um livro aí da Faculdade Católica de Brasília, que veio aqui visitar a gente. Inclusive somou muito na minha aposentadoria, né?

P: Hunrum.

Leandro: Esse livro deles foi de uma serventia muito(.)

P: Óh, que coisa boa!

Leandro: Útil tanto minha, quanto da minha mulher. Então, eu acho o seguinte: eu acho que a gente tá com as portas abertas sempre. Recebi várias escolas aqui de Paracatu, várias escolas. Os meninos(.) é:: aquele negócio(.) - tem menino, vem cinquenta menino, cem menino. Chega trinta ali que tem o maior interesse, tá perguntando; chega vinte que não tá nem aí, né?

P: *É.*

Leandro: *Então é mais ou menos assim. Mas a gente tá lá pra explicar. Eu tenho prazer de explicar, e, sempre que vão pessoas lá eu tô pronto pra explicar.*

P: *Pois é. Eu vi aquele dia lá, eu notei lá que cê tem uma satisfação, né?*

Leandro: *Mas é, né, cara?!*

P: *[...] muito grande pra poder explicar!*

Leandro: *Eu falo pra meus minino(.) eu sempre falo isso pros meus minino: o cara pode ser gari ali, bicho, mas ele tem que ser um bom gari, né?*

P: *É verdade.*

Leandro: *Concorda comigo?*

P: *A gente tem que ser bom naquilo que a gente faz, né?*

Leandro: *É isso que eu faço. Eu faço é isso, então eu tenho prazer de tá fazendo e procuro fazer o melhor. Inclusive a minha rapadura, ela é um patamar só. Onde o cara vê ela(.) no dia que eu faço uma que não fica do mesmo naipe das que eu faço, eu desmancho ela. Faço de novo! Por quê? Porque eu quero.*

P: *Manter o padrão.*

Leandro: *Manter o padrão. O cara chega e: “essa aqui é lá de Leandro”.*

Entrevista realizada em setembro de 2020.

O entrevistado fala com grande orgulho da qualidade do produto que é feito por ele e pela família. Em sua fala (“É isso que eu faço. Eu faço é isso, então eu tenho prazer de tá fazendo e procuro fazer o melhor. Inclusive a minha rapadura, ela é um patamar só. Onde o cara vê ela... no dia que eu faço uma que não fica do mesmo naipe das que eu faço, eu desmancho ela. Faço de novo! Por quê? Porque eu quero [...] manter o padrão.”). Reitera com detalhes o orgulho do pai e como o mesmo era trabalhador (“Ah! Eu acho assim: igual meu pai... Eu acho até difícil falar dele. Até porque não vai ter outro preto boêmio igual meu pai era, porque ele realmente valia por três. Ele era um cara que valia por três. E era em qualquer serviço braçal de roça que cê fosse mexer, ele valia por três. Ele tinha que ser muito valorizado, porque ela fazia tudo na mão, cara.”). Segundo o entrevistado, seu pai valia por três trabalhadores e reiterou que, mesmo nos dias atuais, com toda a tecnologia o auxiliando, o pai dele produzia praticamente a mesma coisa. As lembranças são tão fortes e importantes para o entrevistado, que no engenho, mais especificamente na casa de produção da rapadura, há um quadro emoldurado com a foto do seu pai, como ilustra a imagem a seguir.

Foto 20: Memórias de um filho



Fonte: Pesquisador (2020)

Os dizeres ao lado do quadro são (*“Aqui neste Engenho João Mendes (Preto) começou esta luta linda. Graças a Deus, os filhos de João Mendes Ronaldo e Arnaldo são valentes continuadores dessa história.....”*). Mais uma vez presenciamos o valor que o entrevistado dá em promover a continuidade ao que foi passado dos seus antepassados e é perpetuado até hoje por vários integrantes da comunidade quilombola São Domingos.

De acordo com Lahire (1995), uma relativa configuração familiar estável permite ao sujeito estabelecer relações duráveis com o meio com que se relaciona. E é o que notamos no exemplo anterior. A maneira como os indivíduos enxergam o mundo é consequência também da forma de organização do meio ao qual estão expostos. Dessa maneira, estruturas cognitivas organizadas e métodos de organização são adquiridos e desenvolvidos pela interação do sujeito com a estrutura sócio-histórica e cultural que lhe proporcione tal organização.

Sabemos que com o passar do tempo, a maneira de se fazer muitas coisas são repensadas, até porque a tecnologia proporciona facilidades nas mais diversas áreas e desenvolvimento de tarefas. Todavia, mesmo possuindo essas condições, há trabalhos que persistem em ser semelhantes ao que os antepassados ensinaram e usaram. Existe um orgulho no entrevistado ao afirmar que determinados objetos estão dando “frutos” até hoje, coisa da época do seu avô. Em suas palavras (*“Que veio dos meus avós, que passou pro meu pai e eu tô dando sequência. Então acho que isso também faz parte dessa cultura aí dos Quilombolas, né”*).

Bourdieu (1998) afirma que os letramentos podem ocorrer em qualquer espaço que seja frequentado pelas pessoas, em uma determinada sociedade. Ele reitera que o capital cultural ocorre praticamente na vivência extraescolar, principalmente nas relações familiares, mas também em diversos outros ambientes que não estão vinculados ao ambiente escolar.

Scribner & Cole (1981) também defendem que é necessário reconhecer a diversidade de práticas de letramento que fazem parte do cotidiano das pessoas, é preciso perceber o letramento que faz parte de um conjunto de práticas sociais.

5.3.3 Dançando e cantando o Letramento: A Caretagem

A festa da caretagem é uma herança cultural africana, que faz parte da cultura imaterial da cidade de Paracatu, sendo desenvolvida anualmente na comunidade quilombola São Domingos e com alguma regularidade nos bairros São Sebastião e Paracatuzinho, com os Amaros. Festa com base em raízes religiosas e étnicas, segundo Melo (2002), fundiu-se com manifestações católicas e deixaram um relevante legado cultural no município e região.

Como o município de Paracatu surgiu devido à exploração aurífera, os negros escravizados trouxeram suas religiões ancestrais, todavia não lhes eram permitidos manifestar suas crenças de maneira explícita. Assim, ao mesmo tempo que buscavam formas de manifestar sua cultura de origem, fizeram adaptações nas manifestações de maneira que pudessem praticá-las, mas sem deixar de receber as influências da religião cristã. Essas influências, que eram recíprocas, não afetavam apenas os costumes locais, mas também a maneira de se expressar por meio da língua.

A festa da caretada, ou caretagem, como é mais comumente chamada pelos integrantes da comunidade, representa uma identidade típica dos quilombolas da região, pois sua origem remete deste o período da escravização e ainda é praticado na região. Segundo Silva (2005), a festa da caretagem é “um momento de expressão cultural de um grupo social simbolizando a vitória de seus participantes sobre os sofrimentos unidos em seu cotidiano, caracterizada como uma folia profana, rica em um ritual jocoso, fortalecido pelos laços de religiosidade”. Ainda segundo o referido autor, esta manifestação cultural, apesar de ser semelhante às práticas religiosas africanas e também da Zambiapunga baiana, tem especificidades que a tornam única.

Sendo uma manifestação cultural afro-brasileira, típica do noroeste de Minas, possui a característica de ser dançada apenas por homens, todavia também há o auxílio de mulheres na

execução de algumas etapas da festa. Nas apresentações, os homens colocam máscaras, roupas frouxas e coloridas, com muitas fitas penduradas, e saem a cantar e dançar pelas ruas e casas da comunidade.

Após as danças, o festeiro oferece comida aos integrantes do grupo, mas na verdade todas as pessoas que se encontram no local podem consumir os alimentos e bebidas não alcoólicas que são oferecidas a todos.

Fotos 21: Roupas em destaque e recebendo a comida e bebida



Fonte: pesquisador (2019)

No desenrolar da dança, instrumentos como pandeiro, sanfona, viola, violão e uma caixa são tocados para dar ritmo à canção, dançadas pelos caretas, que é entoada durante as apresentações. Abaixo apresentamos a música mais tradicional cantada no evento:

São João, batizou Cristo, (bis)
Cristo batizou João,
Onde foram batizados (bis)
Lá no rio de Jordão
Arê. Arê, rua.
Toma conta da bandeira (bis)
Derradeiro capitão!

Marcha, marcha companheiros (bis)
Todos com Muita alegria.
Vamos festejar São João, (bis)
Na capela de Maria.

*Arê. Arê, rua.
Toma conta da bandeira (bis)
Derradeiro capitão!*

*Meu senhor e a senhora até (bis)
Pro ano que vem
Se São João nos der vida, (bis)
Deus querendo e nós também.
Arê. Arê, rua
Toma conta da bandeira (bis)
Derradeiro capitão.*

A música destinada a São João Batista, não possui autor definido, nem algum tipo de registro de quando foi feita. As pessoas só sabem cantá-la, atualmente, porque aprendeu com seus antepassados, de maneira que quem faz parte do grupo a canta desde criança, quando acompanham os festejos na comunidade, com seus parentes, nos momentos dos ensaios que acontecem nos quintais das casas dos moradores participantes da caretagem.

Além de exaltar o feito de São João Batista “*São João, batizou Cristo*”, o batismo de Jesus, no final da canção clamam pela vida ao Santo e a Deus “*Se São João nos der vida, Deus querendo e nós também*”, dizendo que também querem viver. Esse último trecho é interessante, porque na canção rememoram os integrantes dos caretas e parentes que já não estão entre eles. Dessa maneira, eles devem cantar e comemorar, uma vez que não sabem se estarão vivos no próximo ano para poder celebrar a data.

Manifestando a rememoração, os integrantes evocam o passado, como se quisessem transportá-lo para o presente. Como depositários das tradições, eles são perpetuadores da cultura local e também responsáveis, de certa maneira, pela formação identitária dos seus pares remanescentes. Bosi (2003) defende que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados, constituídas pelas instituições e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15)

Segundo Bosi (2003), os idosos são os grandes detentores de perpetuar a memória e as tradições, principalmente se não houver registros formais que auxiliem na continuidade daquilo que é praticado, principalmente em comunidades, que muitas vezes não têm a devida

atenção e suas expressões podem ser esquecidas e/ou apagadas com o tempo. Nesse sentido, um dos entrevistados (Leandro), expressa sua preocupação.

Excerto 16:

P: É:: Sobre a questão da Comunidade Quilombola São Domingos, o que você acha que caracteriza a Comunidade em termos de identidade, de cultura, ou mesmo de linguística? Se tem alguma coisa peculiar da fala de vocês(.)

Leandro: Óh. Aqui, a Comunidade tem a Caretada, né? Que é algo tradicional. Que é algo que já é esplêndido, quando fala já da Comunidade São Domingos.

P: É a maior expressão que vocês possuem?!

Leandro: É! Hoje, é a Caretada.

P: Unrum.

Leandro: Porque assim: tinha muito(.) quando eu era mais jovem eu lembro que tinha muitos eventos que tinham como característica é(.) da Comunidade e ressaltava, mas é igual eu te falei: vai perdendo. Infelizmente, muita coisa foi perdendo. Muita coisa mesmo!

Entrevista realizada em setembro de 2020.

A entrevistada reitera a caretagem ou caretada como a expressão cultural mais reconhecida na comunidade e, notas-se seu entusiasmo em falar dessa manifestação, pois quando foi perguntada sobre as questões culturais, ela qualifica a dança como algo esplêndido, “*Que é algo tradicional. Que é algo que já é esplêndido, quando fala já da Comunidade São Domingos*”. Ela reitera que havia muitas outras expressões quando era pequena, mas que foi se perdendo com o tempo. Dessa maneira, fica a conclusão de que realmente é muito importante os registros de eventos culturais, uma vez que permite às novas gerações assistir, nem que seja por meio de gravação, algo que fez parte da construção de sua história.

Outro entrevistado, também do grupo mais jovem (Carlos), respondendo a mesma indagação feita pelo pesquisador, expressa a sua opinião.

Excerto 17:

P: É... Quais são as práticas que a Comunidade, ela possui ou ela tem pra poder identificá-la como Quilombola e perpetuar, levar o nome dela? Práticas da Comunidade mesmo, sejam culturais, seja qualquer tipo de prática, cê sabe quais são?

Carlos: Inicialmente é esse modelo, né, que a gente diz aqui de família, né?

P: Hum.

Carlos: Essas(.) É bem característico de Quilombola casar ali com um parente mais próximo, entre a Comunidade, né?

P: Hunrum.

Carlos: Então eu acredito que é um dos pontos fortes, né? Que vem perpetuando até hoje. É:: nós temos as danças típicas, né, da Comunidade? É:: a caretagem, né?

P: A caretagem é a mais famosa?!

Carlos: É a mais famosa, né? E é uma tradição que vem(.)

P: Você dança na caretagem?

Carlos: Sim, sim.

P: Você dança?!!

Carlos: Sou dançante. Não sou com tanta frequência, todo ano não, mas, já dancei alguns anos, né? Acho que o último ano que eu dancei foi dois mil e dezoito, é::

P: Dois mil e dezoito.

Carlos: Ano passado eu não dancei. Esse ano não teve, né? Infelizmente, né?! Porque, assim, até entristece a Comunidade, sabe? Deixa(.) Que é uma festa que a gente(.) -ela ocorre apenas dois dias no ano, mas, porém, o preparo dela é o ano todo.

P: O ano todo.

Carlos: A gente já leva o ano todo. As crianças já, já brincam. Pegam aquelas fitas, já(.) fica aí, tem os ensaios, tem as comidas típicas, né? Então o preparo em si, aquela alegoria em si já perpetua pelo ano todo.

P: Tive a oportunidade de participar assim, né, como expectador e registrar também.

Carlos: Ah, que bacana!

Entrevista realizada em setembro de 2020.

Este participante da pesquisa referenda a informação dada pela outra entrevistada, confirmando que a expressão cultural mais importante, no sentido de representar a comunidade e dar visibilidade a ela é a caretagem: “(A caretagem) *É a mais famosa, né? E é uma tradição que vem(.)*”. Além dessa manifestação, outra característica interessante que citou, como representação típica da comunidade, foi a união de pessoas da mesma família: “*Essas(.) É bem característico de Quilombola casar ali com um parente mais próximo, entre a Comunidade, né?*”.

Este último colaborador da pesquisa também informou que já dançou algumas vezes na caretagem e que este ano, por não ter ocorrido devido à pandemia, foi muito ruim, uma vez que os preparativos da festa envolvem muitos moradores, em diversas funções, e dura praticamente o ano todo, conforme expressou: “*A gente já leva o ano todo. As crianças já, já brincam. Pegam aquelas fitas, já... fica aí, tem os ensaios, tem as comidas típicas, né? Então o preparo em si, aquela alegoria em si já perpetua pelo ano todo.*”

Quando mencionamos que tivemos a oportunidade de participar do evento como espectador e também fazer o registro, o colaborador emitiu uma expressão de satisfação, não somente através das palavras, mas também com expressões faciais (“*Ah, que bacana!*”).

Diante da sua surpresa mediante o ocorrido, que foi de contentamento, entendemos que ele entende a importância de se estar fazendo registros dos acontecimentos que envolvem a comunidade, pois apesar da luta para que toda sua cultura seja preservada e divulgada, muitas já se perderam e/ou estão no esquecimento coletivo, como já foi mencionado anteriormente.

De acordo com Bazerman (2007, p. 162), “Os textos situados de pessoas particulares indexam histórias pessoais, interpessoais, institucionais, socioculturais e materiais e são carregadas de implicações afetivas e trajetórias de motivação como também de significados semânticos”. Dessa forma, podemos afirmar que textos enunciados, em contextos específicos, trazem consigo suas marcas que identificam seu Histórico de Letramento.

5.4 Performance de Letramentos na Comunidade: um caso particular

Nesta última seção de análise, envolvendo as questões dos letramentos, gostaríamos de compartilhar a fala de um entrevistado (Leandro), ratificando a importância dos registros e, conseqüentemente, dos letramentos, devido a um benefício que ele adquiriu mediante o auxílio de registros, conforme sua fala abaixo:

Excerto 18:

P: Certo. Um negócio interessante que cê falou aí, Leandro, que essa questão da pesquisa aí te ajudou na aposentadoria, né? Então assim, foi uma pesquisa, houve um registro, né, daquilo que... do trabalho que foi desenvolvido e acabou que isso teve um retorno aí, pessoal pra você, no caso, né?

Leandro: Lógico!

P: É(.) às vezes a pesquisa não foi sobre você, mas foi sobre a Comunidade, mas te auxiliou de alguma maneira. Pra você ver qual a importância que tem, na questão da Comunidade mesmo, a questão dos registros, de tá:: - igual ali, a gente presenciou uma reunião que teve a ata, né? Tá documentando tudo. Cê vê isso como importante?

Leandro: Superimportante, cara. Eu acho que, numa Comunidade, cê tem que ser atuante nela. Cê não pode ficar de fora. Até o livro de ata ali eu levei(.) quando eu levei pra minha advogada a minha papelada ela falou assim: “_Leandro, não tem... isso aqui é dez, quinze dias cê tá aposentado”. Porque eu levei registro de ata, levei documentação toda, levei revista, levei vídeo, né? Porque a gente precisa bem aqui(.) por exemplo, eu já recebi aqui a TV Alterosa, de Belo Horizonte, que veio aqui, fez um trabalho com a gente. Da gente cortando a cana lá, até a rapadura sendo entregue pro consumidor. Então isso aí soma muito. E, quando ocê faz o trem, assim, da forma que nós fazemos, com certeza os retornos vão vir.

P: É isso aí. Muito bem!

Entrevista realizada em setembro de 2020.

O entrevistado estava discorrendo sobre receber as pessoas na comunidade, como estudantes, pesquisadores, turistas e até mesmo emissoras de TV. De repente ele enfatiza a importância que há em receber as pessoas, tratá-las bem e falar do seu trabalho, pois devido aos registros que apresentou, tanto ele quanto sua esposa conseguiram se aposentar. Em sua fala: *“Superimportante, cara. Eu acho que, numa Comunidade, cê tem que ser atuante nela. Cê não pode ficar de fora. Até o livro de ata ali eu levei... quando eu levei pra minha advogada a minha papelada ela falou assim: “_Leandro, não tem... isso aqui é dez, quinze dias cê tá aposentado”. Porque eu levei registro de ata, levei documentação toda, levei revista, levei vídeo, né? Porque a gente precisa bem aqui... por exemplo, eu já recebi aqui a TV Alterosa, de Belo Horizonte, que veio aqui, fez um trabalho com a gente. Da gente cortando a cana lá, até a rapadura sendo entregue pro consumidor. Então isso aí soma muito.”*

Percebemos mais uma vez a importância do letramento ideológico, mencionado por Street, pois o participante da pesquisa, apesar de possuir apenas o ensino fundamental, demonstra grande consciência letrada e até mesmo assevera que *“quando ocê faz o trem, assim, da forma que nós fazemos, com certeza os retornos vão vir”*.

De acordo com Street (2014) quanto mais as pesquisas sobre letramento envolvam comunidades e possibilidades envolvendo questões ideológicas, estas tendem a eliciar, ou seja, quanto mais o letramento se distanciar de práticas sociais de escrita e de leitura, mais estará sendo usado como significado das competências e/ou habilidades culturais. Isso não quer dizer que as práticas de leitura e escrita sejam descartáveis ou menos importante, ao contrário, essas práticas complementam outros letramentos importantíssimos, que no caso de comunidades envolvem todo seu repertório cultural e ideológico.

Fundamentando-se no pressuposto de que o contexto sociocultural influencia atitudes das pessoas, de acordo com as regras das quais o grupo faz parte, podemos alegar que as práticas letradas desenvolvidas por eles resultam, de maneira geral, do estabelecimento de contato com as diversas agências e eventos de letramentos, uma vez que determinadas posturas e diversos comportamentos são exigidos conforme o ambiente. O sociocultural também é um dos elementos importantíssimos na constituição da memória e rememoração, que é utilizado na compreensão textual. Assim, podemos deduzir que sujeitos pertencentes ao um mesmo grupo, compartilham as mesmas agências de letramento, o que permite um conhecimento de mundo semelhante, já que compartilham de práticas de vida equivalentes, todavia não se devem desconsiderar as suas peculiaridades individuais.

Diante de tantos eventos e práticas de letramentos desenvolvidos nesta comunidade, como apresentado neste capítulo, buscamos desvelar por meio dos estudos dos Letramentos a importância dos registros, da consciência de que a escrita é uma forma importantíssima de documentar decisões e anseios da comunidade, mas que as práticas culturais passadas através das gerações também são formadoras de identidades e transmissoras ideológicas necessárias para que a posteridade da comunidade possa conhecer a fundo a trajetória que seus antepassados passaram e valorizá-la para não perderem suas raízes e sempre lutarem por melhorias.

Assim, podemos verificar no capítulo que as diversas práticas de letramentos desenvolvidas na comunidade quilombola São Domingos, perpassam os letramentos autônomos, mesmo esse sendo muito importante, como na questão dos registros das atas. Dessa maneira, as práticas de letramentos locais da comunidade selecionadas para as análises desta tese envolvem questões mais amplas, que procuram assegurar a perpetuação da comunidade, garantindo a ela notoriedade, além de desvelar que os estudos relacionados aos letramentos múltiplos permitem ampliar a conscientização dos moradores, valorizando suas práticas, de forma que os costumes desenvolvidos na comunidade, além das pessoas que a constituem, obtenham reconhecimento tanto de instituições quanto da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta tese, buscamos identificar e analisar discursos e comportamentos de alguns integrantes da comunidade quilombola São Domingos, situada no município de Paracatu, na região noroeste do estado de Minas Gerais, sob o viés dos Letramentos e da Sociolinguística Interacional, abordando também estudos voltados ao território e à identidade.

Como objetivo geral, propusemos “Analisar práticas culturais, desenvolvimento e conservação da comunidade quilombola São Domingos, por meio de Práticas de Letramentos” e, a após análise dos dados gerados, através de entrevistas semiestruturadas, observação e participação de alguns momentos do cotidiano dos integrantes da comunidade, além das contribuições teóricas que respaldam o presente estudo, concluímos que os Letramentos, a Sociolinguística Interacional, os estudos do território e identidades, além das pesquisas qualitativas e etnográficas dão suporte tanto teórico quanto metodológico para responder ao objetivo geral e à questão problema desta pesquisa.

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, em um percurso que durou cerca de três anos, desde as primeiras incursões em campo, todavia como observador e algumas vezes participando de alguns eventos promovidos na comunidade, foi possível verificar o dia a dia de alguns moradores, assim como perceber a luta de uma diretoria para que pudesse buscar subsídios para promover o desenvolvimento da comunidade, buscando proporcionar um ambiente de crescimento cultural e profissional para seus moradores. No decorrer do trabalho, notamos que a organização legal e o envolvimento da diretoria da comunidade quilombola São Domingos são fundamentais para que ela alcance o sucesso em ser a comunidade, na região, que mais preserva seus valores culturais, perpetuando suas tradições, crenças e ideologias.

A pesquisa conseguiu responder a todas as perguntas pensadas no projeto de pesquisa, e desenvolvidas na tese, de maneira satisfatória. Respondendo a primeira pergunta da pesquisa, todos os colaboradores disseram como ocorreu o processo de formação da comunidade São Domingos. Todavia, não houve uma história comum (semelhante) para contarem como se deu a formação do São Domingos. Apesar de alguns terem dado mais detalhes que outros colaboradores, ainda assim podemos afirmar que a história de formação do território da comunidade ainda é importante para vários moradores.

Em relação à pergunta dois, sobre o que caracterizava a comunidade como quilombola, no que se refere à identidade e à cultura e quais práticas ela possuía para demonstrar essas características? Os colaboradores falavam de como a comunidade surgiu, que são descendentes de povos escravizados reconhecidamente pelos órgãos competentes e que, além disso, traz na comunidade práticas e tradições como a dança da caretagem, as rezas e procissões, as quitandas, a produção de rapadura, um museu que funciona na última casa de adobe da comunidade, além de ter uma área que foi reconhecida como sítio arqueológico, como afirma Carlos: *“Tem até vídeo, tem até um DVD deles aí. Fizeram um trabalho muito bacana aqui. A gente reconheceu um sítio arqueológico que a gente nem sabia que existia na comunidade, né? Tem um sítio arqueológico tombado aqui, reconhecido pelo instituto.”* Assim, há vários elementos que corroboram para que a comunidade seja efetivamente remanescente de quilombolas.

Quando a pergunta três foi proferida, no intuito de saber quais influências externas (institucionais) favoreceram ou restringiram o desenvolvimento da comunidade, as respostas demonstram ênfases distintas de alguns colaboradores, pois enquanto alguns destacavam as contribuições que a mineradora Kinross proporcionava à comunidade, como desenvolvimentos de projetos de ginástica laboral, projetos que envolviam criação de galinhas caipiras, construção de locais como a fábrica de biscoito e o salão comunitário, outros davam ênfase às perdas que as pessoas da comunidade sofrem, como não ter mais acesso aos benefícios que a natureza lhes proporcionavam – como as diversas frutas que o cerrado fornecia – além de problemas relacionados à poluição, a rachaduras nas casas, e também a diminuição e contaminação de nascentes de água que abastece a comunidade, pois a mineradora está explorando, literalmente, ao lado do território dos quilombolas.

Além dos problemas apresentados acima, outras questões voltadas ao território também tiram a paz de muitos moradores, o que remete à questão quatro, quando se indaga sobre a relação com sua vizinhança. Antigamente, houve problemas com a questão de a mineradora ter comprado terras pertencentes à comunidade quilombola São Domingos, todavia, como não tinham tanto conhecimento sobre seus direitos, a venda foi efetivada. Atualmente, outros problemas ligados ao território assolam a comunidade, pois pessoas de fora estão invadindo lotes e outras, que não são quilombolas, mas moram na comunidade, venderam terrenos próximos à divisa do São Domingos com a mineradora na esperança de, um dia, poderem revender a terra à mineradora. Em se tratando de vizinhos do agronegócio, a

comunidade não apresentou problemas, pois as pessoas que criam gado ou plantam são próprios da comunidade, não tendo vizinhos pertencentes à categoria do agronegócio.

Em relação à questão cinco, que questiona sobre as práticas de Letramentos desenvolvidos na comunidade e a possibilidade dessas práticas auxiliarem na perpetuação do São Domingos, notamos que ocorrem muitos eventos e práticas de letramentos envolvendo questões ideológicas, religiosas e de letramentos múltiplos, que trazem consciência dos seus direitos e deveres às pessoas da comunidade.

Essa consciência, principalmente das lideranças, proporciona que lutem pelos direitos dos quilombolas. Além disso, muitos moradores também contribuem com a perpetuação de sua cultura a partir do momento em que praticamente toda a comunidade é, de alguma maneira, envolvido com as mais diversas práticas relacionadas às questões culturais, sejam elas materiais (como os produtos que produzem para vender) ou imateriais (como as danças, as rezas e suas crenças).

Diante de tudo que foi apresentado e revelado nesta pesquisa, mediante o trabalho de caráter etnográfico realizado, podemos afirmar que os Letramentos possuem grande importância e influência na preservação e perpetuação do que hoje compõe a comunidade quilombola São Domingos, pois ao termos acesso a outras comunidades da região, é notório a fragmentação e deslocamento que ocorrem nessas comunidades, diferentemente ao que acontece no São Domingos. Mas, apesar das dificuldades que também enfrentam, o São Domingos tem uma maior representatividade quando se trata de comunidade quilombola.

Dessa forma, respondendo à questão seis da pesquisa, esperamos que este estudo proporcione subsídios a outras comunidades quilombolas que estejam sofrendo algum tipo de fragmentação cultural, de maneira que possam se organizar e desenvolver práticas que permitam um reerguimento de seus valores e de suas crenças de forma que também se tornem protagonistas de seu território e identidades, fazendo uso dos letramentos múltiplos. Ademais, desejamos que esta tese possa servir de inspiração para que outras pesquisas sejam desenvolvidas em comunidades marginais, trabalhando questões que envolvam os letramentos, a sociolinguística, o território e as identidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. C. M. **Práticas Sociais de Letramento em um Acampamento do MST no Sudeste do Pará: Contribuições à educação de jovens e adultos do campo**. Maringá: UEM, 2010. Anais do 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. ANAIS ISSN 2177-6350.

ALMEIDA, M. G. de. **Etnossociolinguística e letramentos: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena apinajé**. 2015. 358 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

_____. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Ângelo Serpa (org.); Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p.

_____.; SOUSA, R. M. de. **A situação sociolinguística de São José e Mariazinha: usos e funções das línguas apianayé e portuguesa nos domínios sociais das aldeias**. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 10, n.º 23, v.2, 2015.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Editora Agropecuária/AS-PTA, 2002.

AMES, P. **Para ser iguais, para ser distintos**. Educación, escritura y poder em el Perú. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2004.

ANDERSON, G. L. Critical Ethnography in Education: Origins, Current Status, and New Directions. **The Review of Educational Research**, 59. 1989. Disponível: www.cedu.niu.edu/.../research/Ethnography. Acesso: 15-jul-2020. 10h26.

ANDRADE, L.; TRECCANI, G. **Terras de Quilombo**. CEDEFES, 1999. Disponível em <www.cedefes.org.br>acesso em 03/03/2020.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. 18. ed. Campinas, SP: Papius, 2012.

ANJOS, R. S. A. **Quilombolas: Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

ARRUTI, J. M. **Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Ed. Edusc, 2006.

_____. **Mocambo de Porto da Folha: Parecer Histórico-Antropológico para o Projeto Quilombos Terras de Preto** (CETT/Ministério da Cultura convênio n. E132/96-SE), 1997.

BAKHTIN, M.;VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.

BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. Cambridge, USA: Blackwell publishers, 1994.

_____.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies**. London; New York: Routledge, 2000.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine, 1972.

_____. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. & ALLUM, N. Qualidade, quantidade e interesses no conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som** – um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. Organizado por Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionisio. São Paulo: Cortez, 2007.

BELL, A. **The guidebook to sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, 367 p.

BENTO, M. A. S. A identidade racial em crianças pequenas. IN: BENTO, Maria Aparecida S. (orgs.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. SP: CEERT, 2011.

BERG, L. B. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. 5. ed. Pearson, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua materna**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade** – Lembrança de Velhos. 5. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

BOURDIEU, P. **Escritos da educação**. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2003. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.

BUZATO, M. K. **Entre a fronteira e a periferia**: linguagem e letramento na inclusão digital. Campinas, 2007.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002 [1993].

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Identidade étnica, identificação e manipulação. In: **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CASSANY, D. **Explorando las necesidades actuales de comprensión aproximaciones a la comprensión crítica**. Universidade Pompeu Fabra, 2004.

CASTRO, E. **Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais**. Belém: UFPA/NAEA, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COUTO, H. H. do. Ecolinguística. **Ensaio: Cadernos de Linguística e Sociedade**. Brasília, v. 10. N.1, 2009. p. 125-152.

DENZIN, N. K. **The Research Act, Englewood Cliffs**. N. J. Prentice Hall. 1970 [1989].

_____.; LINCOLN, Y. S. (Trad.) Sandra Netz. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINGUES-LOPES, R. de C. R. Na luta pelos seus direitos: memória e identidade de uma comunidade remanescente de quilombo no norte do Tocantins. **Revista Escritas**, Curso de História, Araguaína-UFT, v. 9, n. 1, p. 42-60, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/3712/11474>. Acesso em: 15 ago. 2020.

DUARTE, A. do N. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6596>. Acesso em: 01 out. 2020.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. O quando de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Paulo (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory**. New York: Elsevier. 1994.

FLEURY, A. C. C. **Organização do trabalho industrial: um confronto entre teoria e realidade**. São Paulo, 1978. Tese (Doutorado), Escola Politécnica, Universidade de São Paulo.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRIEDRICH, C. J. **Tradição e alteridade em ciência política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e grupais In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 64-89.

GEE, J. P. The new literacy studies: from ‘socially situated’ to the work of the social. In: BARTON, D. *et al.* (Eds). **Situated literacies: reading and writing in context**. Londres e Nova York: Routledge, 2000.

GERMANI, D. J. **A mineração no Brasil**. Relatório ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade** (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIEVE, S. & MAGALHÃES, I. **On Empowerment**. In: Crile Occasional Report: Power, Ethics and Validity. Edited by S. Gieve, Lancaster University & I. Magalhães, Universidade de Brasília. 1998.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GODOY, Arilda. **Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais**. In Revista de Administração de Empresas. V.35, n.3, Mai./Jun. 1995, p. 20-29. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-5901995000300004&lng=em&nrm=iso. Acesso em julho de 2020.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Orgs). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (org.) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, ([1979] 2002). p. 107-148.

GUIMARÃES, C. M. Mineração, quilombos em Minas Gerais no século XVIII. In: REIS. João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil – São Paulo**, Companhia das Letras, 1996.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Entrevista com John Gumperz. In: PEREIRA, M. G. D. GARCEZ, P. M. (Orgs. e Eds.). **Palavra**. v 8. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução; Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003[1992].

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: Métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: Lopes, L. e Bastos, L. (org.) **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova desordem mundial**. São Paulo: Edunesp, 2006.

HEATH, S. El valor de La lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas em el hogar y em La escuela. En Zavala. **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales em el Peru, 2004.

_____. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood, N.J.: Ablex, 1982.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistic: na ethnographic approach**. London. Tavistock Publications, 1974.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314700>>. Acesso em 19 de abril de 2020.

INCRA. **Regularização de território quilombola: perguntas e respostas**. 1997.

KALMAN, J. (2013). El acceso a la cultura escrita: la participación social y la apropiación de conocimientos en eventos cotidianos de lectura y escritura. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, México, enero-abril, v. VIII, n. 17, 2013.

KINROSS. **Nossa História**. <<http://www.kinross.com.br/index.php/conheca-a-kinross/nossa-historia/>>. Acesso em 15 de abril de 2020.

_____. **Categorias**. <<http://www.kinross.com.br/sem-categoria/comunidade-sao-domingos-inaugura-fabrica-de-biscoitos/>> Acessos em: 24 de set. 2020.

KLEIMAN, A. B. (org.) **Os significados do letramento**. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAHIRE, B. **O sucesso escolar nos meios populares**. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, R. C. **Tradição e Território no Fio da Espada**. Os Bernardos de Santana do Tabuleiro – MG (1970 – 2005). Dissertação (mestrado em História) – UnB, Brasília. 2005.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade.** Brasília, 2002. (Série Antropológica). Disponível em: <<http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/paullittle.pdf>>. Acesso em: 24 abril de 2020.

LOPES, I. A. **Cenas de letramentos sociais.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras e Linguística, Recife, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7668>>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991. p. 149-158.

_____. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial.** Londrina: eduel, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, J. de S. A sujeição da renda da terra e o novo sentido da luta pela reforma agrária. In **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, 2000.

MARTINS, J. T. **Quilombo do Campo Grande.** A história de Minas Roubada do povo. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995.

MATTOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de., & CASTRO, Paula Almeida de., (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MENDES, J. R. Aspectos da construção das práticas de numeramento-letramento na formação de Professores Indígenas. In: CAVALCANTI, M. e BERTONI-RICARDI, S. M. **Transculturalidade, Linguagem e Educação.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

MESSENTIER, L. M. **Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania.** 1992. Disponível em: <<http://pesquisadores.uff.br/academic-production/patrim%20urbano-constru%20da-mem%20ria-e-da-cidadania>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

MOITA LOPES, P. da. (Org.) **Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que tem orientado a pesquisa.** In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, H.; CALEFFE L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** RJ: DP&A, 2006.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e Letramento.** São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

MOURA, C. Formas de resistência escravizado e do afro-descendente. In: SANTOS, Milton. **Território e sociedade.** 2ª reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA MELLO, A. de. **Paracatu perante a História**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S/A, 1964.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

PARACATU.COM. Comunidades Quilombolas de Paracatu. Disponível em: <<https://paracatu.com/comunidades-quilombolas-de-paracatu/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU. Disponível em: <<http://paracatu.mg.gov.br/noticia/386/Projeto-%E2%80%9CA-Escola-vai-ao-Quilombo-%E2%80%9D-e-lancado-em-Paracatu#:~:text=Pelo%20projeto%2C%20as%20escolas%20poder%C3%A3o,a%20hist%C3%B3ria%20do%20nosso%20munic%C3%ADpio>>. Acesso em: 24 de set. 2020.

RATTO, I. Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ROJO, R. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSENDAHL, Z. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. Orgs. **Geografia Cultural: uma antologia [online]**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 344 p.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy**. Harvard University Press. 1981.

SILVA, L A. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

SILVA, L. H. G. **Identidades na Comunidade Quilombola São Domingos e Representações da Mineradora Kinross: Tradição X Modernidade**. Linguística, área Linguagem e Sociedade – UNB, Brasília, 2014. 177p.

SITO, L. **Ali tá a palavra deles: um estudo sobre práticas de letramento em uma comunidade quilombola do litoral do estado do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado - Campinas, SP. 2010. 178p.

SOARES, E. G. **Quilombolo: território e Territorialidades**. Governo do Paraná: Secretaria de Educação, 2017. 12p. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/>>

File/formacao_acao/2 semestre2017/fa2017_quilombos_visibilidade_DEDI_anexo1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SOUSA, R. M. de. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica.** (Tese de Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. **Retratos sociolinguísticos: etnografia no centro-oeste do Brasil.** Comunicaciones en Humanidades, n.º5, 2016.

_____. **Socioletramento.** No prelo. 2018.

_____.; ARAÚJO, A. C. Introdução. In: SOUSA, R. M. de; MOLINA, M. C.; ARAUJO, A. C. **Letramentos múltiplos e interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo.** Brasília: Universidade de Brasília – DEX, 2016.

SOUZA, M. J. L. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, L. de M. Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas. – Minas Gerais 1769. Os quilombos e os fazendeiros da fronteira. In: REIS, João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil** – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, M. L.; TEIXEIRA, E. T. **Fincando bandeiras, ressignificando o espaço: territórios e “lugares” do movimento dos sem-teto.** Revista Cidades, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, 2009.

STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (orgs.) **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

_____. **Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução Marcos Bagno. Parábola editorial, 2014. 240 p.

_____. Los nuevos estudios de literacidad. Em: Zavala, V. **Escritura y sociedad.** Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas, PP. 81-107, Perú: Red para Desarrollo de las Ciencias Sociales em el Perú, 2004.

_____. **Os novos estudos sobre letramento: histórico e perspectivas.** In: MARILDES, M. e CARVALHO, G. T. Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education.** London: Longman, 1995.

_____. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. Current Issues in Comparative Education, Teachers College, Columbia University, all rights reserved. **Current Issues in Comparative Education, Vol. 5(2).** 2003.

P. 77-91. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf>. Acesso: 14-jul-2020.

TASHAKKORI, A.; e C. TEDDLIE. Mixed methodology. **Combining qualitative and quantitative approaches** (Applied Social Research Methods Series, vol. 46), Londres, Sage. 1998.

THOMAS, J. **Doing critical ethnography**. London/California, New Delhi, Sage. 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

APÊNDICE I – Parecer Consubstanciado do CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LETRAMENTOS SOCIAIS, PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA EM PARACATU-MG

Pesquisador: Luiz Henrique Gomes Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 28639519.4.0000.5540

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.925.318

Apresentação do Projeto:

O presente projeto é apresentado pelo pesquisador Luiz Henrique Gomes Silva, aluno de doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB, o qual é intitulado como “Letramentos Sociais, Preservação e Desenvolvimento de Comunidade Quilombola em Paracatu-MG”, realizado sob a orientação da professora Dra. Rosineide Magalhães de Sousa.

O projeto propõe investigar a importância dos Letramentos para a Preservação e Desenvolvimento de uma Comunidade Quilombola no Município de Paracatu-MG, uma vez que a comunidade investigada é a que mais se destaca em relação às outras comunidades daquele município. O projeto ressalta a importância de se observar aspectos que ultrapassam apenas o processo de produção textual, tais como as práticas sociais envolvidas nessa produção, as redes de relacionamento, as crenças e valores inerentes às pessoas envolvidas na interação discursiva.

O estudo proposto envolve a realização de entrevistas em forma de diálogos (semi-estruturadas), numa abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, com lideranças e integrantes da Comunidade São Domingos, em Paracatu/MG, focando em questões identitárias e de letramentos sociais com integrantes da comunidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Analisar Práticas Culturais, Desenvolvimento e Conservação de Comunidades Quilombolas, por meio de Práticas de Letramentos de Líderes e moradores das Comunidades Quilombolas São Domingos.

Objetivos específicos:

- a) Explicitar informações sobre o que caracteriza a comunidade como quilombola, no que se refere à identidade e à cultura;
- b) Registrar através de seus discursos e representações culturais a perpetuação de suas culturas;
- c) Relacionar o Letramento praticado pelos líderes e moradores no desenvolvimento de suas respectivas comunidades, através Sociolinguística Interacional e da Etnografia;

- d) Examinar criticamente as práticas discursivas e não discursivas marcantes nas construções identitárias e representacionais relacionadas ao protagonismo comunitário;
- e) Contribuir com os estudos Sociolinguísticos quilombolas e aguçar a possibilidade do protagonismo emancipatório em relação a seus direitos, enquanto quilombolas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador assevera que os colaboradores da pesquisa não correrão riscos e que todo o processo de investigação será transparente. Informa ainda que a identidade dos participantes será protegida e que estes terão acesso ao resultado, por meio da divulgação da tese em meio digital. Segundo o pesquisador, os benefícios do projeto serão: i) divulgar a comunidade quilombola e sua cultura material e imaterial; ii) contribuir com os estudos dos Letramentos e Sociolinguística em Comunidades Quilombolas e iii) mostrar que os Letramentos são fundamentais para a perpetuação e conservação das comunidades.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções 466/2012, 510/2016 e complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador forneceu os termos de apresentação obrigatória, tais como: i) Folha de rosto devidamente assinada pelo pesquisador responsável e pela Instituição Proponente; ii) Informações Básicas do Projeto; iii) Projeto Completo; iv) Resumo do Projeto; v) TCLE oral; vi) TCLE escrito; vii) Carta de Revisão Ética; viii) Carta de Encaminhamento; ix) Aceite Institucional; x) Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa; xi) Cronograma atualizado (início coleta de dados em 20/03/2020); xii) Termo de Responsabilidade pelo Uso de Informações e Cópias de Documentos para Fins de Pesquisa; xiii) Orçamento; xiv) Instrumentos para Coleta de Dados; xv) Currículos Lattes do pesquisador e da orientadora.

Recomendações:

Conforme já comprometido pelo pesquisador na documentação encaminhada, recomendamos que o início da pesquisa/fase de coleta de dados ocorra apenas quando houver a aprovação ética de seu projeto de pesquisa por parte deste Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções 466/2012, 510/2016 e complementares.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1476688.pdf	24/01/2020 10:41:01		Aceito
Outros	3_Autorizacao_Oral.pdf	24/01/2020 10:39:58	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Cronograma	8_Cronograma_Luiz.pdf	24/01/2020 10:35:58	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	cep_CHS_modelo_termo_de_responsabilidade_pelo_uso_de_documentos.pdf	29/12/2019 21:36:58	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	5_cep_CHS_modelo_termo_de_autorizacao_para_utilizacao_de_imagem_e_som_de_voz.pdf	29/12/2019 21:34:09	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	cep_CHS_modelo_termo_de_aceite_institucional.pdf	29/12/2019 21:24:16	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2_cep_CHS_modelo_tcle_revisado.pdf	29/12/2019 21:19:40	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	1_cep_CHS_modelo_carta_de_encaminhamento.pdf	29/12/2019 21:17:09	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	7_Carta_de_Revisao_Etica_Luiz.pdf	29/12/2019 21:01:41	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	10_Resumo_do_projeto_Luiz_Henrique.pdf	27/11/2019 17:02:38	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	6_Lattes_Orientadora_Rosineide_Magalhaes.pdf	27/11/2019 16:59:40	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	6_Lattes_Pesquisador_Luiz_Henrique.pdf	27/11/2019 16:58:55	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Outros	4_Instrumento_Coleta_Dados.pdf	27/11/2019 16:54:45	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	11_Projeto_Completo.pdf	27/11/2019 16:51:02	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Orçamento	Orcamento_Luiz_Henrique.pdf	27/11/2019 16:46:04	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rost_Luiz_Henrique.pdf	27/11/2019 15:53:05	Luiz Henrique Gomes Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 19 de
Março de 2020

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

APÊNDICE II - DEGRAVAÇÕES

Entrevista – Adelaide

Pesquisador: Podemos começar então?

Adelaide: Pode.

Pesquisador: Qual seu nome completo mesmo?

Adelaide: Adelaide dos Reis de Oliveira.

Pesquisador: Adelaide dos Reis de Oliveira. Você é.. você é a... a diretora não. Como é que a gente fala? É...

Adelaide: Presidente.

Pesquisador: Presidente. Da associação?!

Adelaide: Presidente da Associação de Moradores e também responsável, né?, Pelos interesses de direito da Comunidade Quilombola.

Pesquisador: É, da Associação e da comunidade, né?

Adelaide: Também.

Pesquisador: Dos dois. A primeira vez era, era quem dirigia era Romilda, né?

Adelaide: Era.

Pesquisador: É.

Adelaide: Agora sou eu.

Pesquisador: Interessante juntar tudo mesmo, né? Aí fica a par das situações, né?

Adelaide: Sim.

Pesquisador: Então tá certo. É... Isso... como é... Como é que se deu o processo de formação da, da Comunidade São Domingos? Como é que formou a comunidade? Porque aqui é derivado de um, de um... foi o primeiro Quilombo, não foi? Que teve aqui na região?

Adelaide: Unrum! É! É que na verdade, aqui, o Quilombo daqui deu o nome de Quilombo porque aqui morava os escravos, né?

Pesquisador: Unrum!

Adelaide: Na onde os escravos morava era Quilombo...

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: ... só que tem o Quilombo dos refugiados e o, os Quilombos que, é... é, no caso os trabalhadores, né?

Pesquisador: Sim.

Adelaide: Então os daqui, eles eram os trabalhadores...

Pesquisador: Huum...

Adelaide: ... eles trabalhavam no garimpo, na plantação, pra cuidar dos seus senhores, né?

Pesquisador: Sim.

Adelaide: E aí seus senhores, eles moravam lá no Santana. Então a comercialização deles era toda aqui, e, era plantação de algodão, de milho, é... de amendoim, era tudo aqui, né? Então aí eles abasteciam os seus senhores lá no Santana. Que era São Domingos e Santana, aí por isso é que há essa diferença. 'Ah, é São Domingos!', Não! São Domingos eles não são, é... é... os Quilombos fugitivos.

Pesquisador: Sim.

Adelaide: Né?

Pesquisador: Entendi.

Adelaide: Então tem essa diferença.

Pesquisador: Mas foi o primeiro...

Adelaide: Unrum.

Pesquisador: Não foi? Que foi daqui?!

Adelaide: É o primeiro Quilombo, São Domingos.

Pesquisador: E, Adelaide, eu sei que atualmente, é... parece que algumas pessoas adquiriram porções de terra aqui dentro.

Adelaide: Sim.

Pesquisador: Não foi?

Adelaide: Isso aí já vem desde, desde antes né?

Pesquisador: Humm.

Adelaide: Desde o reconhecimento, então já tinha pessoal que tinha a posse de terras aqui, que compraram de pessoas mesmo, que moravam aqui na comunidade. Mas aí eles compraram, aí ficou dividido: essa área da ponte pra cá e a área da ponte pra lá. Da ponte pra lá é a... a cachoeira, né?

Pesquisador: Hum.

Adelaide: Mas aí, com os outros moradores que já vieram pra cá já começaram: um vende um pedaço, o outro vende um pedaço. Aí começou a... a parte de vendas, né?

Pesquisador: E, e isso tem alguma influência assim, na vida de vocês que estão aqui já desde o início, não?

Adelaide: Influi! Influi porque acaba tirando a liberdade, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí tudo que você vai fazer o consumo é maior. É, então assim, dá muita dor de cabeça, porque aqui foi uma comunidade que na época tinha só gente da família. Então o planejamento foi pra essa trinta famílias.

Pesquisador: Isso aqui, você fala na época que o houve o reconhecimento.

Adelaide: É. Em 85.

Pesquisador: 85.

Adelaide: Em 85 tinha as trinta famílias. Então foi essas 30 famílias que começou dando, é... iniciação dos trabalhos.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí foi onde fundou uma associação, aonde veio energia, veio a água. E aí foi melhorando a vida da Comunidade. Escola... E nisso foi dando crescimento, né? Pra vida da comunidade.

Pesquisador: Mas esse pessoal, eles participam de decisão de alguma coisa aqui da Comunidade, não? Tipo tem alguma reunião, tem...

Adelaide: Hoje a maioria já morreram, né? Mas participam.

Pesquisador: Não! Não! Falo os que... os que adquiriram terra.

Adelaide: Sim, sim. Participam também!

Adelaide: Participam. Têm uns que são muito participativos. Sabe?! Ajuda...

Pesquisador: É? Então acabam contribuindo mais...

Adelaide: Contribuem, eles..

Pesquisador: do que atrapalha, por exemplo.

Adelaide: ... contibuem muito com a Comunidade, né?

Pesquisador: É.

Adelaide: Mas já têm outros que eu falo que só atrapalham, porque cresceu muito, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí vem pessoas, aluga casa, fica um tempo e vai embora. Aí deixa despesa, né?

Então assim, a despesa maior pra nós é a conta de energia...

Pesquisador: É, porque tem é associação, né? É uma coisa só.

Adelaide: É porque assim, a gente tem que ter um cuidado muito grande pra num, num prejudicar, né, as pessoas?!

Pesquisador: É, tá certo!

Adelaide: Aí, quer dizer, o consumo de água já é maior... é... a manutenção dessa rede de água, ela é muito cara, né? Então a gente vai vendo assim questões que acaba atrapalhando. Se tivesse um número pequeno de moradores a situação era outra, era diferente.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Né? Então a Comunidade cresceu muito, muito mesmo.

Pesquisador: Tá certo. E... e... quê que cê acha que tem na Comunidade, quê que ainda a caracteriza como Comunidade Quilombola?

Adelaide: São as tradições, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Da Comunidade que vêm desde os antepassados que ainda continuam, que é a Caretagem, a Folia de Reis, né? Tem a festa de São Domingos também, que é uma festa muito antiga. E uma que tinha, que acabou, é... deixando de acontecer é a do Rosário. Essa era a primeira, né?

Pesquisador: Hum.

Adelaide: Da Comunidade era a Festa do Rosário, que é a Nossa Senhora dos Preto, né? Então essa é a primeira festividade que tinha. Aí depois veio a Caretagem, a aí veio as rezas. Tem reza de Cruzeiro, né? Mas assim, a que ainda tá forte mesmo dentro da comunidade é a Folia de Reis e a Caretagem.

Pesquisador: Isso representa a questão cultural suas, mas também dá identidade pra vocês, né?

Adelaide: Sim, sim.

Pesquisador: É. Eu me recordo que a gente conversou uma vez sobre a questão de uma outra comunidade tá... tá desenvolvendo a Caretagem, né?

Adelaide: Unrum.

Pesquisador E meio que tá levando os louros, né?

Adelaide: Sim, sim.

Pesquisador: Tá levando a fama, como se eles tivessem criado, alguma coisa assim.

Adelaide: É, São Sebastião, São Sebastião.

Pesquisador: É aquele lá da Lagoa? É o da Lagoa?

Adelaide: Não.

Pesquisador: Ah, não! São Sebastião é antes da lagoa.

Adelaide: É. São Sebastião mesmo. Mas o quê que é? É justamente o.. o município, né? O que vem é a Secretaria de Cultura. Aí a Secretaria de Cultura, ela quer trabalhar como uma atividade folclórica, né?

Pesquisador: Hum.

Adelaide: Pra sair, pra fazer apresentação. E aqui a Comunidade é, uma devoção que eles têm.

Pesquisador: Sim, é diferente.

Adelaide: É diferente.

Pesquisador: E, e foi a Comunidade Quilombola São Domingos que criou a Caretagem, né?

Ela é típica daqui, né?

Adelaide: Ela é típica do São Domingos.

Pesquisador: É... Eu já vi um documentário falando dos Amaros dançando a Caretagem.

Adelaide: Dançando a Caretagem, eles aprenderam aqui também.

Pesquisador: Aprenderam aqui.

Adelaide: É.

Pesquisador: E, e, na verdade, apesar de...

Adelaide: Porque antes, antes era assim: quanto ia ter a Caretagem, devido a comunidade ser pequena...

Pesquisador: Hã.

Adelaide: ... eram poucos os dançante, aí vinha Alto do Açude, é... lá o do... dos Amaros, né? Os Amaros, São Sebastião. Então eles vinham dançar aqui na Comunidade.

Pesquisador: E antigamente era só os homens que dançavam, não era isso?

Adelaide: É. Aí eles vinham dançar aqui, aí eles aprenderam, e, com isso, com a questão da Secretaria de Cultura, de tá oferecendo dinheiro, né? É, fazendo projeto pra eles, aí eles sai, eles vão fazer apresentações... Então eles tão levando essa fama, mas é..., a Caretagem, ela é do São Domingos.

Pesquisador: Interessante que, quando eu tava falando da questão do letramento, que envolvia o letramento, né?

Adelaide: Unrum.

Pesquisador: As práticas de escritas, das comunidades.

Adelaide: Sim.

Pesquisador: É... Eu me recordo de cê falar que seria interessante ter registrado isso antigamente, né, porque não teria como comprovar que era daqui...

Adelaide: Que era daqui.

Pesquisador: Sem ter maiores discussões, né?

Adelaide: Sim, sim.

Pesquisador: Com outros locais.

Adelaide: É.

Pesquisador: Pro cê ver importância do registro, né?

Adelaide: Do registro. É que a gente fala, porque assim, acaba perdendo.

Pesquisador: É.

Adelaide: Foi você quem fez, mas o outro chegou lá na frente e registrou. E aí eu sei que tem a Secretaria de Cultura, tá trabalhando muito em cima disso aí. E tem outras pessoas também, né? Que estão... Nossa! Trabalhando. Que inclusive tem uma pessoa mesmo, ela fez todo trabalho aqui dentro da Comunidade, e hoje ela tá valorizando muito a Caretagem de São Sebastião e, e o que deu ênfase pra ela, como diz, fazer o seu doutorado foi em cima da Comunidade.

Pesquisador: É mesmo?

Adelaide: É. Né? E aí hoje, todo ano ela traz pessoas, é, reportagens, tudo, pra ir lá pra São Sebastião. E, e como diz assim, quem fez ela foi a Comunidade São Domingos.

Pesquisador: É, a Caretagem é em junho, né?

Adelaide: É em junho.

Pesquisador: Junho.

Adelaide: É. Dia 23 de junho.

Pesquisador: É. Quando eu fiz o mestrado eu... eu registrei quando eles chegaram lá ne Planeta.

Adelaide: Pois é. É.

Pesquisador: Registre a dança...

Adelaide: Hanrãm. É.

Pesquisador: Tinha essa segunda pergunta aqui, mas meio que você já me respondeu. É assim: Quais as práticas que vocês possuem pra identificar como quilombolas, né? Mas cê já falou da questão cultural, né? Das danças, da religiosidade. Mas é interessante também que tem aquela, a questão da... da... dos produtos, né? Que são daqui.

Adelaide: Sim, sim.

Adelaide Tem a rapadura, né? Feita aqui.

Pesquisador: Tem a fábrica de biscoitos.

Adelaide: Tem... nós temos aí a fábrica de biscoitos que é, como diz hoje, moderna, né? Como diz, ela é feita de acordo com a vigilância sanitária.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Mas a gente tem as receitas ainda que é do tempo da...

Pesquisador: É... Eu me lembro de cê falar que tem que ser por encomenda, né? Porque como não leva conservante, não é isso?

Adelaide: É.

Pesquisador: Tem que consumir rápido.

Adelaide: Tem que consumir rápido.

Pesquisador: No dia que teve um café aqui, eu vim aqui há uns dois anos, não sei, três anos atrás.

Adelaide: É. Então assim, você tem que fazer e vender, né?

Pesquisador: É.

Adelaide: Então ela não é produto de ficar estocado pra vender.

Pesquisador: Unrum. É.

Adelaide: A duração é muito... é.. é... é uma semana, o máximo.

Pesquisador: Uma semana, no máximo.

Adelaide: É. Depende muito do produto também. É... A única coisa que assim, a gente deixa mais tempo é o pão de queijo porque esse a gente deixa ele congelado, né?

Pesquisador: Ah, cês vendem ele congelado também?

Adelaide: É.

Pesquisador: Legal!

Adelaide: Tanto que o pão de queijo, ele é, daqui ele é o diferente do, dos outros pão de queijo que tem ai dentro do município. É diferente.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Mas assim, eu vejo assim, que a Comunidade São Domingos, ela... ela continua na exploração. Antes veio a exploração do ouro, né? Que foi muito explorada pelo ouro. E hoje a gente vê que é tudo, quando eu preciso da Comunidade aí eu venho na comunidade, mas quando é pra ajudar no desenvolvimento da comunidade, fazer alguma coisa em prol da Comunidade, aí cê não encontra ninguém.

Pesquisador: Nem da Comunidade, nem de fora?

Adelaide: Nem de fora.

Pesquisador: É porque, é porque, tinha, tinha...

Adelaide: Acaba a gente ficando assim: um grupo de pessoas pra tomar conta da comunidade.

Pesquisador: De tudo, né?

Adelaide: É.

Pesquisador: E... por exemplo, aqui já teve projetos que começaram e não deram continuidade...

Adelaide: É, muitos projetos...

Pesquisador: Né? De frango caipira? Um negócio assim.

Adelaide: Foi. Do frango.

Pesquisador: Teve mais algum outro, não?

Adelaide: Teve o do frango caipira, que esse não deu, né? Futuro de jeito nenhum. É uma coisa que a gente vê e acaba mesmo, e... e assim, outros... teve outros, né? Projetos. Teve projetos de bordado, né? Teve um projeto de costura... na parte artesanal.

Pesquisador: Esses não existem mais não?!

Adelaide: Não! Produtos de artesanato, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Né? Então ficou.

Pesquisador: É... Então assim: saindo um pouco da comunidade, em termos de, por exemplo, como aqui faz divisão com a mineradora, é... e pode ter outro... existe alguma influência externa, não só mineradora, né? Institucional. Pode ser produtor rural, que às vezes faz divisa, alguma coisa assim. Eles favorece ou restringe, alguma coisa, assim, relacionado ao, ao desenvolvimento da Comunidade?

Adelaide: Favorecer, favorece, né? Mas, eu não sei o porquê, mas aqui a gente só tem a Kinross, só Kinross.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Porque nós temos outra aqui, né? Nós temos a Monsanto aqui, ela é nossa vizinha, vizinha mesmo...

Pesquisador: A... a Monsanto faz divisa aqui com vocês também?

Adelaide: Faz.

Pesquisador: Não sabia não.

Adelaide: Faz divisa. É porque ela tá dentro de uma área de São Sebastião. Então, mas, a ... a cerca dela...

Pesquisador: Hã.

Adelaide: Ela passa já na divisa mesmo aqui de São Domingos.

Pesquisador: Humm. Mas ela num...

Adelaide: Porque São Sebastião e São Domingos são muito... são muito... a divisa deles é de cerca.

Pesquisador: Tanto que um dia eu passei por aí, tava até de moto, passei: ‘_deixa eu ver onde dá isso aqui’. Sai aqui, ó. Falei: ‘_ó aonde a gente sai, gente’.

Adelaide: A estrada era ali.

Pesquisador: Antigamente...

Adelaide: A estrada de São Sebastião... a estrada de São Sebastião era assim: saía aqui de São Domingos aí tinha essa passagem aí e saía aqui no açude..

Pesquisador: Eu imaginei que sairia nesta rua, ó. E a gente sai é ali atrás.

Adelaide: É.

Pesquisador: Mais foi só uma coisa da minha cabeça. Aí eu fico pensando...

Adelaide: Aí aqui você entra, você pode entrar por aqui, aí você faz a volta, entra lá na fazenda do, do finado Niculau, aí você sobe, aí cê vai sair lá em São Sebastião.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: A gente ia direto São Sebastião de pé. Andava pra lá, pra cá. Ele, nas festividades que tinham, que meu avô que era o grande festeiro, ele gostava muito das festividades. Aí na época das festa o pessoal vinha todo mundo pra cá. Vinha a cavalo, outra hora vinha a pé mesmo, que não tinha esse negocio de carro.

Pesquisador: Que é perto, né? Relativamente perto.

Adelaide: É.

Pesquisador: Então as, as, as... como é que fala? A relação com, com as vizinhanças são... é tranquila, né?

Adelaide: São tranquila.

Pesquisador: Tranquila, né?

Adelaide: São tranquilas.

Pesquisador: Melhorou aquela questão da, das rachaduras nas casas, não?

Adelaide: Ainda não. Essa não.

Pesquisador: Eu vou te falar uma coisa: eu tava ali ne Planeta um dia, lá onde faz a rapadura, tava com Tonin, tava com Tonin lá. Tonin, Ione... nunca tinha ido lá não.

Adelaide: Hãn.

Pesquisador: Menino, mas esse chão tremeu, trrraaa!! Falei: ‘Uá, mas quê que isso’?! Nunca... aí que eu lembrei, falei: ‘ahhh, a implosão que teve lá na mineradora’.

Adelaide: Nossa! E agora tá... nossa! Tá forte.

Pesquisador: Porque na cidade, to... eu sinto... é fraquinho assim, a gente nem sente. Depois que eu senti a primeira vez, eu nunca mais deixei de sentir a vibração da terra.

Adelaide: É por causa do horário, né? A gente já fica atento.

Pesquisador: Mas.. mas eu nunca senti tão forte como aqui. Sabia?

Adelaide: Agora que tá forte, que agora eles receberam a liberação, né? Pra trabalhar aqui no morro da cachoeira. Então eles estão aqui na cachoeira.

Pesquisador: É? E essa cachoeira existe ainda, não?

Adelaide: Existe.

Pesquisador: Mas tá nas terras da mineradora?

Adelaide: Nas terras da mineradora.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: É que era dum sinhô... era dum sinhô chamado Valdir. Aí ele vendeu pra Pedro Rabelo, finado Pedro Rabelo. Aí finado Pedro Rabelo vendeu pra RPM, na época.

Pesquisador: Unrum, eu lembro que tinha uma discussão falando que comprou de maneira é... que não foi legal, né?

Adelaide: Ah não, mas...

Pesquisador: Mas, enfim. Isso aí já foi muito discutido, né?

Adelaide: Foi legal porque eles num compra nada que é ilegal, né?

Pesquisador: Hum.

Adelaide: Porque igual ali no Niculau ali mesmo tem a área daquele.. do morro aqui que é deles, e eles tão louco pra vender e num vende porque existe documento de outras pessoas, e aí as outras pessoas que é da, da família dos Monteiro também, eles num vende de jeito nenhum.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí tá dentro da propriedade e eles já fizeram de tudo pra vender, tanto que tá até na justiça. Porque eles querem vender, né? E aí num, num compra. Aí até uma vez, a gente foi numa reunião, tava uma discussão, aí foi levantada a questão que a Kinross quis comprar a São Domingos. Ela falou: ‘Não! A gente não quer comprar a São Domingos. A gente só acha o seguinte: como tá chegando vizinhos, e esses vizinhos também, devido o impacto, eles também têm um grande interesse na Comunidade, como nós somos os primeiros, o direito é nosso.

Pesquisador: Sim.

Adelaide: Nós queremos esse direito.

Pesquisador: Agora vamo pensar: Será que esse pessoal não compra terro aqui também não é pensando futuramente em vender pras mineradora?

Adelaide: É.

Pesquisador: Cê acha que é isso?

Adelaide: Eu acredito que sim.

Pesquisador: Porque eu, eu vou te ser sincero, eu.. eu acho que eu gostaria muito de morar num lugar aqui assim, por mais... por causa da tranquilidade.

Adelaide: Sim, sim.

Pesquisador: Não pelo fato de ser ao lado de mineradora.

Adelaide: Não, mas tem gente que o interesse é esse.

Pesquisador: É financeiro. É comprar pra poder ver se vende depois. Né?

Adelaide: É.

Pesquisador: eu não tinha me atentado à isso não.

Adelaide: E agora tão... que eu não sei de onde saiu esse noticiário, que devido a Kinross tá trabalhando ali na cachoeira, que vai comprar a parte de lá, aquela lá perto da igreja, aquele lado ali.

Pesquisador: Sei.

Adelaide: Nossa! O que dá... aqueles lote ali, o pessoal, direto o pessoal me liga: ‘Dona Adelaide, ó, tão invadindo uns lote aqui. A senhora sabe quem é os dono?’, falei: ‘Eu não sei, não sei’. Porque na época o meu tio pegou e vendeu. Vendeu o terreno pra Dona Dolores. Dona Dolores vendeu pa Calanguim, de Calanguim ele já vendeu pra uma tal de Laureci, vendeu pra essa Dona Laureci, essa Dona Laureci morano aqui na Comunidade, interagiu aí com a Comunidade, foi dano uma de boazinha... Quando povo assustou ela tava com o loteamento pronto. Então ela vendeu muito lote.

Pesquisador: E onde é esse loteamento? Ali perto da igreja?

Adelaide: É.

Pesquisador: Mas...

Adelaide: Nos fundo ali da igreja.

Pesquisador: Ahh!

Adelaide: Então vendeu muito lote. E aí agora com essa história que diz que a Kinross vai comprar uma parte ali... Menino, mas pro cê vê o que é de gente vendendo...

Pesquisador: Terreno.

Adelaide: Marcando, demarcando mermo, já. E um marca, outro marca, e tá uma briga danada.

Pesquisador: Mas quem tá marcando, demarcando é gente daqui ou gente de fora?

Adelaide: Não.

Pesquisador: De fora.

Adelaide: De fora.

Pesquisador: Gente de fora.

Adelaide: Gente de fora.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Gente de fora.

Pesquisador: Ó pro cê vê.

Adelaide: E aí eu não sei, não sei como eles ficaram sabendo desse noticiário, que disse que a Kinross vai comprar aquela parte porque eles estão aqui na cachoeira.

Pesquisador: Às vezes é até especulação pra poder vender, né? Não sei.

Adelaide: E aí...

Pesquisador: Valorizar.

Adelaide: É.

Pesquisador: Pode ser.

Adelaide: É.

Pesquisador: Tem que esperar pra ver o que vai ser ou não, né?

Adelaide: Pra ver o que vai acontecer, né?

Pesquisador: É.

Adelaide: Mas eu sei que tem esses impasse dentro da Comunidade. E aí, quer dizer, a comunidade, invés dela ficar tranquila, né? Aí vêm as preocupações .

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Por que vem pessoas de fora, pessoas que que cê não conhece. Tem uns que chega, como diz, chega pra somar.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Mas tem outros que cê sabe que chega de má fé.

Pesquisador: Nossa! É complicado!

Pesquisador: E... tem a ver com a outra pergunta que eu vou fazer também. Assim: essas pessoas que vêm de fora, eles ajudam a desenvolver, é, práticas, por exemplo, melhoria do comércio, a saúde, o esporte, né, como o futebol?

Adelaide: Não.

Pesquisador: Não, né?

Adelaide: Não.

Pesquisador: E cê acha que eles exercem alguma influência sobre integrantes da comunidade, crianças ou...

Adelaide: Também não.

Pesquisador: Não?

Adelaide: Não. Aqui só tem um, aliás, são dois casais, né? Tem um que esses são muito ativos, muito participativos, e tudo que a gente precisa eles estão presentes, eles ajudam, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: E, no mais, o outro, tem o outro casal também que mora aqui perto da gente aqui também, são pessoas boas. O que você precisar com eles...

Pesquisador: Na hora.

Adelaide: ... eles estão prontos pra ajudar.

Pesquisador: Urum.

Adelaide: Mas assim também, não tem um relacionamento com a Comunidade. Aqui só tem esse casal que ele é um paulista, ele chegou... Então assim, ele realmente, ele envolve muito com a comunidade, em todos os sentidos. Ele envolve com a comunidade, o que precisar dele, ele tá pronto pra poder ajudar. Mas os outros chega e cada um no seu quadrado.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí quer dizer: usufrui, né? Dos bens da Comunidade, né? Então assim, devido aqui, morar aqui, é, aí eles têm a tranquilidade, né? Então assim, pra eles o custo de vida aqui é excelente.

Pesquisador: Unrum. Certo! Essas questões da.. A Kinross tem feito ainda muito, muito.. que elas tinha uns, uns trabalho aqui, não tinha? Parece que pegava um pessoal, levava pra ver como é que era a detonação, mostrar como é que é o...

Adelaide: Ah não! Pra mostrar como que é o monitoramento, né? Ainda tem.

Pesquisador: Tem, né?

Adelaide: Tem.

Pesquisador: E o pessoal que tem muita vontade de trabalhar lá na Kinross ainda, não? Por causa dessa, dessa relação próxima?

Adelaide: Tem. Tem pessoas que têm, né? O grande interesse. Mas aí que tá o caso: falta a capacitação. Aí agora eles estão oferecendo os curso, no SENAI.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Pras pessoas que tem interesse, de participar, né? Dos cursos do SENAI. Mas assim, tudo que eles vão desenvolver, os projetos dentro da cidade, convida sim, a comunidade. Aí agora veio um projeto da Tecno Celi, ela é uma, uma ONG internacional, ela...

Pesquisador: Hum.

Adelaide: A Tecno Celi. E aí vieram preparar os jovens, né? Tiverem um trabalho psicológico e estão acompanhando esses jovens aí, é... justamente aí pra lançar no mercado de trabalho.

Pesquisador: Eles dão cursos de capacitação pra esses jovens? Eles recebem materiais pra poder estudar, alguma coisa assim, não?

Adelaide: Receberam, tiveram palestras, tiveram, é... foram aprender fazer currículo, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: De como se comportar dentro dum, numa entrevista. Ela trabalhou mais a área... é... de comportamento mesmo, né?

Pesquisador: Hum.

Adelaide: Desses jovens. Aí foi uma psicóloga.. Ela acabou descobrindo que tem pessoas que tem o potencial, mas não acredita nele mesmo...

Pesquisador: Sim.

Adelaide: Então assim, uma motivação mesmo, né? Outros...

Pesquisador: Isso foi quando?

Adelaide: Ela começou em setembro. Aí trabalhou com eles até dezembro. Aí tiveram formatura, receberam o certificado e agora ela tá fazendo um trabalho individual.

Pesquisador: Isso abarca mais os jovens?

Adelaide: É. De dezessete a trinta anos.

Pesquisador: Ah! Tá. Que legal!

Adelaide: Esse projeto é da Tecno Celi.

Pesquisador: Mas ele está vinculado a Kinross.

Adelaide: É. Eles vieram, né? E...

Pesquisador: Unrum. Que bom, né? Isso é bom.

Adelaide: E eles são... Esses projetos... Eles rodam o mundo inteiro. Agora mesmo ela tá lá em Moçambique

Pesquisador: Legal.

Adelaide: Tá trabalhando lá em Moçambique.

Pesquisador: E.. Hoje os jovens aqui, eles têm, eles têm mais consciência da questão da importância do estudo? Querem fazer faculdade?

Adelaide: Têm!

Pesquisador: Pelo menos a maioria, né?

Adelaide: Tanto que nesse... nessa formação que eles tiveram, do empreendedorismo, foram assim... eles foram destaque, os menino da área rural, que é São Domingos e Lagoa. Do Cunha só teve um que participou, só teve um que participou. Aí da Lagoa teve mais, o maior número foi aqui. Entre eles, zona rural com os urbanos, que teve também pros urbanos.

Pesquisador: Sim.

Adelaide: Que foi Amoreira, Bela Vista II, Alto da Colina... é... os meninos da zona rural, eles estão se destacando mais que os outros, é... tem faculdade, os que não tem faculdade têm ensino médio, os que não têm ensino médio têm curso...

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Têm curso técnico, né?

Pesquisador: Estão se capacitando, né?

Adelaide: É. Outros estão fazendo faculdade... Então assim, eles perceberam que os meninos da zona rural tá tendo um desenvolvimento maior do que os menino da zona urbana.

Pesquisador: E... E cê acha que essa qualificação desse pessoal, é.. tende a melhorar aqui pra comunidade, ou cê acha eu tipo, eles melhoram e vão embora e não tem...

Adelaide: É, eu acredito que melhore, né? Porque assim, pelo menos é o que a gente espera...

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: ... deles aprenderem e ele irem e multiplicar isso dentro da Comunidade.

Pesquisador: Certo. Cê me falou de uma menina que é muito compromissada, né? Que trabalha lá no Atenas. É no Atenas?

Adelaide: Tem no Atenas, já.. no Atenas tem duas: uma que formou em enfermagem e a outra que formou em administração, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Então assim, foram meninas que se destacaram dentro do curso aí os coordenadores já entregaram elas pro mercado de trabalho.

Pesquisador: Bom demais! Mas tem uma delas que cê falou que tem um envolvimento muito grande com a comunidade, né?

Adelaide: É. Essa é a que formou em administração.

Pesquisador: Administração.

Adelaide: É.

Pesquisador: Depois eu quero conversar com ela também.

Adelaide: Ela nos ajudou muito, e nos ajuda, né? Tá aí envolvida dentro da associação.

Pesquisador: Unrum..

Adelaide: Ela, na área de... que ela ficou com a função de secretária.

Pesquisador: Pra gente fechar, é... cê acha que é importante essa questão do registros pra Comunidade, pra poder tá divulgando o nome, ou fazendo propagandas, se isso acontece com frequência, se não acontece?

Adelaide: Nossa! É.. Eu vejo assim, que é de suma importância. Porque eu via assim o trabalho que Vandeir fez...

Pesquisador: Hum.

Adelaide: ... ele ainda desenvolve alguns trabalhos, né? É justamente sobre a Caretagem. Então assim, ele estudou a fundo essa questão, pesquisou muito... Então ele fez documentário e tudo, tem o registro, né? Do documentário, que isso aí vai ficar pra pessoa, de fazer pesquisa, né?

Pesquisador: Sim.

Adelaide: E o outra coisa também que foi muito bom foi quando o antropólogo veio, porque ele veio, ele fez todos os estudos... Então assim, as pessoas sentou, foi contar história... Então as pessoas acabaram se redescobrando muita coisa, né?

Pesquisador: É.

Adelaide: Que não sabia!

Pesquisador: E que às vezes nem lembra, às vezes cai no esquecimento.

Adelaide: Que nem lembra!

Pesquisador: Hora que cê força é que vai lembrando as coisas.

Adelaide: É. Porque assim, aqui antes era Dona Cristina, tudo era Dona Cristina. Dona Cristina... Então as entrevista era ela, depois veio a Romilda, né? E a , tem a Naiara, que a Naiara, ela fez o curso, né? De turismo.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Né? Ela tá... teve essa capacitação pra, pra guia turístico, ela trabalhou dentro do guia turístico... Então ela tem um conhecimento muito grande. Ela sabe, ela conhece.

Pesquisador: E ela trabalha, ela trabalha no turismo aqui, não?

Adelaide: Não. Hoje ela tá lá, né? Tá fazendo, formou em administração, aí tá trabalhando lá no Atenas.

Pesquisador: Ah, tá! É a que fez administração que tá trabalhando lá.

Adelaide: É! A Naiara. Então assim, isso aí é ótimo, né? Então a gente tem muita coisa. Tem muito jovens aí que, é... que tem informação, né? Assim, o que tá faltando mesmo é oportunidade mesmo, pra eles, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Que muitas das vezes num tem, é o mercado de trabalho...

Pesquisador: É bem competitivo, né?

Adelaide:... que é muito restrito.

Pesquisador: Mas, Mas é... às vezes o que falta mesmo é desenvolver essa consciência de que tem que correr atrás, tem que se capacitar, isso é importante.

Adelaide: Mas graças a Deus a Comunidade, ela, assim, cresceu muito, né? Então assim, tem muita coisa a melhorar, mas aí é aquilo que a gente depende do município e o município, ela acaba trabalhando com a linha de quantidade, né? Igual a escola, é uma luta muito grande pra abrir a escola...

Pesquisador: Cês pensa em voltar a escola? Reabrir a escola?

Adelaide: Já tentamos várias vezes reabrir a escola, colocar uma creche. Aí não! A creche nós precisamos de um número. Hoje tem até um número, né? Nós já temos um número.

Pesquisador: Não poderia usar a escola como creche?

Adelaide: Então, mas que a gente lutou muito com relação a isso, mas infelizmente não aconteceu.

Pesquisador: Isso depende da Secretaria de Educação?

Adelaide: É. Depende da Secretaria de Educação. E aí eu falo assim: quando você tem um problema, é quando você cria um conflito... isso traz problema demais. Até você resgatar essa imagem... então teve muito conflito.

Pesquisador: Com essa atual?

Adelaide: Com... não. No passado, né? No passado teve muito conflito com relação à, à presidência, que era duas, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Tinha a do Quilombo e tinha a dos moradores...

Pesquisador: Ah, tá!

Adelaide: Aí acabou teve esse conflito, é.

Pesquisador: Eu lembro disso aí.

Adelaide: E aí isso aí prejudicou demais a Comunidade. Demais! Né? Porque então assim, é uma área que eles poderiam tá trabalhando aí vem a questão, é o que... quando é a Kinross, ela trabalha o dobro. Já o município, se viesse, né? O estado com um deles que viesse ia trabalhar com esse diferencial com a Comunidade Quilombola e o povo que tá aí, né? Isso aí acaba trazendo uma discriminação. Como que o município vai discriminar só porque tá dentro do território Quilombo? Então a gente tem esse problema.

Pesquisador: Pois é, mas eu falo assim: aqui é praticamente um bairro da cidade, né? Devido à proximidade que eu falo.

Adelaide: Era pra ter u olhar bem diferenciado.

Pesquisador: Sim, porque inclusive tem uma escola que é municipal. Construíram a escola e não tá sendo aproveitada?!

Adelaide: E a gente vê assim que há essa falta de interesse muito grande do próprio município, justamente isso.

Pesquisador: Cês tentaram ver com a Secretaria de Cultura pra ver se influencia, apesar de ser da Secretaria de Educação, mas às vezes com a pressão...

Adelaide: Não, eles não influi não. É um grupo, né? Alí é um grupo, e esse grupo é fechado.

Pesquisador: É, né?

Adelaide: É. Quando um num abre, o outro também não. Infelizmente é assim.

Pesquisador: Bom, vamo esperar...

Adelaide: É

Pesquisador: ... o próximo ano aí.

Adelaide: É. Poderia, poderia ter...

Pesquisador: Por exemplo, essa questão da... da... que eu sabia né? Que a escola fechou em 2008?!

Adelaide: 2009.

Pesquisador: Alegando falta de...

Adelaide: Aluno.

Pesquisador: ... estudante, né? Falta de aluno. Salas mult seriadas, essa questão toda. Mas, por exemplo, se há uma demanda pra creche, por exemplo, poderia utilizar, né? Quer dizer, não precisava nem de infraestrutura. Já tem infraestrutura, né?

Adelaide: Dar uma melhoria, né?

Pesquisador: É, dá uma melhorada, porque lá tá fechado...

Adelaide: De acordo... aí como diz, ia ter que ter umas ampliações, que a questão da creche, ela tem as suas ampliações também, né? Então esses... Mas tem o terreno, tem tudo, eu não sei porque.

Pesquisador: É. Tá certo.

Adelaide: E assim, é um trabalho que eles poderiam ter feito, é... seria um... um.. como diz assim, um modelo, né? Porque é um território quilombola, e tudo, tem a verba de Quilombo pra trabalhar e... mas tudo cê depende do município, aí ele não abraça essa questão .

Pesquisador: Então vocês têm verba pra poder mexer com isso, mas precisa do município, mas eles não contribuem?!

Adelaide: Não.

Pesquisador: Nossa!

Adelaide: É igual tem... é... o nosso projeto aqui da questão da água, né? Esse projeto da água a gente sabe que tem a FUNASA, então teve o concurso e tudo, aí quando a gente foi pra se inscrever nesse concurso: ‘Ó, o negócio é o seguinte: você tem que procurar a prefeitura’. Então a gente foi, procurou a prefeitura, sentamos, conversamos. Aí na época o secretário de planejamento falou: ‘ Ó, não temo verba, porque nós precisamos fazer um projeto e nós, hoje nós não temos essa verba pra fazer o projeto hoje pra mandar amanhã pra lá pra FUNASA. Nós não temos. E aí como que a gente vai fazer esse projeto? Aí a gente vai ter que entrar dentro do orçamento pro ano que vem’.

Pesquisador: Pro outro ano.

I: E nunca aconteceu. Já foram o quê? Três anos que passaram.

Pesquisador: Nossa!

Adelaide: E eles não fizeram. Então assim, infelizmente! Aí tem uma câmara e tem vereador, mas não tem vereador que tem esse olhar pela comunidade pra falar: ‘Não! Eu vou abraçar essa causa!’.

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: E assim, tudo depende do poder público. Tudo depende do poder público.

Pesquisador: E aí empata muita coisa aqui.

Adelaide: É. Empata. Hoje a gente tem alguns projetos aí, e como diz, é financiado mesmo pelo projeto da Kinross, né? É o eixo que ela trabalha, e é esse aí se você quer fazer outra coisa você não tem como fazer, porque, por exemplo...

Pesquisador: O Integrar, o Projeto Integrar ainda existe, você sabe?

Adelaide: Existe.

Pesquisador: Existe. Eles envolvem alguma coisa aqui, ou não?

Adelaide: Não. Aqui não.

Pesquisador: É na cidade como um todo, né?

Adelaide: É na cidade como um todo. Como aqui não tem escola, né?

Pesquisador: Unrum.

Adelaide: Aí eles tão agora trabalhando aonde tem o maior número de alunos. Igual aqui no São Domingos é no Olindina e no Coraci. Aí eles tão trabalhando esse projeto dentro do Olindina e Coraci.

Pesquisador: Tá certo. Então tá. Obrigado viu, Adelaide, pela, pela...

Adelaide: Falou meu querido!

Pesquisador: ... pela contribuição.

Adelaide: Bom estudo aí.

Pesquisador: Obrigado!

Entrevista – Vanessa

Pesquisador: Então, boa tarde! É... Qual é seu nome completo?

Vanessa: Vanessa Lopes de Moura

Pesquisador: Tá, Vanessa. Então, primeiramente obrigado, tá?

Vanessa: Por nada!

Pesquisador: Por contribuir com a pesquisa. Vanessa, você, você, nasceu e cresceu aqui na Comunidade, né, Quilombola São Domingos?

Vanessa: Nasci e criei aqui.

Pesquisador: Unrum. Você é... como moradora mais recente, mais recente não, né? Mais nova em relação aos primeiros moradores. Você sabe como ocorreu o processo de formação da Comunidade Quilombola São Domingos?

Vanessa: Sim, porque na, na época quando eu era mais nova, tinha uns quatorze anos a Comunidade era muito visitada por turismo, e, como só minha avó tinha mais ou menos o domínio da história, sabia, porque os avós dela foi contando pra ela...

Pesquisador: Unrum. Sua vó é Dona Cristina, né?

Vanessa: Dona Cristina. Então eu ia com ela, né? Nos passeios que ela fazia dentro da comunidade. Como os passeios estavam sendo muito frequentes dentro da Comunidade, então, ela foi me ensinando.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: E aí eu fui ajudando ela. Então chegou uma época que tanto eu quanto ela recebia os turistas dentro da comunidade. Então assim: ela foi compartilhando comigo o que ela sabia.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Então o que ela sabia, ela foi compartilhando. Então assim: por isso eu sei um pouco da história da Comunidade, né? Como que se deu, como que a Comunidade surgiu.

Pesquisador: E as... e as pessoas na sua faixa etária ou mais novas, elas tem algum... você sabe se tem algum trabalho pra eles conhecerem essa história?

Vanessa: Olha, há muito tempo atrás teve uma oficina, dentro da Comunidade. Dentro dessa oficina as próprias pessoas dentro da comunidade forma envolvidas.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Então, dos mais jovens até os mais velhos. Quem quisesse participar!

Pesquisador: Certo.

Vanessa: E, dentro disso eles contaram um pouco da cultura.

Pesquisador: Da cultura, da história, né?

Vanessa: Da história da Comunidade, para que, é... Que quando foi feito esse trabalho, eu não me lembro mais por quem que foi feito.

Pesquisador: Você sabe o ano, mais ou menos, não?

Vanessa: Não! Não lembro, não. Mas acho que minha madrinha Irene deve ter os registros, porque na época eles fizeram, é... uns cartazes, fizeram uns banners... Que hoje eu acho que esses banners, eles fica até na casa de... na casa antiga de adobo, que é a única que tem aqui, de seu Aureliano de Dona Luiza Lopes?!!

Pesquisador: Sei. Eu devo dá um pulinho lá.

Vanessa: Eu acho que fica lá com eles. Então, quando eles fizeram esse trabalho. Então aí, contou um pouco da história que eles conheceram, como que é que a comunidade surgiu, para que pudesse ter um resgate da cultura da Comunidade, né?

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Então assim: têm alguma pessoas que tem, sim, o conhecimento.

Pesquisador: Mas não é frequente essa...

Vanessa: Não! Não tem essa valorização da cultura que deveria ter, esse interesse de querer, por exemplo, é... trabalhar em cima das coisas da Comunidade pra poder registrar, pra poder gravar, pra poder, daqui uns dias, ter os netos e bisnetos pra mostrar. Não tem tanto isso, não.

Pesquisador: Não tá tendo essa preocupação?!

Vanessa: Não. Não tem, não.

Pesquisador: É... E me fala uma coisa aqui: eu soube que algumas pessoas compraram, né, terreno ali em cima, pedaços de terras que não são... essas pessoas não são da comunidade? Você acha que isso influencia de alguma maneira na vida de vocês? Assim, questão de, ou enfraquecer, ou se essas pessoas que estão vindo, se contribuem com a Comunidade?!

Vanessa: Eu acho que enfraquece um pouco porque a cultura da Comunidade em si, ela já não tá tão alavancada. Já não tem mais aquela preocupação, é... já está se modernizando muito.

Pesquisador: Hum.

Vanessa: E eu acho que com essas pessoas que vem de fora que não tem o conhecimento da Comunidade, não tem conhecimento com o surgimento, como que foi o crescimento, que até então eram só famílias... então vai ficando assim: uma coisa comum. Então, o que era cultural, que tem uma história rica, acaba meio que ficando dentro de uma gaveta. E aí vai chegando

peessoas que não têm conhecimento nenhum, que não sabe da história da Comunidade e, acaba que vai esquecendo, caindo no esquecimento. Vai dando prioridade pra outras coisas que não são tão importantes assim.

Pesquisador: Pra Comunidade, né? É... Sobre a questão da Comunidade Quilombola São Domingos, é... O que você acha que caracteriza a Comunidade em termos de identidade, de cultura, ou mesmo de linguística? Se tem alguma coisa peculiar da fala de vocês...

Vanessa: Ó... Aqui, a Comunidade tem a Caretada, né? Que é algo tradicional. Que é algo que já é esplêndido, quando fala já da Comunidade São Domingos.

Pesquisador: É a maior expressão que vocês possuem?!

Vanessa: É! Hoje, é a Caretada.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Porque assim: tinha muito... quando eu era mais jovem eu lembro que tinha muitos eventos que tinham como característica é... da Comunidade e ressaltava, mas é igual eu te falei: vai perdendo. Infelizmente, muita coisa foi perdendo. Muita coisa mesmo!

Pesquisador: Então, hoje tem a Caretada. Mas assim, por exemplo, eu sei que tem... esse é um bem material, né? E cultural.

Vanessa: Unrum.

Pesquisador: Em termos materiais vocês produzem, igual, eu sei que tem rapadura, né?

Vanessa: Tem. Que vem da família do Planeta, né?

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Então vem dos pais dele, agora eles estão carregando e levando pra frente.

Pesquisador: Unrum. A... a questão aqui da fábrica de biscoitos, como é que tá o andamento, você sabe?

Vanessa: Eu acho que eles estão caminhando devagarzim, porque como é uma fábrica, é, pequena, né? Tem-se as dificuldade, porque é tudo natural, então os produtos têm um preço diferente, então, às vezes acaba que tem essa aceitação, porque a gente tá visado tanto num mercado que a gente... sai tanto enlatado.

Pesquisador: É!

Vanessa: Então assim: a gente acaba indo pro mais prático, e essa coisa que é saudável, às vezes pelo preço, pelo outro, acaba... Mas eles estão lutando. No início eu... eu sou formada em administração...

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Então no início eu tinha que fazer estágios, então eu tinha que ajudar de alguma forma, e, eu gosto muito dessa área de projetos.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Então assim: foi uma forma que eu encontrei de tentar ajudar dentro da Comunidade. Eu faço parte da Associação de Moradores, sou secretária. Então assim: sempre que eu posso ajudar de uma forma, eu tento ajudar dentro do que eu posso. Então assim: dentro da fábrica eu ajudei eles a montar, questão de custos... às vezes tinha quites que tinha que montar valores, eu sentava com minha madrinha Irene, aí ia ajudar eles ... Questão de treinamento de pessoal... como vender.

Pesquisador: E quem faz é o pessoal daqui mesmo, né?

Vanessa: É o pessoal daqui mesmo. Então assim: eu fui tentando ajudar do jeito que eu podia, né?

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Só que o mercado, hoje, a gente sabe que é muito difícil de entrar.

Pesquisador: E o que faz lá, assim, em termo de ... ? Faz pão de queijo, que tipos de quitutes, né? Quitandas!

Vanessa: Lá faz pão de queijo, faz bolos, vários tipos de bolos, faz a... é peta que eles fala. É.. nhoque... Então assim: eles fazem vários tipos de quitandas. Rosca recheada... vários tipos de quitanda mesmo. Todo lugar que vai é muito bem elogiado.

Pesquisador: Elogiado.

Vanessa: Muito bem! Só que quando toca a questão de preço, que as pessoas visam mais, né?

Pesquisador: Hum.

Vanessa: Aí eles acabam saindo meio que prejudicados.

Pesquisador: É... Mas você acredita que rapadura, a ... no acaso aí a...

Vanessa: Eu acredito que sim.

Pesquisador: A fábrica de biscoitos. Isso ajuda a levar o nome da Comunidade?

Vanessa: Ah, com certeza! Que eu acho que hoje é o que leva. É, como tem tamém, que o turismo vem aqui na casa de tio Aureliano, que a família deles que recebe, tamém é algo que ajuda a levar o nome da Comunidade. Mas eu acho que se tivesse um olhar mais especial pra Comunidade hoje, até em questão do turismo, que antes fomentava muito a renda das pessoas aqui, eu acho que tinha um olhar maior.

Pesquisador: E como é que fomentava a renda do pessoal?

Vanessa: É porque o pessoal vinha, né?

Pesquisador: Hum.

Vanessa: Então quem tinha castanha de barú, castanha de coco, quem fazia doce, montava, assim, tipo uma feirinha...

Pesquisador: Ah, tá!

Vanessa: E as pessoas vinham e adquiriam.

Pesquisador: E porque que acabou isso? Cê sabe, não?

Vanessa: Foram entrando, no início, na época, tinha Associação de Quilombolas, que hoje não tem mais devido...

Pesquisador: Parece que uniu, né?

Vanessa: Parâmetros Legais. Mais ou menos.

Pesquisador: Hã.

Vanessa: Porque como a Associação de moradores... de Quilombola teve problemas, questões legais, ela não pode mais ser exercida.

Pesquisador: Mas cê sabe que problema que foi que aconteceu?

Vanessa: Ela teve uma dívida lá na Receita Federal, que ficou de uma administração antiga.

Pesquisador: Ah, tá!

Vanessa: Então assim: como o valor é alto pra pagar e a comunidade não tem condições de quitar esse valor na receita, então meio que a Associação de Moradores pegou, fez... colocou no estatuto que responde tanto pelos moradores, tanto na questão de Quilombolas, né? E aí teve... entrou outras administração. Na época, quem era presidente da Associação dos Quilombolas, acho que era minha avó Cristina. Então assim: ela abraçou essa coisa do turismo. Então eles vinham, às vezes pagava uma tachinha, questão de comprar alguma coisa pra manutenção do lugar mesmo.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Porque todo lugar turístico tem.

Pesquisador: É.

Vanessa: Então foi entrando outras administrações, não foi abraçando da mesma forma e aí foi-se acabando. E o que era feito tudo assim, no tradicional, no rústico, e os que vêm de fora não quer ver coisa que tem na cidade, acabou se perdendo, porque quem entrou não tinha o mesmo olhar. Então acabou. Ao invés de uma xícara esmaltada, já queria colocar um copo de acrílico. Um copo de acrílico, quem é da cidade tem na cidade. Então não é a mesma coisa. Entendeu? Então foi perdendo um pouco da essência, e, com isso, foi acabando.

Pesquisador: E esse turismo vinha, por exemplo, eu já vi aqui o pessoal vêm num ônibus de Brasília. Estudantes de Brasília.

Vanessa: Unrum.

Pesquisador: Visitou até a fábrica de rapadura. No dia, coincidentemente, eu estava lá. É... era o pessoal da cidade ou era o pessoal de fora, assim?

Vanessa: De fora.

Pesquisador: De fora mesmo, né?

Vanessa: A cidade antes também tinha uma fomentação maior no turismo. Tinha um centro especializado. Hoje tem... parece que tem uma associação, não sei como é que funciona hoje, da questão do turismo. Então, antes vinha, né? Esse grupo, e era direcionado pra Comunidade, e a Comunidade recebia esses grupos de turismo.

Pesquisador: Unrum. Tá certo. É... hem, Vanessa: quais as influências externas institucionais, por exemplo, a questão da Kinross, ou medo de algum produtor rural. Eles favorecerem ou restringiram o desenvolvimento da Comunidade? Tem alguma coisa relacionada a isso? Já teve algum embate? Ou eles já ajudaram de alguma maneira?

Vanessa: Hoje, aqui, o que tem dentro da Comunidade, assim, de mais ativo, são os projetos da Kinross, por ser Comunidade vizinha. Não é nem questão de ser Quilombola, é mais por ser Comunidade vizinha, que são os projetos que eles fazem com as Comunidades vizinhas mesmo. Que é, igual, aqui tem um projeto de teatro, tem o projeto de balé, tem a fábrica.

Pesquisador: E tem funcionamento?

Vanessa: Agora acho que tá de férias, mas tem funcionamento.

Pesquisador: É aquele do Projeto Integrar, não?

Vanessa: Eu não sei te falar se é do Integrar, esse.

Pesquisador: Como é que funciona esses projetos?

Vanessa: É... É tipo uns projeto educacional, onde tem a faixa etária das crianças, né? E aí a Kinross disponibiliza uma verba pra esse projeto, e esse projeto roda anualmente. Tem tido muito fruto.

Pesquisador: E as oficinas ocorrem aqui mesmo?

Vanessa: Aqui dentro da Comunidade.

Pesquisador: É dentro da Comunidade? Em que local que acontece aqui? Cê sabe?

Vanessa: Cê sabe onde é que é o centro comunitário? Ali perto da ...

Pesquisador: Da igreja?

Vanessa: Isso.

Pesquisador: Sei.

Vanessa: Tem lá, e tem aqui na Associação. Aqui na Associação tem um funcional que funciona, que é também um projeto da Kinross.

Pesquisador: É exercício funcional?

Vanessa: De ginástica. Aí lá no centro comunitário funciona teatro, funciona judô, funciona o balé. Tinha também um de pingue-pongue, que eu não sei se tá funcionando, mas...

Pesquisador: Mas isso é só pra gente da Comunidade?

Vanessa: Mas assim que um pou... que fomenta pros jovens saí dar rua pra poder... e há pouco tempo a gente teve também um projeto de... é... que foi mais voltado pro lado educacional, né? Que foi até com a empresa Tecno Celi, que foi de jovens, e os jovens, eles capacitaram os jovens pro mercado de trabalho.

Pesquisador: Um curso técnico?

Vanessa: Isso. A gente teve uma ajuda na questão de profissional, é... pessoal, pra poder desenvolver, pra poder ir pro mercado de trabalho.

Pesquisador: Tá certo.

Pesquisador: As pessoas que vêm de fora, elas ajudam vocês a desenvolver práticas, no sentido assim de melhoria de comércio, saúde, futebol ou esporte?

Vanessa: Pra ser sincera, em questão... tem alguma pessoas que vêm de fora que sim, contribuem com a Comunidade, entra nos movimento da Comunidade. E tem outras que não tem muito, muito acesso à Comunidade, não.

Pesquisador: Unrum. Você é... você falou antes da gente começar a entrevista, cê tinha falado da questão dos registros.

Vanessa: Não tem!

Pesquisador: Pecam nessa questão dos registros, né?

Vanessa: Hoje a gente tem os registro vivo, né?

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Mas se for daqui uns anos... daqui uns anos morrer, cê perguntar pra muitos jovens aí...

Pesquisador: Num vai saber!?

Vanessa: Não vai saber, não!

Pesquisador: É, por exemplo, acho que sábado agora, dia vinte e nove vai ter uma reunião.

Vanessa: Tem.

Pesquisador: Eu até pedi pra participar também.

Vanessa: Que é da... acabou o mandato da associação, né?

Pesquisador: Hum.

Vanessa: Que inclusive eu sou secretária, e aí vai ter um edital pra poder lançar... prestar conta e lançamento pra nova eleição.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Da nova associação.

Pesquisador: Então vocês num, num... é que eu conversei com Irene e ela falou assim: "Ó, Luiz, geralmente final do ano eu faço uma reunião e a gente apresenta, né? Registra tudo o que foi feito durante o ano, essa questão toda, né?".

Vanessa: É. Só que agora mudou, né? Na lei mudou. Aí agora, venceu-se o mandato, que antes vencia o mandato aí tinha um prazo, né? Pra a associação terminar os projeto que tava fazendo, então, ia até o final do ano. E aí no final do ano lançava a eleição. Só que agora,

dentro da lei, não pode mais. Acabou o mandato aí já tem que ter... é que a nossa eleição aqui é eleição e posse, né?

Pesquisador: Hum.

Vanessa: Então é tudo de uma vez.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Então cabou-se o mandato, agora tem que fazer nova eleição, porque a presidente antiga já não pode mais assinar na hora que encerra na ata lá.

Pesquisador: Ah, tá! Pois é! E nessas reuniões, elas são registradas?

Vanessa: São.

Pesquisador: Ocorrem as atas, tudo certinho?

Vanessa: São registrada em atas.

Pesquisador: Tá.

Vanessa: Todas as reuniões da Associação são registradas em ata.

Pesquisador: Mas...

Vanessa: A Associação, ela tem um registro.

Pesquisador: Hã.

Vanessa: Tem livro, atas de reuniões. Porque até em questão de... teve uma vez de aposentadoria rural...

Pesquisador: Sim.

Vanessa: ... é... as pessoas precisavam ter participação ativa dentro da Comunidade pra poder conseguir essa aposentadoria rural.

Pesquisador: Unrum.

Pesquisador: Cê sabe como é que funciona o critério aqui pra pessoa concorrer à...à...

Vanessa: À Associação?

Pesquisador: É. À direção da Associação.

Pesquisador: Me parece que tem que ser morador... tem estatuto.

Pesquisador: Anrãm.

Vanessa: Tem que ser morador e tem que tá certinho dentro da lei, né?

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Que tem os parâmetros também que é da lei.

Pesquisador: Qualquer pessoa, qualquer maior de idade pode?

Vanessa: Morador é.

Pesquisador: Morador.

Vanessa: Morador é.

Pesquisador: Aí pode participar.

Vanessa: Se tiver dentro dos hábitos da lei, montar a chapa certinho.

Pesquisador: Cê num tem interesse, não?

Vanessa: É assim... é... é uma responsabilidade muito grande, Luiz.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Já vem acho que dois ou três mandatos que eu venho caminhando com minha madrinha.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Então assim: às vezes pra gente que trabalha, que tem uma vida em si, não tem como cê si dedicar ao por cento...

Pesquisador: Plenamente, né?

Vanessa: ... plenamente, porque é uma responsabilidade muito grande. Porque eu vejo minha madrinha. Minha madrinha vive e respira a Associação. Então assim: ela é dona de casa, mas ela deixa de cuidar da casa dela...

Pesquisador: Pra resolver questões da Comunidade.

Vanessa: Exatamente. Pra ir numa reunião, pra ir num banco, pra correr atrás de várias coisas. Então, acho assim: quando cê pega uma responsabilidade dessa, cê tem que pegar por inteiro e saber que cê vai dar conta de assumir.

Pesquisador: E o pessoal, eles costumam ter envolvimento quando... na questão dos projetos, nas coisas pra resolução de algum problema, na Comunidade como um todo?

Vanessa: As mesmas carências.

Pesquisador: É, né? São poucas pessoas que abraçam e que correm atrás...

Vanessa: Anrãm.

Pesquisador: ... pra resolver as coisas.

Vanessa: Tanto que se cê for olhar os movimento, for olhar a frente das... é as mesma carências.

Pesquisador: Unrun.

Vanessa: Infelizmente, às vezes não tem o reconhecimento que deveria ter.

Pesquisador: É complicado! Mas.. é.. só pra eu entender: a Irene não pode concorrer novamente, né?

Vanessa: No caso, pra ela concorrer teria que... acho que ela não poderia concorrer é pra presidente de novo.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Mas teria que mudar toda estrutura. Mas eu acho que a questão também, acho que a chapa dela que já vem caminhando, acho que já tá um pouco que cansado, né?

Pesquisador: Cansado! Já tem um tempo que ela assumiu, né?

Vanessa: E meio que assim: acho que eles têm que dar oportunidade pra outras pessoas também...

Pesquisador: Sim. Certo!

Vanessa: ... tomarem a frente e também as dificuldades que é que tem dentro da Comunidade. Que às vezes é muito fácil você apontar o erro e falar que a pessoa não tá fazendo as coisas direito e depois cê pegar lá a frente e ver que...

Pesquisador: Não conhece as dificuldades, né?

Vanessa: Exatamente! Cê vê que as coisas não são bem assim.

Pesquisador: Cê sabe se tem um chapa ou tem mais de uma pra concorrer agora?

Vanessa: Até agora a gente não sabe, não.

Pesquisador: Não?!

Vanessa: Não.

Pesquisador: A eleição é agora?

Vanessa: Que dia vinte e nove agora a gente vai fazer a reunião, né? A assembleia pra lançar o edital da... de convocação pra eleição.

Pesquisador: Ah, tá! Vai lançar o edital ainda.

Vanessa: Isso! Aí eles têm cinco dias pra montar e apresentar a chapa. Na última eleição não tinha. Tanto que a nossa diretoria teve que ficar de novo.

Pesquisador: Mas aí teve que ficar.

Vanessa: Teve que ficar. Ninguém se interessou da última vez?

Vanessa: Não. Porque não teve chapa pra poder concorrer. É um trabalho árduo.

Pesquisador: Pois é! Agora pensa bem ... Vamos supor: é... se essa chapa que tá aí provavelmente deve ter outras pessoas querendo assumir agora, né? Mas vamos supor: ninguém tivesse interesse e o pessoal que tá também à frente resolvesse 'não! A gente também não vai continuar'.

Vanessa: Ah, não. Eles não deixa a comunidade. Se não aparecer eles não deixa a Comunidade...

Pesquisador: Sem representação não, né?

Vanessa: Não.

Pesquisador: Eu tô perguntando isso porque parece que tem algumas comunidades que não tem essa representação, né?

Vanessa: Não. Aqui é assim, ó. Não vai se falar que não se está cansado, está cansado! Mas se, por exemplo, não aparecer outra chapa, num deixa a Comunidade sem representante, não.

Pesquisador: Unrum. Às vezes tem um compromisso com a Comunidade!?

Vanessa: Tem. Tem. É o amor, né? Eu falo que quem faz mais, faz por amor.

Pesquisador: É.

Vanessa: Porque cê faz de graça, rsrs... leva pedrada, e o povo falando mal... mas cê tá lá fazendo e tentando plantar alguma coisa pra colher lá na frente, e com muita transparência, que é o que a gente já acostumou trabalhar, né? Vem de berço. Então assim: todo mundo que tá à frente hoje tá mais por amor do que... porque não ganha nada.

Pesquisador: Pois é! O pessoal mais jovem, igual... como você.. Você falou que é formada em administração. Cê trabalha é... é... no Atenas, né?

Vanessa: Hoje eu trabalho na Faculdade Atenas.

Pesquisador: E cê mexe com o que lá?

Vanessa: Hoje eu trabalho lá na área no financeiro.

Pesquisador: No financeiro?

Vanessa: É.

Pesquisador: Trabalha à tarde e à noite, que cê falou.

Vanessa: De tarde e noite.

Pesquisador: Unrum. Então assim: é... eu percebi que tem muita gente que forma, ele têm cabeça aberta pra fazer uma faculdade, num tem?

Vanessa: Tem.

Pesquisador: Muitos. E eles continua aqui? Vão embora? Por exemplo, cê continuou aqui.

Vanessa: Hoje, a maioria que forma continua aqui.

Pesquisador: Tá continuando aqui?

Vanessa: É. Não tem muitos que saem não. Mas você não vê... é... muito desse jovens trabalhando em prol da Comunidade.

Pesquisador: Da Comunidade.

Vanessa: Infelizmente!

Pesquisador: O pessoal aqui faz mais o que, em termos de faculdade? Cê sabe?

Vanessa: Aqui é diversificado, porque, ó, eu sou formada em administração, tem uma outra amiga minha que mora aqui também, que também é formada em administração, tem o meu

primo, que é filho da Irene, que é formado em engenharia civil, tem uma que é enfermeira, que é formada em enfermagem. Então assim: é bem diversificado.

Pesquisador: Bastante diversificado.

Vanessa: Tem uns que tá formando agora em direito. É bem diversificado.

Pesquisador: Tá. Mas aí a gente não vê muito envolvimento desse pessoal?

Vanessa: Não. Com a Comunidade não.

Pesquisador: Unrum. Em questão de usar o ‘fazer pra Comunidade’ é bem difícil. O que é uma pena, né?!

Pesquisador: É! Porque, eu falo assim, são áreas tão diversificadas, né? Que se pegassem áreas específicas pra poder tá lutando. As áreas deles mesmo, né? Poder tá trabalhando e correndo atrás. Poderia tá melhorando, melhora aqui, outro melhora ali, e aos pouquinhos vai...

Vanessa: Juntando tudo.

Pesquisador: ... juntando tudo e melhoraria bastante, né?

Vanessa: Com certeza!

Pesquisador: Ah, legal! E... pra gente finalizar, é... Você acha que... você acredita que essa capacitação que ... essa possibilidade, por exemplo, de fazer cursos superiores, de estudarem, né? Ou mesmo do pessoal que fez o curso técnico, né? Então, de alguma maneira eles fizeram um curso... Cê acha que isso tudo é... que acaba que é uma luta da Comunidade, né? Através das parcerias e tudo...

Vanessa: É. Porque, no caso, os cursos que vêm pra Comunidade, igual esse curso mesmo que veio pra gente, que é de... ai, gente, esqueci o nome agora que era do curso.

Pesquisador: O curso técnico lá. Foi de informática?

Vanessa: Não. Ele é empreendedorismo e...

Pesquisador: Empreendedorismo, é isso mesmo.

Vanessa: Empreendedorismo e... tem outro lá.

Pesquisador: Parece que tem outro internacional, né, um negócio assim?

Vanessa: É. Acho que Teco Celi. Esse curso veio pra Comunidade, que a Kinross, ela tem um projeto que ela faz todo ano, que é de gerar sua renda. Muitas pessoas vão lá, apresentam um projeto, aí é escolhido, tem uma verba, e tal. Esse ano, ano passado, eles fizeram diferente. Então eles pegaram esse projeto e fizeram esse curso. Então esse curso abrangeram as Comunidades vizinha, né? Jovens de até... acho que era até trinta...

Pesquisador: É. Até trinta anos.

Vanessa: ... até trinta anos. E aí fez essa capacitação de questão de entrevista, em questão de como você se portar no mercado de trabalho, tudo e tal. E isso só veio pra Comunidade através da Associação, porque os projetos não vêm se não tive...

Pesquisador: Um representante mesmo alguém pra correr atrás, inclusive.

Vanessa: É. Se não tiver alguém que vai lá e busca.

Pesquisador: Mas você acha que isso tudo proporciona que a Comunidade apareça, que haja reconhecimento desse pessoal?

Vanessa: E dá oportunidade pros jovens também, né, se mostrarem? Correrem atrás de seus sonhos, de estudar, de querer ver que, apesar das dificuldades, não é impossível cê fazer um curso superior, um curso técnico em busca de um emprego melhor, de... por que assim: como a Comunidade é pequena, é muito difícil essa questão de estudo. Eu sou... sou.. sou filha de...

em quatro, minha mãe teve quatro filhas, então assim, só eu tenho uma formação completa, só eu tenho um curso superior. Então é pra mostrar que em meio as dificuldade, que a gente veio de uma Comunidade pequena, às vezes pouco visível pra sociedade, mas que a gente que tem a capacidade de levar o nome da Comunidade através da busca do conhecimento, através de querer crescer, e de chegar lá, e ir buscando esse crescimento.

Pesquisador: É. Agora, assim, uma questão que ao meu ver é importante, essa questão da busca é importante, mas seria importantíssimo aí a questão dos registros, né, Vanessa?

Vanessa: Seria importantíssimo.

Pesquisador: Porque, veja bem: a... Irene até me falou ali, que parece que tem outra Comunidade que tá divulgando a Caretagem, ou Caretada, né? Caretada e Caretagem.

Vanessa: Unrum.

Pesquisador: E tá meio que levando os louros, né? Sendo que foi a Comunidade Quilombola São Domingos que iniciou tudo, e eles que... né? Eles participavam no início, levaram pras comunidades deles...

Vanessa: E depois levaram pra comunidade e fica como que veio deles.

Pesquisador: Se eles tivessem inventado e tudo, é...

Vanessa: Então assim: Às vezes tem muita coisa que a comunidade tem que poderia ser... é... ter uma documentação, ter, pra poder ter aquela valorização mais, pra não ter o esquecimento, mas não tem.

Pesquisador: E por que você acha que não tem?

Vanessa: Por que eu acho que poucas pessoas se importam.

Pesquisador: Poucas pessoas se importam, né?

Vanessa: E isso aí, essa questão de registro, ele é um trabalho árduo.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: A gente sabe que não é uma coisa simples de se fazer, que demanda tempo, que às vezes demanda um recurso pra você documentar, pra você... é por isso que eu te falei que se quem chegou aqui antes, na questão das pesquisas, de quando pegou a Comunidade, se tivesse deixado pelo menos os registros das pesquisas pra Comunidade, hoje a Comunidade tinha um acervo que dava pra fazer algum registro.

Pesquisador: É. E um acervo considerável, né?

Vanessa: Tinha. E, e as pessoas foram muito que se desanimando, por conta disso também.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Porque muitos vinham, aí recolhia o que queria...

Pesquisador: E não deixava nada?!

Vanessa: Mas num deixava nada!

Pesquisador: Esse pessoal mais de fora, tipo de outra cidade...

Vanessa: Geralmente são, assim, geralmente são pessoas que vêm fazer estudo, pessoas que vêm pesquisar porque tá fazendo um trabalho de faculdade, vários assim.

Pesquisador: Tá certo. Então tá. Brigado, viu, pela contribuição, pela participação?!

Vanessa: Nada!

Pesquisador: Prazer conhecê-la.

Vanessa: Prazer é todo meu. Espero ter ajudado.

Pesquisador: Com certeza!

Pesquisador: Hem, Vanessa, uma outra questão aqui que a gente queria abordar é a seguinte: é que tem uma Escola Municipal que está fechada. Em conversa com Irene, ela falou o seguinte: que seria interessante utilizá-la pra abrir uma creche, uma vez que parece que tem muitas crianças na comunidade, e permitiria que as mães pudessem sair pra trabalhar, né? Como é comum na cidade também. Você acha que isso... você tem essa mesma visão?

Vanessa: Sim, porque na nossa Comunidade tem muitas mães... muitas mães jovens na nossa Comunidade. Seja um aspecto bom ou ruim dentro da sociedade, mas na nossa Comunidade tem muitas mães jovens. Então, às vezes por elas terem seus filhos e não ter com quem deixar, acaba que elas não podem estudar, não podem trabalhar, e, tem a creche aqui, a mais próxima é ali no Alto do Açude.

Pesquisador: É o bairro vizinho aqui?!

Vanessa: Isso. Então, se tivesse uma creche dentro da própria Comunidade, com certeza iria ajudar bastante.

Pesquisador: Unrum. Agora, você estudou nessa escola, né?

Vanessa: Estudei.

Pesquisador: Como é que é o nome da escola mesmo?

Vanessa: É... Ixe!

Pesquisador: Escola Municipal...

Vanessa:...

Pesquisador: Não, tudo bem. Não tem problema não. Eu tenho o registro dela, tá tranquilo.

Vanessa: Fugiu agora, rsrs.

Pesquisador: E... como é que foi esse período que você estudou lá?

Vanessa: Acho que é Tavariano Silva??

Pesquisador: É isso mesmo, Escola Municipal...

Vanessa: É muito... rsrs

Pesquisador: É muito tempo, rsrs.

Vanessa: Tavariano Silva?? É, eu estudei. Estudei lá desde o prezim, então assim, foram onde vivi momentos muito bons da minha infância, né? Porque era pertinho de casa, então a gente ia sozím, voltava sozím, não tinha essa questão dos perigos, dava uma tranquilidade maior pras mães... e... com o passar do tempo os pais foram achando que não... por ser uma sala...

Pesquisador: Multisseriada.

Vanessa: Multisseriada, que não tava dando ensino pros filhos, que os filhos tava saindo prejudicado...

Pesquisador: Lá funcionava até a quarta série, né?

Vanessa: Até a quarta série. Então assim: eu não tive problema nenhum, tive a formação até a quarta série, fui pra quinta série, que hoje mudou tudo, né?

Pesquisador: É.

Vanessa: Então assim: fui, não tive dificuldade nenhum no ensino que eu tive, é, quando a gente foi pra cidade. Então, com isso, vinha assim o escolar da prefeitura, e, com o escolar da prefeitura as mães acabaram que foi tirando os filhos daqui e colocando pra cidade, e aí foi diminuindo o fluxo de alunos cada vez mais, então já não ficou mais sustentável deixas as professoras aqui já que não tinha...

Pesquisador: Manter a escola aqui?!

Vanessa: É.

Pesquisador: Você falou que parece que teve uma tentativa de reabrir a escola...

Vanessa: Teve, teve.

Pesquisador: ... e os próprios pais...

Vanessa: Os próprios pais não quiseram.

Pesquisador: Não quiseram?

Vanessa: Não quiseram.

Pesquisador: Preferiram que os filhos foram estudar nas escolas da cidade?

Vanessa: Alguns pais até aderiram, tiveram interesse, mas a maioria dos pais não tiveram interesse.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Então assim: hoje a escola fica fechada, né?

Pesquisador: É. E há muitos anos. Desde dois mil e oito, né?

Vanessa: É, fica fechada. Então assim: é m prédio que tá lá, parado, e que, como cê falou, poderia muito bem ser utilizado pra uma creche.

Pesquisador: Uma creche.

Vanessa: Que ia tá ajudando...

Pesquisador: Viabilizaria, né, pra vocês?

Vanessa: ... dentro da Comunidade. E tem muuita criança.

Pesquisador: E tem profissionais aqui da pedagogia, assim, da Comunidade? Cê sabe se tem, não?

Vanessa: Formados?

Pesquisador: É.

Vanessa: Tem. A Comunidade tem formados.

Pesquisador: Tem, né? Formado em pedagogia?

Vanessa: Tem. Tem formados.

Pesquisador: Aí poderia utilizar até o pessoal próprio daqui, né?

Vanessa: Tem formados. Poderia.

Pesquisador: Pra trabalhar.

Vanessa: Poderia até em questão, não só da pedagogia, mas também aquele curso que tem, é magistério, né? Que tamém habilita pra poder dar aula.

Pesquisador: Me fala uma coisa aqui: já que você estudou lá, eles, eles, seus professores, eles abordavam alguma questão cultural da Comunidade, trabalhava isso com vocês, ou era como nas outras escolas mesmo, assim?

Vanessa: Não. Era normal.

Pesquisador: Normal, né?

Vanessa: Normal.

Pesquisador: Você acha que seria interessante ter trabalhado questões culturais da Comunidade aqui nessa escola da Comunidade?

Vanessa: Sim. Só que o reconhecimento da Comunidade veio bem depois, né? Que eu acho que meados de dois mil e dois, dois mil.

Pesquisador: O reconhecimento da Comunidade?

Vanessa: É. Então já não tinha essa, esse conhecimento de.. de Cultura Quilombola, essa coisa. Então não tinha esse conhecimento pra poder ser abordado naquela época, mas cê

acredita que se tivesse trabalhado, por exemplo, essa questão cultural com as crianças, hoje talvez, hoje adultos, vocês são adultos, teria um envolvimento maior?

Vanessa: Teria, porque até quando a Comunidade foi conceituada como Quilombola, é... as pessoas tinha uma dificuldade muito grande de aceitar que

Pesquisador: Que aqui era...

Vanessa: Quilombola.

Pesquisador: Anrãm.

Vanessa: Porque...

Pesquisador: Não queira, não?

Vanessa: Não, porque viam mais no...

Pesquisador: No sentido pejorativo?!

Vanessa: Preconceituoso.

Pesquisador: Preconceituoso.

Vanessa: Então, tinha muitas pessoas que quando falava que era Comunidade Quilombola, ou que cê era um descendente de escravo, não aceitava não, não levava muito bem, não.

Pesquisador: Unrum.

Vanessa: Porque levava mais pra esse lado preconceituoso. E, meio que também a Comunidade não teve, muitos benefícios por ter sido considerada uma Comunidade Quilombola, entendeu?

Hum... a Comunidade não enxergou muito os benefícios que veio.

Pesquisador: Que poderia alcançar.

Vanessa: É.

Pesquisador: E efetivamente cês não tiveram tantos benefícios também, não?

Vanessa: Pro lado assim de...

Pesquisador: De ser Quilombola.

Vanessa: Não!

Pesquisador: Não. Os maiores benefícios são... a maioria dos benefícios é porque cês são vizinhos da mineradora, e aí acaba que ela...

Vanessa: Ela vem com os projetos.

Pesquisador: Com os projetos, porque vocês são vizinhos.

Vanessa: E acaba que agora também tem uma, uma empresa que tem aqui perto, hoje acho que ela é conhecida como Bayer...

Pesquisador: Hum.

Vanessa: ... que é sementes, essas coisas.

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Por também ser próximo da Comunidade, e agora tem essas coisas de sustentabilidade, né?

Pesquisador: Sim.

Vanessa: Ela também desenvolve alguns...

Pesquisador: Projetos aqui...

Vanessa: ... dentro da Comunidade. Então tem até uma doação de uma caixa d'água, que acho que foi eles que doaram, essas coisas de sustentabilidade. Mas em questão de Quilombola...

Pesquisador: É? Que pena! Mas a gente vê, isso é mais claro inclusive nas outras comunidades, né? Porque como eles não fazem divisa, por exemplo, com a mineradora ou com... né?

Vanessa: Não tem o que olhar, né?

Pesquisador: É. Não tem, por exemplo, “os benefícios que conseguem aqui”.

Vanessa: Não.

Pesquisador: Na verdade, mais que obrigação da Kinross. Porque ela explora tanto e prejudica tanto também, né?

Vanessa: É.

Pesquisador: Eu falei com, porque eu nunca senti aquela vibração tão forte...

Vanessa: Igual é aqui, né?

Pesquisador: ... das três horas. Igual aqui na Comunidade Quilombola.

Vanessa: Aqui treme com borra!! Que hora que cê tá dentro de casa e parece aqueles coisa que passa um...

Pesquisador: Um trem.

Vanessa: É, rsrs.

Pesquisador: Vibra tudo, né? As janelas.

Vanessa: Tudo!!

Pesquisador: Eu assustei. Eu tava lá... eu tava lá na... na fábrica de rapadura e senti um tremor nas pernas assim subindo. Falei: “Uá, quê que é isso??” Aí que eu olhei o horário e lembrei que era a implosão lá na mina.

Vanessa: A bomba da Kinross.

Pesquisador: Então tá, brigado, tá!

Vanessa: Por nada!

Entrevista – Leandro

Pesquisador: Boa tarde, Leandro! Tô falando aqui com Leandro, né? Morador aqui do São Domingos, né, Leandro?

Leandro: Boa tarde! É. Morador nato aqui do Quilombola, aqui do São Domingos.

Pesquisador: Tá certo! É... Cê pode ser até mais sucinto aqui, se você quiser. Como ocorreu o processo de formação da Comunidade aqui? Cê sabe?

Leandro: Uá, cara!? É... Eu acho que foi até ... é... eu sei mais ou menos, não seu cem por cento, mas sei mais ou menos. Por exemplo: a minha bisavó, que é mãe da minha... Mãe da mãe da... Mãe da minha mãe. Minha avó. Bisavó não. A minha vó, por exemplo... elas eram 3 irmãs... duas irmãs que casou com dois irmãos. Correto?

Pesquisador: Hum.

Leandro: Vó Salviana que casou com meu avô Satu, e vó Zefa, tia Zefa, que casou com Manoel Lopes. Correto?

Pesquisador: Certo!

Leandro: E daí pra cá... Até aí eu sei. Daí pra cá realmente... Elas foram pessoas que tiveram muitos filhos, né? Cada uma teve onze, doze filhos, então... Daí os Lopes já veio gerando dessa dupla, dessa dupla aí de irmãos, né? De Zefa e...

Pesquisador: Desse dois casais.

Leandro: Desses dois casais.

Pesquisador: Certo!

Pesquisador: E... Quais as práticas a Comunidade possui pra perpetuar e identificá-los como Quilombola? Assim: O quê que tem na Comunidade pra perpetuar o nome da Comunidade São Domingos?

Leandro: Uá, hoje o que eu vejo aqui hoje é, que talvez seja significativo, é, ainda é as culturas, né? Que ainda existe aqui, né? Nós temos aqui hoje um senhor que tá batendo o record aí, que é o irmão do meu avô, que é tio Lauriano. Tá com cento e oito anos, né?

Pesquisador: Eu tive lá. Ele tá até acamado, né?

Leandro: Tá acamado, mas ainda tá respirando.

Pesquisador: Graças a Deus!

Leandro: Graças a Deus! Então, acho que essa questão dele ser uma pessoa das mais idosas aqui da região; a questão do pessoal aqui ainda fazer chapéu de palha; a questão da Caretage, que é uma tradição aí; a Folia de Reis; até eu com a própria cultura ali, que hoje eu faço... mantenho o meu trabalho, uma coisa que iniciou há oitenta anos atrás, né?

Pesquisador: Sim.

Leandro: Que veio dos meus avós, que passou pro meu pai e eu tô dando sequência. Então acho que isso também faz parte dessa cultura aí dos Quilombolas, né?

Pesquisador: Você é produtor de rapadura aqui da Comunidade, né?

Leandro: É. Eu sou produtor aqui da Comunidade. A gente faz rapadura aqui na época do... da safra da rapadura, que é de mês de maio até mês de novembro, nós fazemos direto.

Pesquisador: Hunrum! É só você que produz rapadura aqui, Leandro?

Leandro: É. Aqui na região...

Pesquisador: Aqui na Comunidade que eu falo.

Leandro: Aqui na Comunidade é só eu.

Pesquisador: Só você. E essa... essa rapadura, ela vendida, ela vai com um emblema do São Domingos, né, da Comunidade?

Leandro: Uá, cara, ela até que tava... No início eu até que tava fazendo, mas o custo benefício tava muito alto. Até eu acho que a gente devia conseguir isso, né? Eu acharia que...

Pesquisador: Pois é.

Leandro: Né?!

Pesquisador: Era um jeito de tá perpetuando o nome, né?

Leandro: Mas aí como tava ficando muito difícil pra mim manter isso daí, porque é muito trabalho, e... não é um produto altamente valorizado, né? É um custo médio. Então... e dá muita mão de obra, então com isso a mão de obra tava cara e aí dificultou eu manter esse padrão aí da identificação dos Quilombolas. Tá precisando até. Hoje, até rapadura em si, ela não precisa, porque ela tem um patamar aí na cidade...

Pesquisador: Já é bem conhecida, né?

Leandro: As pessoas já vê e já sabe que é daqui de Leandro.

Pesquisador: Certo! E em relação às... cê falou que desde a época de seu avô que vem essa... essa...aprendendo a cultura, né? Que vem passando entre gerações aí. É... No caso, a família sua também ajuda, não?

Leandro: Ajuda!

Pesquisador: Cê falou aquela vez que aprendeu com seu pai. Falou um pouco do seu pai, lá do engenho.

Leandro: É. Eu aprendi com meu pai. Meu pai aprendeu com o pai dele, né? E hoje eu tenho o filho meu mais novo, que hoje ele tá me ajudando. Tô passando pra ele também, porque a gente não é eterno, né? E eu acho que é um produto que é bem aceito na Comunidade, então não pode deixar acabar. Então o intuito é esse: um passar para o outro. E cê vê que hoje cê chega lá no engenho a gente tem ainda peças que a gente trabalha lá, que trabalhou há 70 anos atrás entendeu? E tá dando fruto até hoje.

Pesquisador: Que é época do seu avô, no caso?

Leandro: É. Da época do meu avô. Então, passou pelo meu pai, tá passando por mim e, eu vou e eles vão ficar.

Pesquisador: É. Rsrs.

Leandro: Essa é a realidade.

Pesquisador: E me fala uma coisa aqui: aquele dia que eu visitei a... o engenho, eu me recordo de você falando que cê reconhece o tanto que seu pai trabalhava. Que na época não tinha a tecnologia que tem hoje, né? E que ele produzia muita coisa ainda na época.

Leandro: Ah! Eu acho assim: igual meu pai... Eu acho até difícil falar dele. Até porque não vai ter outro preto boêmio igual meu pai era, porque ele realmente valia por três. Ele era um cara que valia por três. E era em qualquer serviço braçal de roça que cê fosse mexer, ele valia por três. Ele tinha que ser muito valorizado, porque ela fazia tudo na mão, cara. Não tinha motosserra, não tinha trator, não tinha en...

Pesquisador: Engenho elétrico, né?!

Leandro: ... engenho elétrico. Era cavalo. Não tinha água canalizada, era tudo na cisterna... Então, era difícil pra caramba, bicho! E meu pai criou onze filhos aí, fazendo sozinho, e sobrava tempo pra outras coisa ainda, entendeu? Então, eu acho que ele era um guerreiro. Porque hoje cê chega ali com um motosserra num pau e corta ele em...

Pesquisador: Minutos!

Leandro: Dez minutos cê destrói tudo. Meu pai não. Era no machado. Chegava e encarava mesmo, e derrubava, repicava e levava tudo pra porta carregando tudo na carrocinha na mula... Então é complicado. Não era fácil não. Hoje eu acho que cê olhando lá atrás cê via o quanto meu pai era guerreiro.

Pesquisador : É. Tem coisa que a gente só reconhece depois. Às veze quando é criança, novo, a gente num...

Leandro: É. Hoje nós trabalhamos lá de quatro caras, bicho! Quatro cara não processa o que meu pai trabalhava sozinho. Tinha a gente que era menino ali, auxiliando, e tal, mas um tudo era ele que fazia. Ele cortava cana, ele tirava lenha, ele que embuia, ele que baria o gamelão, cê tá entendendo?

Pesquisador: Sim!

Leandro: Então era desigual.

Pesquisador: Eu presenciei aquele dia uma escola lá de Brasília visitando lá, né? Vocês fazendo o processo da rapadura lá, e tudo.

Leandro: Pois é.

Pesquisador: Vocês costumam receber muita visita lá?

Leandro: Rapaz, a gente recebe muita gente aí. Esse ano com a pandemia a gente não recebeu... recebi quase ninguém, entendeu? Porque não tá podendo aglomerar.

Pesquisador: É. Quando a gente foi lá aquela vez, foi antes da pandemia, né?

Leandro: Foi antes da pandemia. Mas, os outros anos anteriores aí eu recebi, é... inclusive a gente tem um livro aí da Faculdade Católica de Brasília, que veio aqui visitar a gente. Inclusive somou muito na minha aposentadoria, né?

Pesquisador: Hunrum.

Leandro: Esse livro deles foi de uma serventia muito...

Pesquisador: Óh, que coisa boa!

Leandro: ...útil tanto minha, quanto da minha mulher. Então, eu acho o seguinte: eu acho que a gente tá com as portas abertas sempre. Recebi várias escolas aqui de Paracatu, várias escolas. Os meninos... é aquele negócio... tem menino, vem cinquenta menino, cem menino. Chega trinta ali que tem o maior interesse, tá perguntando; chega vinte que não tá nem aí, né?

Pesquisador: É.

Leandro: Então é mais ou menos assim. Mas a gente tá lá pra explicar. Eu tenho prazer de explicar, e, sempre que vão pessoas lá eu tô pronto pra explicar.

Pesquisador: Pois é. Eu vi aquele dia lá, eu notei lá que cê tem uma satisfação, né...

Leandro: Mas é, né, cara?!

Pesquisador: ... muito grande pra poder explicar?!

Leandro: Eu falo pra meus menino... eu sempre falo isso pros meus menino: o cara pode ser gari ali, bicho, mas ele tem que ser um bom gari, né?

Pesquisador: É verdade.

Leandro: Concorde comigo?

Pesquisador: A gente tem que ser bom naquilo que a gente faz, né?

Leandro: É isso que eu faço. Eu faço é isso, então eu tenho prazer de tá fazendo e procuro fazer o melhor. Inclusive a minha rapadura, ela é um patamar só. Onde o cara vê ela... no dia que eu faço uma que não fica do mesmo naipe das que eu faço, eu desmancho ela. Faço de novo! Por quê? Porque eu quero...

Pesquisador: Manter o padrão.

Leandro: ... manter o padrão. O cara chega e: “essa aqui é lá de Leandro”.

Pesquisador: Certo. Um negócio interessante que cê falou aí, Leandro, que essa questão da pesquisa aí te ajudou na aposentadoria, né? Então assim, foi uma pesquisa, houve um registro, né, daquilo que.. do trabalho que foi desenvolvido e acabou que isso teve um retorno aí, pessoal pra você, no caso, né?

Leandro: Lógico!

Pesquisador: É... às vezes a pesquisa não foi sobre você, mas foi sobre a Comunidade, mas te auxiliou de alguma maneira. Pra você vê, qual a importância que tem, na questão da Comunidade mesmo, a questão dos registros, de tá ... igual ali, a gente presenciou uma reunião que teve a ata, né? Tá documentando tudo. Cê vê isso como importante?

Leandro: Superimportante, cara. Eu acho que, numa Comunidade, cê tem que ser atuante nela. Cê não pode ficar de fora. Até o livro de ata ali eu levei... quando eu levei pra minha advogada a minha papelada ela falou assim: “Leandro, não tem... isso aqui é dez, quinze dias cê tá aposentado”. Porque eu levei registro de ata, levei documentação toda, levei revista, levei vídeo, né? Porque a gente precisa bem aqui... por exemplo, eu já recebi aqui a TV Alterosa de Belo Horizonte, que veio aqui, fez um trabalho com a gente. Da gente cortando a cana lá, até a rapadura sendo entregue pro consumidor. Então isso aí soma muito. E, quando ocê faz o trem, assim, da forma que nós fazemos, com certeza os retornos vão vir.

Pesquisador: É isso aí. Muito bem!

Pesquisador: Só mais uma perguntinha aqui: Como é que tá a relação da Comunidade com as vizinhas aí, com a Kinross, com a...? Tem algum produtor, cês tem, chegou a ter algum conflito aqui com algum produtor rural aqui, não? Porque eu fui até lá na frente. Cê sai numas fazenda ali, né? Numas fazendinhas, num sítio, não sei.

Leandro: É. Tem um sítio ali que é do marido de uma irmã minha. Eles fabricam tijolo lá também.

Pesquisador: Ah, então a olaria é lá?

Leandro: A olaria... tem uma olaria de tijolo lá. Quer dizer: isso aí também faz parte do quesito Quilombola.

Pesquisador: Questão cultural, né?

Leandro: Faziam esses tijolo desde quando era aquele tijolinho caipira.

Pesquisador: Sim. Sei qual é.

Leandro: Hoje não. Já faz esses tijolo furado. Mas eles começaram tudo ali. As olaria ali, amassando tijolo, o barro no pé ali pra fazer. Eu também já fiz, entendeu?

Pesquisador: Sim.

Leandro: Pra comercializar... Mas hoje eles montaram a firma deles, fazendo esses tijolo furado. Tem uma saída muito boa, e, também faz parte da Comunidade Quilombola daqui de São Domingos.

Pesquisador: É. Legal! E com a mineradora, como é que tá essa questão? Tá mais tranquilo? Tem conflitozinho?

Leandro: Não. Os conflitos que tiveram aqui com a mineradora foi invasão de garimpeiros, né? Inclusive tinha uns que eram daqui de São Domingos, mas eu acho que, num todo, a Kinross sempre tá aí dando respaldo pra comunidade, né?

Pesquisador: Hunrum.

Leandro: Ajuda e muito aqui. Acho que tudo que tem aqui hoje dentro da Comunidade, que a associação conseguiu foi através da Kinross, né? Então acho que é parceiro, não acho que é conflito não.

Pesquisador: Ah, beleza! E... Vou é... É que eu tive uma conversa com a... acho que é Naiane que ela chama, a sobrinha de Irene. Cê deve conhecer. A que fez a ata lá aquele dia. Ela falou assim: “Ah, Luiz, acredito que a ajuda da Kinross é maior pelo fato de a gente ser vizinho dela, não necessariamente pelo fato da gente ser Quilombola”. Você que tem uma vivência maior, você concorda com esse... essa...?

Leandro: Não. Eu acho que os dois lados tem que ser visto. Com certeza que ser vizim... mas... se a gente é vizim, tem outras Comunidades aí que seria vizim, também, né? Eu acho que a Comunidade nossa é mais respaldada. Então eu acredito mais na questão de Quilombolas, e na questão da associação da gente tá sempre em ativa, sempre, atuando, né?

Pesquisador: Hunrum.

Leandro: Sempre cobrando também, né?

Pesquisador: É.

Leandro: Mas eu não acho que seja só pelo motivo de ser vizim, não, porque a Lagoa ali é vizim dum lado, né?

Pesquisador: A Lagoa ali é Quilombola também, não? Ou não?

Leandro: Eles falam que a Lagoa tem Quilombolas, né?

Pesquisador: Sim.

Leandro: Mas não é bem... acho que os Quilombolas da Lagoa não é bem esses aqui não. É mais lá pro lado do Cunha, praquele lado de lá.

Pesquisador: Certo.

Leandro: Mas eu acho que não, acho que mais é a parceria mesmo. A questão de ser Quilombola acho que soma bastante.

Pesquisador: Tá certo. E essa questão... Mas eles estão explorando até aqui pertinho, não tá? Parece que tá chegando mais pra cá, não tá?

Leandro: Tá!

Pesquisador: Teve uma cachoeira ali, um negócio... Essa cachoeira existe ainda, não?

Leandro: Existe! Existe, existe. Existe os lado negativo também, né, fera? Porque a cachoeira ali, se ocê... Pra mim, que via a água correr nesses morro aí, correndo, hoje, se for no córrego hoje cê acha, cê não acha uma água pra lavar a mão, porque na realidade a empresa mexeu lá na nascente da água, né?

Pesquisador: Na nascente

Leandro: E secou. Nós temo água nesse corgo da gente porque vem dessa nascente ali que sai dos olhos d'água, no fundo da cooperativa, porque o... esse galho que vem da Kinross aqui não tem água.

Pesquisador: Tá certo. Então tá, Leandro. Obrigado pelo tempo, viu, disponibilizado aí?!

Leandro: Foi um prazer!

Entrevista – Carlos

Pesquisador: Então, boa tarde! É... Eu falo com Carlos?

Carlos: Carlos Moreira da Silva.

Pesquisador: Ô Carlos, antes de mais nada obrigada pela... pela disponibilidade em responder as perguntas.

Carlos: Sim.

Pesquisador: Você é morador aqui da Comunidade mesmo, né, Carlos?

Carlos: Sim, sim. Sou morador daqui.

Pesquisador: Nasceu aqui?!

Carlos: Nasci e criado aqui, como diz os mais antigos, nascido e criado.

Pesquisador: Seus pais são daqui também?

Carlos: Meus pais são daqui. Tanto meu pai, tanto minha mãe são frutos daqui também. São Quilombolas da Comunidade. É... são até primos, né, meus pais?! Aqui é bem comum.

Pesquisador: Ah, seu pais são primos?!

Carlos: São. Primos de segundo grau.

Pesquisador: De segundo grau.

Carlos: Minha mãe era prima de primeiro grau da minha falecida avó, que é a mãe do meu pai.

Pesquisador: Ó pra ocê vê.

Carlos: É. Aqui tem muito assim.

Pesquisador: Tem muito essa questão?!

Carlos: Muita família... É..muita questão...

Pesquisador: Verdade! É... cê... você tem quantos anos?

Carlos: Ah, sim. Eu tenho vinte e seis anos.

Pesquisador: Vinte e seis anos, né?

Carlos: Isso.

Pesquisador: Já tem curso superior, não?

Carlos: Já. Tenho.

Pesquisador: Formado em quê?

Carlos: Formado em análise de sistemas.

Pesquisador: Análise de sistemas?

Carlos: Isto.

Pesquisador: Estudou aqui a FINOM mesmo?

Carlos: Eu fiz pelo IFTM, Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

Pesquisador: Aqui da... ali ao lado?

Carlos: Isto.

Pesquisador: Legal.

Carlos: Instituto aqui de Paracatu mesmo.

Pesquisador: Legal! É.. Você sabe como ocorreu o processo de formação aqui da Comunidade São Domingos?

Carlos: Então! A história, né, que contam pra gente foi que a partir de duas bandeiras que vieram aqui começou Paracatu, né? A história de Paracatu inicia com duas bandeiras na época da corrida do ouro, né? Uma... Diz que uma se instalou aqui nessa Comunidade São Domingos, e uma na Comunidade Santana, né? Inclusive ocorreu até casamento ?? Comunidade na época, é... e... mas a Comunidade em si, essa Comunidade que hoje, vamos dizer assim, que é... nós somos remanescentes de Quilombolas, ainda não tem uma história assim muito que diz respeito, assim... que se encaixe, né? Porque fala da história da bandeira, provavelmente com a bandeira vinha também, né, os escravos, né, vinha aí pessoas pra trabalho?! Eu acredito que com isso acabou ficando, né, algumas pessoas aqui, né? Porque é...e foi formando esse vínculo familiar, né?

Pesquisador: Certo.

Carlos: Que hoje...

Pesquisador: A história da Família Froes, né?

Carlos: Isso, da Família Froes que, inclusive, diz também que Felisberto Caldeira Brante... e isto tem ?? questionando... tem uma, umas senhora aqui que... a vó Zefa, né? ??? eu não cheguei a conhecer, mas o sobrenome era Caldeira,né? Acredito que vem desse.. dessas raízes.

Pesquisador: Dessas raízes. ´

Carlos: É. Porque hoje assim, a comunidade, as famílias tradicionais hoje aqui é a Ferreira,, né? A Lopes, é... os Oliveiras, né? É...Tem os Moreira Mendanha também??, que é a família da minha mãe. Do meu pai já é Ferreira Gomes, né? Então são esses sobrenomes fortes aqui que são a tradição...

Pesquisador: A tradição d...

Carlos: Isso.

Pesquisador: Beleza! É... Quais são as práticas que a Comunidade, ela possui ou ela tem pra poder identificar ela como Quilombola e perpetuar, levar o nome dela? Práticas da Comunidade mesmo, seja culturais, seja qualquer tipo de prática, cê sabe quais são?

Carlos: Inicialmente é esse modelo, né, que a gente diz aqui de família, né?

Pesquisador: Hum.

Carlos: Essas... É bem característico de Quilombola casar ali com um parente mais próximo, entre a Comunidade, né?

Pesquisador: Hunrum.

Carlos: Então eu acredito que é um dos pontos fortes, né? Que vem perpetuando até hoje. É... nós temos as danças típicas, né, da Comunidade? É... a caretagem, né?

Pesquisador: A caretagem é a mais famosa?!

Carlos: É a mais famosa, né? E é uma tradição que vem ...

Pesquisador: Você dança na caretagem?

Carlos: Sim, sim

Pesquisador: Você dança?!!

Carlos: Sou dançante. Não sou com tanta frequência, todo ano não, mas, já dancei alguns anos, né? Acho que o último ano que eu dancei foi dois mil e dezoito, é.

Pesquisador: Dois mil e dezoito.

Carlos: Ano passado eu não dancei. Esse ano não teve, né? Infelizmente, né?! Porque, assim, até entristece a Comunidade, sabe? Deixa... Que é uma festa que a gente... ela ocorre apenas dois dias no ano, mas, porém, o preparo dela é o ano todo.

Pesquisador: O ano todo.

Carlos: A gente já leva o ano todo. As crianças já, já brincam. Pegam aquelas fitas, já... fica aí, tem os ensaios, tem as comidas típicas, né? Então o preparo em si, aquela alegoria em si já perpetua pelo ano todo.

Pesquisador: Tive a oportunidade de participar assim, né, como expectador e registrar também.

Carlos: Ah que bacana!

Pesquisador: Mas é... inclusive pessoas falaram que, devido que antes, antigamente era só homens que dançavam, né?

Carlos: Isso. Isso.

Pesquisador: Mas hoje admite mulher até acho que algumas crianças, né? Que tão começando, né? Alguma coisa assim.

Carlos: Hoje assim, mulheres ainda não... ainda não dançam, não. Assim, participam ali, da cozinha, da preparação, né? Dos enfeites. Mas a dança em si como o cavalheiro e dama, porque são cavalheiros e damas, mas, porém, são homens, são todos homens. As crianças hoje são inseridas, né, pra realmente levar essa tradição, né? Pra eles começar a ter aquele gostos, né? Aquela fomentação pra ir seguir, né, com... com a tradição, né? É cultura nossa, né?

Pesquisador: É verdade.

Carlos: Além da Caretada, né? Tem nossos costumes também, né? A gente tem a reza ao Cruzeiro, né? Que até, fazia até penitências. Não sei se cê já ouviu falar. Penitência pra chuva...

Pesquisador: Sim.

Carlos: E assim, é algo que tem registrado também e que funciona, cara. Tem gente que?? Ah, mas... depende muito da fé da pessoa, né? Então, é... a reza pra Santa Cruz, pro Cruzeiro, pedido de chuva é...são três dias, né? Que a gente... tá o sol do meio dia ali até as três horas, porque o sol tem que tá quente.

Pesquisador: O sol tem que tá quente que é penitência, né?

Carlos: Penitência! E também é época de sol muito quente. A gente tá pedindo chuva é porque realmente a coisa tá feia.

Pesquisador: O sol tá... rsrs.

Carlos: Então, a gente ia até o, até o córrego que passa ali, pegava água com bacia, com as cuias, né? Com os baldes. Carregava pedra e levava até o cruzeiro e banhar aquele cruzeiro, né? E orando o caminho todo e pedindo a Deus misericórdia ?? a chuva até nós. E assim, é incrível que ali no primeiro, no segundo, no mais tardar o terceiro dia já tá caindo chuva.

Pesquisador: É a fé.

Carlos: É a fé, cara.

Pesquisador: Essa história eu não tinha escutado ainda não, rsrs.

Carlos: Não? E tem registros, tem o pessoal do Instituto Brasileiro de Arqueologia que fez o trabalho aqui também, eles filmou, eles conheceu a Comunidade passando e a gente tava fazendo essa penitência na época, e eles viu, pediu licença e filmou. Logo depois eles veio acompanhar o processo e gravou a chuva caindo no Paracatu.

Pesquisador: Legal.

Carlos: Tem até vídeo, tem até um DVD deles aí. Fizeram um trabalho muito bacana aqui. A gente reconheceu um sítio arqueológico que a gente nem sabia que existia na comunidade, né? Tem um sítio arqueológico tombado aqui reconhecido pelo instituto...

Pesquisador: Tombado?

Carlos: Tombado! Reconhecido pelo Instituto de Arqueologia...

Pesquisador: Fica onde?

Carlos: Fica dentro de uma propriedade particular...

Pesquisador: Da Kinross?

Carlos: Não. Hoje não é Kinross, ainda não graça a Deus. É... é até meio complicado de falar isso, porque fica dentro de propriedade particular, e o pessoal então utiliza...

Pesquisador: Não precisa falar não.

Carlos: Não...é... mas ainda utiliza... Porque assim, não poderia nem utilizar, mas eles é uma família que tem uma olaria ...

Pesquisador: Sim.

Carlos: ... fabrica tijolo. Então utiliza daquele, daquele... Porque é propriedade deles também, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: Já vinham pra fabricar tijolos, né? Então acabou que tão utilizando. Não deveriam, né, tá utilizando aquilo?!

Pesquisador: Essa... essa área fica ali?

Carlos: Fica. Ah, fica aqui numa fazenda aqui.

Pesquisador: Sei. Já cheguei lá.

Carlos: Das Oliveiras. Na onde foi o remate da Caretada, não sei se cê tava.

Pesquisador: Eu fui um dia até lá no final, pra ver onde dava.

Carlos: Isso. Bem lá.

Pesquisador: ... nessa estradas aí, e parei lá.

Carlos: ... família...

Pesquisador: Aí voltei.

Carlos: Hum.

Pesquisador: Não conhecia aquilo ali não. Fui lá mesmo pra.. por curiosidade. Andando.

Carlos: É. Tem um sítio arqueológico lá reconhecido assim pelo Instituto de Arqueologia.

Pesquisador: Hein, Carlos, cê falou que é sobrinho se Seu Aureliano, né?

Carlos: Sim.

Pesquisador: eu até tive que tirar uma foto...

Carlos: Isso. Sobrinho neto.

Pesquisador: É. Sobrinho neto. Ele já tá com cento e oito?

Carlos: Cento e oito anos.

Pesquisador: Cento e oito anos! Então, como existe esse contato muito próximo, né? Das famílias mesmo e, eu até tive ali na... na área da... de Dona Irene...

Carlos: Ah, sim.

Pesquisador: ... e Lá é bem grande, né? Aí quando fui entrevistar a sobrinha dela...

Carlos: A Naiara.

Pesquisador: ... ela falou: “Não, aqui é quintal, é extensão de lá. Aqui é como se fosse uma...”

Carlos: Isto! Isto! Verdade!

Pesquisador: “...pra uma área só. As famílias vão construindo aqui, e tal”.

Carlos: É bem característico.

Pesquisador: Aqui também é assim, não?

Carlos: É bem característico. Aqui, na verdade, aqui tem minha casa, né? Lá no fundo tem a casa da minha irmã, tem a casa do meu irmão. Ali já é do meu tio.

Pesquisador: Mas é o terreno da família?

Carlos: É o terreno de uma família só. É! Tanto é que, a extensão... Logo ali é de Seu Laureano, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: Que é o irmão da minha vó. Aqui pra baixo já é família do meu pai, né? Quem mora na casa ?? tio do meu pai. Mais embaixo é a casa da minha vó paterna. Então assim, já é uma extensão de território...

Pesquisador: Extensão.

Carlos: É. Porque assim, aqui isso também era assim, meus pais dizem que quem tinha dinheiro pra cercar era o dono do lote, né? Então a grande maioria de território... quem tem mais território hoje são famílias que tinha uma condição financeira melhor na época pra comprar cerca pra cercar território.

Pesquisador: Certo.

Carlos: Aqui mesmo foi aquisição do meu avô esse terreno aqui, que comprou desse senhor que é dono de uma fazenda, dessa fazenda aqui que eu comentei agora mais cedo.

Pesquisador: Certo.

Carlos: Ele que era dono de grande parte. Aqui era assim.

Pesquisador: Ah, tá! E você que teve grande oportunidade de conviver com pessoas mais velhas, e ainda convive, né, com seu Aureliano?

Carlos: Sim. Sim.

Pesquisador: Que graças a Deus tá vivo, né, ainda?! Você notou, é... cê nota diferença dos falares do pessoal mais antigo, mais... vou falar assim, na questão da pronúncia mesmo?

Carlos: Ah, não! Com certeza!

Pesquisador: Você nota. Têm muitas diferenças?

Carlos: Tem, tem muita diferença. É...

Pesquisador: Ainda há?

Carlos: Ainda há diferença. A Dona Cristina mesmo, a mãe da Irene, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: A gente nota assim, a falácia dela é um pouco diferente, né? É... Pra quem não entende, ainda acaba fazendo... falando errado, mas, a gente não pode julgar, né?

Pesquisador: Não.

Carlos: É a forma que...

Pesquisador: É a maneira de ela, dela falar.

Carlos: a maneira de dialogar mesmo. Existe várias forma, né? A língua portuguesa, né? A escrita nossa tem que ser única, né? Mas os dialetos aí... existe...

Pesquisador: Existem, né?

Carlos: É. E assim, realmente tem... ela fala uma palavra que chama muita atenção...

Pesquisador: Pois eu ia te perguntar isso. Se cê sabe de algumas pronúncias que eles falam, algumas palavras.

Carlos: Nossa, mas tinha uma palavra que ela fala que chama muita atenção, sabe?! E isso acaba... tem uma neta dela que fala do mesmo jeito que ela, rsrs.

Pesquisador: É? Rsrs.

Carlos: Vamos dizer assim, né? Não é errado o jeito que fala não, mas não é a pronúncia certa da palavra.

Pesquisador: Mas é convivência, né? Você adquire.

Carlos: É convivência, e adquire sim.

Pesquisador: Os traços, os trejeitos.

Carlos: E a gente mesmo fala errado também. Rsrs. Ah, eu esqueci a palavra que chama muito atenção, assim.

Pesquisador: Mas você já identificou que existe essa diferença?

Carlos: Não, sim. Muita. Existe sim. Seu Auleriano mesmo, agora que tá meu desabilitado, né? Mas a gente... Eu próprio converso com ele, né? Aquela maneira mais simples, aquelas forma de falar mais simples, né? Não... É... Tem palavras que eles falam que a gente tem que perguntar o quê que é isso, porque a gente nunca ouviu falar naquela palavra, né?

Pesquisador: É bem característico.

Carlos: É bem característico isso, verdade.

Pesquisador: Como diz: eles vivenciaram isso, cresceram escutando isso, reproduzem, mas às vezes...

Carlos: Isto!

Pesquisador: ... os nomes, a nomenclatura, o nome muda, né?

Carlos: Isto. Porque têm umas palavras...

Pesquisador: Eles conhecem por outro nome, aí quando fala...

Carlos: Ai, nossa! Fugiu, cara. Várias palavras assim que eu... nossa, mas eu falei isso a vida toda errada. Depois que a gente vai... é... por exemplo, abelha oropa.

Pesquisador: Oropa.

Carlos: É europa, né? Depois que a gente vai... Eu fui descobrir que o nome da abelha é europa foi há pouco tempo, mas aqui a gente sempre falou abelha oropa, porque junta tudo, né? Já vem do mineiro juntar as coisas.

Pesquisador: É.

Carlos: E é característica nossa aqui, então, é uma palavra que descobri há pouco tempo que era europa, rsrs. Falei assim: “ Uai, agora faz sentido, né? Europa, do continente europeu, alguma coisa assim, né? É. Aí falei: “porra!”, falei a vida toda “é oropa!” Rsrs.

Pesquisador: É assim mesmo, tem diversas palavras. Eu, de vez em quando meu pai falava: “faz isso”. Eu: “o quê que é isso?” . Ele: “cresceu na roça e não sabe o quê que é. Falei: “Não sei, ué. Nunca escutei essa palavra. Sou obrigado a saber?”

Carlos: Ai, ai. Tem muita, tem muita... ô, cara, não consigo lembrar mesmo as palavras.

Pesquisador: Mas tá tranquilo. É. Hem, Carlos, assim, que influências externas, né, de instituição você acha que favoreceu ou restringiu no desenvolvimento da Comunidade? Porque, por exemplo, ela faz divisa com a mineradora...

Carlos: Isto.

Pesquisador:...com pessoas talvez do agronegócio, né? Apesar de ser próximo da cidade, tem essas divisões aí, né?

Carlos: Certo.

Pesquisador: Essas instituições, cê acha que... que geralmente interfere, mas teve interferência boa, teve ruim, não teve? O quê que é sua opinião aí?

Carlos: Ai, cara, minha opinião, rsrs. A mineradora aqui, teve... Nossa! Foi um... Ah, é difícil de falar, cara, porque eu sou novo, né? Eu vivi pouco, mas ainda o pouco que eu vivi eu conheci um pouco da nossa Comunidade, um pouco como ela era antes, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: A mineradora já tá aí mais velha do que eu, né? Mas...

Pesquisador: Acho que é de oitenta e quatro, oitenta e cinco.

Carlos: Isso. E... eu ainda peguei os córregos, né? No seus leitões aqui. Os poços de tomar banho, né? Então a gente quando criança, a gente chegava da escola e a primeira coisa... almoçava e já ficava doido pra sair pra ir pro córrego, né? Uma época dessa aqui mesmo não encontrava ninguém dentro de sua casa. Todo mundo era nos poços.

Pesquisador: Local de reunião?!

Carlos: Local de reunião ali, cara. Então assim, é... é uma coisa que toda vez que eu, toda vez que eu vou falar assim eu acabo me emocionando, sabe?

Pesquisador: Traz boas lembranças.

Carlos: Nossa!Muito boas lembrança, sabe? E hoje eu fico muito triste. Muito triste mesmo, por isso ter acabado, sabe? As crianças de hoje não saber o quê que é isso, sabe? Não conhecer, não ter oportunidade de... Nós tinha cachoeiras maravilhosas em cima. Eu ainda, graças a Deus, eu cheguei conhecer lindas cachoeiras que nós tínhamos aí no pé do morro que hoje não corre um pingão de água, mas...

Pesquisador: Fica na história.

Carlos: Fica na história. A gente não pode nem ter acesso aqui à área de lazer nosso, né? Que é nosso por direito também, né? Hoje, pra gente... Meu terreno aqui de casa faz divisa com o córrego, que faz divisa com a mineradora, né? O que divide nosso terreno é um córrego, e do outro lado já é da mineradora. Então assim, a gente não pode nem ultrapassar pra lá que é proibido acesso. Claro que, né, eles não têm aí, vigilância vinte e quatro horas, mas se pegar na área de lá, né? Eu gosto muito de fazer trilha aqui no morro e, esse morro aqui ainda que tá intacto, é... tem uma vista maravilhosa, cara. O nascer do sol...

Pesquisador: Dali agente vê. É bem alto, né?

Carlos: É bem alto.

Pesquisador: A visão dali deve ser linda.

Carlos: É muito bonita, cara. Eu gosto de ir ali bem cedo pra pegar o nascer do sol. E... só que assim, parte do morro é da propriedade privada desse pessoal da fazenda ali, e outra parte é da mineradora, né? Então assim, tem uma parte que a gente não pode ultrapassar. Pra gente passar tem subir o morro, tem que passar dentro do terreno da mineradora. A gente passa ali, meio que escondido ali, pra fazer a trilha ali, porque quando eles pegam a gente lá... eu já fui abordado várias vezes lá em cima. Já chamou até polícia pra gente, sabe?

Pesquisador: Fazem um auê danado.

Carlos: Fazem. Nossa!

Pesquisador: Porque tem alguém simplesmente passando...

Carlos: Passando e a gente falando que tá fazendo apenas trilhas, né? Porque realmente tem incidência de garimpeiros aí que, né? Mas também já tem uma opinião diferente, porque a cidade surgiu do garimpo, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: É... A Comunidade também surgiu do garimpo. Então assim, a atividade principal aqui antigamente era o garimpo.

Pesquisador: Sim.

Carlos: Aí com a entrada da mineradora foi tirado o direito das próprias pessoas que, né? Vamos dizer assim...

Pesquisador: Sobreviviam daquilo?!

Carlos: Sobreviviam daquilo, né? O direito de garimpar, e, isso foi jogando a gente pra beira, né? Cada vez mais nos afastando. Aí aquele, aquelas pessoas que sabiam apenas garimpar teve que aprender outra profissão, né? Que é onde vai pras fazendas, vai praquelas atividades que infelizmente não...

Pesquisador: Se virar.

Carlos: Se virar, né? É... A exemplo disso meu pai também, né? Meu pai, né, na sua juventude era garimpeiro, né? Depois teve que se virar. Foi aprender serviço de pedreiro, né? Trabalhou nas boias frias da vida, porque tirou o direito dele, né? Que ele cresceu, né, aqui? Dentro daquele ambiente do garimpo, né, e tudo?!

Pesquisador: É o quê que você fala da... Porque acaba que existem esses projetos, né? Que eles lançam, a mineradora lança todo ano. Então meio que é contemplado. Me dá opinião sua. Teve uma pessoa que virou pra mim e falou assim: “ Eu acho que a mineradora, ela ajuda mais a gente porque nós somos vizinhos da mineradora. Não é porque nós somos Quilombolas”. Você concorda com essa opinião? Discorda?

Carlos: É. É verdade. É mais pelo fato de ser vizinhos, do que ser Quilombolas.

Pesquisador: Por cauda dos impactos, né?

Carlos: É, dos impactos. Porque os projetos que ela desenvolve hoje dentro da Comunidade são projetos que são desenvolvidos também nas Comunidades vizinhas, que não são Quilombolas.

Pesquisador: Sim.

Carlos: Por exemplo, a Lagoa, a Alto da Colina, Amoreiras. Que na verdade eles desenvolve mais projeto dentro dessas outras Comunidades do que aqui ainda, porque aqui já teve alguns embates, né? Por ser Quilombola também. Parte da propriedade da mineradora é área quilombola, então tem essa questão judicial, né, esse embate aí? Eles acabam fechando um pouco a mão, vamos dizer assim, pra Comunidade.

Pesquisador: Pra Comunidade.

Carlos: Tanto é que por algum período ela não fazia projeto aqui, porque teve uma liderança da Comunidade que entro em um embate com a mineradora, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: Até mais pelos projetos, essa questão da terra Quilombola, e a mineradora falou: “Não, aí não vou, né?” Aí fechou as portas pra Comunidade. Hoje que a nova diretoria que tá conseguindo, né, essa brechas aí, e ter uma boa relação com a mineradora. É... Mas é verdade, hoje ela faz esses projetos porque nós somos vizinhos, não porque somos Quilombolas, né? Porque a questão Quilombola, cara, é que, é... o governo local não reconhece, sabe? A mineradora, pra ela não é legal, porque tem terra delas que tão, é da Comunidade Quilombola, dentro do território Quilombola. E assim, é uma luta, cara, que a gente passa, porque infelizmente no Brasil que, no país, no mundo inteiro, quem manda é o capital, né?

Pesquisador: É.

Carlos: É o dinheiro. É... então assim, o que manda, na verdade é o capital, né? E essas mineradoras são... financiam campanhas aí de deputados, senadores. Então isso aí, cara, é questão....

Pesquisador: Complexa!

Carlos: Complexa demais, rsrs. Aqui, hoje, a diretora, a diretoria, né? Trabalha com uma forma assim: “ Infelizmente tá aí”. É uma coisa que, pra vencer isso aí é quase impossível , né? A gente...

Pesquisador: Resgatar de novo.

Carlos: É, num, num... realmente é quase impossível.

Pesquisador: Então assim, não é nem dessa pesquisa, não. Foi das pesquisas de mestrado ainda, uma das entrevistadas, né, na época, que era, né, uma pessoa mais idosa, né?

Carlos: Hanran.

Pesquisador: Ela, ela falava assim o seguinte, o comentário dela, né? Foi que alguém vendeu e tal, né? Então assim, as pessoas tinham pouco conhecimento na época, e uma pessoa vendeu aquilo ali. Então assim, de uma certa forma que é Quilombola, mas que ela não adquiriu de maneira errada não, rsrs.

Carlos: Não! Isto!

Pesquisador: Ela comprou.

Carlos: Isto. Compro. Com certeza. O negócio da questão do Quilombola é porque o seguinte: tem as terras devolutas, né? O território que reconheceu ??? porque aqui hoje mesmo dentro da Comunidade tem vários moradores que não são Quilombolas, né?

Pesquisador: Sim.

Carlos: A partir do momento que vinha o reconhecimento e se vende a titulação pro Incra, o Incra chega e reconhece todo aquele terreno, território, né, que vamos dizer assim, é uma área Quilombola, que foi usado, né, que morava pessoas Quilombolas, aquela área ali, ela se torna uma área federal, do governo. E aqui nós estamos com esse embate, né? A gente é reconhecido como Quilombola, porém, não tem titularização, né? Que é outro processo em andamento.

Pesquisador: Tem o reconhecimento, mas não tem o título, né?

Carlos: Não tem o título. Porque o título é a última fase, né, quando o Incra vem e recon... e faz a demarcação, né? Retira aquele pessoal que não tão dentro, que não são quilombolas e tão dentro da área. Inclusive as terras, né? Que vamos dizer assim, é de direito Quilombola. Então esse é o último processo é o titularização, né? Mas o reconhecimento nós temos desde dois mil e dois. Aí cê vê que é um processo lento, demorado, e, hoje, assim...

Pesquisador: Tudo que envolve processo é demorado, né?

Carlos: É.

Pesquisador: Demora demais.

Carlos: Mas esse governo atual, cara, já tornou bem claro que esse é esse negócio aí... Mas é isso, é... hoje a gente tenta, né?

Pesquisador: Conviver.

Carlos: Conviver, né? E usufruir do que puder, né? Tentar desenvolver pelo menos um pouco os jovens dentro da Comunidade. Os projeto hoje que a mineradora faz aí na Comunidade são projetos assim de desenvolvimento, né? Vamos dizer assim, de qualificação profissional. Que eu ainda acho os projetos bem básico, porque tanto é que se fosse suficiente, tinha vários funioná... moradores aqui que seria funcionários da própria mineradora, né? Então, assim, precisa mais de projeto mais assertivo, né? Que realmente capacita esses jovens, né? Porque... e que resgata também a cultura, né? Porque é importante pra um povo reconhecer também, sé, a sua cultura, origem?! É importante a gente então trabalhar esse aspecto aí com as novas pessoas que vêm, né? Porque ao longo do tempo essas coisas vão perdendo.

Pesquisador: Sim.

Carlos: Né? E se a gente não trabalhar isso, cada vez mais a gente vai conhecendo menos da nossa...

Pesquisador: Da história.

Carlos: ... própria história.

Pesquisador: Cê falando aí da, dessa questão de ter o registro entra um pouco na última questão aqui. É assim: Como a escrita ou os registros que ocorrem, que são feitos na Comunidade, que ocorrem na Comunidade, tipo quando teve reunião, né, teve a ata, aquele registro...é... como cê vê que esses registros, cê acha que eles ajuda no desenvolvimento, na perpetuação da Comunidade, a assegurar que aquilo pertence a Comunidade?

Carlos: Sim, sim.

Pesquisador: É importante?

Carlos: Muito importante. Esse registro é muito importante porque através da ata ali, a gente consegue identificar até mesmo as pessoas, né? Quem morou, os moradores. Porque ali, toda vez que encerra uma reunião também, é... uma assembleia, a gente assina, né? É uma forma de registrar também quem tava presente, é... e os aspectos foram discutidos naquela assembleia, né? E é uma forma de perpetuar a nossa história, né? Porque o que seria da humanidade hoje se não fosse as escritas, né? Dos livros...

Pesquisador: Os registros de uma maneira geral.

Carlos: Os registro, isso, né? De maneira geral, né? Então assim, e conta muito, né? Por exemplo, o sítio arqueológico mesmo, é, conta também história, né? Porque a gente nem sabia, ali foi uma olaria de barro, de vasos que hoje encontramos devido àqueles restojos, né, que sobraram ali? Aqueles desenhos que eles faziam, né? Então assim isso conta também a história de um povo, né? Isso é muito importante.

Pesquisador: Tá certo!

Pesquisador: Então tá ok, Carlos, obrigado pela disponibilidade, pela aula que cê me deu aí.
rsrs

Carlos: Que isso! Eu que agradeço.